FACULDADE SÃO LUÍS DE FRANÇA

CADERNO DE TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGIGIA LICENCIATURA
TURMA T01- CÓDIGO B100914

Organização

Profa. Dra. Alana Danielly Vasconcelos

Profa. Dra. Márcia Alves de Carvalho Machado

Aracaju, Sergipe

2022.1

DIRETOR GERAL

Ivanilson Leonardo dos Santos

COORDENADOR ACADÊMICO

Cássio Roberto Conceição de Menezes

COORDENADORA OPERACIONAL DO CURSO DE PEDAGOGIA

Guadalupe de Moraes Santos Silva

ORGANIZAÇÃO EDITORIAL

Alana Danielly Vasconcelos

Márcia Alves de Carvalho Machado

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C122 Cadernos de trabalhos de conclusão de curso : pedagogia / organização Alana Danielly Vasconcelos, Márcia Alves de Carvalho Machado – Aracaju : Faculdade São Luís de França, 2022.

193 p.: il.
Inclui Bibliografia

1. Artigos. 2. Pedagogia. 3. Trabalhos de conclusão de curso. I. Vasconcelos, Alana Danielly. II. Machado, Márcia Alves de Carvalho. II. Título.

CDU: 001.8:37(05)

Ficha elaborada por Marcos Breno Andrade Leal (CRB-5/2048)

SUMÁRIO

Reflexos do processo de aprendizagem do TDAH no âmbito escolar (Alexandra Pinto dos Santos).....05
Relacionamento entre professor e aluno: a contribuição da afetividade no processo de ensino-aprendizagem com jovens e adultos (Alexia Thifany de Jesus Santos)...16
Autonomia do aluno com transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) nos anos iniciais do ensino fundamental (Andreza Santos Santana).....26
Contribuição de anísio teixeira para a educação no Brasil (Brian Moura Rodrigues).....36
A relação professor x aluno na contemporaneidade: Um estudo histórico-comparativo e uma análise acerca do processo de ensino-aprendizagem (Bruna Mayara Nascimento Souza).....47
A importância da família no processo educativo: Uma perspectiva de relacionamento entre os sujeitos da educação (Bruna Pereira Sena).....59
O contato com a leitura desde o berçário (Eduarda Marques da Rocha).....69
Qual o lugar da neurociência na pedagogia? (Giovana Feitosa dos Santos).....77
O papel da família no contexto escolar (Izis Maiara Rodrigues Ribeiro).....84
A negação dos sujeitos- o mito da educação emancipatória no Brasil (Jacqueline Silva Andrade).....93
O que é ABA? (Larissia da Silva Santos).....104
O transtorno do déficit de atenção com hiperatividade e o desafio educacional (Liliany Souza Costa).....112
Educação e saúde como molas propulsoras para o desenvolvimento integral do ser humano (Lourdes Maria Dias Nunes).....122
Relação professor e aluno no processo ensino – aprendizagem (Nayanne Marques dos Santos Gomes).....133
O trilhar dos professores ao longo da pandemia (Rayane Gomes Valença).....141
Saúde socioemocional do educador (Rafaella Lima Correia).....149
Bullying e ansiedade no contexto escolar: Como a escola pode intervir? (Silvânia Lopes Rodrigues).....160
Aprendizagem por meio de jogos na educação infantil (Valdilene dos Santos).....169
Educação humanizada na educação básica (Valeria Alves Batista).....176
A música no ambiente escolar: O papel da escola e do educador (Vitória Tamara Morais Lima).....186

REFLEXOS DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO TDAH NO ÂMBITO ESCOLAR

Alexandra Pinto dos Santos[1]
Alana Danielly Vasconcelos[2]

RESUMO: Este artigo tem como um dos objetivos identificar como a dificuldade de aprendizagem: transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) interfere no processo de ensino-aprendizagem dos educandos, provocando o baixo rendimento e o atraso durante a conclusão de sua vida escolar, bem como se intervém nas relações interpessoais do alunado. Os procedimentos metodológicos foram baseados no levantamento de dados bibliográficos em materiais impressos como livros e em artigos científicos. O tipo de pesquisa é bibliográfico e tem caráter teórico – discussão de teorias/ideias/conceitos fundamentados em autores como Andrade (2003), Aquino (1997), Barkley (2002), Freire (1983), Oliveira (1997), Smith e Strick (2012). A análise construída permite analisar as dificuldades de aprendizagem no contexto escolar, verificando a influência negativa que ela traz para vida e para o ensino-aprendizagem da criança, pois muitas das vezes alguns distúrbios neurológicos afetam o desenvolvimento do indivíduo até a fase adulta. As dificuldades de aprendizagem que focam o TDAH e a importância do papel do professor enquanto mediador de conhecimentos e responsável pelo aprendizado do indivíduo portador deste transtorno. Considera-se então que, a identificação e o acompanhamento contribuem para transformar significativamente a vida do sujeito e o seu convívio social.
Palavras-Chave: Aprendizagem; Aluno; Dificuldade; Docente.

ABSTRACT: *One of the objectives of this article is to identify how the learning disability: attention deficit hyperactivity disorder (ADHD) interferes in the teaching-learning process of students, causing low performance and delay during the completion of their school life, as well as how to intervene in the student's interpersonal relationships. The methodological procedures were based on the collection of bibliographic data in printed materials such as books and scientific articles. The type of research is bibliographic and has a theoretical character - discussion of theories/ideas/concepts based on authors such as Andrade (2003), Aquino (1997), Barkley (2002), Freire (1983), Oliveira (1997), Smith and Strick (2012). The analysis constructed allows analyzing the learning difficulties in the school context, verifying the negative influence that it brings to life and to the teaching-learning of the child, because many times some neurological disorders affect the development of the individual until adulthood. The learning difficulties that focus on ADHD and the importance of the teacher's role as a mediator of knowledge and responsible for the learning of the individual with this disorder. It is therefore considered that identification and monitoring contribute to significantly transform the subject's life and social life.*
Keywords: Learning; Student; Difficulty; Teacher.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo abordar o direito do estudante com transtorno em fazer parte de uma sala de aula regular, direito esse presente na Constituição Federal de 1988 onde diz que, a educação é direito de todos. Além da Constituição Federal de 1988 que retrata este direito, existem outras legislações que vão assegurar este direito para todos

[1] Discente do curso de Pedagogia na Faculdade São Luís de França.
[2] Profa. Dra. orientadora e regente da disciplina trabalho de conclusão de curso.

os cidadãos brasileiros, independente de suas necessidades específicas, a exemplo da Lei Brasileira de Inclusão (LBI) nº 13146 de 2015, dentre outras. Mesmo com legislações que visam assegurar o direito da pessoa com deficiência (PCD) à educação em todos os seus níveis de ensino, ainda é possível encontrar este direito sendo vetado por muitas instituições escolares e pela própria sociedade em diversos ambientes.

Aqui, trataremos de um transtorno de aprendizagem: o Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Dessa maneira, a justificativa do trabalho decorre por acreditar que, a aprendizagem é um processo complexo e, quando se trata de aprendizagem de crianças, jovens e adultos com transtornos de aprendizagem, este processo requer adaptações e intervenções especificas por parte da família das instituições de ensino e consequentemente do docente.

Todo desenvolvimento do trabalho toma por base metodológica a abordagem qualitativa com um trabalho de revisão bibliográfica de acordo com Richardson (2017), apoiada na leitura de livros, artigos científicos e legislações que apontam sobre os direitos das Pessoas Com Deficiência (PCD) no Brasil e o desenvolvimento de crianças com Transtorno do Déficit de atenção com Hiperatividade (TDAH) no âmbito escolar.

Dentro desse contexto, questiona-se: como o professor pode tratar um aluno com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade em sala de aula? Quais metodologias podem ser utilizadas com aluno com TDAH? Será que o educador recebe apoio pedagógico necessário para lidar com as situações de TDAH em sala de aula? Como auxiliar o aluno com TDAH em sua aprendizagem de maneira eficaz? Será que o educador será capaz de inovar sua prática pedagógica e visar melhorias nas aprendizagens de seu alunado, uma vez que ele e o principal mediador de conhecimento e responsável por formar indivíduos críticos e reflexivos.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivos geral abordar as práticas docente com o aluno com TDHA: possibilitando um maior conhecimento sobre quem é o aluno com TDAH, analisando quais os meios possíveis para solucionar problemas e criar metodologias para trabalhar com esse discente, refletindo sobre a atuação do professor, pois ele tem papel fundamental no processo de aprendizagem do aluno, mostrando a importância da comunicação frequente entre a escola e a família, pois, pais e professores começam a compreender que devem ser parceiros na educação de crianças com TDAH.

2 A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA E A PROTEÇÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA (PCD)

O trabalho vem de forma clara e direta conceituar o respaldo legal que garante a inclusão de crianças com transtorno de aprendizagem no meio educacional. Destaca-se

então que, a realidade de muitas escolas brasileiras vai na contramão do que se define enquanto direito e oportunidade de aprender dos PCDs nas legislações brasileiras.

No Brasil, este direito está presente e assegurado na Constituição Federal de 1988, no Art. 205, onde diz que:

> [...] a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Nota-se que, a inclusão da Pessoa com Deficiência vai além do ambiente escolar, ela deve ser praticada em todos os ambientes da sociedade e por todas as Instituições, sejam elas públicas ou particulares. Neste contexto, destaca-se que, no ano de 2015, foi sancionada a Lei Nº 13. 146 de 2015 Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI) que define a pessoa com deficiência como:

> [...] aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com demais pessoas (BRASIL, 2015).

Apesar da legislação em vários países, inclusive no Brasil, ser a favor da prática da inclusão, as escolas em geral continuam exibindo a impossibilidade dessa inclusão por não se sentirem preparadas no campo metodológico, ou ainda, por não dispor de apoio pedagógico necessário, o fato é que as escolas regulares resistem à inclusão, assim como a sociedade.

Assim, a grande questão a ser estudada é: de que forma a escola regular pode consolidar o processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais em suas atividades pedagógicas, sem que esta seja apenas uma integração social, mas seja realmente uma prática inclusiva com resultados positivos na aprendizagem?

Esta prática se constitui um problema, na medida em que, a escola, tem sua estrutura física, pedagógica despreparada para essa inclusão, tendo profissionais da educação atuante nesta escola se julga inseguro no enfrentamento deste desafio. Muitos são os autores que sustentam a teoria da inclusão como prática possível e necessária, entre eles, Freire; que nos lembra que “a prática preconceituosa de classe, de raça, de gênero, ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia” (FREIRE, 1996, p. 36).

A LBI assegura as pessoas com deficiências na oferta de sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidade de ensino, de acordo com suas características, interesses e necessidade de aprendizagem. No artigo 1° diz que:

> Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais

> por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania (BRASIL, 2015).

A LBI veio para mostrar que a deficiência está, na verdade, no espaço em que ocupamos, e não nas pessoas. Deficientes são as cidades, as empresas e a sociedade que não oferecem condições adequadas. Quanto mais acessos e oportunidades oferecemos às pessoas, menores são as dificuldades que elas vão enfrentar no seu processo de adequação ao espaço em que vive.

Pensando dessa forma, podemos compreender que possuir uma deficiência não torna uma pessoa ineficaz dentro de uma empresa ou incapaz de realizar uma atividade, muito pelo contrário. Se oferecemos as condições adequadas, ela será capaz de exercer normalmente todas as funções e as tarefas existentes, seja em sua vida pessoal ou profissional.

3 TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), é descrito em alguns livros como um possível fator genético, entretanto, ainda não se descobriu o gene responsável por este transtorno. A criança com TDAH tem dificuldades para realizar planejamentos, devido a uma disfunção do lóbulo frontal. Partindo desta informação, o professor deve planejar as ações que serão trabalhadas no cotidiano, envolvendo-as em todas as atividades, sempre usando a linguagem, enquanto função reguladora da ação da criança.

Para o desenvolvimento do aluno com TDAH o professor enquanto educador deverá ter um conhecimento prévio do assunto e inovar suas práticas pedagógicas para ajudar no processo de aprendizagem da criança, facilitando assim sua vida escolar e processo de socialização.

Assim, é perceptível a prevalência do TDAH em crianças na fase escolar, com isso é no espaço escolar que se podem perceber os primeiros sinais, devido sua inquietude e falta de atenção nas tarefas a serem realizadas.

As crianças com TDAH, como afirma Jou *et. al*,

> [...] são descritas por seus pais, educadores e companheiros de turma, como esquecidas e distraídas, precisando de maior atenção. Também possuem dificuldade em controlar a impulsividade e impaciência, pois falam e agem de modo descontrolado e no momento inapropriado. Sua motricidade ou hiperatividade é excessiva, o que provoca a movimentação constante e o comportamento inadequado. Com elas não há equilíbrio, ou estão pulando ou estão dormindo (JOU *et. al*, 2008, p. 29).

A citação expõe que pais de crianças portadoras de TDAH, precisam acima de tudo enxergar que a criança precisa de ajuda, não basta tentar fazer com que ela se comporte a base de gritos e pancadas, pois será quase que impossível. Segundo Barkley (2002):

> [...] o transtorno de déficit de atenção/hiperatividade, ou TDAH, é um transtorno de desenvolvimento do autocontrole que consiste em problemas como os períodos de atenção, com o controle do impulso e com o nível de atividade (BARKLEY, 2002, p. 35).

A criança hiperativa apresenta problemas e comportamentos comuns da própria infância, porém, são mais intensos. E aparece como características, por exemplo, a dificuldade em se concentrar em algo, em manter-se quieta e sentada como muitos padrões escolares exigem.

Ressalta Wallon (1971), que é preciso compreender que por trás da descarga impulsiva existe a expressão das necessidades múltiplas da criança que reclama afeto, ajuda e compreensão.

Torna-se evidente que a criança com TDAH é carente de atenção por ter sua autoestima baixa. É importante que ele se sinta seguro e confiante, desse modo irá se desenvolver de forma positiva e ajudará na sua formação e no seu desenvolvimento mental e psicológico.

TDAH segundo Mattos (2008):

> [...] é confundido com indisciplina e destaca que a sala de aula deve ser organizada e estruturada, e que o professor deve estar preparado para receber uma criança portadora de TDAH e a avaliação deve valorizar o potencial e habilidades da criança. Em casos leves o transtorno pode ser tratado apenas com terapia e reorientação pedagógica (MATTOS, 2008, p. 225).

A partir desta citação fica claro que o professor precisa estar preparado principalmente psicologicamente, pois a inquietação do aluno portador do TDAH pode prejudicar toda a turma, isso fará com que a turma fique cada vez mais desafiadora, agitada e curiosa aos fatos que acontecerão no dia a dia, o educador precisa estar munido de métodos que venham facilitar o seu trabalho, trazendo resultados positivos para todos os educandos.

Conforme relata Sampaio (2010) “podemos encontrar o Transtorno de Déficit de atenção do tipo predominantemente desatento, do tipo predominante hiperativo/impulsivo e, ainda o tipo combinado” (SAMPAIO 2010, p. 93).

Essa citação evidência que o profissional de educação precisa estar capacitado e orientado sobre a situação da criança com tal transtorno ao ser introduzida no ambiente escolar pois, ela precisa estar diagnosticada, desse modo, o educador saberá quais métodos devem ser introduzidos em suas aulas para não prejudicar o desenvolvimento dessa criança.

Rohde et al. (2003) e Benczik (2000) destacam que, mesmo com o aumento de pesquisas sobre o TDAH a partir da década de 1990 as causas deste transtorno ainda permanecem desconhecidas. A etiologia, como apontam Rohde et al. (2003) e Benczik (2000), tem sua origem em fatores genéticos e ambientais. A ocorrência do problema se deveria a um conjunto de genes de baixo efeito que se agrupam, tornando o sujeito

vulnerável geneticamente ao TDAH; a vulnerabilidade seria definida por fatores ambientais. Nesse sentido,

> [...] o surgimento e a evolução do TDAH, em um indivíduo, parecem depender de quais genes de suscetibilidade estão agindo e de quanto cada um deles contribui para a doença, qual o efeito de cada um, e da interação desses genes entre si e com o ambiente (ROHDE et al., 2003, p. 36).

Nota-se no citado que o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade está associado a crianças com problema neuropsiquiátrico que envolve aspectos relacionados à inquietação e falta de atenção, o que acaba dificultando o seu processo de aprendizagem.

O TDAH é um problema classificado como um transtorno neuropsiquiátrico e está associada a problemas de ordem emocional. Crianças que possuem esse transtorno tem capacidade de aprender, mas ao mesmo tempo tem muita dificuldade em alguns aspectos como memória, organização, autonomia, controle dos impulsos e concentração prejudicando suas relações sociais e familiares em sua fase da infância, adolescência ou adulta e principalmente em sua vida escolar devido aos impactos do sintoma do TDAH. Tornando-se um grande desafio para as pessoas que o cercam, assim as intervenções devem ser feitas após diagnostico.

4 A DIFICULDADE DO DISCENTE NO ENSINO APRENDIZAGEM NO ÂMBITO ESCOLAR

O termo dificuldades de aprendizagem é bastante estudado e tem sido pensado e discutido constantemente nos anos atuais. A criança quando inicia sua vida escolar, traz consigo conhecimento adquirido de sua convivência familiar e social e a escola tem como objetivo mostrar caminhos para desenvolvê-los.

Portanto, o que acontece nessa etapa desenvolvimento do aluno será decisivo para o resto de sua vida. E é no início de sua vida escolar que a criança terá sua trajetória definida como aluno “problema ou com dificuldades”.

As dificuldades de aprendizagem sugerem um cuidadoso e amplo trabalho, além de uma investigação no campo em que se manifesta, necessitando assim de uma ação conjunta entre familiares e escola, pois elas ocorrem no início da vida escolar e se manifesta em diversas situações cotidianas do indivíduo.

Por isso, a importância da intervenção individual por parte do educador com crianças com transtorno de aprendizagem para ajudá-las a superar os desafios propostos no âmbito escolar. Os problemas de aprendizagem de um modo geral ocorrem em combinações frequentes e variam em sua gravidade dificultando a constatação de tais dificuldades, pelo fato de as crianças não apresentarem ter problema algum.

Nas escolas nos deparamos muitas vezes com a complexidade de professores diante das dificuldades de aprendizagem, tomadas de uma inevitável sensação de impotência que em alguns momentos se deparam diante de um quadro desanimador.

De acordo com Andrade (2003):

> [...] qual o significado dos termos aluno com problema ou dificuldade de aprendizagem? São várias as possíveis respostas, várias as possíveis construções de significados acerca dos termos, sem que uma seja mais verdadeira que outra. Assim, não podemos previamente acreditar que alunos são problemas ou que famílias são desajustadas, ou que professores são autoritários. Precisamos ver uns "quebra-cabeças", as partes e o todo! (ANDRADE 2003, p.15).

Pode-se dizer que é impossível classificar problemas ou até mesmo apontar sujeitos responsáveis, pois tudo parte de um ponto de observação e diagnóstico a partir disso é que se podem dar conclusões, sobre o que se trata cada situação.

Assim, não podemos pensar que a criança tem dificuldade de aprendizagem por vir de famílias desajustadas, nem porque o docente é incapaz de desempenhar um bom trabalho, e sim porque toda criança é única e deve ser vista de modo individual durante seu processo de aprendizagem. Assim, o educador deve trabalhar o lúdico e tornar suas aulas atrativas, fazendo uso de jogos e brincadeiras que chamem a atenção e desperte o interesse do aluno levando-o a participar das atividades desenvolvidas em sala, isso irá ajudá-lo em seu processo de aprendizagem.

As dificuldades de aprendizagens são difíceis de se definir e podem ocorrer em qualquer momento durante o processo de ensino-aprendizagem e correspondem a déficit como linguagem, percepção, raciocínio logico, cognição, atenção e afetividade. É comum percebermos que o ato de não aprender tem sido e ainda e associado à figura do aluno problema, algo que ainda não foi descontruído na sociedade que ainda é leiga sobre o assunto.

Nos alerta Aquino (1997):

> [...] O aluno problema é tomado, em geral como aquele que padece de certos supostos "distúrbios" psicopedagógico, distúrbios estes que podem ser de natureza cognitiva (os tais distúrbios de aprendizagem) ou de natureza comportamental, e nessa última categoria enquadra-se um grande conjunto de ações que chamamos usualmente de indisciplinados (AQUINO, 1997 p. 2).

Diante do exposto, nota-se que o aluno com TDAH precisa ser ajudado, pois até o instante a família e a escola quando não entende o que se passa, faz com que a criança sofra com a falta de conhecimento tanto da família, como por parte dos profissionais responsáveis pelo seu desenvolvimento escolar criando um círculo de problemas sobre a própria criança e tornando-a um desafio para o professor.

O docente é o responsável pela partilha do conhecimento e atua como mediador e facilitador no processo de ensino aprendizagem do educando, analisando quais os meios

possíveis para solucionar problemas e criar metodologias para trabalhar com esse aluno, e de forma clara refletir sobre sua atuação, pois ele tem papel fundamental no processo de aprendizagem dos seus educandos, mostrando sempre a importância da comunicação frequente entre a escola e a família, pois, pais e professores começam a compreender que devem ser parceiros na educação de crianças com TDAH.

Oliveira (1997), acrescenta o fato que a:

> [...] É um processo que se diferencia dos fatores inatos (a capacidade de digestão, por exemplo, que já nasce com o indivíduo) e dos processos de maturação do organismo, independentes da informação do ambiente (a maturação sexual, por exemplo). Em Vygotsky, justamente por sua ênfase nos processos sócio-históricos, a ideia de aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo. (...) o conceito em Vygotsky tem um significado mais abrangente, sempre envolvendo interação social (OLIVEIRA, 1997, p. 57).

Diante dessa citação, torna-se evidente que a aprendizagem é um processo pelo qual o sujeito precisa ser impulsionado ao seu próprio desenvolvimento intelectual o qual o levará a adquirir informações e novos conhecimentos.

A construção de relações entre as pessoas, não ocorre de um instante para o outro, mas é principalmente, pelo afeto, pela dedicação e, também pelo sentimento de confiança.

Segundo Benczik *et. al.* (2003):

> [...] a presença de professores compreensivos e com conhecimentos a respeito do transtorno, a disponibilidade de sistemas de apoio e oportunidades para se engajar em atividades que conduzam ao sucesso na sala de aula, são imperativas para que um aluno com TDAH possa desenvolver todo o seu potencial (BENCZIK *et. al.;* 2003, p. 217).

De acordo com a citação quando o docente conhece o problema e tem um apoio pedagógico que o auxilia em seu trabalho, a condução de suas aulas deixará de ser desafios e a chance de obter êxito durante a aprendizagem da criança com dificuldade torna-se possível de maneira mais clara tanto para o docente como para o discente.

De acordo Freire (1983):

> [...]Cabe ao professor conhecer o seu aluno, as dificuldades e fatores que o cercam, para poder dispensar sobre ele um olhar diferente, [...] que enxergue as reais possibilidades de aprendizagem e possa adotar metodologias também diferenciadas de ensino, oportunizando a todos chegarem ao seu objetivo. (FREIRE, 1983, p. 28)

A partir dessa citação fica claro que o professor é o responsável por mediar a troca de experiências entre os discentes e transferência de saber para os mesmos. Porém, deve ter um olhar atento para as dificuldades que seu aluno venha apresentar no ambiente escolar e a partir daí ele tem o dever de mostrar novas possibilidades e caminhos através de inovações metodológicas, a fim de oportunizar a todo seu alunado uma aprendizagem eficiente.

Coll, Marchesi e Palacios (2004):

> [...] colocam a escola como agentes sociais educativos que procuram garantir aos alunos o acesso aos conteúdos culturais, procurando desenvolver pessoas

> independentes, críticas, com uma boa autoestima, capazes de autocontrole e com habilidades sociais para conviver afetivamente com os outros (COLL, MARCHESI E PALACIOS, 2004, p. 73).

O processo de desenvolvimento da criança é um ato que envolve muitas expectativas acerca de sua aprendizagem por parte dos professores, da família, da escola e da sociedade. Algumas crianças apresentarão facilidade para aprender a ler e escrever outras exigirão um pouco mais de atenção, para evitar fracasso escolar nos anos iniciais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se baseou-se em conhecer o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), visando mostrar estratégias inovadoras para que os educadores possam atuar profissionalmente buscando executar da melhor forma possível seu trabalho, com o objetivo de obter resultados satisfatórios durante o processo de ensino-aprendizagem dos educandos de modo geral. E foi motivado pelo fato dessas inovações metodológicas fazerem a diferença para concretização do aprendizado por parte do aluno com transtorno.

O TDAH trata-se de distúrbios/ problemas que acometem a crianças no começo de sua fase escolar impedindo-a de realizar até mesmo as mais simples atividades sendo necessário que educadores estejam preparados para receber o aluno acometido por esses tipos de problemas, sendo capazes de observar e detectar qual problemática ele obtém, pois cada um deles tem suas particularidades, ou seja, sintomas distintos para cada um, seja dificuldade na leitura, escrita, hiperatividade ou desatenção.

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade se não detectado precocemente e de forma correta para que seja tratado desde cedo pode prejudicar o indivíduo em sua vida social e escolar, trazendo consequências como repetições.

O profissional que atua na área educacional faz-se necessário estar em constante atualização e estudos para que a haja qualidade na metodologia aplicada em sala, e no processo educativo dos alunos, pois é através das competências de habilidades destes que se configura uma identidade própria e singular na vida dos alunos. O aluno deve sempre se sentir acolhido e estimulado em sala de aula, pois com isso a aprendizagem se torna mais significativa e prazerosa para isso um bom planejamento e conhecer o seu educando ajudara o professor a conseguir resultados satisfatórios.

E para trabalhar com aluno com TDAH o educador pode utilizar metodologias lúdicas que despertem o interesse desse uma vez que ele exige um pouco mais de atenção pelo fato de sua hiperatividade, nesse sentido o professor torna-se um sujeito que intervém os conflitos comportamentais que possam vir prejudicar os demais.

Com isso, para auxiliar o aluno com TDAH em sua aprendizagem de maneira eficaz o educador deverá administrar suas aulas de maneira lúdica, incentivando o interesse e

despertando no aluno com transtorno a autoconfiança e a autonomia, facilitando assim a aprendizagem dos conteúdos por ele apresentados, a aula lúdica se apresenta como proposta pedagógica no processo de ensino-aprendizagem e ajuda no desenvolvimento físico e psicológico, além de proporcionar motivação para o aluno com hiperatividade, pois ele já apresenta um grau de baixa autoestima muito elevado.

Contudo, atualmente, sabe-se que diante das dificuldades de aprendizagem alguns discentes não conseguem assimilar os conteúdos transmitidos pelo docente durante a aula. Assim, torna-se importante a utilização de técnicas inovadoras tais como jogos, brincadeiras e musicalização, pois servirá para estimular e ajudar o discente a superar seus bloqueios durante o processo de ensino.

5 REFERÊNCIAS

ANDRADE, E. G. C. Família, escola e a dificuldade de aprendizagem: intervindo sistematicamente. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas V. 7. N. 2 p.171- 178, dez 2003. Disponível em:https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/as_dificuldades_de_aprendizagem_patologias_1_1.pdf

AQUINO, Júlio Grappa. **ERRO e fracasso na escola alternativa e práticas**. 2ª Ed. São Paulo: Summus, 1997. Disponível em:https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/as_dificuldades_de_aprendizagem_patologias_1_1.pdf. Acesso em: 14 de abril de 2022

BARKLEY, Russell A. TDAH - **Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade**. [Digite o Local da Editora]: Grupo Autêntica, 2020. 9788551306680. Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788551306680/. Acesso em: 27 mar. 2022.

BENCZIK, E. B. P.; BROMBERG, M. C. **Intervenções na escola**. In: ROHD, L. A.;

BRASIL. [Constituição 1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República. [2022]. Disponível em: http://www.planalto gov.br/ccivil_03/constituição. Acesso em 17 de abril de 2022.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesus. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. Ed. Artes Médicas Porto Alegre, 1995. Vol. 3. 2ª Ed.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1983. Disponível em: http://fafia.srvroot.com/site/download/publicacoes/monografia_tcc/MONOGRAFIA-PEDAGOGIA_Janaina%20_Luciana.pdf. Acesso em: 17 de abril de 2022

JOU, Graciela Inchausti de et al.**Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade**: um olhar no ensino fundamental. Psicol. Reflex. Crit. [online]. 2010, vol.23, n.1, pp.29-36. ISSN 0102-7972. https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000100005. Acessado em 17de abril de 2022.

MARTIN, E; MARCHESI, **A. Desenvolvimento metacognitivo e problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: Aprendizado E Desenvolvimento, Um Processo Sócio-histórico. São Paulo, SP: Scipione, 1995.

PEREIRA, Liliane G.F. Galvani, Andreia. TRATAMENTO DA HIPERATIVIDADE INFANTIL EM IDADE ESCOLAR. **Revista cientifica Semana Acadêmica**. Fortaleza, ano MMXVI, Nº. 00085, 27/06/2016. Disponível em: https://semanaacademica.org.br/tratamento-da-hiperatividade-infatil-em-idade-escolar

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas /colaboração Dietmar Klaus Pfeiffer. – 4. ed. rev., atual. e ampl. – São Paulo: Atlas, 2017.

ROHDE, L. A. et al. **Princípios e práticas em TDAH**. Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade. Porto Alegre: Artmed, 2003. Disponível em: http://books.scielo.org/id/963vf/pdf/bonadio-9788576286578.pdf. Acesso em 11 de abril de 2022.

SAMPAIO, Simaia. **Dificuldades de aprendizagem**: a psicopedagogia na relação sujeito, família e escola. 1ª edição – 2009 / 5º edição – 2019

SMITH, Corinne; STRICK, Lisa. **Dificuldades de Aprendizagem de A a Z**. [Digite o Local da Editora]: Grupo A, 2012. 9788563899415. Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788563899415/. Acesso em: 27 mar. 2022.

RELACIONAMENTO ENTRE PROFESSOR E ALUNO: A contribuição da afetividade no processo de ensino-aprendizagem com jovens e adultos

Alexia Thifany de Jesus Santos[1]
Alana Danielly Vasconcelos[2]

RESUMO: A educação de jovens e adultos (EJA) é destinada para pessoas que não concluíram sua escolaridade no tempo certo, podendo ser sua clientela pessoas jovens e adultos que são analfabetos ou que desejam ampliar seus estudos. A EJA é uma modalidade de ensino que possui algumas especificidades no desenvolvimento das atividades pedagógicas, para tanto é fundamental que o professor ao planejar suas atividades utilize temas que estão associados à realidade vivenciada pelos alunos, pois os alunos da EJA são trabalhadores e já possuem uma experiência de vida. Assim a escolha desse tema se justifica pela importância do relacionamento entre professor e aluno na contribuição da afetividade no processo de ensino-aprendizagem no ensino de jovens e adultos. O objetivo geral deste artigo foi compreender a relevância da afetividade entre professor e aluno na EJA. A metodologia utilizada para elaboração da pesquisa foi uma revisão bibliográfica, onde analisou-se em artigos, livros, legislações acadêmicas, entre outros, dados que pudessem subsidiar as discussões sobre a afetividade entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem na modalidade da EJA. Ao final da pesquisa, considerou-se que a relação entre professor e aluno deve acontecer de maneira que a afetividade seja desenvolvida em sala de aula propiciando o ensino-aprendizado e fortalecendo o vínculo entre professor, aluno e escola.
Palavras Chaves: Afetividade; Ensino Aprendizagem na EJA; Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT: *Youth and Adult Education (EJA) is intended for people who have not completed their schooling on time, and its clientele may be young people and adults who are illiterate or who wish to further their studies. EJA is a teaching modality that has some specificities in the development of pedagogical activities, so it is essential that the teacher, when planning their activities, uses themes that are associated with the reality experienced by the students, because EJA students are workers and already have a life experience. Thus, the choice of this theme is justified by the importance of the relationship between teacher and student in the contribution of affectivity in the teaching-learning process in teaching young people and adults. The general objective of this article was to understand the relevance of affection between teacher and student in EJA. The methodology used to elaborate the research was a literature review, which analyzed in articles, books, academic legislation, among others, data that could support discussions on affection between teacher and student in the teaching-learning process in the EJA modality. At the end of the research, it was concluded that the relationship between teacher and student should take place in such a way that affection is developed in the classroom, providing teaching-learning and strengthening the bond between teacher, student and school.*
Keywords: Affectivity; Teaching and Learning in EJA; Youth and Adults.

[1] Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade São Luís de França.
[2] Profa.Dra. orientadora e regente da disciplina trabalho de conclusão de curso.

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), é uma modalidade de ensino que visa oferecer educação para aqueles que não tiveram oportunidade de estudar no tempo certo. A modalidade da EJA apresenta características particulares, como por exemplo, a maioria do público a frequenta, no período noturno. Pois, segundo Gomes (2015), os alunos são adultos que trabalham, geralmente ao longo do dia e possuem uma experiência de vida, assim também como problemas vivenciados por eles no dia a dia que atrapalham o desenvolvimento e a aprendizagem dos mesmos.

O educador que trabalha na modalidade da educação de jovens e adultos deve desenvolver, segundo com Mollica (2010), seu planejamento de acordo com a cultura, comunidade onde os alunos estão inseridos. Pois, a didática e os temas abordados para esse público devem ter relações com as vivências dos alunos, apresentando relações com o mundo do trabalho, política e sociedade. Dessa forma, Araújo (1995) considera que a relação professor, aluno, deve ser construída de maneira afetiva, onde o professor deve observar as especificidades da sua turma, respeitando as condições de aprendizagem dos seus alunos.

Assim, a construção da afetividade entre educador e educando é fundamental para que o aluno se desenvolva e se aproprie do conhecimento. A abordagem do tema se justifica pela importância da alfabetização para jovens e adultos, pois esse público é excluído da sociedade quando não dominam a escrita e leitura. Nesse sentido o ensino-aprendizagem para jovens e adultos permite incluir essas pessoas no mundo do trabalho, nas decisões da sociedade e transformá-los como sujeitos ativos e participantes.

Entretanto, nessa perspectiva de investigação sobre a Educação de Jovens e Adultos e a relação professor e aluno, o estudo de caso tem como questionamento principal: de que forma a afetividade entre professor e aluno pode contribuir para o processo de ensino aprendizagem na modalidade de educação de jovens e adultos?

O objetivo geral do presente artigo é compreender a relevância da afetividade entre professor e aluno na modalidade de ensino EJA. Os objetivos específicos definidos são: analisar o trabalho do professor da EJA, ressalvar a relação professor aluno da EJA no processo ensino-aprendizagem e descrever as características dos alunos que frequentam o ensino de jovens e adultos.

A metodologia utilizada para na elaboração do corpo textual desta pesquisa foi corroborando com Richardson (2017), a abordagem qualitativa, com revisão bibliográfica, onde buscou-se realizar uma análise mais ampla do tema, por meio de artigos científicos, livros, monografias, legislações educacionais entre outros. As fontes de busca de materiais

foram sites acadêmicos, como Scielo, Portal Capes, *Google* acadêmico, na qual utilizou-se os seguintes descritores para a realização da busca: Jovens e Adultos, Ensino Aprendizagem na EJA e Afetividade.

2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A educação de jovens e adultos (EJA) é destinada para pessoas que não concluíram sua escolaridade no tempo certo. Podendo ser sua clientela pessoas jovens e adultos que são analfabetos ou que desejam ampliar seus estudos. De acordo com Santos (2019), a EJA é uma modalidade de ensino que possui algumas especificidades no desenvolvimento das atividades pedagógicas, para tanto é fundamental que o professor ao planejar suas atividades utilize temas que estão associados à realidade vivenciada pelos alunos.

Isso porque os alunos da EJA são trabalhadores e já possuem uma experiência de vida, o professor deve incentivá-los, engajá-los e atraí-los para que se interessem pelos estudos. Nessa perspectiva de se considerar a vivência do aluno da EJA, Soares (2011) comenta que:

> [...] a construção de uma proposta de trabalho que reconheça as especificidades o público da EJA perpassa diversos aspectos como: a diversidade de sujeitos educandos com características peculiares; a preocupação com a existência de uma infraestrutura que acolha a realidade desse público; a elaboração de propostas curriculares que vá ao encontro das necessidades, das exigências e dos interesses desses sujeitos, incluindo a flexibilidade dos tempos e espaços; a disponibilidade de recursos didáticos que atendam e desenvolvam as potencialidades desses sujeitos; as iniciativas de formação inicial e continuada de educadores; políticas compensatórias de alimentação e transporte que favoreçam a permanência dos educandos (SOARES, 2011, p. 307-308).

No Brasil foi estabelecida a Política Nacional que assegura o pleno exercício desse direito: “As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos’’ (CEB nº 11/2000, aprovado em 10 de maio de 2000.). A partir de então, a EJA foi garantida como função reparadora, qualificadora e equalizadora. Portanto o apoio de políticas públicas que resguardem esse direito é importante, como é o caso da LDB (1996), por meio de seus decretos no art. 37, garante:

> [...] os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames (BRASIL, 1996, Art. 37º. § 1°).

Assim, a Educação de Jovens e Adultos passou a ser ofertada a todas as pessoas que possuem vontade ou necessidade de concluir seus estudos do ponto onde foram interrompidos. O caráter da EJA permanece até hoje, por englobar maiores possibilidades de acesso e proporcionar maiores aberturas para o aprendizado. De acordo com a resolução nº 1, de 5 de julho de 2000, do Conselho Nacional de educação (CNE) – que estabelece As

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, a oferta dessa modalidade de ensino deve considerar:

> [...] como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio (BRASIL, 2000).

Nesse sentido, pelas legislações educacionais, a EJA é destinada aos jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à educação no ensino regular, a fim de combater uma problemática educacional do Brasil que é marcada pela exclusão de camadas populares da sociedade. Ou seja, parte diversificada da população que não conseguiu, por algum motivo, concluir os estudos na idade-série sem defasagem.

Partindo desse entendimento, é fundamental que o professor estabeleça relações entre a realidade e os conteúdos trabalhados em sala de aula, envolvendo os aspectos que permeiam o ensino da EJA.

> Compreendendo que a sociedade na atualidade é marcada pelas questões sociais que sempre envolvem a economia, política e a sociedade, é importante que o adulto esteja inserido nesse contexto, estando apto a participar da vida coletiva de sua comunidade, para tanto se faz necessário ser instruído e ter conhecimentos básicos imprescindíveis, como ser alfabetizado e ter escolarização mínima (MOREIRA; PIRES; SOUZA, 2017, p. 130).

As aulas da educação de jovens e adultos acontecem normalmente em escolas que ofertam outras modalidades de ensino, como por exemplo, o ensino fundamental regular, muitas vezes as salas estão repletas de imagens e informações que são direcionadas as crianças que frequentam essa modalidade de ensino, não sendo condizentes com a realidade do aluno da EJA (SOUZA, 2016).

Para Santos (2019, p. 4) “a preocupação com os alunos que integram a EJA, tem se tornado uma problemática para os pesquisadores que debruçam sobre teorias que nortearão a formação coerente dos alunos da EJA [...]”. Existem muitas discussões a respeito da qualidade do ensino, da possibilidade de auxiliar essas pessoas para o mercado de trabalho.

Nesse sentido, Soares (2011) aponta que a atuação do professor é de extrema relevância para que o ensino de qualidade seja efetivado, através desse processo o professor vivencia experiências importantes que serão reproduzidas na prática futuramente. Embora o docente tenha clareza quanto ao seu papel de orientador do processo educativo, a metodologia desenvolvida se destaca pelo diálogo entre aluno e professor que promove a afetividade e sucessivamente a aprendizagem do educando.

3 A CONTRIBUIÇÃO DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA EJA

A relação entre aluno e professor é um fator de muita importância quando se trata do processo de ensino-aprendizagem. Segundo Mahoney e Almeida (2005, p. 12) “esses atores são concretos, históricos, trazendo a bagagem que o meio lhes ofereceu até então, estão em desenvolvimento, processo que é aberto e permanente”. Não há como pensar em educação, sem pensar nos professores e alunos e suas interações.

Nessa perspectiva, o trabalho do professor é estimular a atividade cognitiva do educando, promover a aprendizagem através das relações que ele mantém com seus alunos em sala de aula. Dessa forma, é necessário que ele seja conhecedor da realidade de seus alunos, que conquiste a confiança destes para que assim possa estabelecer um laço afetivo com sua turma (TOGNETTA; ASSIS, 2006).

Partindo desse contexto, o educador é o indivíduo destaque no processo de ensino-aprendizagem, além do educando, pode ser considerado uma referência fundamental para seu aluno. Através das suas práticas, responsabilidades, comportamento pode despertar o interesse do aluno pelas aulas, pelos estudos. Segundo Veras e Ferreira (2010), a escola é referência de socialização onde os estudantes interagem entre seus pares, essa interação produz a aprendizagem. Nesse ciclo de relações o professor é o exemplo ideal para criar possibilidades de relações interpessoais no contexto escolar por meio da vivência afetiva.

> A dinâmica da sala de aula caracteriza-se pela nossa interação com os alunos, sendo mediada pelo conhecimento. Ensinar e aprender são processos direcionados para o mesmo objeto: o conhecimento, ambos envolvem a cognição e a relação entre os sujeitos (ROMANOWSKI, 2012, p. 53).

Compreendendo que as relações na sala de aula promovem a afetividade e o aprendizado, é muito importante que o professor seja interativo, comunicativo, promovedor de boas práticas no ambiente escolar, além de dominar o conteúdo (ALMEIDA, 1995). O saber atitudinal do professor é compreendido como o conhecimento dos comportamentos e vivências consideradas adequadas ao trabalho educativo, ou seja, diz respeito à postura própria de um professor (MAHONEY; ALMEIDA, 2005).

Haracemiv, Soek e Milek; (2019, p. 157) apontam que, “na obra “Pedagogia da Esperança” de Freire (1992), o autor relata um dos inúmeros episódios que a ele fora marcante de tal forma que o acompanhou por toda vida”. Nessa obra, o autor lembra da fala de um operário que tinha dificuldades de estudar depois de um dia exaustivo de trabalho.

De acordo com Tognetta e Assis (2006), o professor deve ter a sensibilidade de considerar as situações que envolve o aluno como cansaço, dificuldades de concentração, dificuldades em realizar tarefas escolares fora do horário de aula, pontualidade e levar em consideração a idade do mesmo e a sua dificuldade de aprendizagem devido ao meio em

que ele está inserido. Todo esse processo de sensibilização por parte do professor permite que o aluno estabeleça relações de amizade, afetividade e confiança.

Dessa forma, para atuação no ensino da educação de jovens e adultos é de fundamental importância que o professor não realize práticas negativas como se a educação fosse apenas repassar informações, para que o ensino não seja reduzido em apenas um depósito de conhecimento (MOREIRA; PIRES; SOUZA, 2017). Pois educar é um processo em que o aluno aprende a ter consciência de si mesmo, de outras pessoas e do meio onde está inserido, assim também como sua atuação nesse meio.

> Conhecer o aluno da EJA talvez seja um dos desafios para os professores que irão atuar nesta modalidade, porque devem explorar toda esta experiência dos alunos, estimulando o diálogo, o compartilhamento de ideias, discussões, contribuindo para a elevação da autoestima e propiciando a aquisição e a construção de saberes (SCORTEGAGNA; OLIVEIRA; SOUZA, 2016, p. 3).

Para tanto a qualidade da educação de jovens e adultos está ligada à atuação docente, nesse caso a modalidade em questão tem suas especificidades que devem ser observadas pelo professor. Ou seja, nas relações vivenciadas pelo sujeito no seu dia a dia, onde o mesmo se desenvolve, tal processo permite que o educando crie memórias afetivas com os professores, com o conteúdo estudado, com seus pares.

3.1 A Afetividade e a Aprendizagem

A afetividade e a aprendizagem fazem parte da nossa vida, elas acontecem naturalmente quando o ambiente é propício para o desenvolvimento humano. Ambas representam um papel de muita importância na vida do ser humano referente as suas relações com tudo que os envolve. Quando as pessoas são tratadas com afetividade, estas se sentem acolhidas e se desenvolvem mais (VERAS; FERREIRA, 2010).

Segundo Haracemiv, Soek e Milek (2019), os alunos que frequentam a modalidade de educação de jovens e adultos já demonstram uma baixa alta estima pelo fato de não terem terminado os estudos, de realizarem trabalhos mal remunerados, trabalharem muitas horas durante o dia, geralmente essas pessoas tiveram problemas familiares, são fatores que promovem a falta de interesse pelos estudos, esses alunos não têm expectativa de vida.

> A Educação de Jovens e Adultos tem início a partir de movimentos de lutas e desejos da educação popular e sempre foi vista como uma tarefa difícil, por atender uma camada da população carente que não teve acesso à escola em tempo desejado; por isso representa um momento de uma nova significação na vida para os que a ela têm acesso. A partir dessa constatação surgiu o interesse em compreender os significados que os discentes desta modalidade de ensino têm da escola, tendo em vista que o acesso a ela demonstra ter um certo significado para a vida dos mesmos (GOMES, 2015, p. 2).

O vínculo entre a afetividade e a aprendizagem sempre estiveram relacionados à maneira de como o ensino é transmitido em sala de aula. Os dois processos embora sejam diferentes trilham o mesmo caminho. A importância das relações afetivas na atividade de educar ou de aprender são explícitas e influenciam consideravelmente o conhecimento (MAHONEY; ALMEIDA, 2005).

Desse modo, compreender que os alunos da EJA são os principais sujeitos para sua caracterização e especificidade significa reconhecer que eles não podem ser separados das suas condições de vida e das relações de poder na qual estiveram e estão envolvidos, isto é, reconhecer sua dimensão de sujeitos que pertencem a uma determinada classe social em uma sociedade desigual por natureza (GOMES, 2015).

Para tanto, se torna necessário que o educador observe estas questões com um olhar afetivo, considerando que o público que ele atende é um público diferenciado, excluído da sociedade. A afetividade em relação ao trabalho realizado pelo professor se torna essencial para o desenvolvimento do estudante, pois a afetividade na atualidade é compreendida como uma construção fundamental no desenvolvimento das relações educacionais por promover um clima favorável para a apropriação do conhecimento (ARAÚJO, 1995).

Dessa forma as relações interpessoais afetivas e desenvolvidas com cooperatividade, solidariedade, tolerância, com demonstração de respeito e de apoio por parte do professor ajudam os alunos a superarem dificuldades escolares (TOGNETTA; ASSIS, 2006). É importante ressalvar que, para a construção de um ambiente afetivo o professor deve elaborar e desenvolver atividades que aconteçam em grupos, ou que propiciem um diálogo entre os pares, pois são estratégias que influenciam de forma considerável o fortalecimento das relações e da apropriação do conhecimento pelo aluno.

Nesse contexto, a educação de jovens e adultos, vai além da transmissão de conteúdo. É de fundamental importância que o professor tenha um perfil adequado para atuar na modalidade de ensino EJA, pois requer uma sensibilidade para tratar de assuntos complexos uma vez que os educandos são adultos, já possuem determinadas experiências, responsabilidades e vivenciam problemas complexos que interferem no seu aprendizado (SANTOS, 2019). Devido a todos esses fatores, é importante que o professor esteja disposto a dialogar, incentivar e promover uma aula atraente, agradável e de fácil compreensão.

> Atuar como professor de EJA é uma das funções que o educador pode exercer. Trata-se de um trabalho diferenciado, pois, basicamente, ensinam-se jovens e adultos que nunca frequentaram a escola, ou que não completaram a escolarização básica, em um período reduzido. Devido a isso para esse tipo de educação, é necessário um preparo profissional específico. O fato de o docente muitas vezes não possuir esse preparo e por, principalmente, atuar pela primeira vez com esse alunado, representa uma situação provocadora de emoções e sentimentos, visto que muitos componentes que ali estão envolvidos constituirão uma novidade para ele e ainda terá que lidar com isso para poder desenvolver seu trabalho (MOLLICA, 2010, p. 16).

Nessa perspectiva, se torna importante também que o professor compreenda a relevância do seu papel como mediador do ensino-aprendizagem para esse grupo diferenciado que frequenta o espaço escolar. Considerando a afetividade como uma prática que colabora para o desenvolvimento do aluno e seu aprendizado (VERAS; FERREIRA, 2010).

A educação de jovens e adultos deve ser desenvolvida por meio do diálogo entre professor e aluno, possibilitar a discussão em relação ao material trabalhado, é necessário que esse material esteja de acordo com a realidade do educando, abordando temas gerais, porém mantendo relações com a cultura regional. Para tanto o ensino deve ter uma dimensão voltada para a prática, sem desconsiderar os aspectos teóricos (SOARES, 2011).

> Com base em uma perspectiva histórico-cultural, a teoria de Wallon destaca-se nos estudos sobre afetividade, afirmando em sua teoria da Psicogênese da Pessoa Completa, que a dimensão afetiva, ao longo de todo o desenvolvimento do indivíduo, tem um papel fundamental para a construção da pessoa e do conhecimento (VERAS; FERREIRA, 2010, p. 220).

Portanto, a afetividade é parte essencial de grande relevância no processo de ensino-aprendizagem, no desenvolvimento do aluno e na sua relação com seus pares, pois é através das interações vivenciadas que o educando pode se reconhecer como indivíduo que está em constate desenvolvimento. Entretanto, é importante que o professor da EJA também esteja inserido nessa construção, compreendendo que a afetividade é parte essencial do ensino-aprendizagem, e que esse fator promove a formação integral dos educandos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo central compreender a relevância da afetividade entre professor e aluno na modalidade de ensino EJA. Considera-se que este objetivo foi alcançado, pois através da pesquisa bibliográfica realizada, foi possível analisar dados importantes e sugerir discussões relevantes sobre a temática apresentada neste artigo.

Verificou-se que a proposta da educação de jovens e adultos é apresentar para os alunos que frequentam esta modalidade o mundo onde estão inseridos, onde a realidade vivenciada possa ter relações com os temas abordados nas aulas. Para isso, a aprendizagem significativa desses alunos deve ser construída através de um diálogo transparente entre professor e aluno na busca de criar um ambiente propício para que aconteça a aprendizagem.

Nesse sentido, infere-se que a relação entre professor e aluno deve acontecer de maneira que a afetividade seja desenvolvida em sala de aula propiciando o ensino-aprendizado fortalecendo o vínculo entre professor, aluno e escola. É importante pontuar que a afetividade é um fator que desenvolve todas as outras habilidades do indivíduo, como

a capacidade de realizar seu trabalho, estudos, relações afetivas etc. Portanto, a afetividade não mantém relações somente com o ensino-aprendizagem escolar, mas é o estímulo que proporciona o desenvolvimento de todas as áreas na vida do indivíduo.

5 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. M. M. **Relações interpessoais professor-aluno**: uma nova abordagem na compreensão das dificuldades de aprendizagem. Dissertação de mestrado não-publicado, Universidade Nacional de Brasília. 1995.

BRASIL, Presidência da República. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília-DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em 12 de maio 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Princípios da Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, DF, 2000. Disponível em: http://confinteabrasilmais6.mec.gov.br/images/documentos/legislacao_vigente_EJA.pd. Acesso em: 11 de maio 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 1 de 05 de julho de 2000**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação e Jovens e Adultos. Brasília, DF, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf. Acesso em: 12 de maio 2022.

GOMES, A. C. **Os significados que os alunos da EJA têm em relação à instituição escolar. Interagir:** pensando a extensão, (20), 1-21.2015. disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/interagir/article/view/13197. Acesso em: 19 out. 2021.

HARACEMIV, S. M., SOEK, A. M., & MILEK, E. Diversidade e Multiculturalismo: formação docente necessária à Educação de Jovens e Adultos. **Dialogia**, (31), 155-164. 2019. Disponível em: https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/8675. Acesso em: 18 out. 2021.

MAHONEY, A. A.; de ALMEIDA, L. R. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. Psicologia da Educação. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: **Psicologia da Educação.** ISSN 2175-3520, (20). 2005. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/43324. Acesso em: 20 out. 2021.

MOLLICA, A. J. P. **Tornar-se professor da EJA: um estudo priorizando a dimensão afetiva.** 2010. Disponível em: https://tedeantiga.pucsp.br/handle/handle/15975. Acesso em: 21 out. 2021.

MOREIRA, G. S. E. da, PIRES, L. A. L. de. SOUZA, H. P. de. O processo de ensino e aprendizagem na educação de jovens e adultos. **Anais da Semana de Licenciatura**, 1(8), 129-142. 2017.

ROMANOWSKI, J.P., **Formação e profissionalização docente**. Editora Intersaberes, 1ª edição 2012. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=PLncZ5wt0iEC&oi=fnd&pg=PA5&dq=ROMANOWSKI,+J.P.,+Forma%C3%A7%C3%A3o+e+profissionaliza%C3%A7%C3%A3o+docente.+Editora+Intersaberes,+

1%C2%AA+edi%C3%A7%C3%A3o+2012.&ots=ukIHW34l-m&sig=-IIu835_lq7MEdGFLLmdia2YiyE#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 21 out. 2021.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas /colaboração Dietmar Klaus Pfeiffer. – 4. ed. rev., atual. e ampl. – São Paulo: Atlas, 2017.

SANTOS, C. R. C. **A perspectiva do ensino/aprendizado da língua portuguesa e literatura entre professores e alunos da EJA nível médio da escola estadual Pedro Teixeira**. 2019. Disponível em: http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/1411. Acesso em: 22 out. 2021.

SCORTAGAGNA, P. A., OLIVEIRA, R. D. C. D. S., SOUZA, R. D. D. A atuação do professor na educação de jovens e adultos: o contexto da alfabetização científica e tecnológica. In XI Congreso Internacional de la Red Estrado: Movimentos Pedagógicos y Trabajo Docente en tiempos de estandarización, **Anais. Cidade do México: Universidad Pedagógica Nacional-Red Estrado** (Vol. 1, pp. 1-14). 2016. Disponível em: http://redeestrado.org/xi_seminario/pdfs/eixo9/283.pdf. Acesso em: 22 out. 2021.

SOARES, L. As especificidades na formação do educador de jovens e adultos: um estudo sobre propostas de EJA. **Educação em Revista**, 27, 303-322. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/edur/a/qFdTzwT7cfKzvtjNfWbXndr/abstract/?lang=pt. Acesso em: 19 out. 2021.

TOGNETTA, L. R. P., & ASSIS, O. Z. M. A construção da solidariedade na escola: as virtudes, a razão e a afetividade. **Educação e Pesquisa**, 32 (1), 49-66. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ep/a/8dnsH5F6w43DDrLv5RvtPNC/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 20 out. 2021.

VERAS, R. D. S., & FERREIRA, S. P. A. A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem, em contexto universitário**. Educar em revista,** 219-235. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/er/a/mFY9kNRcyMxMVzRKpwBCJLN/abstract/?format=html&lang=pt. Acesso em: 18 out. 2021.

AUTONOMIA DO ALUNO COM TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE (TDAH) NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Andreza Santos Santana[1]
Alana Danielly Vasconcelos[2]

RESUMO: O presente artigo foi apresentado com o intuito de abordar um assunto que precisa ser pautado socialmente e dentro da escola, trazendo conhecimentos do quão é importante para todos que estão inseridos neste contexto, de como compreender como é o comportamento de um indivíduo com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e de como trabalhar e conviver com o mundo das especificidades de quem tem TDAH, dentre a desatenção, a impulsividade ou a hiperatividade. Este artigo tem como objetivo apresentar as especificidades do aluno com TDAH, visando contribuir para um processo educacional mais assertivo. A metodologia do artigo pauta-se na abordagem qualitativa, por meio de um trabalho de revisão bibliográfica, de acordo com Richardson (2017). Enquanto considerações finais, chega-se ao entendimento de que se faz necessário entender as características da pessoa com TDAH para ajudar no conhecimento e no desenvolvimento desta, na sala de aula e na vida adulta, tendo a família como parte ativa deste processo.
Palavras-Chave: Autonomia; Contexto Social; Escola; Família; TDAH.

Abstract: *This article was presented in order to address a subject that needs to be socially guided and within the school, bringing knowledge of how important it is for everyone who is inserted in this context, to understand how the behavior of an individual with Attention Deficit Disorder is. with Hyperactivity (ADHD) and how to work and live with the world of the specificities of those who have ADHD, among inattention, impulsivity or hyperactivity. This article has as general objective to present the specificities of the student with ADHD, aiming to contribute to a more assertive educational process. The methodology of the article is based on a qualitative approach, through a work of literature review according to Richardson (2017). As final considerations, we come to the understanding that it is necessary to understand the characteristics of the person with ADHD to help in their knowledge and development, in the classroom and in adult life, having the family as an active bridge in this process.*

Keywords: Autonomy; Social context; School; Family; ADHD.

1 INTRODUÇÃO

A autonomia do aluno com TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade) é de suma importância para os indivíduos com essa deficiência. De acordo com Silva (2014), acredita-se que trabalhar e desenvolver conhecimentos em prol da necessidade desses indivíduos não é uma preocupação para muitas instituições escolares, cujo o "se preocupar" com os alunos com TDAH, *a priori*, só é viabilizado por meio do

[1] Discente do curso de Pedagogia na Faculdade São Luís de França
[2] Profa. Dra. orientadora e regente da disciplina trabalho de conclusão de curso.

envolvimento do professor, dos pais, da sociedade e da comunidade escolar, e, por vezes, este envolvimento não ocorre.

Ainda segundo Silva (2014), se o comportamento dos DDAs (Distúrbio do Déficit de Atenção) não for compreendido e bem administrado por eles próprios (TDAH) e pelas pessoas que com eles convivem, existirão consequências no agir, sendo assim, poderão manifestar-se diferentes formas de impulsividade, tais como: agressividade, descontrole alimentar, uso de drogas, gastos demasiados, jogos, tagarelice incontrolável, dentre outros aspectos comportamentais.

A autonomia do aluno com TDAH nos anos iniciais do ensino fundamental precisa ser trabalhada com atividades que sejam transformadoras, humanizadas e ajudem aos alunos com este transtorno a lidarem com suas especificidades, portanto não se pode fechar os olhos como educadores para as crianças e os jovens que porventura vierem a demonstrar algum dos sinais do TDAH.

É de suma importância que as pessoas com TDAH tenham a educação voltada para a sua autonomia. Desta maneira, o trabalho no âmbito educacional necessitará de estratégias específicas e orientadas que possam ajudar as pessoas que possuem o TDAH. Segundo Costa (2021), “na educação é essencial para a inclusão, para alcançar seu compromisso com a diversidade, o fazer pedagógico, a organização dos espaços e a oferta de uma educação de excelência”.

A família também tem que andar de mãos dadas com a escola e com o educador, pois o conhecimento não ficará da porta da escola para dentro, deve ir para além dos muros da instituição de ensino. Desta forma, o presente artigo tem como objetivo apresentar as especificidades do aluno com TDAH, visando contribuir para um processo educacional mais assertivo. O trabalho justifica-se pela necessidade de ampliar as discussões sobre o TDAH no âmbito educacional, contribuindo com o desenvolvimento de práticas docentes que visem a autonomia da criança diagnosticada com TDAH no âmbito escolar. A metodologia do artigo pauta-se na abordagem qualitativa, por meio de um trabalho de revisão bibliográfica, de acordo com Richardson (2017).

2 CONCEITUANDO O TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE (TDAH)

A trajetória do indivíduo com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) proporcionará um entendimento com propriedade sobre a deficiência quando ela é relatada, com abordagens bibliográficas e com falas importantes.

Conseguir orientar as pessoas com TDAH é muito importante e a escola é o setor social que tem mais propriedade nesse requisito, pois a estrutura educacional deverá ser macro para atender todo o público, independentemente de suas necessidades específicas, promovendo, assim, equidade para os indivíduos, incluindo os que têm TDAH. Dessa forma, visando que "é de grande importância a instituição de programas de treinamento em TDAH ser ofertada para todas as pessoas com envolvimento nesse distúrbio como: pais, pacientes, educadores e clínicos" (COUTO; MELO-JUNIOR; GOMES, 2010, p. 241).

A precisão em trazer formações para os professores e para o corpo diretivo da escola é muito significativa, ofertando palestras que orientem as concepções sobre o que é o TDAH. Quando se pensa o que é e como se caracteriza o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade, deve-se ir em busca de fontes fidedignas para saber o que acontece por trás da coexistência dessa deficiência. Neste aspecto, pode-se considerar também que

> [...] o Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) é caracterizado por um transtorno neurobiológico reconhecido pela organização mundial da saúde – OMS, que se manifesta na infância, adolescência até a vida adulta, sendo reconhecido por diminuída capacidade de atenção (CONFORT; GOMES, 2018, p. 1).

A pessoa que possui TDAH tem suas especificidades que são características que predominam na sua infância até a vida adulta. As suas especificidades são: desatenção, hiperatividade e impulsividade. Esses aspectos da deficiência acabam trazendo várias questões que propiciam a exclusão de uma pessoa com TDAH, sendo uma destas o estresse, que parece ser progressivo psicologicamente na pessoa com TDAH, e acaba gerando conflitos com as pessoas em sua volta, no contexto social e familiar. Tais fatores geram, no indivíduo com TDAH, barreiras emocionais e cognitivas que, com o passar dos anos, vai avançando, caso este não receba a educação, as terapias e os acompanhamentos adequados. Neste aspecto, ressalta-se que,

> [...] o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) representa, junto com a dislexia, a principal causa de fracasso escolar e está presente em 7% das crianças no Brasil. Desde os anos 80, o TDAH tem sido interpretado como uma doença neuropsiquiátrica que surge na infância e persiste até a idade adulta (COUTO; MELO-JUNIOR; GOMES, 2010, p. 241).

Com a existência das especificidades, como a desatenção, a impulsividade e a hiperatividade, que se tornou o diferencial do TDAH, acabaram surgindo situações específicas dentro das relações sociais: a exclusão dentro da sala de aula, a falta de compreensão da família, a exclusão no âmbito social e o *bullying*. Por isso, de fato, a explanação sobre os aspectos do TDAH deve ir a público com mais propriedade e com mais frequência para que todos possam adquirir o conhecimento que as pesquisas relacionadas ao TDAH proporcionam, enriquecendo e trazendo conhecimentos para aqueles que têm participação na vida do indivíduo com TDAH.

> [...] Os dados que fundamentam o discurso da legitimação médica e biológica do TDAH vêm das pesquisas neurológicas e das funções cerebrais, dos estudos feitos com as tecnologias de imagem cerebral e da pesquisa molecular e genética. Através deles, o discurso neuropsiquiátrico dominante diz ser possível demonstrar que o transtorno é real porque, finalmente, seus fatores biológicos foram descobertos e alguns deles se tornaram passíveis de visualização, observação, universalização e comunicação científica. O argumento pode ser assim resumido: o diagnóstico do TDAH é real porque, em certa medida, é visível e biológico, e descreve uma condição maligna (CALIMAN, 2008, p. 560).

Os progressos tecnológicos e os estudos possibilitaram tratamentos e diagnósticos com aquisições mais aptas e fáceis de serem compreendidas. Com isso, será possibilitado às famílias lidar melhor com o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). O diagnóstico é um dos processos importantes para saber o que realmente está sendo desenvolvido na pessoa com TDAH. Buscar os profissionais (psicólogo, psicopedagogo e psiquiatra) é de grande excelência para entender o que de fato está acontecendo com o comportamento da pessoa com TDAH, além de construir uma rede de apoio para ajudar com as especificidades existentes da pessoa com este transtorno. A tecnologia e a contemporaneidade proporcionaram vários acessos de pesquisas em prol de ajudar ao indivíduo com TDAH no seu desenvolvimento, familiares, professores, alunos e outros que queiram entender o mundo do TDAH.

> Após aprendermos que o diagnóstico de TDAH é feito com base nos sintomas relatados pelo paciente ou seus familiares e devidamente interpretados por um especialista, somos informados que não há nenhum exame que dê o diagnóstico. Embora baseado em um questionário disponível na página para ser impresso e respondido por familiares, professores e quem mais quiser, a ênfase é grande e compreensível: o diagnóstico só pode ser feito por um especialista (MOYSÉS; COLLARES, 2011. p. 10).

A compreensão, em relação à importância do diagnóstico, tem um diferencial que necessita de uma precisão muito grande, já que o TDAH é facilmente confundido com outros distúrbios e transtornos, e, na maioria das vezes, vem acompanhado de outros complexos. As pesquisas abrangem uma visão sobre a trajetória do TDAH e de como ele tem particularidades, dando também um respaldo de grandes concepções a respeito do desenvolvimento do TDAH ao longo dos anos.

Estamos no século XXI e os tempos são outros. A forma de lidar com as deficiências estão mais coerentes, pois sabe-se que, independentemente destas, trata-se de pessoas que têm sentimentos e precisam de suporte em todos os requisitos. Todos esses fatores foram indagados pela ciência e pelas pesquisas a fim de reconhecer a importância de compreender o TDAH em sua essência, trazendo abordagens significativas para inserir esses indivíduos com propriedade em seu meio familiar, âmbito escolar e dentro da sociedade.

3 O PAPEL DA FAMÍLIA E DA COMUNIDADE ESCOLAR NO TRATAMENTO DO TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE (TDAH)

Distinguir lacunas no meio social e familiar, quando o assunto é o tratamento e o conhecimento do TDAH, é óbvio. Para intervir nessas lacunas, temos que entender primeiramente o que é o TDAH, quais as suas comorbidades e quais são os meios de tratamentos.

Contudo, o apoio e o suporte para a pessoa com TDAH em seu desenvolvimento e vivências são muito importantes. O envolvimento da família, dos professores e o acompanhamento de profissionais da área da saúde tornam-se necessários para que a pessoa com este transtorno consiga atingir o seu amadurecimento emocional.

O tratamento da pessoa com TDAH também abrange o acolhimento. O cuidado ao ensinar, ouvir, falar e agir, todos esses sentidos que os deixem confiantes, ou seja, a perspectiva sobre aqueles que tenham convívio com eles, é que sejam acolhedores e tratem-nos de maneira humanizada. De acordo com Tonetto; Barbieri (2021, p. 1) “existe a necessidade de estudos aprofundados sobre a estrutura e a dinâmica afetiva de todo grupo familiar, propondo-se em desenvolver estratégias de intervenção mais eficazes”.

O objetivo das estratégias de intervenção junto às pessoas com TDAH é para alcançar a construção de um campo ágil e preparado para lidar com os aspectos do transtorno, visando preparar o socioemocional do indivíduo com TDAH, juntamente ao preparo emocional daqueles que tenham convívio com a pessoa com deficiência.

> Pesquisas mostram que, em média, 67% de crianças diagnosticadas com transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH) continuam tendo os sintomas quando adultos interferindo na vida acadêmica, profissional, afetiva e social. A avaliação precoce e o tratamento adequado podem reduzir os sintomas significativamente (LOPES; DO NASCIMENTO; BANDEIRA, 2005. p. 65).

Os aspectos do TDAH, como a hiperatividade, a desatenção e a impulsividade, são características que se tornam desafiadoras para os indivíduos se controlarem e o processo para com a família, a comunidade escolar e o âmbito social também é trabalhoso. Na maioria das vezes as especificidades do TDAH acabam causando impaciência nos pais ao encararem os desafios do TDAH, formando uma barreira no desenvolvimento da criança na idealização e nas resoluções dos problemas pessoais e coletivos, colocando-as na situação de desacreditar de si mesmas. Os adultos que possuem

> [...] transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH) apresentam comprometimento funcional em diferentes áreas da vida diária que deve ser investigado durante a avaliação clínica. Apesar disso, até recentemente não existiam instrumentos para avaliar o impacto do TDAH na qualidade de vida de adultos portadores. O Adult ADHD Quality of Life Questionnaire (AAQoL) é um instrumento desenhado a partir da sistematização de um conjunto de informações na literatura especializada sobre impacto da doença e desfechos clínicos, bem

> como opinião de especialistas, de modo a avaliar quantitativamente a qualidade de vida de portadores adultos. O instrumento é subdividido em quatro diferentes subescalas, denominadas produtividade, saúde psicológica, perspectivas de vida e relacionamentos. É discutida a utilidade de um questionário especificamente desenvolvido para avaliar qualidade de vida no TDAH adulto e é apresentado o projeto de validação semântica, validade de constructo e confiabilidade do instrumento em andamento (MATOS; COUTINHO, 2007. p. 50).

Consequentemente, o tratamento do TDAH é voltado para todos os contextos ambientais, seja no ciclo familiar, social, político e econômico, o suporte essencial para eles também promoverá vivências, sem sobrepor as suas diferenças. Logo, o desenvolvimento de trabalhar o mecanismo de forma eficaz com os indivíduos que tenham TDAH é com profissionais que possuam um conhecimento teórico sobre tal, a exemplo de um psicólogo. Deve-se ofertar a formação sobre TDAH para os professores, para que as escolas alcancem a eficácia através da mediação com equidade, porém desenvolvendo conteúdos voltados para os alunos de forma igualitária, ou seja, com as adaptações necessárias para o educando. Com isso, a família também precisará ser a base para os seus filhos quando a escola precisar do apoio para a execução das atividades, ajudando assim no progresso do TDAH. Sendo assim, o decorrer da vida estudantil da pessoa com TDAH terá uma eficácia maior sem causar transtornos futuros.

> Diversos estudos comprovam que mais de 50% dos pacientes mantêm sintomas na vida adulta, com significativo comprometimento na vida social, acadêmica, laborativa e familiar (Biederman *et al.*, 1993). Tanto o processo diagnóstico quanto o tratamento do TDAH são complexos, não só pelo caráter dimensional dos sintomas de desatenção e/ou hiperatividade, mas também pela alta frequência de comorbidades psiquiátricas apresentadas pelo paciente (DE SOUZA, 2007. p. 15).

Buscar adaptações no mundo atual traz uma grande preocupação para os responsáveis quando vêm à tona as responsabilidades para com os seus filhos em se adaptar no mundo contemporâneo, que é decorrente a várias inovações. Quando se introduz um TDAH na sociedade, é necessário ter um cuidado muito grande, principalmente aqueles que estão em convívio diário com o TDAH. Estes devem saber lidar com as informações geradas sobre o transtorno, onde a tecnologia deverá ser uma forma de auxílio para todos. Sobretudo, quando as informações são executadas ou entendidas de outras maneiras, trazendo informações positivas ou negativas, deve tornar-se uma preocupação dos responsáveis, da escola e da sociedade.

> Cabe aos pais a tarefa e a responsabilidade de introduzir seus filhos no mundo para possibilitá-los um desenvolvimento orgânico e psíquico e assim se tornarem sujeitos de seus desejos. É papel dos pais protegerem suas crias do perigo do mundo para os quais eles ainda não estão preparados. Deve dar acesso a educação e a cultura, preservar a integridade física e mental do filho. As crianças e os adolescentes esperam que os pais possam responder ao enigma da sua existência, e os pais esperam que esses conduzam na vida de modo a responder aos seus ideais (LOPES, 2013. p 15).

Trazer a contemporaneidade para enfatizar a importância das informações é algo significativo, pois o conhecimento sobre aspectos, tratamentos, princípios, etc., é situado em intervir em vários pontos de vista socialmente, sejam eles positivos ou negativos. Por isso, é importante que existam ações dentro da escola que pautem sobre o TDAH, sendo que tais ações precisam envolver os familiares e a sociedade para que o transtorno se habitue com integralidade e atenda aos seus ideais, conseguindo suprir as necessidades das suas especificidades para viver usufruindo da sua própria autonomia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo visou contribuir para o conhecimento sobre o TDAH para ajudar no conhecimento e no desenvolvimento dos alunos na sala de aula e na vida adulta, com a colaboração e a participação da família e do contexto social. Através desses fatores, foi feita uma pesquisa qualitativa, onde a intenção foi contribuir sobre a importância da autonomia da pessoa com TDAH nos anos iniciais do ensino fundamental. A realidade dos alunos com TDAH dentro da sala de aula é compactuar a precariedade em que as escolas estão vivenciando e devemos perceber o quanto isso é impactante para todos nós, devido à falta de preparação dos profissionais da educação em algumas instituições escolares, com o intuito de sabermos conviver com a diversidade que existe dentro da sociedade.

Há consequências que infelizmente sobrepõem o maior impacto dentro das escolas, que muitas vezes normalizam situações que interferem no desenvolvimento do indivíduo com TDAH. Precisamos de um olhar diferenciado para conseguirmos resultados significativos quando falamos das ações específicas relacionadas à pessoa com TDAH, que são as suas especificidades: desatenção, impulsividade e hiperatividade dentro da sala de aula, e devemos transformar-nos em um diferencial na vida dessas pessoas com TDAH, trazendo integralidade e equidade.

Deve-se mostrar essa importância através de temáticas voltadas ao TDAH, podendo mover ações que tragam benefícios fundamentais para a vida do TDAH com o desenvolvimento do cuidado nos posicionamentos diante do processo de ensino e aprendizagem referente à aquisição da autonomia e aos desafios vivenciados na vida adulta do TDAH. Pode-se ofertar formações para o corpo docente e à equipe diretiva, trazendo o público-alvo da escola para eventos que promovam e orientem as famílias e a comunidade, abordando, assim, todos os respaldos referentes ao apoio e à colaboração para com os indivíduos com TDAH.

Quando analisamos os critérios que temos em sala de aula, são de pouca qualidade para aguçar os conhecimentos, provocando lacunas dentro da educação, provocando atraso no processo alfabetização, causando falhas no desenvolvimento do aluno com TDAH. É

notória a falta de adaptações, recursos e conhecimento sobre qualquer deficiência nas escolas, cuja maior preocupação nos tempos atuais são os fatores de exclusão em todos os ambientes de convívio e participação dos indivíduos com deficiência.

Sendo assim, é importante conhecer mais o mundo do indivíduo com TDAH. Deve-se ir em busca do conhecimento e trabalhar de forma eficaz, trazendo informações, recursos e suporte dentro e fora da escola, através dos profissionais da área da educação e da saúde, com o processo de formação profissional e promoção de eventos. Não é um trabalho da noite para o dia, mas tem que haver dialogicidade para fazer acontecer e tornar a educação justa e oferecer um ensino de qualidade e equidade.

Por fim, a autonomia do TDAH depende dessa construção e do agir de todos (família, escola e sociedade) que tenham participação na vida de um TDAH. O trabalho justifica-se pela necessidade de ampliar as discussões sobre o TDAH no âmbito educacional, contribuindo para o desenvolvimento de práticas docentes que visem a autonomia da criança diagnosticada com TDAH no âmbito escolar.

5 REFERÊNCIAS

CALIMAN, Luciana Vieira. **O TDAH:** entre as funções, disfunções e otimização da atenção. *Psicologia em estudo*, 2008, 13: 559-566. Disponível em: SciELO - Brasil - O TDAH: entre as funções, disfunções e otimização da atenção O TDAH: entre as funções, disfunções e otimização da atenção. Acesso em 15 de maio de 2022.

COSTA, Luis Gustavo da Silva. **Estratégias de ensino colaborativo como uma proposta de Atendimento Educacional Especializado-AEE**. 2021. Disponível em: Estratégias de ensino colaborativo como uma proposta de Atendimento Educacional . Acesso em 23 de maio de 2022

COUTO, Taciana Souza; MELO-JUNIOR, Mario Ribeiro; GOMES, Cláudia Roberta Araújo. Aspectos neurobiológicos do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): uma revisão. ***Ciências & Cognição,*** 2010, 15.1: 241-251. Disponível em: ASPECTOS NEUROBIOLÓGICOS DO TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH): uma revisão | Ciências & Cognição (cienciasecognicao.org). Acesso em 10 de maio de 2022.

CONFORT, Marilane Ferreira; GOMES, Marcelo José Meira. TDAH. **Simpósio**, [S.l.], n. 6, fev. 2018. ISSN 2317-5974. Disponível em: http://revista.ugb.edu.br/ojs302/index.php/simposio/article/view/704. Acesso em 10 de maio de 2022.

DE SOUZA, Isabella GS, et al. **Dificuldades no diagnóstico de TDAH em crianças**. *Jornal brasileiro de psiquiatria*, 2007, 56: 14-18. Disponível em: OS 3638 J Bras Psiq_Suplemento TDAH.indd (scielo.br). acesso em 23 de maio de 2022.

LOPES, Regina Maria Fernandes; DO NASCIMENTO, Roberta Fernandes Lopes; BANDEIRA, Denise Ruschel. **avaliação do transtorno de déficit de atenção/hiperatividade em adultos (TDAH):** uma revisão de literatura. *Avaliaçao Psicologica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 2005, 4.1: 65-74. Disponível em: Dialnet-ValiacaoDoTranstornoDeDeficitDeAtencaohiperativida-6674820 (1).pdf. Acesso em 20 de abril de 2022.

LOPES, Ana Carolina Duarte. **TDAH:** Novo Sintoma Da Criança Ou A Criança Como Um Novo Sintoma Da Contemporaneidade?. 2013. Disponívl em: INTRODUÇÃO (ufrj.br). Acesso em 20 de maio de 2022.

MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso; COLLARES, Cecília Azevedo Lima. O lado escuro da dislexia e do TDAH. ***A exclusão dos incluídos:*** *uma crítica da psicologia da educação à patologização e medicalização dos processos educativos. Maringá: EDUEM*, 2011, 103-153. Disponível em: Microsoft Word - O LADO ESCURO2 .docx (amablymonari.com.br). Acesso em 23 de abril de 2022.

MATTOS, Paulo; COUTINHO, Gabriel. **Qualidade de vida e TDAH**. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 2007, 56: 50-52. Disponível em: OS 3638 J Bras Psiq_Suplemento TDAH.indd (scielo.br). Acesso em 20 de maio de 2022.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas /colaboração Dietmar Klaus Pfeiffer. – 4. ed. rev., atual. e ampl. – São Paulo : Atlas, 2017.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes Inquietas:** TDAH-desatenção, hiperatividade e impulsividade. Principium, 2014. Disponível em: Mentes Inquietas: TDAH - desatenção, hiperatividade e impulsividade - Ana Beatriz Barbosa Silva - Google Livros. Acesso em 20 de março de 2022.

TONETTO, Ana Paula Mucha; BARBIERI, Valeria. ***TDAH, Família e Criança:*** *Contribuições Psicanalíticas*. Editora Appris, 2021. Disponível em: TDAH, Família e Criança: Contribuições Psicanalíticas - Ana Paula Mucha Tonetto, Valeria Barbieri - Google Livros. Acesso em 20 de março de 2022.

CONTRIBUIÇÃO DE ANÍSIO TEIXEIRA PARA A EDUCAÇÃO NO BRASIL

Brian Moura Rodrigues[1]
Alana Danielly Vasconcelos [2]

RESUMO: O presente artigo visa mostrar as principais contribuições de Anísio Teixeira para a educação no Brasil, levando em conta sua trajetória, seus pensamentos, e o modo que o mesmo entendia a educação. Tendo como objetivo geral demonstrar de que forma se deu a atuação de Anísio Teixeira na educação brasileira, apontando seus pensamentos, métodos e aplicação. Desde o movimento Escola Nova, Anísio levou as contribuições do filósofo e educador John Dewey, onde já tinha influenciado o escolanovismo de tal maneira que suas propostas foram aceitas de imediato no Brasil, a ponto do Anísio passar a ser o principal tradutor de suas obras. Idealizador da Escola-Parque em Salvador, introduzindo todo o seu ideário sobre educação, atingindo assim, de forma indiscutível, como um dos principais nomes da educação brasileira, contribuindo excepcionalmente para a qualidade da educação no Brasil.

Palavras-Chave: Anísio Teixeira; Escola Nova; Escola Park; John Dewey.

Abstract: *This article aims to show the main contributions of Anísio Teixeira to education in Brazil, taking into account his trajectory, his thoughts, and the way he understood education. With the general objective of demonstrating how Anísio Teixeira acted in Brazilian education, pointing out his thoughts, methods and application. From the Escola Nova movement, Anísio took the contributions of the philosopher and educator John Dewey, where he had already influenced Escolanovismo in such a way that his proposals were immediately accepted in Brazil, to the point that Anísio became the main translator of his works. Creator of Escola-Parque in Salvador, introducing all his ideas about education, thus reaching, in an indisputable way, as one of the main names of Brazilian education, contributing exceptionally to the quality of education in Brazil.*

Keywords: *Anísio Teixeira; New Schoo; Park School; John Dewey.*

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Nunes (2000), Anísio foi baiano de nascimento, filho de fazendeiros e estudante do colégio Jesuíta, trouxe à tona teorias sobre a educação brasileira, e pôs em prática as mesmas, fazendo com que a educação no Brasil obtivesse avanços consideráveis para a sua época. Influenciado pelas ideias do filósofo John Dewey, Anísio teve participação importantíssima para a estruturalização da educação brasileira, tendo em vista que ainda vigorava os padrões educacionais do século XIX onde o acesso à educação

[1] Discente do 8º período do curso de Pedagogia da Faculdade São Luís de França
[2] Profa. Dra. orientadora e regente da disciplina trabalho de conclusão de curso.

era apenas para as elites locais, e maciçamente as camadas populares ficavam sem acesso a mesma.

Segundo Freitas (2021), Anísio Teixeira lutou de todas as formas para trazer uma educação igualitária, de maneira acessível a todos e totalmente inexato para os que a buscam, porém, não sendo apenas um enfeite. Ele trouxe à tona uma linguagem simples e de maneira passiva ao mesmo tempo que ele trouxe uma reflexão sobre a educação brasileira e fez procedimentos para que a mesma fosse de forma consciente ao mesmo tempo que se propunha obter resoluções para demais situações.

Anísio participou ativamente em todos os lugares por onde passou, tomando para si as características de filósofo e de inovador. Anísio criou inovações e junto com estas, um desenvolvimento global da educação brasileira. Com isso, ele desenvolveu um pensamento acelerado, com uma desenvoltura de identificar problemas, buscando solucioná-los.

Dessa forma, Anísio assumiu de vez a posição de filósofo da educação brasileira, junto com demais intelectuais de sua época, sempre em busca de melhorias para a educação, incluindo a todas as pessoas, independente de classe sociais, e ainda trazendo uma forma de gestão integradora e abrangente, onde juntamente a meta seria alavancar o sistema educacional brasileiro.

Diante disso, o artigo apresenta como objetivo geral a compreensão da atuação de Anísio Teixeira frente a educação brasileira, pensamentos e métodos que trouxe ao longo de sua vida.

Ainda, pretende-se mostrar a participação ativa de Anísio Teixeira acerca das principais temáticas envolvidas da educação em sua época, de modo que fez com que sua contribuição fosse lembrada até os dias atuais. Dessa forma, evidenciamos a importância de se estudar as contribuições de Anísio Teixeira e tentar pôr em prática suas ideias com o intuito de alavancar a educação brasileira, assim como o Anísio Teixeira o fizera em seu tempo.

Assim, o artigo traz a dimensão clara das contribuições que fez com que Anísio Teixeira fosse imortalizado na história da educação do nosso país, como alguém que lutou por uma educação igualitária, com fins de progresso e desenvolvimento pessoal e coletivo. Tendo como justificativa os índices educacionais da atualidade brasileira, é necessário ir atrás de melhorias para que no futuro, melhoremos a qualidade do ensino e quem sabe possamos melhorar esse país em cada campo. Com isso, o artigo traz à tona a necessidade de conhecer cada vez mais ideias e pensamentos de pessoas que contribuíram para a educação, ao tempo em que possamos levar o ideal e as suas ideias para que seja aplicada e ao mesmo tempo que possamos criar novas discussões a partir das mesmas.

O artigo ainda traz a importante participação do Anísio Teixeira no escolanovismo, trazendo para si uma legião de seguidores que foram atraídos pelas suas ideias, gerando assim um leque de apoiadores e contribuintes para os seus projetos.

A motivação da escrita deste artigo ocorreu como uma forma de homenagear o grande Anísio Teixeira que fez seu legado a partir de sua persistência e sua forma de entender a educação. Além disso, obter informações sobre pessoas que contribuíram para educação, cria esperança de que podemos sim mudar os rumos da educação em nosso país, ao mesmo tempo em que permanece conhecido o nome de Anísio, juntamente com toda a sua importância e seus feitos. E ainda pelo término da graduação para obtenção da nomenclatura de professor licenciado no curso de Pedagogia.

A metodologia do artigo pautou-se numa abordagem qualitativa, por meio de um trabalho de revisão bibliográfica com a utilização de livros e artigos científicos que apresentaram discussão relevante sobre o objeto de estudo em questão, segundo Richardson (2017).

2 MOVIMENTO ESCOLA NOVA

Segundo Ghiraldelli (2001) as ideias do movimento escola nova ganharam notoriedade em 1920, época essa que os métodos pedagógicos tradicionais ainda vigoravam e tinham como rival as práticas pedagógicas mais atuais para aquele contexto da sociedade, pondo como protagonistas as camadas populares. Essa época ficou lembrada na história como a época de conflitos e rompimentos, com busca incessante de movimentos, como os modernistas, tenentistas e escolanovistas, que sempre davam um jeito de defender suas teses e suas ideias, muitas delas com as camadas mais nobres da sociedade, onde reinava o espírito envelhecido.

De acordo com Figueira (2010),

> [...] o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova contou com a participação de vários educadores, entre eles Lourenço Filho, representantes dos ideais liberais, que antes de sua publicação já lutavam a favor da renovação do ensino a partir de um novo modelo pedagógico. Lourenço Filho, assim como os demais intelectuais, visavam a reconstrução da sociedade por meio da educação (FIGUEIRA, 2010, p. 27).

Em vista disso, precisou colocar no papel as ideias do movimento para que o mesmo fosse legitimado de vez, e não apenas teorizado ou algo que não passasse de mera ideologia a elaboração de um documento marcante para a educação que ficou conhecido como Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, que visava alavancar a educação brasileira, onde ainda persistia num sistema de ensino ultrapassado, que precisaria de melhorias sérias. Apesar disso, mesmo antes da produção do manifesto, já existiam lutas pela renovação

escolar, partindo de um conceito pedagógico moderno, gerando assim uma reconstrução da sociedade da época, partindo da educação como base para essa reconstrução.

Então surgiu assim nesse universo aquilo que veio a ser denominado de Movimento Escola Nova, onde ele traz consigo um objetivo de construção de uma sociedade igualitária, tendo como base as escolas, fazendo com que seu desenvolvimento afetasse de forma direta a sociedade e transformando-a de maneira significativa onde a mesma, se beneficia totalmente do progresso em suas respectivas áreas.

Para Bevilaqua (2014) as ideias centrais que foram escritas no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova são de grande exaltação, e muitas vezes fazem críticas às formas de pensamento, ao mesmo tempo que passa a ser um acréscimo teórico do seu redator, Fernando de Azevedo que, trouxe muitas lacunas, sendo que, muitas destas, se apresentavam sem uma compreensão clara, porém passando a ser compreendidas sempre que levarmos para os contextos sociais da sociedade da época, pois apresentavam múltiplas ideias naquele momento. Porém, uniam-se pelas melhorias e os desejos dos escolanovistas de transformar seus pensamentos e opiniões em realidade, gerando assim a empatia de todos os participantes, porém ainda existia empasses na questão de resolução da problemática proposta(quem iria tomar a dianteira para resolver) e ainda ao pôr em prática. Ainda assim, o manifesto trouxe a união de duas grandes vertentes existentes: De um lado o conservadorismo católico que persistia desde o século XIX nas instituições de ensino. Por outro lado, existia um idealismo integrador, onde se misturava com as questões políticas e sociais da época, onde existia uma exacerbação generalizada, e um radicalismo sem precedentes.

Existiam ainda, outros movimentos de renovação existentes que assim como os mais tradicionais, lutaram por uma renovação no sistema escolar, onde pregavam a escola de tempo integral, onde a mesma fez parte de toda a luta de Anísio Teixeira, onde o mesmo sempre viu com bons olhos, e fez parte de sua visão para a educação. Observamos assim que a educação integral sempre fez parte das propostas dentro do movimento escola nova.

Cavaliere (2010), relata que:

> [...] é preciso notar que, embora a ideia de uma educação escolar abrangente esteja presente em toda a obra de Anísio Teixeira, o autor não faz uso da expressão "educação integral", talvez por não considerá-la suficientemente precisa e, provavelmente, para evitar qualquer identificação com os Integralistas, que, como vimos, usaram abundantemente, durante os anos 1930, as expressões "homem integral", "Estado integral" e "educação integral" (PAIDEIA, 2010, p. 251).

Foi nesse meio que o escolanovismo chegou como proposta, mas em pouco tempo se tornou realidade. Quando os princípios do movimento foram aplicados, já chegou impactando com sérias críticas às escolas tradicionalistas que vinham com métodos que se baseavam no em trabalhos braçais. Já o movimento escola nova trouxe o pensamento para

a compreensão escolar, fazendo com que os alunos utilizassem o raciocínio com provas de raciocínio, onde obtinham os resultados das salas de aula e atendesse os requisitos para a obtenção de competências pessoais de cada aluno matriculado.

Segundo Santos (2006), Anísio fez citações acerca dos deslocamentos das nações onde já se tinha um governo popular, dentre eles a Inglaterra e a França, onde as instituições de ensino se agregaram com o propósito de facilitar todos os estudantes de camadas pobres. Porém, os alunos que optaram por estudar em instituições particulares seriam auxiliados por um valor mensal, em que simplificava o deslocamento das instituições de ensino, onde essas etapas se transformaram automaticamente e com isso houve um acréscimo nas suas sedes principais, onde abriram-se as inspirações das suas convicções e se proporam a embarcar na jornada de referência, para suprimir os anseios de trabalhadores produtivos e que dessem lucros às suas respectivas empresas. As instituições de ensino viriam providas de uma estruturalização para resolver as situações dos empregados e potências mundiais incentivaram, com isso, trouxe a expansão das instituições de ensino.

3 JOHN DEWEY E A ESCOLA NOVA

Segundo Sobrinho (2015), o escolanovismo trouxe inovações e influências do método educacional de John Dewey, onde o mesmo encaminhou novas definições para uma educação baseada na harmonia e o respeito às especificidades dos seres, produzindo um sistema educacional que se baseava nas aptidões para resolver seus confrontos diários, vindo à tona as suas particularidades e ações como obrigatoriedade para a compreensão de uma formação de indivíduos da sociedade, estando ligadas a realidade social e trazendo assim o objetivo da escola, onde este, nada mais é que a formação do indivíduo para a sociedade e suas dimensões.

Se fez necessário a concepção de que as instituições de ensino, cumprissem à risca sua função para qual foi designada, transformando-as em realidade e auxiliando os alunos, preparando-os para a vida, e não fugindo de sua realidade. O modelo educacional defendido por Dewey, trouxe à tona a preocupação com o bem estar social, enquanto que a sociedade passava por mudanças, sua geração futura vinha sendo preparada para os trâmites que enfrentaria, assim que chegasse ao fim o seu ciclo escolar. Dewey pregava que o centro da aprendizagem docente, se passa integralmente pelos alunos.

Souza (2009) traz um esclarecimento:

> [...] o pragmatismo da filosofia norte-americana influenciou muito a educação brasileira, em especial no início do século XX. No Brasil, o maior representante do pensamento deweyano é Anísio Teixeira. Ele, quando foi aos Estados Unidos, tomou contato com as ideias de John Dewey e foi o responsável por introduzir no Brasil essa nova proposta de filosofia da educação e de prática pedagógica. Junto

> ao nome de Anísio Teixeira estão outros educadores como: Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Francisco Campos (SOUZA, 2009, p. 164).

Após retornar de seus estudos nos Estados Unidos, Anísio Teixeira conduziu a vontade de aplicar as ideias de educação que ocorreram nos EUA naquele momento, encaminhou a sua prática educacional baseada nas ideias de Dewey, incorporando as suas temáticas, sendo que muitas delas o seguiram até os seus últimos momentos de vida.

Segundo Ghiraldelli Júnior (2001), Anísio Teixeira explanou um novo modelo filosófico na educação, tentando edificar alguns conceitos que posteriormente, iriam se juntar ao seu exemplo de educação, que fora pregado dentro do movimento escola nova. Primeiros destes: as instituições de ensino deveriam gerar pessoas aptas para a sociedade e hábeis para estabelecer a audácia junto aos veículos de informação e sempre buscar o avanço tecnológico. Segundo: os sistemas educacionais deveriam ensinar de maneira democrática e social, visando sempre a equidade para cada indivíduo dentro da esfera social.

Cunha (2001), relata que:

> [...] não se tratava de defender a simples adaptação dos programas de ensino – e, consequentemente, dos educandos – à moderna sociedade americana, o que poderia transformar a educação numa engenharia destinada à massificação dos indivíduos. Anísio Teixeira tinha em mente o conceito deweyano de democracia, que implicava, segundo ele, movimento constante. O ambiente social em que se davam as novas concepções pedagógicas era a vida democrática “em permanente progresso”, pois a sociedade democrática era uma “sociedade em indefinido estado de reconstrução” (CUNHA, 2001, p. 90).

Segundo Teixeira (1971), o grande sucesso das propostas educacionais de Dewey foi encontrar uma maneira de mesclar as formalidades com discrição, transformando-as em cotidiano, de forma que influenciava uma educação mais aplicável dentro do ambiente escolar, que agrega uma prática mais direta na forma com que o aluno recebe o conhecimento, ao mesmo tempo em que já vê com praticidades suas aplicações na vida corriqueira.

4 ESCOLA PARQUE

Para Delphino (2013),

> [...] no final da década de 1920, o educador Anísio Teixeira (1900-1971), conheceu um interessante sistema pedagógico americano denominado *"Platoon"* implantado em 1890, n*a Brady School,* situada na cidade de Detroit - USA. Este sistema se caracterizava pela formação de grupos (pelotões) de alunos para frequentar diversos tipos de disciplinas em horários alternados, ministradas em diferenciados espaços arquitetônicos, uma escola de período integral (DELPHINO, 2013, p. 16).

Após Anísio ficar encantado com as perspectivas e os índices desta escola, ao retornar ao Brasil, tentou adotar a sistemática que tanto o fascinou, ao mesmo tempo que se

viu um entusiasta com as possibilidades que poderia ter ao se implantar essa escola aqui no Brasil.

Freitas (2021) afirma que, a aplicação do trabalho do Anísio Teixeira foi posta em prática com a criação do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, que também ficou conhecido como Escola-Parque em Salvador, onde é notório a presença do grande educador que lutou até o último momento de sua vida por uma educação de qualidade. Ao pôr em prática suas ideias, ele uniu todo um estudo de anos e anos de dedicação e finalmente o introduziu, trazendo consigo toda uma estruturação e embasamento teórico para que se alcançasse o desejado avanço educacional que fez parte de todo o Movimento Escola Nova.

Anísio definitivamente trouxe à tona todos os seus ideais para a educação, e se afirmando indiscutivelmente como grande nome da educação Brasileira. No estado de seu nascimento, ele trouxe aquilo que sempre defendeu, agregando assim a ideia que precisava mudar os rumos da educação naquela época .

Segundo Carbello (2014) a proposta da Escola Parque ocorreu por meio de um estímulo do Governador da Bahia na época, Otávio Mangabeira que estava tentando resolver atribulações que estavam ocorrendo com questões sociais da época. O objetivo proposto para a criação Escola Parque foi a obtenção de uma educação com excelência em tempo integral, com o intuito de aumento na qualidade de ensino durante todos os dias da semana. Oferta essa, que ao retornar para os seus lares os alunos saíam com os conhecimentos e dons adquiridos que seriam aprimorados dia após dia no período do ano letivo. Tentou-se também criar a possibilidade de um internato para crianças desabrigadas, porém sem obtenção de êxito.

Segundo Nunes (2009), as atividades realizadas no Centro Educacional Carneiro Ribeiro se organizavam por idade e pela escolha pessoal de cada aluno. Elas se baseiam em setores da sociedade da época, tendo em vista as dimensões e propriedades contidas na mesma. Nas aulas de artes, os alunos aplicavam uso de desenhos, modelagem e cerâmica. No setor trabalhista, os alunos utilizavam a recreação, uso de ginástica e jogos. E no setor de Educação Física, utilizavam grêmios, jornais e rádio escolar. E no setor da socialização faziam uso de música instrumental, canto, dança e teatro no setor artístico, como também utilizavam o setor de extensão cultural com leituras e pesquisas.

Para obter o êxito e conseguir efetuar esse projeto, se passaram 12 anos de estudos, aprimorações e implantações para que viesse finalmente a acontecer. Na sua estrutura, quando começou as atividades, somente os locais onde ocorriam as atividades sociais e o anfiteatro que ficaram ainda para serem entregues, que ocorreu, provavelmente em 1962. Antes disso as atividades que seriam realizadas neste local, foram realizadas no pátio, até que em 1964 foram finalizadas as construções.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os maiores estudiosos na educação, é notório o legado que Anísio Teixeira deixou, sendo que, os principais ideais do seu trabalho estão presentes até os dias atuais e vêm sendo estudados até hoje. Desta forma, esse trabalho teve como proposta, citar algumas das diversas contribuições que Anísio trouxe, como uma forma de homenageá-lo, para que seja cada vez mais estudado, e jamais esquecido. Lembrado sempre pela luta de uma escola pública e democrática, onde o mesmo ajudou a espalhar as ideias do movimento escola nova, para que todos tivessem acesso a uma educação de qualidade e gratuita e que contribuísse para o desenvolvimento do país.

Anísio Teixeira lutou bravamente, o que resultou em benefícios para a educação brasileira, com fins de elevar os padrões educacionais nos seus dias, para alcançar resultados significativos a níveis mundiais, o que atualmente continua sendo travada essa batalha, porém infelizmente acaba gerando apenas promessas por partes de pessoas que dirigem o país, e sem avanço algum. Dessa forma, podemos evidenciar a construção educacional que Anísio fez, o avanço ia sendo feito de forma precisa e nos lugares certos, ocasionando contribuições excepcionais para a educação brasileira, progredindo assim de maneira esplendorosa. Dessa forma, a educação brasileira foi beneficiada e seu legado jamais será esquecido.

As contribuições que o Anísio fez são imensuráveis, desde o movimento escola nova ele vinha estabelecendo um modelo de escola onde continham sempre a os pilares de seu trabalho que foram: uma escola gratuita, democrática e laica, desenvolvendo cada qual o seu principal papel que fora a inserção dos jovens na sociedade, da qual eles seriam pertencentes, e ainda que fosse feita uma transição de forma tranquila, respeitando as regras de boa conduta e obedecendo uma convicção moral estabelecida pela sociedade, ao mesmo tempo que ele preparava os jovens com noções de sociedade dentro do ambiente escolar. Em seguida na Escola Parque, ele ocupou a grade curricular com experiências que enalteceram e agregaram atividades que os alunos preencheram cada qual segundo aquela que fosse de seu interesse.

Com isso, se finaliza este trabalho destacando o ideal de Anísio Teixeira como forma de gratidão pelos seus feitos, buscando sempre melhorar mais a prática docente, com a finalidade de sempre persistir pela luta educacional com qualidade a fim de engrandecer o nosso país e elevar os índices educacionais que fez com que a vida de Anísio Teixeira ficasse marcada pela busca da melhoria da educação.

5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Stela Borges. **A Escola Parque da Liberdade, Bahia**. In: MONARCHA, Carlos (org.). Anísio Teixeira: a obra de uma vida. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

AMARAL, Nelson Cardoso. Um novo Fundef? As ideias de Anísio Teixeira. **Educação & Sociedade**, v. 22, n. 75, p. 277-290, 2001.

AZEVEDO, Fernando. **Manifestos dos Pioneiros da Educação Nova** (1932) e dos educadores (1959). Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores MEC.) Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4707.pdf; Acesso em: 18/03/ 2021.

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o Ensino da Arte no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2002.

BEVILAQUA, Aluisio Pampolha. John Dewey e A Escola Nova no Brasil. **Revista Ciência & Luta de Classes do Centro de Educação Popular, 2014, Vol 1, nº1.**

CARBELLO, Sandra Regina Cassol. **A proposta da escola parque: notas para pensarmos políticas públicas para a educação no Brasil.** X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014; Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1343-0; Acesso em: 24/03/2022.

CAVALIERE, Ana Maria. Anísio Teixeira e a educação integral. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 20, p. 249-259, 2010.

CHAVES, Mirian Waidenfeld. A Afinidade entre Anísio Teixeira e John Dewey. In: **Revista Brasileira de Educação.** n. 11, p. 86-98, mai/jun/jul/ago, 1999. Disponível em: http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE11/RBDE11_09_MIRIAM_WAIDENFELD_CHAVES; Acessado em: 29/05/2022.

CUNHA, Marcus Vinicius da. John Dewey e o pensamento educacional brasileiro: a centralidade da noção de movimento, 2001. **Revista Brasileira de Educação**, Maio/Jun/Jul/Ago 2001 Nº 17; Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Qs9zJvMJD6JPfHXzrBNCBgn/?format=pdf&lang=pt; Acesso em: 03/04/2022.

DELPHINO, Deborah. **Conceituação e Desenvolvimento da Escola Parque em Brasília, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo.** De 1931 a 2013.Disponível em: http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/337/1/Deborah%20Delphino.pdf; Acessado em: 25/03/2022.

FIGUEIRA,Patrícia Fernandes. **Lourenço Filho e a Escola Nova no Brasil:** estudo sobre os Guias do Mestre da série graduada de leitura. Araraquara(São Paulo), 2010; Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_escolar/2082.pdf; Acesso em 16/03/2022.

Freitas, L. (2021). **Pelo olhar de Anísio Teixeira, um ensaio sobre educação e nacional-desenvolvimentismo**. *Princípios*, *40*(162), 139 - 156. Disponível em: https://doi.org/10.4322/principios.2675-6609.2021.162.007; Acesso em: 18/03/2022.

FREY, Kurlan. **As Contribuições de John Dewey e Anísio Teixeira para uma Escola pública de qualidade para os Brasileiros.** Disponível em: https://eventos.uceff.edu.br/eventosfai_dados/artigos/semic2017/690.pdf; Acesso em: 22/03/2022.

GHIRALDELLIjR, Paulo. **História da educação**. 2. ed. rev. Coleção Magistério do Segundo Grau, Série Formação do Professor. São Paulo: Cortez, 2001. Disponível em: http://www.mprj.mp.br/documents/20184/1330165/Historia_da_Educacao.pdf. Acesso em 18/03/2022.

GHIRALDELLIjR, Paulo. **Introdução à educação escolar brasileira: história, política e filosofia da educação.** São Paulo: Universo dos Livros, 2001.

NUNES, Clarice. Anísio Teixeira entre nós: a defesa da educação como direito de todos. **Revista Scielo**, 2000, 73. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/tkVFzhPRWLjXZQ89XcqdCBD/?format=pdf&lang=pt; Acesso em: 15/03/2022.

NUNES, Clarice. Anísio Teixeira: a poesia da ação. **Revista Scielo**, 2001, nº16. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/GCJpGQXVFFdPwFMdPWcYNLx/?format=pdf & lang=pt; visitado: 09/03/2022.

NUNES, Clarice. **Centro Educacional Carneiro Ribeiro:** concepção e realização de uma Experiência de educação integral no Brasil. Brasília, v. 22, n. 80, p. 121-134, abr. 2009. Disponível em: http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2423/2162; Acesso em 24/03/2022.

Richardson, Roberto Jarry. **Pesquisa social:** métodos e técnicas /colaboração Dietmar Klaus Pfeiffer. – 4. ed. rev., atual. e ampl. – São Paulo : Atlas, 2017.

SOBRINHO, Denise Castro;NASCIMENTO, Edna Maria Magalhães do. A Influência da filosofia pragmatista de John Dewey no movimento pioneiro da educação nova.**Revista Fundamentos**, V.2, n.1, 2015. Revista do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Piauí. ISSN 2317-2754. Disponível: https://comunicata.ufpi.br/index.php/fundamentos/article/view/3718/2140; Acesso em: 29/03/2022.

SANTOS, Irene; PRESTES, Reulcinéia Isabel; VALE, Antônio Marques do Brasil. 1930 - 1961: Escola Nova, LDB e disputa entre escola pública e privada. **Revista HISTEDBR**

Online, n°22. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4901/art10_22.pdf; Acesso em: 15/03/2022.

SOUZA, Rodrigo Augusto; MARTINELI, Telma Adriana Pacífico. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.35, p. 160-162, set.2009. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639620/7188; Acesso em: 31/03/2022.

TEIXEIRA, Anísio. Bases para uma programação da educação primária no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 80, n. 196, 1999.

TEIXEIRA, Anísio. A pedagogia de Dewey. *In*: DEWEY, J. **Vida e educação**. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971. p. 13-41.

A RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO NA CONTEMPORANEIDADE: Um estudo histórico-comparativo e uma análise acerca do processo de ensino-aprendizagem

Bruna Mayara Nascimento Souza[1]
Alana Danielly Vasconcelos[2]

RESUMO: A sociedade é, notavelmente, dinâmica, ou seja, ela não permanece estática; varia de acordo com as mudanças ocorridas naturalmente pela história. Em se tratando da relação professor x aluno, podemos afirmar que varia de acordo com o momento histórico no qual está introduzida. O elo que há entre docente e discente é muito mais que a troca de conhecimentos em contexto escolar; reflete a necessidade de entendimento acerca do aluno, da família e de como (re)elaborar estratégias para que se tenha uma compreensão do aluno sobre as disciplinas e as tarefas empregadas para disseminar o conhecimento escolar. Diferentemente do que se propunha nos tempos mais antigos, o aluno não é uma tábula rasa, e isso deve ser observado na ligação entre o mestre e o colegial. Apresentar como são dispostas as relações entre o docente e o estudante e como isso influencia nas relações sociais é o nosso objetivo geral. Há 03 (três) objetivos específicos: explicar o que é essa relação professor x aluno, levando em conta que essa relação, proporcionalmente ao avanço da sociedade, evolui; fundamentar historicamente as relações; e propor inovações didático-metodológicas, a fim de aperfeiçoar/melhorar o vínculo. Justificamos a escolha desse tema pelo gosto e pelo fato de ser atemporal, tendo em vista que as sociedades são dinâmicas; todavia, o foco maior é a sociedade brasileira, levando em consideração que esse é o corpo social no qual vivemos. Compreendemos que é necessário apresentar intervenções pedagógias (a)temporais, a fim de persuadir o aluno e inovar com conhecimento.
Palavras-Chave: Ensino; História; Relação professor x aluno; Sociedade.

Abstract: *Society is remarkably dynamic, that is, it does not remain static; varies according to the changes naturally occurring through history. When it comes to the teacher x student relationship, we can say that it varies according to the historical moment in which it is introduced. The link between teacher and student is much more than the exchange of knowledge in the school context; it reflects the need for understanding about the student, the family and how to (re)elaborate strategies so that the student can understand the subjects and tasks used to disseminate school knowledge. Unlike what was proposed in older times, the student is not a blank slate, and this must be observed in the connection between the master and the collegiate. Presenting how the relationships between the teacher and the student are arranged and how this influences social relationships is our general objective. There are 03 (three) specific objectives: to explain what this teacher x student relationship is, taking into account that this relationship, in proportion to the advancement of society, evolves; historically grounding relationships; and to propose didactic-methodological innovations in order to improve/improve the bond. We justify the choice of this theme by taste and by the fact that it is timeless, considering that societies are dynamic; however, the main focus is Brazilian society, taking into account that this is the social body in which we live. We understand that it is necessary to present (a)temporal pedagogical interventions in order to persuade the student and innovate with knowledge.*
Keywords: *Teaching. History. Teacher x student relationship. Society.*

[1] Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade São Luís de França.
[2] Profa. Dra. orientadora e regente da disciplina trabalho de conclusão de curso.

1 INTRODUÇÃO

Em se tratando da relação professor x aluno, é imprescindível falar de educação sem colocar em contextos específicos, referindo-me ao tempo, ou seja, não há como avaliar a educação apenas de maneira específica e pronto, é preciso avaliar as conjunturas de maneiras geral e particular. Ilustrando isso, pode-se dizer que há uma necessidade significativa de o professor reinventar-se, observando-se o contexto pandêmico no qual nos encontramos.

A primeira escola do mundo sobre a qual se tem registro, de acordo com a Recreio UOL (2021), é a Chengdu Shishi, fundada em 143 a.C, na qual um histórico de guerras e incêndios marcam a tarjetória dessa escola que, ainda existe e é considerada uma das 100 melhores escolas de ensino médio da China. Colocá-la em evidência é tão importante quanto citar as escolas contemporâneas, pois as relações que há entre o docente e o discente variam de acordo com os contextos culturais e sociais, tornando a sociedade enérgica, voltada para o progresso (teoricamente, pelo menos).

No Brasil, conforme Alves (2018), a primeira escola a surgir foi a Escola de Salvador da Bahia, também conhecida como “Escola dos Jesuítas”, fundada em 1549, e tinha esse nome por causa dos seus líderes e instituidores. Já a primeira escola particular tem seu início datado em 1804, que é o Colégio Gentil Bittencourt que, foi constituído pelo bispo católico Dom Manuel de Almeida de Carvalho, sendo essa considerada a mais antiga do país em funcionamento ininterrupto.

Alves (2018) propõe aquilo que é pedagogicamente imaginável: o ensino que é proposto atualmente, seja na seara pública ou privada, tem discrepâncias notáveis como, por exemplo, o propagado na época do Governo/Ditadura/Regime Militar (1964-1985), assim como, esse difere da instrução dissseminada na República Oligárquica (1889-1930).

Apresentar como são dispostas as relações entre o docente e o estudante e como isso influencia nas relações sociais é o nosso objetivo geral. Há 03 (três) objetivos específicos: explicar o que é essa relação professor x aluno, levando em conta que essa relação, proporcionalmente ao avanço da sociedade, evolui; fundamentar historicamente as relações; e propor inovações didático-metodológicas, a fim de aperfeiçoar/melhorar o vínculo.

Justificamos a escolha desse tema pelo gosto e pelo fato de ser atemporal, tendo em vista que as sociedades são dinâmicas; todavia, o foco maior é a sociedade brasileira, levando em consideração que esse é o corpo social no qual vivemos.

Falaremos do Período Colonial, que marca o início da educação no Brasil, mesmo que se considerando de maneira impositiva, com a chegada dos Jesuítas ao Brasil, os quais tinham a missão de, com ordem direta e expressa dos colonizadores portugueses, ensinar, doutrinando os indígenas em concordância com o que era proposto pela Igreja Católica.

Versaremos, também, sobre a primeira instituição de ensino brasileira, que fora citado; os impactos da Família Real Portuguesa no Brasil, já que a mudança dela, ocorrida em 1808, trouxe mudanças significativas; o Período Republicano; a Era Vargas; o Período Militar; e o atual contexto educacional na contemporaneidade.

A metodologia empregada nessa pesquisa foi uma pesquisa qualitativa segundo Richardson (2017), utilizando-se da revisão bibliográfica, por meio do estudo acerca de renomados autores da seara pedagógica, a exemplo do patrono da educação brasileira, que é o Professor Paulo Freire, indispensável, em nossa visão, quando se trata de qualquer trabalho acadêmico da área da Educação; da Professora Maria Montessori, que deu ênfase à inevitabilidade da liberdade, no que se refere às crianças, tendo em vista a necessidade de estimulá-las; e do Professor John Dewey, fervoroso defensor da democracia e da indedpendência conceitual como objetos facilitadores da maturação infantil.

A motivação, por fim, é a necessidade de melhor compreender esse elo, atentando para a condição de eternos aprendizes dos professores. Como profissional da esfera pedagógica, penso que essa discussão seja bastante congruente, essencialmente porque as relações que há entre os professores e os alunos jamais vão deixar de existir, e são consequências do processo de ensino-aprendizagem. É fundamental e indispensável citar que, diante da evolução histórica, surgem as tendências pedagógicas, que trazem a aprendizagem de uma forma geral, propondo o papel da escola, métodos, à relação professor x aluno, os conteúdos que se têm aplicados e as manifestações no ambiente escolar.

Desta forma, acredita-se que ensinar ultrapassa os limites de meramente ‘transmitir’ conhecimento. Ensinar é uma arte; é ter empatia, compreendendo de que, de fato, necessitam os alunos, depreendendo que nem todos fazem parte do mesmo contexto sociocultural. É, também, conhecer diversos aparatos tecnológicos, independentemente do momento no qual foram criados.

2 A RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO AO LONGO DA HISTÓRIA NO BRASIL

Antes de quaisquer apresentações, deve-se entender o que é, de fato, a relação professor x aluno. Muito mais que um mero encontro do dia a dia, esse vínculo é uma união que não se prende à sala de aula, apesar de ser nesse local que se concentra de maneira mais forte esse elo. Esse liame ocorre até mesmo quando não estão juntos o docente e o discente, pois a consequência que se tem de um educador disposto a ensinar e compreender a(s) realidade(s) do(s) aluno(s) é um educando preparado para aceitar a sua realidade, mas sem deixar de efetuar as devidas indagações em momentos oportunos.

Quando se fala em educação ou proposições correlatas, conforme assinala Soares *et al* (2005, p.22) entende-se que “[...] a educação não existe, propriamente falando, nas eras

pré-históricas ou entre os povos mais primitivos que podemos conhecer. Ela é um luxo, uma conquista tardia da humanidade na sua longa história". Nota-se que essa já é uma problemática inicial, tendo em vista que é preciso a Constituição Federal, maior dispositivo legislativo, estabelecer a obrigatoriedade à educação.

No *caput* do art. 6º da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, é previsto que,

> [...] são direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (BRASIL, 2016).

Ainda versando sobre o que se dispõe constitucionalmente, o art. 205 da Constituição Cidadã afirma que, "[...] a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, [...]" (BRASIL, 2016). Isso ratifica a importância significativa que a educação tem na sociedade, sendo essa indispensável para a que o corpo social de uma nação evolua e seja capaz de fazer análises coerentes e reflexivas.

Ao propor um estudo histórico-comparativo e uma análise acerca do processo de ensino-aprendizagem, no que se refere à relação professor aluno, buscamos evidenciar algo aparentemente lógico, mas que se faz necessário destacar: a educação (ou o conceito semelhante a esse alvidrado) proposta na Antiguidade não é a mesma da oferecida no Brasil Império, diferindo-se ainda da proposta na Era Vargas (1930-1945), na Ditadura/Período/Governo Militar (1964-1985) e assim sucessivamente.

Expomos isso pelo fato de que as relações sociais evoluem naturalmente, tendo, já que a sociedade, a educação e as atividades decorrentes dessa interação são dinâmicas, uma ascensão, no que se refere ao método pelo qual as atividades, de maneira geral, são executadas de acordo com o período no qual se encontram. Exemplificando de maneira didática, no período da Revolução Industrial (1760-1840) tivemos a inserção das máquinas de tear, introduzidas por Joseph Marie Jacquard (1752-1834). Na atualidade, temos indústrias que fazem em horas, o que essas máquinas levavam meses para fazer.

Em se tratando de um período aproximado de 4000 a.C, "[...] na civilização Egípcia podemos visualizar uma característica que vai se manter constante ao longo da história: há sempre uma relação direta entre o tipo de educação e a posição ocupada pelo indivíduo na pirâmide social" (SOARES, 2005, p. 18), ou seja, visualizava-se o nível de poder pelo tipo de educação que possuía o sujeito. Isso é contrário ao que se observa em nossa realidade, na qual se tem pessoas que não ocupam um cargo relevante na sociedade e possuem uma educação excepcional (no que tange tanto à cortesia e gentileza, quanto ao grau de instrução)

divergindo de pessoas com Doutorado e que não possuem políticas de urbanidade. Avançando-se na história,

> [...] destacam-se os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles: o primeiro no estudo da ética o segundo preconiza o idealismo. Ou seja, inicialmente a meta era concretizar o que já afirmava o grande filósofo, astrônomo, músico e matemático grego pré-socrático Pitágoras: 'Educai os homens para que não seja necessário punir os adultos (LIBÂNEO, 2002, p. 28).

Impossível tratar de educação sem versar sobre a história. Nessa perspectiva, damos um enorme salto histórico, e vamos para meados do século XVI, época posterior ao descobrimento do Brasil pelos portugueses, ocorrida em 1500. Soares (2005) afirma que,

> [...] com a chegada dos Padres Jesuítas da Companhia de Jesus ao Brasil em 1549, junto com o governador-geral Tomé de Sousa, cuja missão era a de cumprir um mandato real de conversão dos índios e dá apoio religioso aos colonos em defesa do cristianismo no combate ao protestantismo utilizando a arma da conquista espiritual: a educação (SOARES, 2005, p. 9-10).

Já se nota, pelo parágrafo anterior, que a educação não é mais oferecida com o objetivo de construir um perfil adequado para manter amistosas as relações sociais; a educação é proposta com a intenção de catequisar os indígenas, ou seja, obrigá-los a seguir uma determinada religião para perseverar em princípios que não lhe são comuns, e mais uma vez, apresentamos a diferenciação de outro momento histórico para a realidade, e nota-se isso quando se vê um ensino mais voltado à reflexão e criticidade no qual, teoricamente, a sociedade está apta a não aceitar tudo sem questionar, mas fazendo as devidas indagações.

Entra um fator substancial, antes de prosseguirmos historicamente, a ser detalhado: como a relação professor x aluno se dava nessas épocas? Na época concernente aos egípcios somente os mais nobres, ou seja, os pertencentes às classes sociais mais altas tinham acesso à educação. Isto é, os membros da família real, os sacerdotes e os nobres (AGUIAR, 2022). Havia uma relação notável de respeito, tendo em vista a necessidade de os mais importantes se imporem. Já na época de Platão, era perceptível a vontade de aprender com os grandes mestres da época. Nota-se isso pela propagação de seus ensinamentos no local e no tempo.

Referente à época dos jesuítas e às suas tentativas de colonização, a relação professor x aluno era mais forçada, firme, desmedida, inclusive se observado que não era algo consensual e feito com o propósito de auxiliar e/ou instruir; visava à imposição de uma cultura e com o propósito de extrair nossas riquezas. Nota-se, mais uma vez, a discrepância com a realidade, ou seja, com o que se propõe na contemporaneidade.

Partindo-se para o século XIX, época na qual se teve a monarquia com D. Pedro I e D. Pedro II à frente da nação, em 1827 surge uma das maiores e melhores universidades do Brasil e do mundo: a USP (Universidade de São Paulo). Surgem em 1835 as Escolas Normais, que tinham por objetivo formar professores. Pelo fato de não haver

obrigatoriedade de ensino nessas, a taxa de analfabetismo era altíssima (SÓ EDUCAÇÃO, 2022).

Um pouco depois, em 1837, no Rio de Janeiro, é criado o Colégio Dom Pedro I, e nele é adotado o Método Lancaster. Esse parâmetro, oriundo dos EUA, era uma maneira de ensinar em grupo, algo que se assemelha à realidade atual brasileira.

Logo após à instauração da República Velha, em 1889, surgem movimentos político-partidários com vieses comunistas, marxistas e anarquistas nas instituições de ensino, como o PCdoB (Partido Comunista do Brasil), decorrente da Revolução Russa, ocorrida em 1917.

Mesmo se tendo um autoritarismo notável de Getúlio Vargas, no período governado por ele, conhecido como Era Vargas (1930-1945), houve um grande avanço industrial no Brasil. Nessa perspectiva, o ensino privado voltado para a indústria cresceu bastante, pois o pensamento era que aqueles que se preparavam para o mercado de trabalho em organizações escolares específicas é o possuidor de mais chances de adentrar no mercado de trabalho e ser contratado. Isso se ratificou no governo de Juscelino Kubistschek, quando várias empresas estrangeiras entraram no país e ascenderam.

Já na Ditadura Militar (1964-1985), a educação brasileira foi profundamente afetada, pois estudantes e educadores foram perseguidos, presos e alguns chagaram a ser mortos. Além disso, houve a obrigatoriedade da inserção de disciplinas obrigatória no componente curricular dos discentes: Organização Social Política Brasileira, Educação Moral e Cívica e Estudo dos Problemas Brasileiros. Houve, também, a criação da UNE (União Nacional dos Estudantes), pouco investimento na educação e Doutrina de Segurança Nacional nas escolas nesse período (MEMÓRIAS DA DITADURA, 2022).

Entende-se que, mesmo com o passar do tempo e a aparente evolução social, a educação brasileira (especialmente) sofreu censura, desmandos e necessitou, a cada época passada, ser reformulada e adaptada à sociedade na qual se inseria. Todavia, sempre pôde se aproveitar algo de proposições anteriores.

3 TÉORICOS DA PEDAGOGIA E A RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO EM UMA ÓPTICA DOCENTE LIBERTADORA

O maior nome da educação brasileira é o seu patrono, o Professor Paulo Freire. Atuante nas décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980, resistindo aos problemas advindos das proposições do Governo/Período/Ditadura Militar, o Professor foi um crítico fervoroso à educação da época, o que pode ser visto em suas obras, tais como ‘Pedagogia do Oprimido’ (1968), ‘Pedagogia da Esperança’ (1992) e Pedagogia da Autonomia (1996).

É verossímil afirmar, para dar uma credibilidade ainda maior a essa pesquisa, que o Professor Paulo Freire, além de ser bastante citado em diversas faculdades no Brasil e no mundo, tendo suas obras traduzidas para mais de 20 idiomas, possui um legado com diversos prêmios internacionais e uma indicação ao Prêmio Nobel da Paz.

Paulo Freire desenvolveu um método de alfabetização, usado de maneira inicial junto a adultos. O objetivo era, a partir da escolha de palavras-chave do vocabulário do aluno, ensiná-lo a ler e a escrever. Isso iria motivá-lo exponencialmente, tendo em vista que a sua cultura teria influência direta em seu aprendizado. Não foram utilizadas, nesse momento incipiente, travas-língua ou ideias correlatas, de modo a não confundir o aluno. O método utilizado pelo Patrono da Educação Brasileira no sertão do Rio Grande do Norte, com 75% dos adultos sendo analfabetos. Em um momento futuro, as crianças também aproveitariam o ensino (THOMAZ, 2021).

O Professor Paulo Freire não era adepto à ideia de que o aluno era uma tábula rasa, ou seja, um ser totalmente desprovido de conhecimento e que deveria ser ‘preenchido’ com o que for apresentado pelo doente responsável em sala de aula. Paulo Freire considerava que a sala de aula era um local importante, onde havia trocas de conhecimento, sem que o aluno ficasse somente ouvindo o professor, anotasse e esperasse o próximo educador. Para Thomaz (2021, p. 11), o Patrono propunha que o saber “nasceria da mediação entre o conhecimento formal e o repertório do aluno realizada pelo professor”.

O aprendizado, para o Professor Paulo Freire, era um jeito de conhecer o mundo, e, por conseguinte, transformá-lo, numa espécie de reescritura, já que o mundo, da mesma forma que a sociedade e a educação, de modo geral, estão em constante evolução.

Além de criticar a denominada ‘educação neutra’, ou seja, aquela que tentava se manter sem um posicionamento de modo a instigar o aluno a ser crítico e reflexivo, o Professor dividia a educação em três etapas ou momentos: no primeiro, há a tentativa do educador de trazer a realidade do aluno para a sala de aula, buscando compreender o seu universo; em um segundo momento, a fim de desenvolver a capacidade crítica e o raciocínio do aluno, há a exploração de questionamentos, temas e assuntos, visando à saída do aluno do senso comum; por fim, há a complexificação, na qual há a análise mais aprofundada do que fora proposto pelo educador. Nessa última etapa, o objetivo é o ensino (THOMAZ, 2021).

Algo interessante a ser proposto acerca do ensino do professor é o anticategoricismo (permitam-me o neologismo), isto é, ele informava da necessidade de se atualizar os materiais referentes à educação, por mais críticos e relevantes que fosse, inclusive o que era disseminado em suas obras, lidas, citadas e compartilhadas até hoje.

Partindo-se para outro importante nome da educação mundial, e que versava sobre a relação professor x aluno, falamos de John Dewey, um filósofo norte-americano que admitia a ideia de ser necessário propor a liberdade de pensamento e a democracia como meios para as crianças amadurecerem cognitiva e emocionalmente.

O objetivo principal desse filósofo era ensinar a criança como um todo, importando os crescimentos intelectual, emocional e físico, pedagogicamente falando. Referindo-se de maneira mais prática, na visão dele, ao se estabelecer tarefas associadas aos conteúdos oferecidos, o aluno aprende melhor, especialmente as atividades que são manuais, desenvolvendo a capacidade sensório-motora de forma mais nítida, e criativa, para estimular a habilidade de raciocínio do juvenil (FERRARI, 2008).

Para Dewey (1979), somente no dia a dia era possível atrelas melhor a teoria e a prática, pois somente assim as hipóteses teóricas fariam sentido, ou seja, vazias não há uma ideia lógica imaginável. Consoante à sua fervorosa defesa acerca da democracia, a qual ele propunha que não se restringia ao campo legitimamente institucional, mas era também concebida nas escolas, John afirmava, através de sua teoria, que o entendimento sobre um determinado assunto era construído através de consensos, consequências de discussões de uma determinada comunidade sobre um tema específico.

Esse norte-americano chamou (e chama, através de sua teoria e de suas proposições lógicas fundamentadas) bastante atenção por ser um dos primeiros a perceber a necessidade de observar a eficácia de pensar dos alunos, de uma maneira geral. Pensava, e com eminente razão, que as trocas realizadas no dia a dia, sejam elas de conhecimento, de experiências, de aprendizados, etc., que versavam sobre as práticas do dia a dia, eram importantes para estreitar ainda mais os laços entre teoria e prática, e por consequência lógica e natural, a relação professor x aluno.

A filosofia de John é, de uma maneira simples e objetiva, apoiada na ideia de liberdade para a criança, especialmente a de pensamento, na qual ele se sinta autônomo para estruturar as suas certezas (assim propondo, na perspectiva de que até mesmo suas indagações, questionamentos e ponderações, sob uma perspectiva docente não julgadora, são certezas). Todavia, isso não quer dizer que o que for(a) exposto pelo educador esteja/seja errado, isto é, não diminuindo a significatividade do componente curricular apresentado pelo docente (FERRARI, 2008).

O que, por síntese, desejamos afirmar, é que as teorias do filósofo norte-americano deram um enorme embasamento para as atuais teorias pedagógicas, incluindo-se as tendências pedagógicas (até se considerarmos que a Escola Nova, denominação teórica de John Dewey, é uma tendência pedagógica), a fim de trazer(em) uma maior autodeterminação/emancipação aos alunos.

Nessa óptica, podemos afirmar, também, que

> [...] a educação inclusiva é um paradigma recente, mas que pauta toda a educação brasileira. Assim, foi necessário uma mudança tanto da escola em si quanto do professor: a escola deixou de ser aquele espaço em que se professavam conteúdos e passou a ser um espaço que permite aos estudantes a construção ativa do conhecimento. Além disso, foi a escola que passou a ter que se adequar às necessidades de seu alunado, tendo em vista as singularidades e características dos estudantes, tanto físicas, quanto emocionais, culturais etc. Isso fez com que a postura do professor também precisasse ser outra, diferente daquela da escola tradicional. Desse professor, espera-se que saiba lidar com a diferença, trazendo para a sala de aula uma postura e uma cultura realmente inclusiva (ALIAS, 2016, p. 43 - 44).

Larrosa et al (2021, p. 48) afirma que "[...] não se trata somente de transmitir o saber acerca dos mundos, mas também de oferecer à nova geração a possibilidade de, ao mesmo tempo, colocar-se em relação com (e, portanto, ao alcance de) esses mundos e de se ligar a eles, de se preocupar com eles". Nota-se que, mais uma vez, mesmo que indiretamente, fala-se em uma liberdade de pensamento do aluno, ou seja, nãos e trata de transmitir conhecimento, mas sim de trocá-lo com o discente, através de experiências, do dia a dia. Com isso, afirmamos que a relação tende a ser mais firme.

A liberdade de pensamento que é proposta ao aluno é, metaforicamente, uma janela, na qual ele vai começar a observar outros mundos, e poderá alçar voos, com ajuda da escola e da família, observando-se que é necessário uma firme e constante integração entre esses.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que é fundamentalmente importante ressaltar que a relação professor x aluno não se prende à sala de aula, menos ainda à transmissão de conhecimentos, tendo em vista que na sala de aula é proposta a teoria, com trocas entre o discente e o docente; trocas essas que são dinâmicas e evoluem constantemente, dependendo do momento em que se encontre a sociedade e da sociedade na qual se encontrem os agentes da educação.

Ao se tratar de troca(s) de conhecimento, expressamente podemos dizer que essa(s) podem ser cognitivas, sentimentais, experimentais, etc.; podem ser de diversos gêneros. Isso porque as trocas de conhecimentos são necessárias para se compreender, de forma empática, a(s) realidade(s) na(s) qual(is) se encontram os alunos.

Larrosa et al (2021) propõe que "dar aula é uma interrupção e uma espécie de transtorno. O amor pelo estudo esquece, mas ao mesmo tempo permite, o amor pela sala de aula e por seus estudantes". Com isso, observa-se ainda mais que estudar não é uma tarefa simples, mas que a vontade de aprender com seus alunos (considerando que o professor é

um eterno aprendiz) e o desejo incessante de ensinar, faz com que a relação professor x aluno fica estreita e torna o aprendizado mais eficiente e eficaz.

Ensinar é uma arte que excede a estremadura do unicamente transmitir conhecimento. Transmitir conhecimento é uma ideia que se tinha proposto antigamente, já que o aluno era visto como uma tábula rasa, que nada sabe e deve ser preenchida com conhecimento. Contudo, isso mudou, e se percebeu, de maneira lógica, que o professor também aprende com os alunos, notou-se que a empatia é muito mais necessária que a ideia de que os alunos nada sabem.

Conhecer a tecnologia que norteia a sociedade, para aplicar em sala de aula (e fora dela, quando convir para o professor, para a instituição de ensino e para a família) é de fundamental e indispensável importância para o professor. Tem-se um exemplo notável com a chegada da pandemia, no início de 2020. Com as medidas restritivas impostas pelos Governadores e Prefeitos, os professores e alunos tiveram que se reinventar, e a família passou a ser imprescindível na continuidade do processo educativo.

Ensinar, conforme fora dito, que ensinar é uma arte, já que não é somente ministrar uma aula com todos os alunos calados e quietos e pronto; é encantar os alunos, e por consequência, mesmo que de forma indireta, a família, compreendendo que todos eles fazem parte de uma determinada conjuntura sociocultural, e é preciso adaptar-se a essa realidade.

Quando se fala na relação professor x aluno, é importante falar que “Situar o problema em termos de ambiente é precipitar-se em inextricáveis dificuldades, pois, assim, é-se obrigado a raciocinar em termos de influências do ambiente sobre a criança”. O que se quer dizer é que, um é “influenciado” e o outro, não”.

Observado nas práticas diárias da interação que há entre o docente e o discente, pode-se propor que não há somente uma mera transmissão. Saindo-se da esfera escolar, o professor, ao sair da instituição, observa que nem sempre que aquilo que ele conversou com o aluno será, de imediato, colocado em prática. A educação é um ato conjunto e constante.

Por fim, é importante fazer uma relação substancial: Isso acontece com todo e qualquer conceito, inclusive o conceito de relação com o conhecimento. Analisar a relação com o conhecimento pode significar ordenar dados empíricos ou identificar relações características, dependendo da etapa do processo. O que faz um pesquisador que estuda a relação entre conhecimento e conhecimento? Estudar relações com lugares, pessoas, objetos, ideias, situações, normas relacionais etc.. Analisar as relações com a escola, professores, pais, amigos, matemática, máquinas, desemprego, futuro e assim por diante. Essas relações podem ser referidas como ‘com a escola’, ‘com os professores’ e assim por diante.

Portanto, o ‘saber’ é bastante complexo, e esse tem relação direta com a relação professor x aluno, confirmando o que outrora propomos, que é a necessidade de se trocar conhecimento entre o professor e os alunos, tendo em vista que, em um primeiro momento, o professor detém o conhecimento empírico, referente ao que vai ser proposto em sala de aula, e o aluno possui, além daquilo que ele aprendeu anteriormente na escola, o que vive em sua comunidade.

5 REFERÊNCIAS

AGUIAR, L. M.. A sociedade egípcia na antiguidade. **Prepara ENEM**, 2022. Disponível em: https://www.preparaenem.com/historia/a-sociedade-egipcia-na-antiguidade.htm#:~:text=A%20popula%C3%A7%C3%A3o%20do%20antigo%20Egito,da%20classe%20baixa%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o. Acessado em 03.04.2022.

ALIAS, G. **Desenvolvimento da aprendizagem na educação especial**: a relação escola, família e aluno. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

ALVES, L. C.. **A História da Educação no Brasil**. Escola Educação, 2015. Disponível em: https://escolaeducacao.com.br/historia-da-educacao-no-brasil/. Acesso em: 03/06/2022.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Presidência da República, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 22 de abril de 2022.

DEWEY, J.. **Experiência e Educação**. 3. ed. Tradução de Anísio Teixeira. Passo Fundo: UPF, 1979.

FERRARI, M.. **John Dewey**: o pensador que pôs a prática em foco. São Paulo: Nova Escola, 2008. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/1711/john-dewey-o-pensador-que-pos-a-pratica-em-foco. Acessado em 03.04.2022.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen C.; CUBAS, Caroline J. **Elogio do professor**. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2021. Disponível em:

https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786586040852/. Acesso em: 06 abr. 2022.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**. A pedagogia crítica e social dos conteúdos. 18ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MEMÓRIAS DA DITADURA. **A educação e o fim da ditadura**, 2022. Disponível em: https://memoriasdaditadura.org.br/educacao-basica/#:~:text=A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20o%20fim%20da%20ditadura&text=T%C3%ADnhamos%20uma%20rede%20f%C3%ADsica%20expandida,havia%20incentivo%20%C3%A0%20forma%C3%A7%C3%A3o%20continuada.. Acessado em 20.03.2022.

RICHARDSON, R. J.. **Pesquisa Social**: Métodos e Técnicas. 4. ed. Rio de Janeiro: Travessa, 2017.

SOARES, J. D.; CARVALHO, M. R. M.; SOUSA, T. C. D.; SILVA, V. F.. **Afetividade na relação professor/aluno no processo ensino-aprendizagem na 4ª série do ensino fundamental**. Brasília, 2005.

THOMAZ, D.. O que Paulo Freire pregava afinal. São Paulo: **Guia do Estudante**, 2021. Disponível em: https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/o-que-paulo-freire-pregava-afinal/. Acessado em 03.04.2022.

UOL. **Conheça as 5 escolas mais antigas do Brasil**. 2021. Disponível em: https://recreio.uol.com.br/noticias/viva-a-historia/as-5-escolas-mais-antigas-do-mundo.phtml. Acesso em 22 de abril de 2022.

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO EDUCATIVO:
Uma Perspectiva De Relacionamento Entre Os Sujeitos Da Educação

Bruna Pereira Sena[1]
Alana Danielly Vasconcelos[2]

RESUMO: Família e escola possuem papeis importantes no desenvolvimento de uma pessoa, independente da idade em que esta se encontre. Para que, uma criança tenha sucesso no meio escolar/acadêmico, a família entra como fator significativo, para o alcance deste resultado. Diante disso, este artigo apresenta como objetivo geral compreender o papel da família no âmbito escolar. Por meio do estudo de autores como Sousa (2012), Nogueira (2006), Carvalho (2000), dentre outros, chega-se à consideração de que é uma necessidade urgente se ter a família no processo educativo, para a garantia de um trabalho mais assertivo desde a educação infantil. A metodologia utilizada nesta investigação foi uma de cunho qualitativo, conforme propõe Richardson (2017).
Palavras-Chave: Aprendizagem; Educação; Família; Relação família-escola.

Abstract: *Family and school play important roles in a person's development, regardless of their age. For a child to succeed in the school/academic environment, the family is a significant factor in achieving this result. Therefore, this article presents the general objective of understanding the role of the family in the school environment. Through the study of authors such as Sousa (2012), Nogueira (2006), Carvalho (2000), among others, one comes to the consideration that it is an urgent need to have the family in the educational process, to guarantee a job assertive since kindergarten. The methodology used in this investigation was of a qualitative nature, as proposed by Richardson (2017).*
Keywords: *Learning; Education; Family; Family-school relationship.*

1 INTRODUÇÃO

A família e a escola são parceiros fundamentais no desenvolvimento de ações que favorecem o sucesso escolar e social dos alunos, formando uma equipe. De acordo com Sousa (2012), é fundamental que ambas sigam os mesmos princípios e critérios, bem como a mesma direção em relação aos objetivos que desejam atingir.

Abordar sobre a necessidade da participação da família no contexto escolar, não é um assunto novo. Existem diversos trabalhos a exemplo dos trabalhos de Sousa (2012), Nogueira (2006), Carvalho (2000), dentre tantos outros que explicitam a necessidade de existir uma relação mais coesa entre família e escola para o pleno desenvolvimento dos estudantes, principalmente na educação básica.

De acordo com Araújo et al (2017), a família deve ser aliada à escola e aos professores, para que, juntos, possam oferecer um trabalho de envolvimento e cumplicidade no tocante aos assuntos relacionados ao ambiente escolar. Por isso que, discussões entre os membros familiares e os membros escolares são fundamentais, a fim de se alcançar os

[1] Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade São Luís de França.
[2] Profa. Dra. orientadora e regente da disciplina trabalho de conclusão de curso.

objetivos propostos e de se ter uma relação saudável, buscando o pleno desenvolvimento do aprendiz.

A família, por ser o centro que permeia a vida do aluno, tem por obrigação passar uma boa educação inicial, preparando o filho com caráter para adquirir um comportamento mais proveitoso, relacionando isso à aprendizagem escolar. O aluno precisa da educação familiar constante e consciente na escola. A relação entre a escola e a família será decisivo para um andamento benéfico no processo educativo de ensino-aprendizagem do aluno, porque durante o seu acompanhamento, em ambos os contextos, a criança vai se moldando.

A família e a escola devem ser parceiras, pois este movimento é fundamental para que aconteça uma educação em que a aprendizagem do estudante seja o foco. Os professores e os familiares devem se comunicarem constantemente, visando ao desenvolvimento de um processo educacional escolar pleno para a criança.

Quando toda comunidade escolar caminha junta, a aprendizagem das crianças alcança melhores resultados. O primeiro contato de aprendizado que a criança tem é no convívio familiar. Pai e mãe são considerados exemplos para a criança seguir, pelo fato de serem genitores e por passarem a maior parte do tempo (na teoria, pelo menos); são eles que lhes transmitem os ensinamentos iniciais na vida. Por causa disso, é importante ressaltar a responsabilidade da família no desenvolvimento das suas crianças e jovens.

Costa (2015) afirma que, se sabe que uma criança necessita do acompanhamento dos adultos enquanto adultos e enquanto educadores, e isso não é mera teoria; é algo perceptível nas relações que há entre a família e a escola. Sempre, especialmente no que se refere a maiores de idade, há algo a ser ensinado e aprendido. Estar aberto para ouvir a criança e/ou o adolescente é fundamental para que ele/ela saiba que quaisquer atividades que desempenhem tem o apoio de um adulto para aprimora-se.

Acreditamos que lecionar/ensinar é um esmero, pois para que se compreendam as reais necessidades dos alunos é preciso ter empatia e colocá-la em prática a todo o momento, pois dessa forma, envolverá, direta e/ou indiretamente, a família, pois será assimilado o meio em que o aluno vive através da sua participação (ou ausência) nas atividades, sendo em sala de aula ou não e das respostas propostas nas atividades tradicionais. Além disso, é substancial afirmar que o professor não é o transmissor do conhecimento, pois é um eterno aprendiz, e sempre aprende algo novo com os alunos.

É preciso versar, também, sobre o filósofo inglês John Locke (1632-1704), que trazia uma importante observação: o ser humano é uma tábula rasa, ou seja, não é um mero corpo inato, vazio, mas uma espécie de folha em branco que seria preenchida ao longo da vida, com conhecimento e as experiências que fossem ocorrendo.

Portanto, é imperioso afirmar que o professor aprende à medida que ensina, e vice-versa, sendo tão importante no processo educacional quanto a família, os membros da escola e a comunidade que norteia o aluno, cada um nas suas funções/atribuições específicas, e por isso, perceber que, seja na seara privada, seja na seara pública, nem todos os discentes fazem parte do mesmo contexto sociocultural.

Diante do apresentado, este artigo tem por objetivo geral compreender o papel da família no âmbito escolar. Como objetivos específicos, temos de depreender a importância da relação escola-família (e vice-versa); entender a relevância da união entre os sujeitos do processo educativo; e verificar o que é preciso para se evitar a violência no âmbito escolar, partindo-se de uma premissa educacional familiar.

Justifica-se a escolha desse tema por acreditar que esta relação é de essencial importância para o pleno desenvolvimento dos estudantes no âmbito escolar. A metodologia do trabalho pautou-se na abordagem qualitativa, por meio de revisão bibliográfica como aborda Richardson (2017).

A motivação da escrita e escolha do objeto de estudo aqui apresentado deu-se por conta do período de estágio, ocorrido no ano de 2021, com os alunos do 5° ano, que não sabiam nem ler e escrever, e não possuíam a participação ativa e efetiva da família neste processo, o que dificultava o desempenho destes, perante sua aprendizagem.

2 A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO ESCOLAR

Para iniciar esse tópico, é fundamental explicar etimologicamente o conceito de família, isto é, a origem da palavra. ‘Família’ vem do latim *famulus*, que significa ‘escravo doméstico’; logo, entende-se que a família é um grupamento de escravos que pertencem e dependem de uma autoridade superior, sendo essa natural ao chefe ou senhor. Nessa perspectiva a família greco-romana tinha o seu chefe de família, que era o patriarca e os *famulus*, ou seja, todo o resto, inclusive os parentes diretos, como filho(s) e esposa e os escravos propriamente ditos.

Amaral (2019, p. 2) afirma que “[...] a família e a escola são as duas principais instituições de formação do ser humano e como toda relação de poder, há entre elas expectativas recíprocas, especialmente no que se refere à competência e à divisão do trabalho em relação à educação da criança”. A interrelação que deve existir entre a escola e a família são cruciais para o amadurecimento infanto-juvenil.

Conforme Araújo et al (2017),

> O vínculo familiar perpassa por toda a vida de um indivíduo, portanto devemos ter na família a estrutura para a formação de um homem de caráter, ético e solidário para com os outros. O ponto crucial da criança ou adolescente é a segurança, pois, este é o alicerce para qualquer família. Sendo o contrário, e

> reinando a insegurança, terá grandes probabilidades de ter uma baixa autoestima. (ARAÚJO et al, 2017, p. 4)

A criança, ou seja, aquele indivíduo que, segundo Brasil (2016) "possui até 12 (doze) anos de idade incompletos", conforme preconiza a Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente, tem sentimentos afetivos mais aflorados que os de um adulto, especialmente por não ter a sua região cognitiva desenvolvida ainda. O púbere gosta de exibir as suas competências, suas habilidades; em um aspecto geral, gosta de ser notado, e mostrar o que sabe, mesmo que na concepção adulta aquilo esteja incorreto ou deva ser feito de uma melhor forma. O apoio da família para incentivar, demonstrando interesse, auxilia na formação da criança.

De acordo com Sousa (2012),

> A primeira vivência do ser humano acontece em família, independentemente de sua vontade ou da constituição desta. É a família que lhe dá nome e sobrenome, que determina sua estratificação social, que lhe concede o biótipo específico de sua raça, e que o faz sentir, ou não, membro aceito pela mesma. Portanto, a família é o primeiro espaço para a formação psíquica, moral, social e espiritual da criança. A criança, desde seu nascimento, ocupa um espaço dentro da família. É nela que se encontram os primeiros professores e ensinamentos, os quais refletirão e perdurarão por toda vida adulta, permitindo que seus membros se desenvolvam em todos os aspectos, de forma integral. Para adicionar esses ingredientes ao cotidiano escolar para formar cidadãos críticos, coerentes, o sistema deve fazer um exame de ótica para vislumbrar novas ferramentas, amadurecer conhecimentos e inseri-los no processo educacional para que as deficiências se ajustem com a realidade social da clientela. Somente dessa forma, a escola conseguirá cumprir os papeis políticos e sociais da educação por meio de instrumentos acessíveis, realizando assim, o maior sonho do sistema que é promover a inclusão. (SOUSA, 2012, p. 5)

A escola não vive sem a família e vice-versa. Isso é notável pelo sucesso nas relações quando se tem uma integração entre essas. Em concordância com o que Castro (2012, p. 40) propõe, afirmando que "[...] muitos pais dizem todos os dias: FILHO, EU AMO VOCÊ! Mas, as suas ações e os seus gestos não confirmam estas palavras e, portanto, são palavras que não transmite uma mensagem de amor", entende-se que a *práxis*, isto é, o conceito teórico atrelado à prática, não deve ser algo restrito à escola, mas deve ser proposto nas relações familiares.

De acordo com o pensamento de Araújo et al (2017), pode-se afirmar que

> É na família que a criança aprende a se socializar, por intermédio dos pais, irmão, avós, tios, primos, etc. A ligação entre o afetivo e o cognitivo vem do berço, assim como a delegação dos valores e normas. Na escola, essa socialização é fortalecida, mas, para que ela realmente seja firme e forte, faz-se necessário o apoio e compromisso da família, quando estes não compreendem a sua responsabilidade, e passam a aceitar comportamentos inadequados como normais e naturais, fica bem mais difícil para a escola. (ARAÚJO et al, 2017, p. 5)

A participação da família é fundamental para o desenvolvimento do aluno, seja intelectual, reflexivo, cognitivo ou escolar do aluno, e de responsabilidade dos pais a função de educar, a fim formar a personalidade do aluno, moldando o seu caráter, postura e atitude; a escola e a responsável pela educação formal, efetiva e social. De acordo com o que propõe

Colacino (2016), a escola pode vir a ser o lócus da participação e igualdade do apoio à família. Para o autor,

> [...] é da família que vem a capacidade dos seres humanos de funcionar efetivamente em outros contextos, especialmente na escola e na sociedade [..] No entanto as famílias não conhecem as formas que possuem de estar presentes nessa escolarização e participar de maneira democrática [...] (COLACINO, 2016, p. 99).

Desta maneira, é de extrema importância o apoio familiar e essencial para a evolução do aulista. Essa interação visando ao amadurecimento do estudante é feito em conjunto, entre escola e a família, e juntos conseguimos um processo de crescimento. O objetivo dessa ação é a família fazer a sua parte do processo escolar.

Estabelecer limites para os filhos, explicando a importância do controle e de determinadas atividades serem realizadas em dado momento, propondo uma explicação lógica, a exemplo de definir a hora de brincar, de fazer a lição de casa, de ajudar os pais a fazer alguma atividade doméstica em casa etc., são amostras que levam o aluno a ficar disciplinado. Trazendo para o contexto pedagógico e expondo especificamente a sala de aula, o discente não fica tão inquieto para fazer atividades em sala, e nem tão desatento a ponto de não fazer nada (ou o mínimo de atividades). Obediência às regras começa em casa, com um bom trabalho dos pais e familiares que têm convívio com as crianças/os adolescentes/os adultos.

Sabe-se que educar crianças e adolescentes não é uma tarefa fácil, sobretudo quando a educação é pautada em valores, ou seja, na cultura que os pais e/ou a família recebeu e no que acreditam. A sociedade é dinâmica, enérgica, e não se prende ao tempo. Todavia, a interferência familiar é mais que necessária, para que se inicie o processo educativo. Sousa (2012, p.8) afirma que “Adultos que quando crianças não tiveram limites, mostram-se indecisos, inseguros, incapazes de persistir e lidam muito mal com perdas e frustrações. Aprendem a manipular e mentir, como forma de obter aquilo que desejam. Apresentam dificuldade em assumir responsabilidades, em manter o que prometem.

3 A VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Infelizmente, por causa da violência de alguns alunos em sala de aula, os demais alunos evitam, por vezes, a ida à escola ou até mesmo possuem dificuldade para desempenhar as tarefas solicitadas pelos professores. Lamentavelmente, isso ocorre nas esferas municipal e estadual, seja em escolas públicas ou privadas, tendo maior recorrência naquela. A violência também traz consequências para o aluno que gosta de brigar, a exemplo de não se concentrar em estudar, não prestar atenção na aula, e por conseguinte, não fazer as atividades propostas.

Conforme observado na obra de Assis et al (2010), há diversos tipos de violências, dentre as quais podemos afirmar que:

> As diferentes formas de violência são também classificadas pela OMS segundo a 'natureza' dos atos cometidos.
> [...] 'Violência física': uso da força para produzir lesões, traumas, feridas, dores ou incapacidades;
> 'Violência psicológica': agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a pessoa, restringir sua liberdade, ou ainda isolá-la do convívio social;
> 'Violência sexual': ato ou jogo sexual que ocorre nas relações hétero ou homossexuais e visa a estimular a vítima ou a utilizá-la para obter excitação sexual e práticas eróticas, pornográficas e sexuais impostas por meio de aliciamento, violência física ou ameaças;
> 'Negligência ou abandono': ausência, recusa ou a deserção da atenção necessária a alguém que deveria receber cuidados.
> Esta forma de classificação da natureza da violência, assim como qualquer outra, é imperfeita, não traduzindo completamente a complexidade do tema[...]. (ASSIS et al, 2010, p. 43)

É notável que as violências que ocorrem no ambiente escolar não são praticadas somente por outros alunos, apesar de através desses ocorrer com uma maior frequência e mais nitidamente. Todavia, é preciso preocupar-se com todos os tipos de violência, a fim de preservar as integridades física, psicológica e intelectual do aluno, já que ele, além de ser o foco dessa pesquisa, é quem mais sofre com os problemas da brutalidade frequente.

Há também outros tipos de violência, como: 'Violência interpessoal', na qual se tem uma pessoa indo de encontro a outra em um nível de proximidade elevado, como na família ou na comunidade; 'Violência familiar (ou doméstica)', que são desmazelos e maldades ocorridas no seio propriamente íntimo, particular; 'Violência cultural', que abrange mais o meio no qual vive o aluno; e 'Violência autoinfligida', que são maldades pensadas ou propostas contra si mesmo.

Assis *et al* (2010) ainda propõe mais tipos de violência, desventuradamente nem sempre notáveis, sendo elas:

> 'Violência comunitária': a que ocorre no ambiente do bairro de moradia, incluindo as escolas;
> 'Violência urbana': a que ocorre no espaço sociogeográfico das cidades e que é associada à sua formação histórica e social;
> 'Violência rural': a que tem como contexto as desigualdades, as opressões e a dominação no campo;
> 'Violência criminal': agressão grave às pessoas, por atentado à sua vida e a seus bens e constitui objeto de prevenção e repressão por parte das forças de segurança pública – polícia, ministério público e poder judiciário;
> 'Violência coletiva': violência cometida por grupos maiores de indivíduos ou pelo Estado. Corresponde ao uso da violência por pessoas que se identificam como membros de um grupo, seja ele transitório ou com identidade mais permanente, contra outro grupo ou ajuntamento de indivíduos, visando a alcançar objetivos políticos, econômicos ou sociais (ASSIS et al 2010, p. 52 *apud* Krug et al., 2002).

Nesse contexto, é importante destacar algo que nem sempre é levado em conta, por ser tratado por diversos grupos como 'militância' ou alguma tentativa de justificativa não

fundamentada: há discrepâncias eminentes entre condições de estudo e condições de vida entre os alunos da rede pública de ensino e da privada, exemplificando de forma ilustrativamente clara a violência estrutural. Nessa perspectiva, podemos considerar, também, as diferenças internas entre uma e outra seara, a exemplo de lanches, equipamentos, exigência de uniforme e outros fatores que, socialmente, favorecem os alunos de instituições de ensino particulares.

Soares (2004) afirma algo imprescindível, acerca da conjuntura comunitária:

> Toda escola está inserida em um contexto social, sobre o qual não tem controle, mas que influencia fortemente as relações estabelecidas nos espaços escolares e, conseqüentemente, o processo de ensino/aprendizado. Esse contexto tanto cria restrições como oportunidades estruturais para a escola. Entre os fatores contextuais o seu local, isto é, a cidade ou o bairro merece especial destaque. Para a maioria das escolas, o seu local de instalação determina o tipo de aluno que será atendido, já que os sistemas públicos, freqüentemente, alocam o aluno à escola mais próxima de sua residência. Noutras palavras, para compreender uma escola deve-se começar por conhecer sua realidade "geográfica". Mesmo no setor público brasileiro que aloca recursos às escolas de maneira central e, portanto, mais eqüitativa, os recursos materiais e humanos das escolas refletem sua localização. As escolas situadas nas periferias urbanas e que, portanto, atendem predominantemente a alunos de nível socioeconômico mais baixo, apresentam freqüentemente piores condições materiais, corpo docente menos qualificado e experiente do que as escolas públicas localizadas na região central das capitais. Associada ao local da escola a violência vem crescentemente invadindo os espaços escolares, principalmente através da influência do tráfico de drogas. São comuns os confrontos entre alunos no espaço escolar, com conseqüentes agressões a professores. É óbvio que esse tipo de situação restringe enormemente a qualidade dos resultados acadêmicos. (SOARES, 2004, p. 4)

O professor, enquanto educador e sujeito ativo da educação, também sofre. Assis et al (2010, p. 67) predispõe que

> [...] a implementação de uma política de valorização da educação e do magistério é urgente e deve voltar-se para a formação dos professores, a partir de soluções para os problemas estruturais da educação, como é o caso de melhores condições de trabalho e salários dignos", pois há incontáveis intempéries que favorecem o surgimento e perpetuação da violência nas instituições de ensino. (ASSIS et al, 2010, p. 67)

Para que se acabe com a violência nos estabelecimentos de troca de conhecimento, é preciso uma presença mais robusta dos pais, seja nas reuniões escolares, propostas pela Equipe Diretiva da instituição, seja no dia a dia do aluno, além de um posicionamento consciente e firme da escola. Além disso, cabe ao Corpo Pedagógico, através de toda essa organização de abordar os pais, instigando-os a saber mais sobre cada aluno, e conseguir o inesperado que era para esses alunos aprenderem o básico, sem pressioná-los da maneira incorreta.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação escola x família não é (nem deve ser) restrita a meros cumprimentos diários. É preciso que os pais, independente da formação familiar na qual se constitua a parentela, busquem informações acerca do ensino proposto e do comportamento de seus filhos/parentes, tendo em vista a importância já dita e ratificada da presença familiar no contexto escolar.

A sociedade evolui (pelo menos, na teoria), não ficando presa ao tempo; adapta-se ao momento da história na qual está inserida. É de fundamental importância saber isso seja para compreender que as tecnologias e metodologias aplicadas pelos docentes dentro e fora da sala de aula não são homogêneas, seja para entender que a forma pela qual é feito o trabalho escolar pode (e vai) variar constantemente, sempre visando ao melhor para a família, a comunidade e os alunos.

O primeiro núcleo socioeducacional e mais importante na vida do ser humano é o núcleo familiar. Sabemos que a escola por sua vez tem obrigações no processo educativo e esse presente artigo nos faz refletir sobre a responsabilidade da família nesse mesmo processo de educação, lembrando que a própria LDB reafirma que a educação é dever primeiro da família e depois do Estado; por isso, fica mais claro que a família é quem ajuda no processo educativo da escola e que a escola ajuda a família no processo educativo, a família não podendo confundir o papel de criar e de educar.

Acompanhar os filhos diante das demandas do cotidiano no mundo contemporâneo não é algo fácil. Para que a criança possa desenvolver-se, os pais devem acompanhar os filhos e ter a cumplicidade nesse processo, acompanhando todas as fases da criança no processo escolar, ficando atentos aos detalhes, como por exemplo acompanhar as atividades e realizar as tarefas escolares juntos. Devido a isso, devemos enfatizar esse fato e preparar suas crianças para facilitar o seu aprendizado junto a escola e colaborando então com as atividades e o acompanhamento escolar.

É bem verdade que a relação família X escola muitas vezes se torna desarmoniosa, principalmente quando questões de cunho familiar e de ordem social se deparam com olhares diferentes, já que a escola forma cidadãos em conjunto e a família forma o indivíduo de forma ímpar, de acordo com a sua cultura, muitas vezes levando em consideração apenas o que viveu no passado em seu ambiente familiar e carregando na hereditariedade particularidades do seu meio.

Soares (2004, p. 6) afirma que “[...] entre os recursos humanos, o mais importante é o professor, tratado em seção especial. Mas uma escola necessita também de outros profissionais, seja na biblioteca, na coordenação dos processos de ensino ou na execução de tarefas de apoio.”, e isso, compreende-se, não é devido a uma segregação ou tratamento

especial, mas pelo dato de ser o docente o mais capacitado para versar à família sobre o aluno, já que é ele que tem um contato direto e constante com o aluno, sobretudo em sala de aula.

É verossímil frisar que a família não é importante apenas no contexto da educação infantil, apesar de essa ser a fase na qual se tem uma maior necessidade, mas é, também, de extrema relevância na continuação do ensino básico e na educação de nível superior. A nossa conclusão acerca do que fora proposto neste artigo é uma necessidade de se ter a família no processo educativo, tanto por ser, direta e indiretamente, sujeito da educação, assim como os alunos, professores, corpos pedagógico e diretivo etc., quanto por ela ser instrumento de defluência, acarretando reflexivamente no aprendizado e nas atitudes do aluno.

Em vista do que fora apresentado, concluímos que a escola e a família no processo educativo são de extrema importância para o desenvolvimento do aluno. Entendemos que a violência no ambiente escolar, o uso das telas constantes, a falta de atenção dos pais, alunos sem limites etc., podem afetar o processo de ensino-aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos. Portanto, deve haver cumplicidade, no que diz respeito à relação família e escola, união que fará a diferença, proporcionando o melhor para caminharmos para uma sociedade mais justa e equânime.

5 REFERÊNCIAS

AMARAL, A. P. T.. Relação família – escola: experiência de uma extensão universitária. **Tópicos Educacionais**, v. 25, n. 2, p.87-108. Recife: UFPE, 2019.

ARAÚJO, F. R. D.; LEAL, D. A.. **A relação família e escola**: uma parceria importante no processo de formação do educando. Anais do VI Encontro Internacional de Jovens Investigadores. Açores: 2017.

ASSIS, S. G.; CONTANTINO, P.; AVANCI, J. Q.; MOEHLECKE, S.; MARRIEL, N. S. M.; RISTUM, M.; CECCHETTO, F.; RIBEIRO, F. M. L.; LYRA, G. F. D.; FERREIRA, A. L.; PESCE, R. P.; LEITÃO, C.. **Impactos da violência na escola**: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em 03 de junho de 2022.

CARVALHO, M. E. P.. Relações entre família e escola e suas implicações de gênero. **Cadernos de pesquisa**, n. 110. Campina Grande: UFPB, 2000.

CASTRO, E.. **Afetividade e limites**: uma parceria entre família e escola. Rio de Janeiro: Copacabana: Wak, 2012.

COLACINO, A. F.. **A função da escola**: convergências e divergências na expectativa da família e da escola na formação da criança. Franca: UNESP, 2016.

COSTA, S. A.. A interação entre escola e família: desenvolvimento das crianças na educação infantil. **Eventos Pedagógicos**, v. 6, n. 4, 17. ed. Sinop: UNEMAT, 2015.

NOGUEIRA, M. A.. Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. **Educação & Realidade**, v. 31, n. 2. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

RICHARDSON, R. J.. **Pesquisa Social**: Métodos e Técnicas. 4. ed. Rio de Janeiro: Travessa, 2017.

SOARES, J. F.. O efeito da escola no desempenho cognitivo de seus alunos. **Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación**, v. 2, n. 2. Madri: UAM, 2004.

SOUSA, J. P.. **A importância da família no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança**. Fortaleza: 2012.

O CONTATO COM A LEITURA DESDE O BERÇÁRIO

Eduarda Marques da Rocha[1]
Alana Danielly Vasconcelos[2]

RESUMO: Este artigo científico foi desenvolvido para ampliar os estudos a respeito da contação de histórias para bebês com idade entre 06 meses a 1 ano e 06 meses, com o objetivo de compreender os variados efeitos da contação de histórias desde o início da vida, além de analisar a interação com a leitura e suas vertentes, também, adaptar a leitura a faixa-etária das crianças e observar meios e métodos para uma boa abordagem. Este trabalho justifica-se por contribuir na educação de crianças de berçário. A metodologia adotada, partiu de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica com base em artigos, registros e livros segundo Richardson (2017), tendo como principais teóricos Abramovich (1993, 2003), Cavalcanti (2008), Follador (2011), Granadeiro (2003), entre outros. Dessa forma, considera-se que a literatura infantil possibilita o interesse pela leitura, a ampliação do imaginário e o raciocínio da criança, desde seus primeiros anos de vida.
Palavras-Chave: Bebês; Contação de Histórias; Educação; Leitura.

Abstract: *This scientific article was developed to expand studies on storytelling for babies aged between 06 months and 1 year and 06 months, in order to understand the varied effects of storytelling from the beginning of life, in addition to analyzing interaction with reading and its aspects, also, adapt reading to the age group of children and observe means and methods for a good approach. This work is justified for contributing to the education of nursery children. The methodology adopted was based on a qualitative and bibliographic research based on articles, records and books according to Richardson (2017), having as main theorists Abramovich (1993, 2003), Cavalcanti (2008), Follador (2011), Granadeiro (2003) among others. In this way, it is concluded that children's literature enables the interest in reading, the expansion of the child's imagination and reasoning, from their first years of life.*

Keywords: *babies; Education; Reading; Storytelling;.*

1. INTRODUÇÃO

Atualmente a procura por escolas para bebês tem aumentado por conta das necessidades trabalhistas de seus cuidadores e com isso, percebe-se que é possível estimular o aprendizado construtivo desde muito cedo.

Além disso, a escola não é apenas um lugar para deixar seus filhos enquanto se está no trabalho, mas, é um local que se pode tirar maior proveito para vários fins educacionais, sendo um deles, o interesse pela leitura mediante a contação de histórias, pois tal proposta, estimula a prática da leitura.

---

[1] Discente do curso de Pedagogia na Faculdade São Luís de França

[2] Profa. Dra. orientadora e regente da disciplina trabalho de conclusão de curso.

Considerando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, retratada pela lei nº 13.306/2016, como pertencente a primeira etapa da educação básica, o berçário é composto por crianças de 0 a 1 ano e 6 meses de idade e por serem ainda bebês, acabam recebendo praticamente mais cuidados do que as atividades pedagógicas.

Porém, existem meios para desenvolver atividades prazerosas que chamam a atenção das crianças. As histórias querem sejam contadas ou cantadas, possibilitam a concentração e imaginação do que está sendo contado com objetos para a ilustração ou apenas a representação corporal de quem narra, e foi analisado que tais crianças interagem muito bem, apesar de entenderem pouco.

Para analisar de forma coerente, foi desenvolvido este artigo cientifico, o qual tem como objetivo geral possibilitar a compreensão dos variados efeitos da contação de histórias para bebês, além de investigar a interação do aluno com a leitura desde o início da vida, adaptar a leitura a faixa etária dos alunos com livros mais ilustrativos e com poucas palavras, já que são muito pequenas; e discorrer de técnicas e meios para uma boa abordagem, ganhando dessa forma, a atenção do aluno para o desenvolvimento cognitivo, lúdico, dentre outros, mediante o contato com a leitura no que tange a crianças com idade entre 0 a 1 ano e 6 meses.

Este trabalho justifica-se por contribuir para a ampliação de debates sobre a importância da contação de histórias para crianças nos seus primeiros anos de vida assim como por fazer parte do rol de contextos curriculares constantes na formação do pedagogo.

A metodologia adotada, partiu de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica com base em artigos, registros e livros segundo Richardson (2017), tendo como principais teóricos Abramovich (1993; 2003), Cavalcanti (2008), Follador (2011), Granadeiro (2003) entre outros.

Este trabalho teve por motivação um estágio no berçário (Educação Infantil), onde surgiu a indagação se a contação de histórias contribuiria para aumentar o interesse pela leitura; o desenvolvimento da linguagem no processo ensino-aprendizagem e o quanto influenciaria em todo o contexto da vida e em variados âmbitos.

Dessa forma, considera-se que a literatura infantil possibilita o interesse pela leitura, a ampliação do imaginário, o raciocínio da criança, compreensão de mundo, conhecimento de sentimentos, dentre outros. Além de abrir o leque de conhecimentos, o qual perdura durante toda a vivência, pois houve o estímulo desde o princípio.

2. COMPREENDENDO OS EFEITOS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

> Ouvir histórias permite que o sujeito sinta "emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade", além de possibilitar "viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar. Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos da imaginação! (ABRAMOVICH, 1993, p. 17).

Apesar dos bebês estarem passando por um processo de conhecer o mundo, além de não ter total sentido para elas, contudo estarão sendo estimuladas ao mundo imaginário e a leitura, com isso elas acessarão os sentimentos, as emoções os sentidos dentre outros, pois nesta fase de desenvolvimento, isso é, a fase de 0 a 2 anos de idade, é conhecida como "estágio sensório-motor" segundo Jean Piaget (1896 – 1980), o qual são meios de aprendizagem o toque, a fala, as expressões faciais e deslocamento, com isso, percebe-se que as histórias se encaixam perfeitamente durante esta fase, já que durante a narração poderá haver todas as sensações provenientes, dependendo da atuação do narrador.

Para isso, Eliane Cavalcanti (2008), mostra que, "o processo de estímulo e incentivo para se contar uma história são inúmeros, mas sua eficácia depende de como o contador os utilizará". Ela destaca que não há "fórmulas mágicas" que substituam o entusiasmo do contador. Desta forma é perceptível que não é apenas ler, mas se envolver na história de forma a expressar o que está sendo lido, visto, ouvido e sentido com isso, torna-se evidente que a atuação é de grande importância.

Porém, nem sempre haverá uma interpretação coerente da parte do aluno como ficou exposto na pesquisa de Follador (2008) em que haverá diferentes construções simbólicas e isso ocorre devido ao grau de maturação e desenvolvimento de cada criança. Mas, cabe ressaltar que é de suma importância o contato com as histórias pois, com a progressão do desenvolvimento dos bebês, eles irão assimilar gradativamente o que é proposto na leitura, além de explorar as variadas possibilidades da imaginação, ou seja, a criança será estimulada a pensar, a criar, a fazer equiparações dentre outros. Este contato amplia o interesse pela leitura como também auxilia para expandir o desenvolvimento cognitivo, de forma que tais crianças amadureçam com autonomia e interação.

Segundo Abramovich (1993),

> [...] o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo. Afinal, tudo pode nascer dum texto! (ABRAMOVICH, 1993, p. 23).

Corroborando com o autor, é visto que, mediante a leitura, o processo de interação, criação entre outros, é proporcionalmente muito maior, já que o poder do raciocinar fica mais estimulado. Apesar de serem crianças muito pequenas, elas adquirem um aprendizado significativo pois tal conduta amplia o vocabulário da criança, onde estas irão conhecer novas palavras e seus significados, também traz ao conhecimento rimas, através da musicalização, além da memorização e estimulação da fala.

É possível analisar que a contação de histórias para bebês é de fundamental importância pois quando inserida no cotidiano da criança desde muito cedo, esta é estimulada em variados aspectos em seu desenvolvimento intelectual, cognitivo, lúdico e imaginário de forma prazerosa e interessante. Contanto que as leituras sejam adaptadas a faixa- etária, já que, nesta etapa da educação tais crianças não sejam alfabetizadas para poderem acompanhar uma leitura. Porém o contato com as letras, estimulam o conhecimento por tal, sabendo-se que o que está sendo dito pelo mediador provém de "pequenos códigos" lidos por ele. "A educação infantil deve ser um lugar de encontro dos bebês com os livros, um lugar no qual compartilhamos a vida e as experiências com a literatura infantil" (GONÇALVES, 2021, p. 89)

As histórias possibilitam o aprender de forma atrativa e construtiva pois é a partir delas que se faz conhecidas coisas novas como também ampliam o que elas já sabem contribuindo para um bom exercício mental. Apesar de nessa fase o discente querer explorar o livro de diversas formas, sendo elas, colocar na boca, cheirar, amassar dentre outros, mesmo assim elas estarão tirando maior proveito do que está sendo contado. A leitura abre horizontes e da mesma forma acontece com os bebês, já que estes estão na melhor fase para absorver o conhecimento, pois são muito curiosos e estão abertos para o ensino desde que seja de forma agradável e lúdico para o discente.

As crianças são sinestésicas, atuam e exploram o mundo com todos os seus sentidos. Elas são convocadas pelos elementos que lhes interessam, por curiosidades que as colocam em movimento e, assim, expressam "necessidades poéticas, premências e urgências" (BARBIERI, 2012, p. 27)

A expressividade, a arte e o letramento são mais alguns dos efeitos da contação de histórias pois a partir do ouvir diversas vezes a mesma história de diferentes ângulos e formas, cria-se uma memorização do aluno e tal situação possibilita a encenação com gestos e expressões que lembrem o que foi lido. Tais crianças tem a criatividade de cantarolar e se colocar no lugar de protagonista do conto, como esclarece Gonçalves (2019). Apesar de serem bem pequenas, elas utilizam seus corpos para expressividade de acordo com:

> As crianças, quando ingressam no mundo, não dominam a linguagem que é utilizada pelos adultos, a linguagem no sentido de uma estrutura simbólica, ou seja, que é social, histórica e cultural, ou seja, não natural e, por isso, utilizam

> centralmente o corpo para se expressar e se comunicar e, nesse processo vão gradativamente, conhecendo e aprendendo utilizar outras linguagens (BUSS-SIMÃO, 2019, p. 69).

Diante disso, percebe-se que a utilização de expressões corporais é de extrema importância para ampliar a comunicação com os bebês.

3. FORMAS DE LEITURAS PARA BEBÊS

Os bebês de 0 a 1 ano e meio conhecem o mundo a partir da boca, isto é, a fase oral, de acordo com Freud (2006). Diante disso, percebe-se que é essencial o contato com objetos materializados das histórias até mesmo o livro. Por isso, é fundamental que sejam adaptados a faixa-etária das crianças, próprios para serem colocados na boca, cheirar, amassar dentre outros, como destaca Parreira (2012):

> [...] o livro começa a ser um objeto simbólico, na medida em que a criança reconhece nele memórias olfativas, gustativas. Como um brinquedo, pode ser levado à boca, cheirado, mordido, chupado, tocado.... Algo a ser descoberto, para ser experimentado pela exploração sensorial (PARREIRA, 2012, p. 304).

Desta forma, esta terá um conhecimento completo sobre o livro. Além disso, é preciso que os livros sejam ilustrativos, com poucas palavras e coloridos para chamar a atenção dos discentes, preferencialmente materiais de plástico, ou amadeirado, corroborando com Parreira (2012):

> [...] evite livros cheios de estímulos, luzes, abas, músicas, como uma mesa de DJ de boate. Escolha as obras pela simplicidade e possibilidade de fantasiar, que a fantasia não venha pronta, mas a ser construída (PARREIRA, 2012, p. 304).

Também é de extrema importância representar a história contada ou cantada com fantoches, bonecos, teatrinho, dentre outros pois quanto mais ilustrativo, mais significado terá, ainda de acordo com Parreira (2012).

É importante destacar que as histórias devem ser curtas e empolgantes pois a atenção das crianças com tal faixa etária é de curto prazo, além disso, as imagens ou ilustrações são de bom uso pois facilitará o entendimento da criança além de possibilitar o conhecimento do mundo. Durante esta fase, se faz necessário contar histórias voltadas a crianças e animais assim como afirma Granadeiro (2003):

> [..] nos primeiros anos da infância, a garotada assimila mais facilmente enredos que tenham crianças como personagens ou animais com características humanas, como fala e sentimentos (GRANADEIRO, 2003, p. 28).

Os bebês estão na fase de conhecer o mundo, a curiosidade e o interesse é de grande valia para desfrutar dos variados meios de educação. Por não conhecerem, elas estão abertas para todas as propostas apresentadas. Por isso que esse momento é o ideal para expor a

leitura, os contos, as músicas dentre outros. Dessa maneira, elas crescerão com a leitura como referência, como algo de grande valor e que faz parte da sua vida, pois desde os primeiros anos, já foram condicionados a gostarem ao que envolve a leitura.

Apesar de terem sua atenção por curto prazo, vale a pena investir. Nesse caso é preciso oferecer conteúdo curtos, de fácil assimilação e ao nível de compreensão corroborando com Parreiras (2006). As crianças interagem de forma estupenda com o mediador quando este utiliza expressões corporais, uma entonação da voz que represente a história, como analisado por Parreiras (2006) pois neste momento de suas vidas, por não saberem falar, fazem uso do próprio corpo para comunicar-se com os adultos, desse modo, elas conhecerão novas expressões. Além dos gestos que é de fundamental importância. Portanto pode-se afirmar que a leitura infantil trabalha os variados meios de linguagens, sendo estes formadores da performance do ser.

> Desde os primeiros instantes da existência, diferentes mecanismos culturais entram em ação, conferindo ao movimento do bebê um caráter cada vez menos automático e cada vez mais imitativo e deliberativo. Então, choros, sorrisos, deslocamentos e olhares são interpretados pelos adultos, criando comunicação. Esse seria o nascimento cultural do bebê. A forma natureza (reflexos, movimentos fortuitos, balbucios, etc.) adquire um novo modo de existência quando ganha significação nas relações interpessoais. Ou seja, no início, a função sensorial e a função motora constituem o primeiro circuito de comunicação das crianças com os outros. Podemos vê-las trocando objetos, olhares, muitas vezes de forma casual e contingente. Ao entrar em funcionamento, esse circuito coloca as crianças numa rede de relações onde suas ações vão ganhando significação, de acordo com a tradição cultural do seu grupo. Pouco a pouco, ganham intencionalidade, sentido e direção (GUIMARÃES, 2016, p. 54-55).

É visto que os primeiros meios de comunicações dos pequenos se dá pelo seu próprio corpo, com expressões, gestos, imitações, olhares, e, a partir desse ponto de vista, distingue-se que esses métodos são de extrema necessidade para contar uma história, um conto, uma música, dessa forma, eles assimilam melhor pois o mediador está fazendo uso da linguagem corporal, que é tão utilizada nessa idade. Além disso, é possível a criança ter o conhecimento de novas palavras, com seus significados como a exemplo fazer uso de uma história a qual seja sobre animais. Nessa leitura, faz necessário trazer os recursos visuais, audíveis, enfim, recursos que possam serem relacionados com a palavra afim de que haja um aprendizado significativo. Com isso, analisa-se que a criança já está passando pelo processo de letramento o qual contribuirá para a alfabetização futuramente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível perceber que a contação de histórias desde os primeiros anos de vida é de extrema importância para o desenvolvimento imaginário, cognitivo, criativo, dentre outros. Além de contribuir para a interação com os livros e interesse pela leitura.

É válido ressaltar que, o aprendizado do ser humano se inicia desde o ventre da mãe e perdura ao decorrer de toda a sua existência, dessa forma, a melhor ocasião de explorar os conhecimentos se faz no período da infância já que estão de forma estrondosa a procura de conhecer, explorar, brincar, se expressar, interagir, dentre outros. Com isso percebe-se que a interação com a leitura desde o berçário é de grande valia e exerce várias contribuições positivas, assim como afirma Ferreira (2013).

É de extrema importância que a leitura para bebês seja prazerosa, de maneira que os mantenham fixados ao mediador, sendo de forma contextualizada e lúdica, e, com isso, possam conviver com a literatura a qual o aluno vivenciará experiências positivas em relação a todo processo em busca do interesse pela cultura literária, na visão de Ferreira (2013).

Os contos, a rimas, a leitura dentre outros são meios que possibilitam o contato com as histórias, com as vaiadas expressões e entonações, enfim, contribuem para a afinidade com a leitura desde o início da vida, como analisado por Ferreira (2013) pode-se afirmar que é essencial despertar no bebê o gosto pela leitura para que desse modo, esta possa se sentir entusiasmada, e então se encantar.

Os bebês se encantam com a musicalidade, apesar de pouco entenderem, porém, esse momento é uma ocasião de variadas descobertas, como as expressões, quer sejam faciais, quer seja gestual, rimas, entonações de vozes, além do contato com o adulto, isto é, a interação. Tudo isso leva a uma experiência riquíssima de conhecimentos e aprendizados, pois é ouvindo o mediador com suas variadas encenações, que estimula a criança na visão de Parreiras (2012).

Desse modo, percebe-se que as crianças bem pequenas, estão aptas a aprender, e a cada vivência, são novas descobertas, novas experiências e tudo isso coopera de forma significativa para todo o desenvolvimento do aluno. Além de ampliar o interesse pelo mundo das histórias, das palavras, pois o maior estímulo provém do mediador, ao vê-lo a ler, interpretar, contar, cantar de forma lúdica e prazerosa. Enfim, o aprendizado inicia-se muito cedo e cabe aos responsáveis possibilitar a criança ocasiões para explorar suas habilidades brincando e se divertindo.

5 REFERÊNCIAS

ABRAMOVICK, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2003a e 1993b.

BARBIERI, S. **Interações:** onde está a arte na infância? São Paulo: Blucher, 2012.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13306.htm. Acesso em 27 de Abril de 2022.

BUSS-SIMÃO, M. Experiências sensoriais, expressivas, corporais e de movimento na Educação Infantil. In: MORO, C.; VIEIRA, D. M. (Org).
Leituras em educação infantil: contribuições para a formação docente.
Curitiba: Núcleo de Estudos em Políticas de Inclusão Escolar da Universidade Federal do Paraná, 2019. p. 53-88

CAVALCANTI, Eliane**. Como contar histórias**. Disponível em: http://contandoradehistorias.blogspot.com.br/2008/01/no-esquea-de-deixar-umrecadinho.html. Acesso em: 12 mai. 2022.

FERREIRA, Glaucia. **Uma experiência de leitura para crianças pequenas**. Trabalho de conclusão de curso (Universidade Federal de Santa Catarina) Florianópolis, 2013.

FOLLADOR, Simone Fátima Halabura. **Do sabor de contar histórias ao saber sobre a história para o ouvinte:** estudo sobre a contribuição da contação de histórias ao desenvolvimento do pensamento na criança. 105f. Dissertação (Mestrado em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Porto Alegre, 2011.

GRANADEIRO, Cláudia. **Histórias para contar**. Disponível em: http://veja.abril.com.br/idade/educacao/311001/p_130.htm. Acesso em: 25 jan. 2022.

GONÇALVES, Fernanda; BUSS-SIMÃO, Márcia; DEBUS, Eliane Santana. **Dias Contação lúdica e interativa:** um cotidiano de arte e expressividade na creche**.** Em aberto, Brasília, v. 34, n. 110, p. 85-98, jan/abr. 2021

GUIMARÃES, Daniela. **Bebês como leitores e autores**. 1º Ed. Brasília: MEC/SEB, 2016.

PARREIRAS, Ninfa: **Do ventre ao colo, do som à literatura**: Livros para bebês e crianças**.** 1.ed. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

PIAGET, Jean. **A representação do mundo na criança**. Rio de Janeiro, Zahar, 1971.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 14. reimpr. São Paulo: Atlas, 2012.

QUAL O LUGAR DA NEUROCIÊNCIA NA PEDAGOGIA?

Giovana Feitosa dos Santos[1]
Alana Danielly Vasconcelos[2]

RESUMO: Os estudos sobre a neurociência na educação são um caminho para refletir sobre as metodologias de ensino da sociedade atual. Este artigo foi feito com o objetivo de compreender o conceito da neurociência e como ela se articula com a Pedagogia, destacando as contribuições que a neurociência proporciona ao processo de aprendizagem dos indivíduos. Como cita Cosenza e Guerra (2011), a neurociência está para contribuir com a educação mediante novas práticas pedagógicas. Porém, para Stern (2005), a neurociência por si só não pode oferecer o entendimento específico essencial para a construção de ambientes de estudo em áreas de teor acadêmico específicos, peculiares, mas a neurociência é capaz de ajudar a esclarecer por que alguns espaços de aprendizagem têm bons resultados e outros não. Diante do que foi abordado, os Pedagogos precisam se familiarizar e ter uma formação continuada sobre a neurociência, saber como o cérebro funciona e como vai ajudar na aprendizagem do aluno em sala de aula, pois será através da neurociência que o docente poderá inovar as suas metodologias, buscando trazer para a sala de aula novas propostas pedagógicas. Este estudo tem uma abordagem qualitativa, com base em livros e artigos científicos.
Palavras-Chave: Aprendizagem; Cérebro; Docentes; Neurociência; Pedagogia.

Abstract: *Studies on neuroscience in education are a way to reflect on the teaching methodologies of today's society. This article was made with the general objective of understanding the concept of neuroscience and how it articulates with Pedagogy, highlighting the contributions that neuroscience provides to the learning process of individuals. As mentioned by Cosenza and Guerra (2011), neuroscience is about to contribute to education through new pedagogical practices. However, for Stern (2005) neuroscience alone cannot offer the specific understanding essential for building study environments in specific, peculiar academic content areas, but neuroscience is able to help clarify why some learning spaces have good results. results and others do not. In view of what has been discussed, Pedagogues need to familiarize themselves and have continued training on neuroscience, to know how the brain works, how it will help in student learning in the classroom, because it will be through neuroscience that the teacher will be able to innovate in their methodologies, seeking to bring new pedagogical proposals to the classroom. This study has a qualitative approach, based on books and scientific articles*
Keywords: *Learning; Brain; teachers; Neuroscience; Pedagogy.*

1 INTRODUÇÃO

Falar em saber é abordar sobre um aspecto inerente ao ser humano. Ao longo da sua história de vida, o ser humano transforma o meio em que vive para sobreviver e neste comportamento aprende e reaprende ações, palavras e comportamentos. Toda a sua aprendizagem de vida ou escolar vai se aprimorando com o tempo mediante suas escolhas e vivências. Mas tudo isso ocorre a partir dos estímulos que são proporcionados ao cérebro deste homem. Nesta perspectiva, compreende-se que, para abordar sobre aprendizagem ou

[1] Discente do curso de Pedagogia na Faculdade São Luís de França.
[2] Profa. Dra. orientadora e regente da disciplina trabalho de conclusão de curso.

compreender como a aprendizagem ocorre no processo do desenvolvimento humano, se faz necessário abordar sobre neurociência (DUNLOSKY *et al.*, 2013).

De acordo com a Fundação Instituto de Administração - FIA (2020), registros apontam que o termo neurociência surgiu em congressos realizados por volta de 1972, quando foi produzido o primeiro equipamento de tomografia computadorizada. Mas em 387 A.C., Platão já ensinava aos gregos que o cérebro era o centro dos processos mentais. Com isso, nota-se que a neurociência já era estudada há bastante tempo pelos filósofos.

Neurociência, de forma breve, estuda o sistema nervoso, formado pelo cérebro, além das alterações que este órgão sofre no processo de envelhecimento humano, buscando explicar as capacidades humanas de forma mais abrangente, segundo Baldissera (2021).

A neurociência é uma área do conhecimento considerada vasta e que, de acordo com a Fundação Instituto de Administração - FIA (2020), possui sua abordagem pautada na multidisciplinaridade. Conforme a FIA (2020), ela está dividida em 5 campos de estudo, sendo eles: a neurociência comportamental, a neurociência cognitiva, a neurofisiologia, a neuroanatomia e a neuropsicologia.

Para Cosenza e Guerra (2011), a neurociência está para colaborar com a educação através das práticas pedagógicas, sugerindo ideias de intervenções, demonstrando que as estratégias pedagógicas respeitam a forma como o cérebro funciona tendem a ser as mais eficientes. Com os avanços da neurociência, é possibilitada uma abordagem mais cientifica do processo de ensino-aprendizagem.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo geral compreender o conceito da neurociência e como ela se articula com a Pedagogia, destacando as contribuições que a neurociência proporciona ao processo de aprendizagem dos indivíduos.

A justificativa do trabalho parte do desejo de ampliar o olhar sobre a neurociência relacionado aos processos de aprendizagem, pois é clara a importância de manter o diálogo entre a neurociência e a educação, porque para muitos alunos e professores já formados é novidade o tema abordado, segundo Cosenza e Guerra (2011).

Enquanto metodologia, adotou-se neste artigo a abordagem qualitativa, pautada em Richardson (2017), com um trabalho realizado por meio da revisão bibliográfica tomando por base livros e artigos científicos que abordassem sobre o objeto de estudo aqui em pauta.

2 NEUROCIÊNCIA E O PROCESSO DE EVOLUÇÃO DO CÉREBRO

Conforme Kolb e Whishaw (2002), viver é relacionar-se. Desde quando o homem nasce, ele interage com seu ambiente através dos mais diversos comportamentos. A conduta que possuímos no decorrer de nossas vidas sucede do que chamamos de aprendizagem ou

aprendizado. Aprender é uma característica intrínseca do ser humano, indispensável para a sua sobrevivência.

De acordo com Baldissera (2021), a neurociência estuda o sistema nervoso formado pelo cérebro, pela medula espinhal e pelos nervos periféricos e ligações dele com toda a fisiologia do corpo humano. Os neurocientistas têm como objetivo decifrar os comandos e as funções do cérebro, além das alterações que esse órgão sofre no processo do envelhecimento humano.

Para Cosenza e Guerra (2011), o cérebro é um dispositivo criado ao longo da evolução para observar o ambiente e aprender o que for importante para a sobrevivência do indivíduo ou da espécie. Ele prestará atenção no que for julgado relevante ou com significância.

> O homem deve saber que de nenhum outro lugar, mas apenas do encéfalo, vem a alegria, o prazer, o riso e a diversão, o pesar e o luto, o desalento e a lamentação. E por meio dele, de uma maneira especial, nós adquirimos sabedoria e conhecimento, enxergamos e ouvimos, sabemos o que é justo e injusto, o que é bom e o que é ruim, o que é doce e o que é insípido... E pelo mesmo órgão nos tornamos loucos e delirantes, e medos e terrores nos assombram... Todas essas coisas nós temos de suportar quando o encéfalo não está sadio... Nesse sentido, opino que é o encéfalo quem exerce o maior poder no homem (HIPÓCRATES, século IV a.C. 2017 p. 04)

Rocha (1999) afirma que, a partir do momento em que o professor entende que o conhecimento sobre a neurociência dentro da sala de aula é fundamental para proporcionar uma qualidade ainda melhor nas metodologias de ensino, o docente percebe que tem o papel de mediar a construção do conhecimento. Entender as dimensões evolutivas do cérebro e do sistema nervoso permite apreender a estrutura dedicada à aprendizagem e à educação.

A aprendizagem pode levar não só ao aumento da complexidade das ligações em um circuito neuronal, mas também à associação de circuitos até então independentes. É o que acontece quando aprendemos novos conceitos a partir de conhecimentos já́ existentes. A inatividade, ou uma doença, pode ter efeitos inversos, levando ao empobrecimento das ligações entre os mesmos circuitos. Cosenza e Guerra (2011) afirmam que,

> [...] as neurociências são ciências naturais, que descobrem os princípios da estrutura e do funcionamento neurais, proporcionando compreensão dos fenômenos observados. A educação tem outra natureza e sua finalidade é criar condições (estratégias pedagógicas, ambientes favoráveis, infraestrutura, material e recursos humanos) que atendam a um objetivo específico, por exemplo, o desenvolvimento de competências pelo aprendiz, num contexto particular. A educação não é investigada e explicada da mesma forma que a neurotransmissão. Ela é regulada apenas por leis físicas, mas também por aspectos humanos que incluem sala de aula, dinâmica do processo ensino-aprendizagem, escola, família, comunidade, políticas públicas (COSENZA;GUERRA, 2011, p. 03).

Para Oliveira (2014), as pesquisas no espaço escolar precisam reconhecer os avanços científicos das novas descobertas sobre o cérebro e a aprendizagem, constituindo um ‘espaço comum’ entre as áreas.

Compreende-se, assim, a partir de Madeliny e Rilton (2017), que o cérebro do ser humano pode renovar-se (neuroplasticidade), tendo distintas possibilidades para trabalhar o processo de ensino e aprendizagem. Diante disso, pode-se expor que o cérebro é dinâmico, com habilidade de modificar-se em resposta aos desafios da sociedade contemporânea. Essa concepção permite mudanças nos atos dos docentes, compreendendo que nada é definitivo, podendo-se alcançar frutos cada vez melhores a partir de novas práticas pedagógicas.

> O aprender e o lembrar do estudante ocorre no seu cérebro. Conhecer como o cérebro funciona não é a mesma coisa do que saber qual é a melhor maneira de ajudar os alunos a aprender. A aprendizagem e a educação estão intimamente ligadas ao desenvolvimento do cérebro, o qual é moldável aos estímulos do ambiente (FISCHER; ROSE, 1998, s/p).

Diante disso, Stern (2005) afirma que a neurociência por si só não pode oferecer o entendimento específico essencial para a construção de ambientes de estudo em áreas de teor acadêmico específicos, peculiares. Mas, concedendo “insights” sobre as competências e as limitações do cérebro no decorrer do processo de aprendizado, a neurociência é capaz de ajudar a esclarecer por que alguns espaços de aprendizagem têm bons resultados e outros não.

Sendo assim, a neurociência deve andar junto à educação para que o docente possa elaborar metodologias que contribuam para o aprendizado do indivíduo, levando em conta suas limitações e como o cérebro reage com tudo o que for proposto.

3 NEUROCIÊNCIA E EDUCAÇÃO

Conforme Conceza e Guerra (2011), a neurociência possibilita para os professores novos métodos de ensino e aprendizagem. Portanto, no momento em que os discentes são incentivados e valorizados em sala de aula, através de forma dinâmica e agradável, aparecem mudanças na quantidade e na qualidade de conexões sinápticas, ocasionando em um processo cerebral positivo, que eleva as suas expectativas de resultados eficazes. Na elaboração de atividades práticas referentes ao aprendizado, existem vários modos de realizar inovações no ensino, como o uso de jogos pedagógicos e didáticos, métodos de associação de informações e imagens e atividades envolvendo os cinco sentidos.

Conceza e Guerra (2011) continuam a explicar que os educadores, ao entenderem o desenvolvimento do sistema nervoso, são capazes de elaborar de forma melhorada seu trabalho e fundamentar sua práxis diária com respostas no comportamento e no progresso

dos discentes. Também podem interferir de modo mais efetivo nas metodologias de ensino e aprendizagem, percebendo que esse conhecimento necessita ser criticamente analisado antes de ser aplicado de forma eficiente no cotidiano escolar. Os saberes agregados pela neuropsicologia podem colaborar para um crescimento na educação em busca de melhorar qualidade e resultados eficientes na vida do indivíduo e na sociedade.

Segundo Blank *et al.* (1978), alguns profissionais da educação afirmam que as indagações dos educadores são ferramentas poderosas para estimular os discentes, crianças ou adolescentes, a escutar e a refletir. No entanto, para serem realizadas, torna-se imprescindível que sejam de caráter adequado e no nível de exigência correto para que os alunos se beneficiem delas. Os autores exibem uma estrutura para identificar perguntas, analisando e avaliando a fala do professor com crianças pré-escolares e de ensino fundamental.

Para Oliveira (2011), o Pedagogo em formação inicial, ou continuada, adquirindo conhecimento da área da neurociência, está se preparando para incentivar seus alunos a aprender. A educação ganha importância diferenciada quando comprovado que estratégias pedagógicas utilizadas no processo do saber são de suma importância na reorganização do sistema nervoso em desenvolvimento.

Podemos dizer que o cérebro tem uma motivação intrínseca para aprender, mas só está disposto a fazê-lo para aquilo que reconheça como significante. Portanto, a maneira primordial de capturar a atenção é apresentar o conteúdo a ser estudado de forma que os alunos o reconheçam como importante, como afirmam Conceza e Guerra (2011).

Os pesquisadores Fenker & Schütze (2008) atentam para a importância de abordar novos conteúdos com os alunos antes da indagação e da verificação de conhecimentos prévios. Segundo estes autores, os fundamentos preexistentes podem e devem ser trabalhados, mas não nos momentos iniciais das aulas. Tais ações podem enriquecer a dispersão diante de temas já conhecidos pelos educandos. Saberes desconhecidos instigam áreas cerebrais que melhoram significativamente a memória. Estudos indicaram que as “novidades” potencializam as atividades no hipocampo, contribuindo para o aprendizado e à memória, além da sua duração. Essas descobertas são de grande importância para a área educacional.

A capacidade de gerar expectativas num contexto escolar permite que o aluno concentre sua atenção em razão de sua significância. Os conteúdos ministrados nas aulas devem ter finalidades e objetivos nítidos, não apenas para o planejamento do professor, mas também para promover a motivação e o êxito nos processos de ensino e aprendizagem do conhecimento escolar. Compreendido a que se destina aquela informação, o professor produz situações que podem melhorar a capacidade do aluno prestar atenção e promover

estímulos motivadores em uma escala de metas e parâmetros a serem alcançados, como afirmam Scorsato e Silva (2014).

Diante disso, considera-se que os professores precisam estudar e ter uma formação continuada sobre a neurociência, pois será através dela que o docente poderá inovar no ensino, buscando trazer para a sala de aula novas propostas pedagógicas, onde incentivará o aluno a melhorar seu cognitivo e o motivará a participar das aulas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi apresentado, esse artigo mostra a importância que a neurociência tem na Pedagogia, enquanto área do conhecimento, tornando-se uma aliada para a educação, ajudando o professor a entender o funcionamento do cérebro e a proporcionar uma qualidade melhor e mais eficiente nas metodologias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem.

Sabe-se que o cérebro é uma parte fundamental do nosso corpo, e é através dele que julgamos o que é relevante ou que tenha significância. É por meio do cérebro também que aprendemos o que é certo e errado, ficamos felizes e tristes, sentimos dores, entre outros sentimentos, sensações e emoções.

A neurociência, junto ao professor, desenvolve um trabalho significativo, que é despertar a curiosidade do aluno, trazendo para sala de aula assuntos do cotidiano do discente. Além disso, podem ser trazidas as tecnologias que estão cada vez mais presentes no dia a dia do educando, e também rodas de conversa nas quais os alunos se sintam à vontade para compartilhar suas dúvidas e opiniões.

5 REFERÊNCIAS

BALDISSERA, Olivia. **O que estuda a neurociência**. Pós PUCPR digital blog. 2021. Disponível em https://posdigital.pucpr.br/blog/neurociencia. Acesso em: 12 de abril de 2022.

BARTOSZECK, Amauri B. **Neurociência na educação**. Disponível em: www.sitedaescola.com/.../Neuroci_ncia_na_Educa__o_ESPIRITA_ARTI. Acesso em: 19 de abril de 2022.

BLANK M, Rose SA, Berlin LJ. **The language of learning: the pré-school years**. New York: Grune and Stratton; 1978.

COSENZA, Ramon M; GUERRA, Leonor B. **Neurociência e educação** : como o cérebro aprende /. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed, 2011.Editado também como livro

impresso em 2011. ISBN 978-85-363-2607-8 1. Neurologia. 2. Educação. I. Guerra, Leonor B. II. Título.

DE BORTOLI, Bruno; TERUYA, Teresa Kazuko. Neurociência e Educação: os percalços e possibilidades de um caminho em construção. **Imagens da Educação,** ISSN 2179-8427, v. 7, n. 1, p. 70-77, 2017

DUNLOSKY, J.; RAWSON, K. A.; MARSH, E. J.; NATHAN, M. J.; WILLINGHAM, D. T. (2013). **Improving students' learning with effective learning techniques**: Promising directions from cognitive and educational psychology. Psychological Science in the Public Interest, 14(1), 4 – 58
FENKER D; SCHÜTZE H. **Learning By Surprise**. Scientific American. 2008. Disponível em: http://www.scientificamerican.com/article/learning-by-surprise/. Acesso em: 07 de abril de 2022

FIA BUSINESS SCHOOL. **Neurociência**: o que é, campos de estudo e tendências.2022. Disponível em: https://fia.com.br/blog/neurociencia/. Acesso em: 10 de abril de 2022.

GUERRA, Leonor Bezerra. **O diálogo entre a neurociência e a educação**: da euforia aos desafios e possibilidades. https://www2.icb.ufmg.br/neuroeduca/arquivo/texto_teste.pdf. Acesso em: 10 de abril de 2022
KOLB, B.; WHISHAW, I.Q. **Neurociência do Comportamento**. São Paulo: Manole, 2002. MASON, L. Bridging neuroscience and education: A two-way path is possible. Cortex, v. 45, n. 4, p. 548-549.
MARK F. Bear, Barry W. Connors, Michael. **A Neurociências** : desvendando o sistema nervoso [recurso eletrônico]. Paradiso ; tradução: [Carla Dalmaz ... et al.] ; [revisão técnica: Carla Dalmaz, Jorge Alberto Quillfeldt, Maria Elisa Calcagnotto].– 4. ed. – Porto Alegre : Artmed, 2017. Editado como livro impresso em 2017.ISBN 978-85-8271-433-11. Neurociências. 2. Sistema nervoso. I. Título.
OLIVEIRA, G. G. de. (2014). Neurociências e os processos educativos: um saber necessário para a formação de professores. **Educação Unisinos**, 18(1), 13-24. http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao /article/viewFile/edu.2014.181.02/3987. Acesso em: 11 de abril de 2022
OLIVEIRA, G. G. **Neurociências e os Processos Educativos**: Um saber necessário na formação de professores. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Uberaba. Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba. Uberaba, 2011. Acesso em: 11 de abril de 2022

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social** : métodos e técnicas /colaboração Dietmar Klaus Pfeiffer. – 4. ed. rev., atual. e ampl. – São Paulo : Atlas, 2017.
SCORSATO, S; SILVA, C. G. da. (2014). **Neurociência**: um instrumento para desmistificar e compreender os processos de aprendizagem. Anais do Seminário Internacional de Educação, Pinhais, PR, 4. http://ww2.pinhais.pr.gov.br/aprefeitura/secretariaseorgaos/educacao/seminario/uploadAddre ss/. Acesso em: 07 de abril de 2022.

STERN, E. Pedagogy meets Neuroscience. **Science**, v. 310, p. 745, 2005. https://www.science.org/doi/10.1126/science.1121139. Acesso em: 15 de maio de 2022.

O PAPEL DA FAMÍLIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Izis Maiara Rodrigues Ribeiro[1]
Alana Danielly Vasconcelos[2]

RESUMO: O presente trabalho teve por objetivo geral mostrar a grande importância da parceria entre escola, educador e família. Acredita-se de acordo com Brendler (2013) que, a família tem uma grande parcela de contribuição no desenvolvimento dos estudantes. Assim, ressalta-se que no processo de ensino aprendizagem escolar, se faz necessário o acompanhamento do estudante não só por parte escolar, mas, também, por parte da família. Com base no estudo realizado por meio de autores como Bencini (2003), Fernandez (2001), dentre outros, chega-se à consideração de que o sujeito passa por fases e momentos ao longo da sua vida, sendo que o desenvolvimento ocorre de forma integral, porém tanto a família, quando a escola tem parcela no processo de ensino e aprendizagem. Destaca-se que este artigo se pautou numa metodologia baseada na abordagem qualitativa com trabalho de revisão bibliográfica segundo Richardson (2017).
Palavras-Chave: Aprendizagem; Desenvolvimento; Escola; Família e Processo.

Abstract: The present work had the general objective to show the great importance that the family has in the teaching and learning process. It is believed according to Brendler (2013) that the family has a large share of contribution in the development of students. Thus, it is emphasized that in the process of teaching and learning at school, it is necessary to monitor the student not only by the school, but also by the family. Based on the study carried out by authors such as Bencini (2003), Fernandez (2001), among others, it is considered that the subject goes through phases and moments throughout his life, and the development occurs in a different way. integral, but both the family and the school have a part in the teaching and learning process. It is noteworthy that this article was based on a methodology based on a qualitative approach with a bibliographic review according to Richardson (2017).
Keywords: Learning; Development; School; Family and Process.

INTRODUÇÃO

[1] Discente do 8º período de Pedagogia. E-mail: izis.maiara@sousaoluis.com.br
[2] Profa. Dra. Orientadora e regente da disciplina da TCC.

O objeto de estudo em questão é formado pela integração entre família e escola, mostrando ser uma relação de extrema importância para o rendimento escolar do aluno e a relação com sua família, aliando-se a rotina e acompanhando o desenvolvimento da criança.

A criança passa por vários processos e diversas fases, visto que o desenvolvimento dela acontece de forma integral ao decorrer de toda sua vida. Ao contrário do que muitos pensam, educação não se obtém somente no ambiente escolar, a mesma deve ser estimulada em todos os lugares, seja na sua própria casa assistindo a um programa de TV educativo com toda a sua família, ou em uma sala de aula praticando alguma atividade pedagógica, é uma longa jornada de aprendizagem entre família e escola, todos ligados na mesma sintonia para um só propósito, o processo de ensino e aprendizagem do aluno.

Visando sempre o processo de aprendizado de cada aluno, é de suma importância a parcela de ajuda por parte da família no ambiente escolar. Aquele aluno que recebe apoio e acompanhamento em seu respectivo lar, terá mais rendimento escolar daqueles alunos que infelizmente não o recebem, ou pelo menos, não recebem o necessário.

Com suas palavras Brendler (2013), diz que, é no meio familiar que a criança passa a encontrar, primeiramente, os modelos a serem seguidos. Sendo fundamental para isso, a família ter a pela consciência sobre o valor de estar ali presente em todos os momentos importantes da vida de seus filhos. Isso acaba implicando bastante no envolvimento, comprometimento, colaboração, e ainda devem estar atentos para todas as dificuldades que se apresentam ao logo dessa jornada, tanto cognitivas como comportamentais, intervindo sempre que for necessário, nem que para isso seja preciso impor limites.

O parentesco é o primeiro laço que o bebê cria, estando presente em todos os primeiros momentos vivenciados, passando uma certa segurança para ela. Dessa forma, o estímulo da criança quando se tem alguém presente no seu processo de desenvolvimento e da sua aprendizagem, com total certeza é mais prazeroso.

A autora Brendler (2013), diz que um outro fator a ser percebido é a proximidade da unidade escolar com a família, sobre a consciência de ambas na evolução da criança, tanto os pais quanto a escola precisam estar atentos a todos os pontos de vista que dizem respeito às exigências dos educandos. É na família que a criança recebe educação inicial, de acordo com a cultura dos pais. A unidade escolar busca também contribuir com o trabalho da família.

Brendler (2013), afirma que a comunidade escolar, de forma integral, tem como objetivo levar em consideração o processo de aprendizado de todos os educandos para o seu pleno progresso educacional e social. Isso significa que, a família e a escola precisam estar em concordância, fazendo com que o processo de ensino-aprendizagem tenha resultados convincentes a todos os comprometidos.

Desta maneira, o presente artigo tem como finalidade geral compreender a responsabilidade da família no rendimento escolar do estudante. O trabalho justifica-se por acreditar que o progresso da criança ocorre na união de esforços somados pela escola e pela família. A metodologia do trabalho está pautada na abordagem qualitativa em conformidade com Richardson (2017), tendo feito um trabalho de revisão bibliográfica com o auxílio da leitura e estudo de artigos e livros científicos que abordam sobre o objeto de estudo em questão.

A motivação para escrita deste trabalho derivou ao notar a falta do acompanhamento familiar nas escolas e por acreditar que seja de uma extrema importância a abordagem desse respectivo objeto de conhecimento, visto que a pareceria entre família e escola é um dos principais elementos para o sucesso da educação e que cada um necessita cumprir seu papel de uma forma separadamente, desde que o processo de ensino e conhecimento do aluno progrida a cada dia. É de uma extrema importância que ambos estejam em constante sintonia, assim o aluno consequentemente obtém a incrível oportunidade de conviver com experiências educativas no ambiente familiar e na escola.

2RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA, UMA PARCERIA IMPORTANTE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Segundo Bencini (2003), a contribuição da família é muito significativa no desempenho escolar do aluno, e todo educador deseja que os pais acompanhem as lições de casa, participem das reuniões escolares e sejam cooperativos e atentos no desempenho escolar dos filhos na medida certa.

Skymanski (2003) informa que, em vinculação aos papéis da família e da escola, afirma ser da última, a obrigação de repassar teor específico das diferentes áreas do saber, como, por exemplo, matemática, ciências, português etc. Já a família, segundo Skymanski (2003), precisa colaborar com a escola no para-casa, e acompanhamento da vida escolar dos filhos, concretizando o universo da educação. De todo modo, não pertence aos educadores substituir o cuidado e o afeto de mães e pais, mas devem embasar seus educandos para o cotidiano da vida, estruturando seu saber.

Dessa forma, podemos ressaltar que o processo de ensino e aprendizagem para o aluno é de uma extrema importância, visto que é a partir desse contexto que o educando começa a enxergar o mundo com outros olhos, obtendo conhecimentos sobre diversas coisas em diferentes áreas, desde aos conteúdos abordados em sala de aula, como também nas vivências em seu cotidiano no âmbito escolar. É nesse momento que o aluno passa a conviver com outras pessoas saindo do contexto familiar, e da sua rotina vivida em casa,

agora convivendo não somente com a mãe ou pai, mas também alguém em quem a mesma possa chamar de professor (a) ou até mesmo de tio (a).

Rosseni (2005), afirma que atualmente, pela complexidade e a rapidez das mudanças, há uma necessidade de maior interação escola/família para contribuir, de forma efetiva, na educação formal e informal de seus membros. Família e escola, juntas, desempenham um papel decisivo no progresso completo e bem-estar das crianças.

Com fundamento nisso, será de uma extrema importância que o educador elabore suas aulas aproveitando sempre o conhecimento que o educando já trouxe da sua respectiva casa, e envolvendo atividade interativas em suas aulas administradas, fazendo com que seu aluno compreenda o conteúdo que vem sendo abordado e sinta-se confortável com toda essa situação, afinal no começo tudo ali é muito novo para ele. É a partir daí que a família deve entrar em ação, buscando participar das atividades que foram realizadas em sala de aula, perguntando a criança como foi a aula, se fez novos coleguinhas, o que foi aprendido naquele dia e por fim, finalizando o dia dessa criança ajudando na tarefa que foi passada pelo professor para ser realizada em casa, assim a mesma irá se sentir acolhida tanto em sala de aula, como em seu próprio lar.

O educador sempre deve ficar atento a diversas questões, dentre elas uma se destaca, que é não demonstrar ao seu aluno uma certa superioridade da sua parte, ou seja, não caminhar na frente do seu educando, mas sim juntos, lado a lado. Dessa maneira, aquele aluno irá demonstrar mais interesse em suas aulas, sabendo que aquele educador estará disposto a sempre ajudá-lo e trazer coisas novas para sua aula.

Santos (2014), afirma que quando se pensa em educação, primeiramente são enfatizadas propostas educacionais voltadas para uma educação séria, responsável e com propósitos voltados à colaboração da família, pois se sabe que por melhor que seja uma escola e por mais preparados que sejam sua equipe pedagógica, haverá falhas. Devido a isso, é necessário à participação efetiva e constante da família no processo de aprendizado do aluno.

Fernandez (2001) afirma que a família também é responsável pela aprendizado do educando, já que os pais são os primeiros “instrutores” e as atitudes destes frente às emergências de autoria, se repetidas constantemente, irão determinar a modalidade de aprendizagem das crianças. O autor traz a grande importância dessa ligação da família do educando e a escola, já que as mesmas são completamente dependentes dos responsáveis, então nada mais justo que os mesmos participem do processo de ensino e aprendizado do educando.

A Lei De Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)/(1996), afirma que a educação, dever dos familiares e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos

ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996). Dessa forma, podemos e devemos observar com mais clareza o grande papel que os familiares tem em união com a escola na vida de um educando, e a importância dessa junção entre família e escola.

Spagolla (2005) diz que é necessário a participação mútua entre os familiares e a escola e que ambos trabalhem juntas, cada qual exercendo sua função, para um melhor desenvolvimento dos alunos e uma educação mais humanizada. Dessa forma, é necessário aumentar o número de atividades que promovam a inserção dos familiares no âmbito educacional e que demonstrem como a junção entre os familiares e a escola pode ser proveitosa para melhorar o método de aprendizado e desenvolvimento do aluno.

Com isso, podemos dizer que independente do lugar, seja em casa ou no âmbito escolar, a grande importância é que o método de ensinamento e aprendizagem daquele aluno seja avançado a cada dia que passa, tendo a companhia e participação dos familiares para que assim essa relação entre família e escola venha ocorrer de uma forma harmônica.

Santos (2003) aposta que os familiares também levam uma grande parcela fundamental e é capaz de colaborar para uma maior humanização do ensino. Apesar da unidade de ensino e dos familiares desempenharem funções distintas, elas têm como finalidade o mesmo objetivo de formar e contribuir para o progresso da criança e adolescente.

Sendo assim, entende-se que à família é o primeiro grupo social que a criança possui contato, a responsabilidade de transmitir valores morais e ideologia de vida, enquanto a escola, possui a responsabilidade de proporcionar o acesso, a construção do conhecimento e educar para a convivência entre as diferenças de raça, credo, etnia, entre outras.

3 O PAPEL DA ESCOLA E DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS

Segundo Piaget (2007), a conexão família, professores e escola é de extrema importância para a evolução da aprendizagem dos estudantes, para o educador e a unidade de ensino a função é de mediar e ampliar o conhecimento, já para os responsáveis auxiliar no processamento de conhecimento do educando.

Com diferentes palavras, o autor ressalta essa grande cooperação entre a unidade de ensino e os familiares, deixando ainda mais claro que cada um possui sua própria função, mas que todos têm o mesmo propósito, enquanto a família entra com a parte em auxiliar aquele aluno em seu desenvolvimento e progresso no aprendizado, o educador

junto com a unidade de ensino tem a obrigação de ampliar o conhecimento do educando, tornando cada vez mais prazeroso o processo de lecionar e estudar.

Piaget (2007) em um de seus livros explica que ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega- se até mesmo a uma divisão de responsabilidades. Ao decorrer da fala do autor podemos notar que a relação entre família e escola é muito necessária para que venha acontecer tal divisão de responsabilidades e que as duas conheçam as realidades e limitações, e assim possam encontrar um caminho que venha permitir e facilite o sucesso educacional daquela criança.

Maldonado (1997, p. 11) afirma, que "[…] falta de um contato mais próximo e afetuoso, surgem as condutas caóticas e desordenadas, que se reflete em casa e quase sempre, também na escola em termos de indisciplina e de baixo rendimento escolar." O autor quis dizer que, infelizmente muitas das vezes alguns alunos acabam não tendo esse apoio dentro de casa, passando por alguma dificuldade ou até mesmo tendo um certo distanciamento com a própria família, no que acaba interferindo no rendimento escolar daquele educando, como o próprio autor afirma. Isso nos mostra ainda mais o quão importante é o acompanhamento familiar, visto que aquele aluno que tem sua família por perto acaba sendo estimulado e consequentemente terá um bom rendimento na escola, juntamente com essa parceria entre escola, professor e família.

Weil (1984, p. 47) aponta que "[...] a escola é um lugar passageiro, para o indivíduo, com finalidade enriquecimento intelectual, entre outros. A família, seus costumes e hábitos perduram por toda a vida do mesmo." Com essa fala do autor podemos entender que na escola a criança convive com outras pessoas, brinca, interage e adquire novos conhecimentos e conteúdos aplicados por seu professor, mas que aquele caminha que o mesmo está percorrendo é passageiro, porém a família é algo que a criança leva para sua vida toda, juntamente com seus costumes.

Sendo assim podemos observar que a escola, educador e família tem uma certa porcentagem no desenvolvimento e no método de aprendizado de cada aluno, visto que cada um, marca a vida do mesmo de alguma forma.

Gokhale, (1980, p. 33) afirma que "[...] a educação familiar é bastante importante na vida de uma criança, desenvolvem a criticidade, ética e cidadania refletindo diretamente no processo escolar." Sendo assim, podemos entender que a educação é um método transformador que acaba envolvendo parecerias de extrema importância para a vida do educando. Para Brendler (2013),

> [...] o aprendizado é de fora para dentro, existem condições internas e externas que são estabelecidos para fortalecer o aprendizado. Os internos são encorajamento, maturidade, hereditariedade e a constituição atual. Os externos

> são entre outros a cultura. O aprendizado se da a partir da preparação do mundo dentro de cada um. Aprendizado ético é o método de aquisição de práticas que mostram virtudes e assim diferem valores, se quisermos que o aluno tenha costumes é preciso que o professor tenha princípios (BRENDLER, 2013, p. 11).

De acordo com as palavras da autora, podemos observar o motivo pelo qual o educador deve preservar o que o educando traz de casa, sua cultura e seus costumes, englobando e aproveitando em suas aulas o conhecimento que os alunos já trazem consigo de casa. Brendler (2013) afirma,

> […] é valoroso acreditar que a criança um indivíduo, e essa deve ter garantido uma infância enriquecedora no sentido de seu progresso, seja psicomotor, afetivo ou cognitivo. Levando em consideração como fundamental instituição social para a criança e os familiares, esta deve receber condições básicas para a formação dos pequenos, que é também muito tomada pelo meio social e cultural que se situa (BRENDLER, 2013, p. 22).

Dessa maneira entende-se que a criança já traz consigo de casa conhecimentos adquiridos ao longo da sua vida, conhecimentos esses que foram passados de geração para geração, costumes aprendidos com os responsáveis, avós, tios e assim vai sucessivamente, visto que todos esses costumes devem ser aproveitados em sala de aula por seu professor (a), assim a criança irá ter seu modo de ensinamento, desenvolvimento e aprendizagem avançando a cada aula.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente objeto de estudo foi analisado e desenvolvido por notar uma falta do acompanhamento familiar nas unidades de ensino, visto que é de uma extrema importância essa junção entre escola, professor (a) e família.

Citado por diversos autores essa importância, infelizmente ainda é possível observar a enorme falta desse acompanhamento, muitas vezes por falta de interesse dos responsáveis. Podemos perceber também que, muitos deles acreditam que a sua participação no âmbito escolar não é tão importante assim, e por essa razão dentre outras, acabam deixando de ser participativo na vida escolar das crianças. O educador por sua vez deve demonstrar a sensação de falta por parte dos responsáveis dos seus respectivos alunos, assim deixaria claro o quão importante é essa união entre a unidade de ensino e família.

Muitas das vezes o educando acaba passando por momentos difíceis dentro do seu devido lar, ou então nota que seu coleguinha de classe traz consigo todas as atividades feitas de casa, e tem a ajuda de seus pais, o que talvez venha a ser uma realidade muito diferente da sua. Aquele aluno acaba ficando retraído, e pode até chegar a despencar em seu desenvolvimento e aprendizado escolar. Cabe a escola também entrar em ação, tentar entender o motivo pelo qual a família não vem sendo tão ativa no processo de conhecimento e aprendizado daquele aluno, para que assim juntos consigam resolver o problema.

Com minhas vivências durante 2 anos de estágio pude adquirir muito conhecimento e comecei a enxergar a educação com outros olhos, eu como estagiária passei a notar a falta dos responsáveis. Também percebia que muitos alunos sentiam, ficavam tristes e não tinha tanto interesse nas tarefas como os demais alunos. Com base nisso vi o quão importante era essa relação entre escola e os familiares, todos com o mesmo propósito que é o aprendizado e a evolução do educando, visto que quando não há essa interação acaba surgindo dificuldade.

Depois de toda essa convivência, tive a convicção de que esse seria meu objeto de estudo, acredito que o apoio dos familiares é algo indispensável, em companhia com a união entre escola e professor, para que assim, o sujeito possa se desenvolver e tenha seu processo de educação e aprendizagem avançando a cada aula.

5 REFERÊNCIAS

BENCINI, Roberta. Como atrair os pais para a escola. **In Revista Nova Escola**. p.38. Ano XVIII , nº 166, Outubro de 2003. Disponível em: https://m.meuartigo.brasilescola.uol.com.br/amp/pedagogia/relacao-familia-escola-uma-parceria-importante-no-processo.htm. Acesso em 17 de março de 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 22 de março de 2022.

BRENDLER, Angela. **Família no contexto escolar:** sua participação no processo de aprendizagem. Monografia de especialização, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/522/Brendler_Angela.pdf?sequence=1. Acesso em 01 de março de 2022.

FERNANDEZ, Alicia. **O saber em jogo. Porto Alegre:** Artmed**,** 2001. Disponível em : http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/K230448.pdf. Acesso em 18 de maio de 2022.

GOKHALE, s.d (org). **Afamília da Autonomia.** São Paulo, paz e terra,1996. (coleção leitura). Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA9_ID7944_06092019164609.pdf. Acesso em 22 de março de 2022.

MALDONADO, Maria Teresa. **Comunicação entre pais e filhos:** a linguagem do sentir. São Paulo: Saraiva, 1997. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-6. Acesso em 17 de março de 2022.

PIAGET, Jean. **Para onde vai à educação?** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-6. Acesso em 18 de março de 2022.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas /colaboração Dietmar Klaus Pfeiffer. – 4. ed. rev., atual. e ampl. – São Paulo : Atlas, 2017.

ROSSENI, Ma. A.Sanches. **Pedagogia Afetiva.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA17_ID7692_03102019163605.pdf. Acesso em 15 de maio de 2022.

SANTOS, C. **A influência do vínculo afetivo na prática pedagógica da Educação Especial. 2014. 61 f.** Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Medianeira, 2014. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25972_13983.pdf. Acesso em 03 de maio de 2022.

SANTOS, Kátia Regina Matos. **Presença da família na escola.** Aracajú-SE, FSLF,2003. Disponível em : https://periodicos.fapam.edu.br/index.php/RPE/article/download/375/240/994. Acesso em 14 de maio de 2022.

SPAGOLLA, Rosimeiri de Paula. **Afetividade:** por uma educação humanizada e humanizadora. Jacarezinho: UENP, p. 2343-8, 2005. Disponível em: https://periodicos.fapam.edu.br/index.php/RPE/article/download/375/240/994. Acesso em 14 de maio de 2022.

SKYMANSKI, H. A. **Relação Família-Escola:** desafios e perspectivas. Brasília: Ed. Plano, 2003. Disponível em: https://m.meuartigo.brasilescola.uol.com.br/amp/pedagogia/relacao-familia-escola-uma-parceria-importante-no-processo.htm. Acesso em 01 de maio de 2022.

WEIL, P.G. **A criança, o lar e a escola- Guia Prático para as relações humanas e psicológicas para os pais e professores.** Petrópolis: Vozes,1984. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA9_ID7944_06092019164609.pdf. Acesso em 16 de maio de 2022.

A NEGAÇÃO DOS SUJEITOS- O MITO DA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA NO BRASIL

Jacqueline Silva Andrade[1]
Alana Danielly Vasconcelos [2]
Sara Rogeria Santos Barbosa[3]

RESUMO: O presente trabalho visa provocar algumas reflexões acerca do modelo didático pedagógico adotado pela educação escolar brasileira, a partir de sua base epistemológica, e que reverbera tanto nas práticas pedagógicas quanto no modus operandi. Nesse sentido, o que pensa e vê o sujeito para além dos espaços institucionais reforça o sistema hegemônico que silencia e trata de forma violenta o Outro. Diante disto, teremos como foco o racismo científico na forma do epistemicídio, elencamos como objetivos específicos demonstrar a adoção do eurocentrismo nos cursos de formação docente, consideramos que para que a educação seja de fato emancipatória ela necessita trilhar caminhos que levem a uma reformulação estrutural urgente. Assim, sob a luz da afroperspectiva, trilharemos metodologicamente por uma análise qualitativa de cunho bibliográfico com análise crítica de conteúdo.

Palavras-Chave: Afroperspectiva; Educação Emancipatória; Racismo Epistêmico.

Abstract: *This work aims to provoke some reflections about the didactic pedagogical model adopted by Brazilian school education, from its epistemological basis, and which reflects both in pedagogical practices and in modus operandi. In this sense, what thinks and sees the person beyond institutional spaces reinforces the hegemonic system that silences and violently treats the Other. Given this, we will focus on scientific racism in the form of epistemicide, listing as specific objectives to demonstrate the adoption of Eurocentrism in teacher training courses and we consider that for education to be truly empowering it needs to tread paths that lead to an urgent structural reformulation. Thus, under light of afroperspective, we will follow methodologically by a qualitative analysis of bibliographical nature with critical content analysis.*
Keywords*: Afroperspective; Emancipatory education, Epistemic racism.*

1 INTRODUÇÃO

Existe na história do movimento negro no Brasil um período que compreende o pós-abolição, que se dá no final do século XIX e início do século XX, quando surgem os jornais e revistas voltados para os negros, cuja publicações discutiam a vida da população negra em geral e que posteriormente se tornam meios de denúncias relacionadas ao preconceito racial Domingues (2007). De função social, estes escritos buscavam dar visibilidade às questões que estavam ligadas às condições de desigualdade e exclusão, como forma de desenvolver estratégias de luta e resistência, diante do cenário de

[1] Discente do curso de Pedagogia na Faculdade São Luís de França
[2] Profa. Dra. orientadora e regente da disciplina trabalho de conclusão de curso.
[3] Profa. Ma. co-orientadora

marginalização imposto.

Foram inúmeras as formas de resistência que o povo negro desenvolveu para manutenção de sua (re)existência. Podemos citar dentre as manifestações: de caráter linguístico, religioso, artístico, social, político, gastronômico e tantas outras. E é exatamente este protagonismo que foi invisibilizado historicamente pelo racismo que queremos aqui elucidar Nascimento (1987).

Assim, na historiografia da luta contra o racismo podemos nos reportar para os estudiosos que refletem e discutem várias pautas, incluindo as diversas formas que o racismo opera. Tomamos aqui como ponto de partida para delimitar o objeto de pesquisa a constatação do racismo institucionalizado, já discutido por Abdias do Nascimento (2016), quando menciona o genocídio[1] da população negra, este, enquanto extermínio físico e simbólico desses povos, e Sueli Carneiro (2005) quando, em sua tese de doutorado enfatiza o epistemicídio[2].

Diante dos resultados de inúmeros estudos que apontam o cenário das desigualdades raciais no país até os dias de hoje, salientamos que é de extrema importância que discussões como esta aconteçam cotidianamente nos espaços acadêmicos. E diante da gravidade que permeia o contexto e suas consequências, optamos por pautar a nossa pesquisa , delimitando-se aqui, nas instituições de ensino superior em sua formação docente como forma de denunciar e lutar contra o racismo científico.

Traremos assim, a afroperspectiva[3] como orientação suleadora para a seleção bibliográfica, fundamentando-se assim a partir de teóricos que já debruçaram os seus estudos e constataram através de métodos científicos o epistemicídio nos espaços acadêmicos. E a partir da constatação do silenciamento e invisibilização nestes espaços, tem-se como objetivos específicos demonstrar o eurocentrismo como base epistemológica nos cursos de formação docente e como isto esta diretamente conectado ao racismo científico, sob a luz dos estudos da Katiuscia Ribeiro (2017) e Grada Kilomba (2019); relacionar a não aplicabilidade da Lei 10639/03 e a sua relação direta com a perpetuação do genocídio dos povos negros e indígenas sob às analíses de Noguera (2019) e Aza Njeri (2020), pontuar algumas narrativas que continuam sendo invisibilizadas nos currículos do Ensino Superior no Brasil , e sob a perspectiva de Bárbara Carine e Franz Fanon (2008), como tudo isso reverbera na auto imagem dos povos que estão sendo silenciados em

[1] Genocídio s.m. (neol.). Recusa do direito de existência a grupos humanos inteiros, pela exterminação de seus indivíduos, desintegração de suas instituições políticas, sociais, culturais, linguísticas, e de seus sentimentos nacionais e religiosos.

[2] Negação que empreende da legitimidade das formas de conhecimento, do conhecimento produzido pelos grupos dominados e, consequentemente, de seus membros enquanto sujeitos de conhecimento.

[3] Exercício filosófico que dá visibilidade às pesquisas africanas e afrodiásporicas.

espaços acadêmicos.

Desta forma, a referida pesquisa nasce da desmotivação de não se perceber enquanto sujeito das epistemologias no referencial das atividades em sala de aula enquanto sujeito social, nas indicações de materiais pedagógicos, como por exemplo na indicação dos livros paradidáticos, como coadjuvante na história mundial, como bem demonstra em sua tese de doutorado Grada Kilomba (2019) , dentro do não-lugar, por ser uma sujeita negra. Lembro-me da exceção que ocorreu e ocorre, quando apenas uma das professoras dentro do quadro de professores da instituição utilizou em todas as suas aulas os sujeitos que aqui foram invisibilizados e silenciados durante todo o semestre como referencial teórico-prático em suas magníficas aulas e ali pudemos ver de fato que é perfeitamente possível realizar esse movimento contrário e contra-hegemônico e que como resultado dos redobrados esforços que esta profissional necessita realizar diariamente, surgem outros discentes e docentes a somar-se na luta de (re) existência que ela e tanto outros também o fazem, tanto aqui na diáspora como também no continente africano.

Salientamos que tal regra é vista em todos os cursos de formação docente, cuja narrativas hegemônicas continuam sendo reproduzidas, e é exatamente isto que será demonstrado aqui.

2 A DESUMANIZAÇÃO DOS POVOS NEGROS ATRAVÉS DO RACISMO EPISTEMOLÓGICO

Assim como nas narrativas sobre o racismo, sobre a filosofia e tantos outras que pontuam sistematicamente onde surgem, e como surgem sob apenas um ponto de vista, podemos observar que dentro de tal perspectiva discursiva excludente, os povos negros são destituídos de possuir “condições” de construir saberes fundamentais e científicos nos espaços acadêmicos, pois são constantemente silenciados ou estereotipados nas narrativas hegemônicas ocidentais (eurocêntrica) “Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido” (KILOMBA, 2019, p. 51).

Esse processo de desumanização dos povos negros realizada pela ciência, quando o destitui de capacidade intelectual, dentro desta lógica, torna o sujeito negro, objeto. “Tal "ciência" em geral usa o afro-brasileiro e o africano como mero material de pesquisa, dissociado de sua humanidade , omitindo sua dinâmica histórica, e as aspirações de sentido político e cultural do negro brasileiro” (NASCIMENTO, 2016, p. 40). E é aqui que acontece uma dentre várias maneiras de genocídio de todo um povo. A desumanização, a morte simbólica, onde o sujeito é aqui objetificado.

> Uma história de vozes torturadas, línguas rompidas, idiomas impostos, discursos impedidos e dos muitos lugares que não podíamos entrar, tampouco permanecer para falar com nossas vozes (KILOMBA, 2019, p. 27).

3 O PERIGO DA NARRATIVA HEGEMÔNICA NOS SISTEMAS EDUCACIONAIS

A proposta reflexiva aqui é de percebermos o problema da adoção de uma narrativa hegemônica enquanto única, no modelo educacional no Brasil, principalmente no Ensino Superior dentro das formações docentes e o quanto isso reverbera na desumanização dos povos negros, de forma a perpetuar o genocídio desta população até os dias de hoje, seja ele exercido de forma física ou suas múltiplas formas simbólicas. Cito:

> Para muitos/as, o conceito de colonização está restrito aos recantos mais longínquos das narrativas históricas sobre a formação (principalmente) cultural das nações. Há outro lado, porém. O mundo ocidental pode ser visto como uma grande narrativa construída a partir de visões de mundo particulares, o que inclui a cultura e os livros de história, formadores de identidades sociais. Nesse sentido, sobressai o papel da linguagem, do discurso e dos textos, que atravessam a vida social e concretizam realidades. Como ocorre em toda narrativa, elementos constitutivos – como construção de personagens, eleição de cenários e edição na representação de eventos – são utilizados estrategicamente para se chegar a determinados fins: mesmo quando, na história, vidas reais estejam implicadas no processo (SANTOS, 2019, p. 117).

Desta forma, precisamos primeiramente pontuar um problema de ordem estruturante que é a afirmação do surgimento do racismo a partir do séc XVI com o tráfico de povos africanos, realizado pelos europeus no continente africano. Que é uma proposição inverídica e de caráter universalista. Tomando a narrativa hegemônica que determina os acontecimentos históricos, aqui no caso do racismo, podemos refletir acerca da construção intencional de manter e transformar realidades a partir da linguagem. Assim, o cientista social Moore (2007) aponta alguns problemas. Que a afirmação do racismo surgir com a exploração europeia torna-se equivocada, pois de acordo com Diop (2014), o racismo se manifesta bem antes e com outros povos, assim também acontece com a narrativa do surgimento da humanidade.

> A singularidade do continente africano que teve a maior repercussão negativa sobre o seu destino, determinando o que é a África de hoje, foi a de ter sido o primeiro e único lugar do planeta onde seres humanos foram submetidos às experiências sistemáticas de escravidão racial e de tráfico humano transoceânico em grande escala. As deportações violentas de africanos foram metodicamente organizadas, primeiro, pelos árabes do Oriente Médio, desde o século VIII até o século XIX d.C., com ampla participação dos iranianos, persas e turcos. A partir de 1.500 até a segunda metade do século XIX, foram os povos da Europa ocidental que protagonizaram o tráfico negreiro, através do oceano Atlântico (MOORE, 2005, p. 138).

Desta forma, a historiografia realizada por Cheik Anta Diop (2014) através de seus estudos, identifica e descreve a organização social, econômica, dos povos africanos de Kemet[1] no período que compreende a Antiguidade Clássica da história da humanidade. O que ele produziu dentro dos parâmetros científicos, vai de encontro a todo argumento que o Ocidente sempre afirmou no percurso histórico, ele demonstrará que a origem da humanidade é negra, derrubando consequentemente as afirmações forjadas pelo racismo científico do Ocidente, até então.

O faraó do conhecimento, como alguns o chamam, irá fundamentar a teoria dos berços civilizatórios, que possuem distinções específicas e que serão determinadas pelas condições climáticas existentes. O primeiro berço chamado de Berço Meridional, localizado no Continente Africano, possui um modo de vida agrário num clima de abundância, onde se configura o matriarcado e a xenofilia. E o Berço Ariano, que surge com o êxodo de alguns povos para a Eurásia, cuja apresentação climática era de extremo frio, o que provocou algumas alterações físicas, de pessoas com traços mais finos e pele mais clara. No entanto, eles tinham um modo de vida nômade, organização social com base no patriarcalismo e na xenofobia.

O que pretendemos aqui é problematizar o caráter universalista das narrativas e métodos cientificamente adotados pelo ocidente, que reproduz o pensamento reducionista, e se configura como ideologia colonial, onde a versão europeia dos fatos, silencia os outros saberes e altera a concepção histórica dos fatos, retirando aí o caráter pluriversal que a ciência necessita.

É o que acontece também com as proposições científicas a partir da Idade Moderna, através das contribuições teóricas do filósofo francês Descartes, onde a universalidade serve como parâmetro metodológico das ciências. Porém, tal universalidade torna-se cara quando a mesma exige e reforça uma imposição cultural, que ignora as manifestações culturais do Outro e suas peculiaridades existenciais.

Esta crítica realizada pelo pesquisador, remete ao grande perigo que é reproduzir uma história única, "É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma única, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna" Chimamanda (2018), aqui o que de fato está em voga é pontuar a relação de poder que existe nas narrativas selecionadas para serem reproduzidas cotidianamente no sistema educacional brasileiro, narrativa eurocêntrica, isso desde o ensino superior às salas de aulas de todo ensino infantil,

[1] Kemet significa Terra Negra, uma provável referência aos solos negros férteis das planícies de inundação do Hapi (como o rio Nilo era denominado no antigo Egito) e também em distinção à dita 'terra vermelha' do deserto. Kemet se consolidou por volta do ano 3100 a.C., com a unificação política do Alto e do Baixo Egito. Aliás, o nome Egito, derivado do grego *Aígyptos*, prevaleceu por ser a forma como os europeus adotaram para identificar o país, em lugar do nome que a população local lhe atribuía: *Miṣr*, de origem árabe.

fundamental e médio. Relação esta que demonstra quem conta, o que conta e, como se conta uma história.

> É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo:nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer "ser maior do que outro".Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva. O poeta palestino Mourid Barghouti escreveu que, se você quiser espoliar um povo, a maneira mais simples é contar a história dele e começar com "em segundo lugar". Comece a história com as flechas dos indígenas americanos, e não com a chegada dos britânicos, e a história será completamente diferente. Comece a história com o fracasso do Estado africano, e não com a criação colonial do Estado africano, e a história será completamente diferente.
> Há pouco tempo dei uma palestra numa universidade e um aluno me disse que era uma grande pena que os homens nigerianos fossem agressivos como o personagem do pai no meu romance. Eu disse a ele que tinha acabado de ler um livro chamado O psicopata americano e que achava que era uma grande pena que os jovens americanos fossem assassinos em série. Bem, obviamente eu disse isso num leve ataque de irritação. Mas jamais teria me ocorrido pensar que, só porque li um romance no qual o personagem era um assassino em série, ele de alguma maneira representava todos os americanos. Não digo isso porque me considero uma pessoa melhor do que esse aluno, mas porque, graças ao poder econômico e cultural dos Estados Unidos, tive acesso a muitas histórias sobre esse país. Já tinha lido Tyler, Updike, Steinbeck e Gaitskill. Não tinha uma história única dos Estados Unidos (CHIMAMANDA, 2018, p. 13).

Podemos citar inúmeros exemplos, mas, iremos citar apenas um, que é a afirmação de que a filosofia nasce na Grécia, o que não é verdade, e que se as outras narrativas não fossem silenciadas em espaços acadêmicos, saberíamos que a filosofia nasce em Kemet , Noguera (2012).

> Nós estamos de acordo com o filósofo sul-africano Mogobe Ramose. Ele afirma que "a dúvida sobre a existência da Filosofia Africana é, fundamentalmente, um questionamento acerca do estatuto ontológico de seres humanos dos africanos" (RAMOSE, 2011, p. 8). Uma maneira de abordar isso é através da defesa do direito e da legitimidade de filosofias que não sejam ocidentais, problematizado inclusive a hegemonia dos três supostos modos de fazer filosofia na contemporaneidade, a filosofia continental, a filosofia analítica e o pragmatismo (NOGUERA, 2011, p. 22). Pois bem, o egiptólogo, linguista e historiador Theophile Obenga natural do Congo tem um belo trabalho sobre história do continente africano que subsidia os trabalhos filosóficos de Ramose, converge com as pesquisas de James e Asante. O argumento comum em todos esses autores é o de que a filosofia não foi uma invenção grega. Ora, o cânone da historiografia filosófica dá como certo que o berço grego. A filosofia seria universal e de origem grega. Pois bem, para os nossos objetivos, o conceito de universal é inadequado (NOGUERA, 2012, p. 64).

Existem vários estudiosos debruçados em tais pesquisas e nem sequer são mencionados nos livros didáticos e muito menos nas aulas expositivas de formação docente. Diante tal proposição de narrativa hegemônica sobre a filosofia, teremos inegavelmente como consequência um modelo que irá determinar ontologicamente o sujeito, fazendo-o

que a sua subjetividade seja moldada à condição de sua auto-negação. Configurado o silenciamento em espaços acadêmicos e não-acadêmicos, a sua condição de existência é negada, destarte, quando eu não falo, eu não existo. “Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro.” (Fanon, 2008, p.33),

> Fora algumas falhas surgidas em ambiente fechado, podemos dizer que toda neurose, todo comportamento anormal, todo eretismo afetivo em um antilhano resulta da situação cultural. Em outras palavras, há uma constelação de dados, uma série de proposições que, lenta e sutilmente, graças às obras literárias, aos jornais, à educação, aos livros escolares, aos cartazes, ao cinema, à rádio, penetram no indivíduo – constituindo a visão do mundo da coletividade à qual ele pertence (FANON, 2008, p. 135).

4 A APLICABILIDADE DA LEI 10.639/03 REQUER UM NOVO OLHAR PARA EDUCAÇÃO- POR PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE FATO PLURIVERSAIS

Precisamos contextualizar para assim compreender. A Lei 10639 homologada em 2003 é considerada um marco legal educacional brasileiro, pois torna obrigatório o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na Educação Básica. Ressaltamos aqui que esta lei é fruto das diversas lutas travadas pelo movimento negro ao longo de anos contra o racismo institucional.

Isto posto, é mister afirmar que, as instituições escolares também reproduzem o racismo, quando narra, visibiliza, representa sob o viés exclusivamente eurocêntrico as epistemologias, na escolha do conteúdo dos livros didáticos, a constituição dos currículos escolares, os recursos imagéticos monorracial, entre outras formas. “Coincidentemente é a escola que aparece como cenário das primeiras experiências sociais de negação racial” Carneiro, 2005, p.280).

Diante da diversidade cultural brasileira, a partir de sua formação populacional, podemos empreender que somos um povo diverso e enquanto tais, precisamos nos reconhecer nos espaços, seja ele escolar ou não-escolar. Eis que o papel da educação é de fundamental importância, quando esta alcança o âmbito social, cultural, histórico…, pois contribui para formação cidadã, desenvolve ontologicamente o sujeito, quando em seus saberes “moldam” valores e perspectivas de comportamentos sociais e formas de pensar a si e o outro (CARNEIRO, 2005).

> Pois bem, uma terceira abordagem, aqui denominada de interculturalidade (ou multiculturalismo crítico propriamente dito) aproxima-se mais do nosso propósito: promover perspectivas críticas à preponderância (ou hegemonia?) de um currículo eurocêntrico no cenário educacional brasileiro. Ou seja, uma agenda que pretende administrar conflitos e criar condições políticas e estratégias para combater as desigualdades nas sociedades multiculturais. Uma das táticas da interculturalidade se encontra no exercício da hermenêutica diatópica. Vale registrar que por “hermenêutica diatópica” entendemos uma abordagem bem próxima daquilo que Raimundo Panikkar nos apresenta em seu texto: Seria a noção de direitos humanos uma concepção universal? (2004). Com efeito, por

> hermenêutica diatópica podemos entender a necessidade de que todas as culturas são parciais e incompletas e precisam participar de um diálogo intercultural, confrontando as mais diversas perspectivas para benefício mútuo. O que pode funcionar como uma estratégia de descolonização, emancipação e promoção da interculturalidade (NOGUERA, 2017, p. 399).

Estamos falando na construção e desenvolvimento das subjetividades, onde, a educação escolar tem sua contribuição direta. E com isso, retomamos aqui para o que de fato a aplicabilidade da lei nos espaços escolares, pretende proporcionar. Pois, reconfigura a escolarização brasileira para inserção de outras narrativas e protagonismos. cuja forma de pensar e olhar o outro e o mundo é visibilizada e consequentemente experienciada de fato que:

> [...] a África deve ser estudada a partir de suas próprias estruturas, analisando-as em função das inter-relações dentro do continente, mas também em relação ao mundo extra-africano. Somente assim poderão ser descobertas as múltiplas maneiras pelas quais a evolução dos povos africanos interferiu e/ou influenciou eventos nas diversas sociedades do mundo e não somente o inverso, como tem se dado até agora. Um enfoque diacrônico que privilegie tanto as relações intra-africanas quanto a interação do continente com o mundo exterior permitirá dar conta de fenômenos e de períodos que ainda se mantêm na escuridão e são lacunas do conhecimento mundial (MOORE, 2005, p. 141).

E cabe aqui, pontuar que tal mudança precisa primeiramente tomar os espaços de formação docente, quando em sua construção curricular trará autores e cientistas de outros países, neste caso em específico pontuamos as contribuições científicas africanas e afro-brasileiras, como pode ser visto, optamos por fazer um recorte racial no panorama apresentado. Pois, não adianta falar em diversidade e contextualização para o aluno, se nas próprias salas das universidades e faculdades a diversidade não é experienciada.

Existe uma falsa democracia educacional, que limita e oculta saberes, tanto dentro das salas do ensino superior quanto nas salas de aula da educação básica. Basta citarmos a forma como são narrados os acontecimentos históricos e quem é destacado como protagonista científico, PINHEIRO (2020).

Assim, uma educação pluriversal versa sobre as diversas possibilidades educacionais (em espaços escolares e não escolares), pensando a educação para além dos espaços institucionalizados, pensar que o processo de ensino-aprendizagem, dá e acontece de diversas formas, nos mais variados contextos e possuem valores equitativos, onde não há uma hierarquização do saber. É entender que existem saberes, e ele é múltiplo e amplo, Njeri (2020).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões realizadas, podemos pensar que se torna urgente modificações estruturais no modelo didático pedagógico adotado pela educação escolar brasileira, a partir de sua base epistemológica, e que reverbera tanto nas práticas pedagógicas quanto no modus operandi, nos conteúdos utilizados para formação docente, em especial, a alteração da narrativa, utilizando como método as contribuições realizadas pelas Análise Crítica do Discurso que apontam possibilidades de análise à categoria discursiva.

Corroboramos com o pensamento de que o genocídio é algo que tange a um povo/raça, ou seja, é uma experiência coletiva, e devemos entender que a emancipação político-econômica-identitária-cultural somente ocorrerá quando o povo negro estiver ciente da dinâmica de vida na qual estão inseridos e a influência do Ocidente sobre si, tornando-se agentes de sua própria história, A população negra afro-brasileira precisa em caráter de urgência ser aquela que narra suas próprias realidades, possibilitando, assim, novas vias para o reestabelecimento de sua humanidade defesa e sobrevivência RIBEIRO/NJERI (2019).

É sobre protagonizar a sua própria narrativa, de forma que estes sujeitos potencializam as suas existências através de sua própria história, resgatando o legado que foi roubado e precisa se tornar prática, como forma de reverenciar o passado e construir o seu futuro através de nossa própria matriz cultural.

Assim de acordo com (SANTOS, 2019) precisamos fazer alguns questionamentos à estrutura acadêmica que precisa reconhecer o lugar de privilégios que a mesma reforça e reproduz, pois, esta precisa rever no discurso de extensão se os avanços cientificamente validados estão de fato fazendo parte do seio social. Diante da colonização mental que a mesma reforça, através de suas epistemologias, existe um movimento contrário que honra e continua às lutas de resistência, seja de forma acadêmica ou qualquer outra, intencionalmente focada em romper com essa lógica de dominação. Pois diante da narrativa contra hegemônica que conseguimos efetivar aqui, não resta dúvidas de que nunca estivemos passivos a tanta violência SANTOS (2019).

Aqui, conclamamos para que a educação estabeleça o seu papel de emancipar no sentido mais amplo possível, pois é sobre perspectivas e possibilidades autônomas. E a mesma só se tornará de fato, quando permitir efetivar um movimento contra-colonial e consequentemente contra-hegemônico. Para assim tornarmos possível a nossa aproximação com as nossas origens através de nossa reconexão ancestral, a exemplo disto, nossa conexão com a natureza.

5 REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser.** Feusp, 2005. (Tese de doutorado)

DIOP. Cheick Anta. **A Unidade Cultural da África Negra.** Tradução: Luanda: Edições Mulemba, 2014.

DIOP. Cheick Anta. **A Origem Africana da Civilização.** Mito ou realidade. Tradução: para o Português a partir da tradução inglesa de Mercer Cook1955.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro:** alguns apontamentos históricos.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador:EDUFBA, 2008.

MEC. **Dicionário Escolar do Professor, organizado por Francisco da Silveira Bueno**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1963, p 580.

MACHADO, Carlos Eduardo Dias. **Gênios da Humanidade:** Ciência, Tecnologia e Inovação Africana e Afrodescendente. Bookess. 2014.

MOORE, Carlos Wedderburn. **Novas Bases para o Ensino de História da África no Brasil.**

MOORE, Carlos. **Racismo e sociedade:** novas bases epistemológicas para entender o racismo. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

NASCIMENTO, Abdias do. **Genocídio do negro brasileiro:** Processo de uma Racismo Mascarado. 3.ed. - São Paulo: Perspectivas, 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra.** Afrodiáspora. Ano 3 nº 6 e 7, 1987.

NJERI, Aza. **Reflexões artístico- filosóficas sobre a humanidade negra**. Revista Ítaca nº. 36 - Especial Filosofia Africana, 2020.

NJERI, Aza e RIBEIRO, Katiúscia. **Mulherismo Africano:** práticas na diáspora brasileira. Currículo sem Fronteiras, v. 19, n. 2, p. 595-608, maio/ago. 2019

NOGUERA, Renato. Denegrindo a educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. Revista Sul- **Americana de Filosofia e Educação** . Número 18: maio-out/2012, p. 62-73.

NOGUERA, Renato. **O poder da infância:** espiritualidade e política em afroperspectiva. Momento - Diálogos em Educação, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 127–142, 2019. DOI: 10.14295/momento.v28i1.8806. Disponível em: https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8806. Acesso em: 3 jun. 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação.** Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

PASSOS, M. C. A. dos, & PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Do epistemicídio à insurgência:** o currículo decolonial da Escola Afro- Brasileira Maria Felipa (2018-2020). Cadernos de Gênero e Diversidade, 7(1),118-135**.** https://doi.org/10.9771/cgd.v7i1.43442.

PONTES, Katiúscia Ribeiro. **Kemet, escolas, arcádeas:** a importância da filosofia africana no combate ao racismo epistêmico e a lei 10639/03. CEFET/RJ, 2017. (Dissertação de mestrado)

SANTOS, Gersiney. Linguagem e decolonialidade: discurso e(m) resistência na trilha da aquilombagem crítica. *In*: REZENDE , Viviane de Melo. (Org) **Decolonizar os estudos críticos do discurso.** Pontes Editores, 2019. p. 117 - 144.

O QUE É ABA?

Larissia da Silva Santos Ramos[1]
Alana Danielly Vasconcelos[2]

RESUMO: A aprendizagem é formada por diversas vias, diante disso, existe uma heterogeneidade de alunos que apresentam seu ritmo na aquisição do conhecimento. Dessa maneira, cresce a necessidade de um olhar individualizado para esses alunos, fazendo com que o educador busque uma formação continuada em busca de estratégias de ensino, para assim efetivar uma educação inclusiva. Por conseguinte, Lear (2014), considera a Análise do Comportamento (ABA) como uma ciência do comportamento humano que tem sua origem nos estudos de Skinner, de base behaviorista, cuja finalidade é observar, analisar e explicar a associação que existe entre o comportamento humano, o ambiente e a aprendizagem. O trabalho teve por objetivo geral compreender o conceito da Análise do Comportamento Aplicada no contexto educacional e sua possível contribuição no processo de aprendizagem de estudantes com Autismo, com base numa pesquisa qualitativa segundo Richardson (2017) em que, chegou-se à consideração de que a ABA entra como aliada no ambiente escolar na atuação com alunos dentro do TEA (Transtorno do Espectro do Autista) utilizando-se de reforçadores de estímulos, auxiliando os estudantes quanto a sua aprendizagem, socialização e interação.
Palavras-Chave: Análise do Comportamento; Inclusão Escolar; Transtorno do Espectro do Autismo.

Abstract: *Learning is formed by several ways, before that, there is a heterogeneity of students who present their rhythm in the acquisition of knowledge. In this way, the need for an individualized look at these students grows, causing the educator to seek continuing education in search of teaching strategies, in order to carry out an inclusive education. Therefore, Lear (2014), considers Behavior Analysis (ABA) as a science of human behavior that has its origin in Skinner's studies, with a behaviorist basis, whose purpose is to observe, analyze and explain the association that exists between behavior and behavior. human, environment and learning. The general objective of the work was to understand the concept of Behavior Analysis Applied in the educational context and its possible contribution to the learning process of students with Autism, based on a qualitative research according to Richardson (2017) in which, it came to the consideration that ABA enters as an ally in the school environment in working with students within the TEA (Autistic Spectrum Disorder) using stimulus reinforcers, helping students in their learning, socialization and interaction.*

Keywords: *Behavior Analysis; School inclusion; Autism Spectrum Disorder.*

1 INTRODUÇÃO

A aprendizagem é constituída por vários caminhos, onde cada estudante é único e apresenta seu ritmo para aprender. Isto posto, destaca-se que a aprendizagem escolar se constitui de movimentos complexos que perpassam pela memória, percepção, dentre outros

[1] Larissia da Silva Santos Ramos discente do curso de Pedagogia na Faculdade São Luís de França
[2] Profa. Dra. orientadora e regente da disciplina trabalho de conclusão de curso.

fatores que são essenciais para o desenvolvimento infantil e da aprendizagem segundo Baran (2014).

Dentro deste contexto da aprendizagem, se apresenta como elemento de discussão o comportamento humano, pois, a partir deste comportamento, pode-se traçar estratégias de aprendizagem que podem ou não se tornarem significativas para o sujeito aprendente. Surge assim, a *Applied Behavior Analysis* ou em sua tradução, conhecida como Análise do Comportamento (ABA), atualmente, muito encontrada nos debates no contexto educacional e da saúde.

De forma breve e, considerando Lear (2004) a ABA pode ser compreendida como uma ciência do comportamento humano que tem sua origem nos estudos de Skinner, de base behaviorista, cuja finalidade é observar, analisar e explicar a associação que existe entre o comportamento humano, o ambiente e a aprendizagem.

Desta forma, no contexto escolar, a ABA pode ser aplicada na sala de aula, tanto na educação básica quanto no ensino superior, em que, utilizando-se de reforçadores de estímulos, pretende-se auxiliar estudantes quanto a sua aprendizagem. Destaca-se que a ABA, vem sendo utilizada como um meio de auxiliar estudantes com transtorno de aprendizagem, a exemplo do Autismo, no âmbito escolar e clínico.

À vista disso, este artigo tem por objetivo geral compreender o conceito da Análise do Comportamento Aplicada no contexto educacional e sua possível contribuição no processo de aprendizagem de estudantes com Autismo. A justificativa deste trabalho, perpassa pela necessidade de trazer uma ampliação do conceito da ABA no ambiente educacional e, enquanto ciência, como a mesma pode ser utilizada para ajudar os estudantes com Autismo a desenvolverem uma aprendizagem significativa e autônoma, promovendo, consequentemente, uma qualidade de vida para esses sujeitos.

A motivação para a realização deste artigo, é compartilhar a grande importância de incluir um aluno autista na sala de aula regular, mediante ações coletivas, com o propósito dos educadores e comunidade escolar rever a importância do ensino aprendizagem na vida desses educandos (SANTOS, 2017). Destarte, a pesquisa se classifica como um trabalho de abordagem qualitativa segundo Richardson (2017), com revisão bibliográfica por meio de artigos e livros científicos.

2 O NASCIMENTO DA CIÊNCIA ABA

O nascimento da Análise do Comportamento (ABA), também conhecida como a *Applied Behavior Analysis*, surge com o estudioso Burrhus Frederic Skinner. Segundo Moreira e Medeiros (2008) abordam que Skinner nasceu em 20 de Março de 1904 no estado

norte- americano de Nova York, sua primeira formação acadêmica é em letras, passou a absorver intelectualmente as literaturas de Jhon Whatson e Ivan Pavlov. Após isso, desperta o desejo de cursar pós-graduação de psicologia na Universidade de Harvard, seguindo para seu PhD em psicologia (1931). Skinner sempre apresentou empatia com a causa humana, dedicou-se para que a psicologia fosse um agente na construção de um mundo melhor, defendia a Ciência como um caminho que possibilita um conhecimento rápido e seguro.

A ABA, segundo Moreira e Medeiros (2008), pode ser compreendida como:

> [...] uma abordagem psicológica que busca compreender o ser humano a partir de sua interação com seu ambiente (condicionamento pavloviano, contingências de reforço e punição, esquemas de reforçamento, o papel do contexto, entre outros tipos de interação). É importante ressaltar que o conceito de ambiente, para a Análise do Comportamento, vai muito além do seu significado comum. Ambiente, em Análise do Comportamento, refere-se ao mundo físico (as coisas materiais), ao mundo social (interação entre outras pessoas), à nossa história de vida e à nossa interação com nós mesmos; tudo isso é ambiente para a Análise do Comportamento. Falar, simplesmente, que "duas pessoas que estão no mesmo lugar" ou "duas crianças que foram criados na mesma casa" estão no mesmo ambiente parte de uma compreensão estreita do conceito. [...] Em Análise do Comportamento, podemos identificar como os indivíduos interagem com seus ambientes a partir dos conceitos de condicionamento pavloviano; condicionamento operante; discriminação de estímulos, esquemas de reforçamento, etc., para tentar prever (saber sob quais circunstâncias o comportamento tem maior probabilidade de ocorrer) e controlar o comportamento (por exemplo, intervenções psicoterápicas). A idéia central, exceto para condicionamento respondente, é a seguinte: as consequências que determinado comportamento produziu no passado selecionaram esses comportamentos, ou seja, influenciam se ele continua ou não ocorrendo. Sendo assim, se mudarmos as consequências do comportamento hoje, o comportamento muito provavelmente será alterado (controle do comportamento) (MOREIRA & MEDEIROS, 2008, p. 213).

Consequentemente, essas variáveis de comportamentos podem trazer prejuízos no processo de ensino-aprendizagem. Diante disso, a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), no ambiente escolar, poderá contribuir com a diminuição dos comportamentos disruptivos do aluno, possibilitando um engajamento nas atividades, maior interação com os pares e professores. Isso se dá, segundo Martins (2020) por meio dos protocolos aplicados de maneira intensiva através da ABA.

3 ABA NO AMBIENTE ESCOLAR

A escola é um espaço de ensino e aprendizagem, onde o sujeito aprende com o meio no qual está inserido. Dessa forma, destaca-se que, de acordo com a Constituição Federativa do Brasil de 1988, em seu artigo 205, a educação constitui-se como um "direito de todos,

cabendo ao Estado, e a família assegurar e propor um bom desenvolvimento idôneo e a preparar para exercício da cidadania, e qualificação para o trabalho" (BRASIL, 1988).

Nessa perspectiva, entende-se que a Pessoa com Deficiência (PCD) inclusiva, precisa ser respeitada e ter seu direito a viver em sociedade como outro qualquer cidadão. Destaca-se assim, a partir da Lei Brasileira de Inclusão (LBI) N° 13.146

A lei brasileira de inclusão garante que:

> [...] Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem (BRASIL, 2015).

Nesse sentido , Camargo e Rispoli, (2013, apud MARTINS, 2022) ressaltam que a ABA é uma abordagem baseada em evidências científicas e que tem se mostrado eficaz para o tratamento de crianças com TEA, com princípios da psicologia comportamental com estratégias; que visam a promoção e ampliação de 32 comportamentos socialmente importantes e a redução daqueles comportamentos considerados inadequados como: Estereotipias, apego inflexível a rotinas, agressão, auto agressão, dentre outros. Segundo Duarte, Silva e Velloso (2018 apud, MARTINS, 2022), os quais tornam-se barreiras importantes para a adaptação e permanência da criança com TEA na escola.

Desse modo, para Leach (2010, apud, MARTINS, 2022), o uso de estratégias da ABA em contextos naturais, como na escola, tem o potencial de contribuir para minimizar tais comportamentos e promover uma adaptação e aprendizagem significativa.

A ABA se baseia na filosofia do Behaviorismo Radical de B. F. Skinner que busca compreender o ser humano através da sua interação com o ambiente, e o processo de aprendizagem associado ao comportamento operante, de acordo com a teoria do condicionamento operante. Segundo essa teoria, a ocorrência, ou não, de certo comportamento é determinada pelas suas consequências, que são conhecidas por de reforçadores ou punidores, conforme é trazido por Piovesan; Ottonelli; Bordin e Piovesan (2018).

> [...] uma consequência pode ser reforçadora (aumentar a probabilidade de ocorrência do comportamento) por representar algo agradável. Ou pode ser reforçadora por significar a retirada de algo desagradável. (PIOVESAN; OTTONELLI; BORDIN; PIOVESAN, 2018, p. 28).

O uso de reforçadores segundo Oliveira e Massolin (2022) é essencial no ambiente escolar, visto que é essencial que educadores utilizem reforçadores para os alunos, onde pode ser utilizado um reforço social ou algum objeto que já tenha na sala de aula e que seja do interesse deles. Além disso, ao planejar a aula deve ser bem detalhado, promovendo

assim a sua participação em aula, utilizando o reforço imediatamente para promover comportamentos positivos.

Contudo , para a implementação deste modelo baseado em ABA na escola, é necessário primeiramente que a instituição tenha um profissional com formação na área, pois este, é responsável por planejar cuidadosamente as avaliações e a adaptação curricular para o aluno. Logo após a avaliação desse aluno, é elaborado um Planejamento de Ensino Individualizado – PEI, onde é definido o que ensinar, como ensinar e como deve ser a estruturação da sala de aula para receber o aluno (OLIVEIRA; MASSOLIN, 2022).

Desta forma, considera-se a ABA como uma ciência que poderá contribuir significativamente com a aprendizagem dos estudantes no ambiente escolar tendo em vista que, esta ciência atua na análise do comportamento, no aspecto preventivo e terapêutico.

4 ABA COM ALUNO AUTISTA

Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM5, 2013) o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) está classificado dentro da categoria de transtornos do neurodesenvolvimento, apresentando déficits nas habilidades sociocomunicativas e comportamentais. O termo “espectro” denota a variabilidade de características que cada indivíduo pode apresentar dentro das áreas deficitárias, nas quais os níveis de comprometimento podem ser classificados como leve, moderado e grave (SCHMIDT, 2013; APA, 2013, apud MARTINS, 2022).

Para Gaiato (2019) a causa do TEA ainda é pouco conhecida, porém, estudos apontam comprovadamente o papel dos genes no Transtorno do Espectro do Autismo. Acredita-se que essa é a causa relevante para o aparecimento dos sintomas. Além disso, os estudos realizados com familiares fortalecem essa relação. Crianças com autismo têm maior número de alterações cromossômicas do que a população normal e, com isso, maiores chances de ter outros transtornos associados.

O TEA gera muitas dúvidas e dificuldades para os professores, mas atualmente existem diversas abordagens e programas de intervenção que visam minimizar os déficits do transtorno (SCHMIDT, 2017, apud MARTINS, 2022).

As abordagens com aporte científico de evidências sobre sua eficácia para crianças com TEA são aquelas oriundas da Análise do Comportamento Aplicada ou ABA, com princípios da psicologia comportamental, tornando-se uma abordagem amplamente pesquisada e adotada internacionalmente para indivíduos com TEA, por ser uma prática baseada em evidências, cuja efetividade e eficácia foram apresentadas em diversas

comprovações científicas de qualidade metodológica (CAMARGO; RISPOLI, 2013, apud MARTINS, 2022).

Sendo assim, Bezerra (2018) afirma que, no ambiente escolar o modelo ABA está cada dia se inserindo, contribuindo com os procedimentos pedagógicos e propondo meios de inibir comportamentos inapropriados. Na sala de aula para engajar o aluno com TEA na participação das atividades deve-se elaborar um quadro de rotina estruturado com imagens que antecipe visualmente as tarefas a serem realizadas, na conclusão das mesmas as imagens são retiradas pelo aluno ou com a ajuda da professora, esse processo trabalha a previsibilidade que consequentemente diminuirá a ansiosidade (ARARIPE, 2019).

Segundo Piovesan *et al*., (2018), o behaviorismo radical de Skinner, em que a ABA se baseia, traz contribuições diretas à escola. Levando em consideração as práticas educacionais, é importante que o conteúdo a ser ensinado seja subdividido em pequenas partes, e é importante o uso de reforçadores para o processo de aprendizagem escolar. Além disso, é essencial considerar que cada estudante tem seu próprio ritmo de aprendizagem e esse deve ser respeitado.

Segundo Skinner (1968/1972) ensinar é arranjar contingências de reforço, é facilitar o processo de aprendizagem. Ainda na perspectiva das autoras, a avaliação é um elemento muito útil, pois o erro pode indicar ao professor que o seu procedimento de ensino não está sendo efetivo, e que sua metodologia de ensino precisa ser revista. O professor também deve estimular uma atitude ativa por parte do estudante, para que o estudante participe das atividades e não seja apenas um mero receptor de informações (PIOVESAN, *et al*., 2018).

Desta forma, entende-se que a ABA é de extrema importância no processo de ensino e aprendizagem, pois possibilita por meio da educação especial mecanismo de inclusão para o aluno com TEA.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo foi destacado sobre a aprendizagem, por isso, suas formas e ritmos sempre respeitando as particularidades de cada sujeito. Dessa maneira, o DSM 5 (2013) aponta o Transtorno do Espectro do autismo e sua correlação ao transtorno do neurodesenvolvimento acometendo o indivíduo com prejuízos nas habilidades sociocomunicativas e comportamentais. Desse modo, Gaiato (2019) ressalta que o próprio nome Espectro já nos dá uma ideia de amplitude e variedade, e nos faz compreender que não existem 2 autistas iguais, cada um é único com suas singularidades.

Deste modo, o presente artigo aborda o Behaviorismo (Análise do Comportamento) sob a perspectiva do estudioso Burrhus Frederic Skinner, onde teve um olhar específico para o comportamento humano por meios de estímulos reforçadores e sua abordagem.

À vista disso Piovesan; Ottonelli; Bordin e Piovessan (2018), mencionam os benefícios da ABA no âmbito da educação, como na aquisição de comportamentos aprendidos, bem como elementos necessários à mudança de repertório comportamental. A ABA vem sendo inserida com alunos neurodiversos, dentro do Transtorno do Espectro do Autismo colaborando no processo de ensino e aprendizagem, interação e socialização entre os pares.

Portanto, chega-se a consideração que há desafios para que a inclusão seja feita com equidade, porém, o educador como um agente motivador deve a cada dia buscar uma formação continuada libertando-se da conformidade que padronizam e engessam os saberes.

6 REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: **DSM**-5. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARARIPE, Natalie Brito et al. Novos arranjos em tempos de covid-19: apoio remoto para atendimento de crianças com transtorno do espectro autista. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, v. 15, n. 2, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufpa.br/index.php/rebac/article/download/8768/6344. Acesso em: 05 de maio de 2022.

BARAN, M. et al. **Lembrar, espelhar e experimentar:** distanciamentos e sobreposições entre público e especialistas brasileiros sobre desenvolvimento na primeira infância. Washington, DC: Instituto FrameWorks, 2014.

BEZERRA, M. F. A importância do método aba–reanálise do comportamento aplicada–no processo de aprendizagem de autistas. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, p. 189-204, 2018.

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**: promulgada em 6 de julho de 2015/ obra coletiva de autoria do Ministério Público do Trabalho, Procuradoria Regional do Trabalho da 17ª Região, PCD Legal. - Vitória, 2016. 60 p.

GAIATO, Mayra. **SOS Autismo:** Guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista. nVersos, 2018. p. 1-61

LEAR, Kathy**. Ajude-nos a Aprender**.(Help us Learn: A Self-Paced Training Program for ABA Part 1:Training Manual). Trad. por Windholz, M.H.; Vatavuk, M.C.; Dias, I. S.;Garcia Filho, A.P. e Esmeraldo, 2.ed. Toronto Canadá, 2004. Disponível em: http://www.autismo.psicologiaeciencia.com.br/wpcontent/uploads/2012/07/Autismo-ajude-nos-a-aprender.pdf. Acesso em: 18 de março de 2022.

MARTINS, Juliana dos Santos. **Contribuições da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) para adaptação escolar de crianças pré-escolares com autismo**. Pelotas, 2020.

(Dissertação de Mestrado) - Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/6173/1/Dissertacao_Juliana_dos_Santos_Martins.pdf Acesso em: 10 de Março de 2022.

MOREIRA, Márcio Borges; MEDEIROS, Carlos Augusto de. **Princípios de análise do comportamento** [recurso eletrônico]– Porto Alegre : Artmed, 2014. e-PUB Editado também como livro impresso em 2007. ISBN 978-85-8271-131-6 1. Análise comportamental. I. Medeiros, Carlos Augusto de. II. Título.

OLIVEIRA, R. S. MASSOLIN, A.A.R. Estudo sobre a análise do comportamento aplicada (ABA) e sua contribuição para a inclusão de crianças com transtorno do espectro autista (TEA), graus II e III, no ensino fundamental I. **Uninter**. 2022. Disponível em: https://repositorio.uninter.com/handle/1/905. Acesso em: 21/05/2022.

PIOVESAN, Josieli et al. Introdução ao estudo da psicologia. In.**Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal de Santa Maria. 2018. p. 9-38.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social** : métodos e técnicas /colaboração Dietmar Klaus Pfeiffer. – 4. ed. rev., atual. e ampl. – São Paulo: Atlas, 2017.

SANTOS, Fabiana Castor**. Autismo e educação:** uma reflexão acerca da escola comum inclusiva. IN: Tons de azul: múltiplos olhares sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA). SOUZA, Rita de Cácia Santos. (Org.). Aracaju: Criação, 2017. p. 127.

TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Liliany Souza Costa[1]
Alana Danielly Vasconcelos[2]

RESUMO: O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) tem como características básicas a desatenção, a agitação e a impulsividade. Reconhecendo que, hoje, esse distúrbio é um grande desafio para a educação e para os familiares, de acordo com DSM-5 (2014). O presente estudo, de caráter bibliográfico e qualitativo, de acordo com Richardson (2017), apresentou como proposta informar sobre o TDAH no processo de ensino-aprendizagem. Para isso, fez-se um estudo aprofundado sobre o que é TDAH, suas características, consequências, diagnóstico e as leis que estão em vigência, bem como as implicações no ambiente escolar, apontando qual o papel da escola e do professor diante da problemática.
Palavras-Chave: Educação; Déficit de Atenção e Aprendizagem; Hiperatividade; Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.

ABSTRACT: *Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) has as its basic characteristics inattention, agitation and impulsivity. Recognizing that, today, this disorder is a great challenge for education and family members according to Dsm-5(2014). The present study, bibliographic and qualitative, in accordance with Richardson (2017), presented as a proposal to inform about ADHD in the teaching-learning process. To this end, an in-depth study was carried out on what ADHD is, characteristics, consequences, diagnosis and laws that are in force, as well as the implications in the school environment, pointing out the role of the school and the teacher in the face of the problem.*
Keywords: *ADHD (Attention Deficit Hyperactivity Disorder). Hyperactivity. Attention deficit and learning. Education.*

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) provocou algumas inquietações na minha vivência profissional e pessoal. Fui percebendo que ainda não é um assunto muito abordado por alguns profissionais ou até mesmo por familiares, por muitos ainda compreenderem que se trata apenas de crianças “agitadas, desatentas, hiperativas”, descartando a possibilidade de ser diagnosticado um possível TDAH.

O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurobiológico, de causas genéticas, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Ele se caracteriza por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade e é chamado, às vezes, de DDA (Distúrbio do Déficit de Atenção). No processo de aprendizagem, as crianças com o transtorno podem apresentar notas baixas e problemas ao executar atividades. Normalmente, os primeiros sinais do TDAH são percebidos na escola, quando raciocínio, concentração e memória passam a ser mais exigidos por parte das crianças.

---

[1] Liliany Souza Costa discente do curso de Pedagogia na Faculdade São Luís de França

[2] Profa. Dra. Alana Danielly Vasconcelos orientadora e regente da disciplina trabalho de conclusão de curso.

Ao dar início na minha jornada profissional, percebi o quanto estamos sempre querendo “crianças perfeitas”, no sentido de não correr na sala, no querer que falem baixo ou que façam aquilo que foi determinado por nós enquanto adultos. Se analisarmos o nosso dia a dia em sala de aula, ou quando vamos ministrar aulas particulares, estamos sempre ditando regras e querendo que os alunos sejam sempre mais organizados.

Diante disso, como fazer o planejamento nas construções das nossas aulas para esses alunos? Foi na vivência e é na vivência que estou adquirindo aprendizagem de como lidar com esses alunos. Entretanto, é importante ressaltar que crianças com TDAH são tão criativas e inteligentes quanto as demais. As dificuldades são provocadas apenas pelo transtorno e, com o tratamento e o método de ensino adequados, o desempenho escolar tende a melhorar.

Desta forma, o objetivo deste artigo é informar sobre a importância de se falar mais sobre o TDAH, como são necessários o tratamento e a compreensão dos docentes para com os alunos. A justificativa do trabalho decorre da necessidade e da deficiência do TDAH em sala de aula. Um aluno com TDAH não vai ficar atento ou vai prestar atenção nas explicações, quando o professor estiver explicando. Ele precisará de uma atenção maior e um olhar do docente para com ele de forma que compreenda sua didática em sala de aula. A metodologia do artigo pauta-se na abordagem qualitativa, por meio de um trabalho de revisão bibliográfica, segundo Richardson (2017).

2 COMO TRABALHAR O TDAH EM SALA DE AULA

É cada vez mais comum encontrar, na escola, discentes com TDAH, que são confundidos com crianças que possuem mau comportamento, que resistem às orientações dos docentes que ficam inquietos, agitados e ansiosos mediante determinada situação em sala de aula. Por alguns alunos não serem diagnosticados com esses transtornos, começam os questionamentos, refletidos sobre o problema apresentado em sala de aula, o que os deixam “atrasados” em seus conteúdos em relação aos seus colegas. Dessa forma, são aumentados os índices de repetência, baixo rendimento escolar, evasão e dificuldades emocionais e sociais.

> [...] Uma vez diagnosticado o TDAH, esse aluno deve ser considerado como uma criança com necessidades educacionais especiais, pois para que tenha garantidas as mesmas oportunidades de aprender que os demais colegas de sala de aula, serão necessárias algumas adaptações visando diminuir a ocorrência dos comportamentos indesejáveis que possam prejudicar seu progresso pedagógico [...] (REIS, 2011 p. 8).

Os educadores descrevem a criança da seguinte forma: levanta-se da carteira a todo

instante, mexe com um ou com outro, fala muito. Parece que é elétrica, ou que está com um motorzinho ligado o tempo todo. De acordo com Cabral e Silva (2010), raramente consegue ficar sentada, mas se é obrigada a permanecer sentada, se revira, bate com os pés, mexe com as mãos, ou então acaba adormecendo. Dificilmente consegue se interessar por uma brincadeira em que tenha que ficar quieta, mas está sempre correndo, subindo em móveis, árvores, e frequentemente em locais perigosos. Uma criança mais hiperativa nem mesmo consegue ficar quieta para comer e não consegue sentar, menos ainda consegue assistir a um programa de televisão, ler um livro ou uma revista.

A criança com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade em Sala de Aula é um desafio para com os professores. Quando se está em sala de aula com um aluno diagnosticado com TDAH, é muito importante que o docente se volte ao planejamento e escolha as atividades para todos os envolvidos e principalmente para a criança com diagnóstico de TDAH, pois esta exigirá atividades específicas que visam contribuir com seu processo de aprendizagem. É desafiador trabalhar com crianças neuroatípicas e neurotípicas em um mesmo ambiente, pois, independentemente de suas necessidades, elas não gostam de atividades monótonas, repetidas, não ficam quietas, são desatentas e conversam na hora das explicações.

> [...] o professor é um dos primeiros a identificar o comportamento diferenciado da criança e orienta que a primeira coisa a ser feita nesses casos é chamar os pais para conversar e sugerir que busquem ajuda de um especialista. [...] assim que a criança for diagnosticada, deve ter início um acompanhamento multidisciplinar que, na opinião dele, pode contar com um terapeuta, um psiquiatra infantil ou outro médico conforme a necessidade (RAMOS, 2009. In ABDA - 2012, p. 1).

De acordo com Lima (2005), a fragilidade do TDAH costuma aparecer indiretamente, na necessidade de afirmá-lo como tal. Dentro deste aspecto, é fundamental que o professor identifique os pontos fortes e os pontos a melhorar dos seus alunos e crie oportunidades, baseando-se nos pontos fortes, para desenvolver e melhorar a autoestima do aluno. É importante criar expectativas realistas em relação aos alunos com este transtorno, bem como desenvolver a sua noção de competência e responsabilidade.

Crianças com TDAH são frequentemente alvo de reações negativas e castigos, por isso é essencial a compreensão, o encorajamento e o elogio, evitando a tendência para a ocorrência de ligeiras depressões.

Para Instituto NeuroSaber (2016), a adaptação de alunos com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade pode ser difícil, especialmente devido à sua frágil autoestima, às explosões temperamentais e à sua fraca tolerância à frustração. Alguns destes alunos ainda podem apresentar dificuldades de aprendizagem, trazendo mais frustração. Por isso, é muito importante que seja feito um trabalho de acompanhamento, realizado em conjunto

com a família, de forma com que em casa também seja mantido o seu tratamento e a rotina dessa criança.

Conforme Mattos (2020), ao se trabalhar com uma criança que possui TDAH, no ambiente escolar, evita-se instruções muito longas e parágrafos muito extensos. Isso certamente será apreciado e facilitará o aprendizado de todos os alunos, sem exceção. Por exemplo, provas com enunciados longos funcionam muito mais como "armadilha" do que uma tentativa de esclarecimento da pergunta. Espaço entre as perguntas e clareza nas instruções são imprescindíveis para uma melhor realização de provas.

> Uma boa forma de envolver todos os alunos, principalmente os que têm TDAH, é solicitar que um aluno repita a instrução que você acabou de dar para a realização de uma determinada tarefa (alternância entre os alunos/aumenta a atenção de toda a turma). (TDAH e Escolas - Associação Brasileira do Déficit de Atenção ABDA, 2021).

No âmbito desta discussão, como afirma a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1998), "[...] Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos". Segundo a lei citada, as escolas de educação básica com rede pública e privada, com o apoio da família e dos servidores de saúde, devem garantir o cuidado e a proteção ao educando com dislexia, TDAH ou outro transtorno de aprendizagem, com vistas ao seu pleno desenvolvimento físico, moral, mental, espiritual e social, com auxílio das redes de proteção social existentes no território, de natureza governamental e/ou não governamental.

Esses educandos que apresentam alterações no desenvolvimento da leitura e da escrita, ou instabilidades na atenção que repercutem na aprendizagem, devem ter assegurado o acompanhamento específico direcionado à sua dificuldade, da forma mais precoce possível, pelos seus educadores no âmbito escolar.

Na tabela de nº 01, pode-se ver algumas leis que foram aprovadas no âmbito desta discussão:

Tabela 01. **Legislações que retratam o direito das Pessoas com Deficiência**

Legislação	**Assunto**
UNICEF - Declaração Universal dos Direitos: 10 de Dezembro de 1948	Tendo em conta que a necessidade de proporcionar à criança uma proteção especial foi enunciada na Declaração de Genebra de 1924 sobre os Direitos da Criança e na Declaração dos Direitos da Criança adotada pela Assembleia Geral em 20 de novembro de 1959, e reconhecida na Declaração Universal dos Direitos Humanos, no Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos (em particular nos Artigos 23 e 24), no Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (em particular no Artigo 10) e nos estatutos e instrumentos pertinentes das Agências Especializadas e das organizações
RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº **2**, DE 11 DE SETEMBRO DE **2001**.(*) Institui	Art. 1º A presente Resolução institui as Diretrizes Nacionais para a educação de alunos que apresentem

Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.	necessidades educacionais especiais, na Educação Básica, em todas as suas etapas e modalidades. Parágrafo único. O atendimento escolar desses alunos terá início na educação infantil, nas creches e pré-escolas, assegurando-lhes os serviços de educação especial sempre que se evidencie, mediante avaliação e interação com a família e a comunidade, a necessidade de atendimento educacional especializado. Art. 2º Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos.
APROVADO NA COMISSÃO DE EDUCAÇÃO – DIA 05/06/2013 – PROJETO DE LEI 7081/10	O Projeto de Lei 7081/10, que dispõe sobre o diagnóstico e o tratamento do TDAH e Dislexia na educação básica, foi aprovado em três Comissões no Senado Federal e, agora, só faltam mais duas para que seja reconhecido como Lei Federal. O projeto de Lei 7081/2010, de autoria do Senador Gerson Camata (PMDB), cuja relatoria é da Deputada Federal Mara Gabrilli (PSDB – SP), tem por objetivo instituir, no âmbito da educação básica, a obrigatoriedade da manutenção de programa de diagnóstico e tratamento do TDAH e da Dislexia. O projeto já foi aprovado no senado e faltam apenas 3 comissões para ser aprovado na Câmara dos Deputados. O projeto estabelece que as escolas devam assegurar aos alunos com TDAH e Dislexia acesso aos recursos didáticos adequados ao desenvolvimento de sua aprendizagem, e que os sistemas de ensino garantam aos professores formação própria sobre a identificação e abordagem pedagógica. formação própria sobre a identificação e abordagem pedagógica.
UNIÃO - LEI Nº 14.254, DE 30 DE NOVEMBRO DE 2021	Art. 5º No âmbito do programa estabelecido no art. 1º desta Lei, os sistemas de ensino devem garantir aos professores da educação básica amplo acesso à informação, inclusive quanto aos encaminhamentos possíveis para atendimento multissetorial, e formação continuada para capacitá-los à identificação precoce dos sinais relacionados aos transtornos de aprendizagem ou ao TDAH, bem como para o atendimento educacional escolar dos educandos.

Fonte: Autoria própria, 2022.

Como descrito na tabela acima, existem algumas leis aprovadas para Pessoas com Deficiência. A Resolução CNE/CEB nº2, de 11 de setembro de 2001, por exemplo, institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Esta legislação aponta que, aos discentes com necessidades educacionais, devem ser oferecidos estratégias didáticas e métodos de avaliação diferenciados, a fim de garantir a igualdade de condições para o acesso e à permanência na escola.

O projeto de lei nº 7081, de 2010, em tramitação no Congresso Nacional, busca o amparo dos alunos diagnosticados com TDAH ou outros transtornos, por meio da atuação de equipes multidisciplinares, das quais participarão, entre outros, educadores, psicólogos,

psicopedagogos, médicos e fonoaudiólogos na educação básica.

A Lei 14.254, publicada no dia 30 de janeiro de 2021, que dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com Dislexia ou Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem, foi uma grande conquista por parte dos pais dos discentes que representam este grupo.

A respectiva lei apresenta o objetivo de que as escolas de educação básica das redes pública e privada, com o apoio da família e dos serviços de saúde existentes, devem garantir o cuidado e a proteção ao educando com dislexia, TDAH ou outro transtorno de aprendizagem, com vistas ao seu desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, com auxílio das redes de proteção social existentes.

Desta forma, chega-se à conclusão que devem ser garantidos o cuidado e a proteção a esses alunos, para que haja o pleno desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social.

3 USO DE MEDICAMENTOS E OS TRANSTORNOS QUE PODEM ACOMPANHAR O TDAH

O uso do medicamento é realmente importante para os diagnosticados com TDAH? Para alguns pais talvez não, para outros talvez sim. E o uso do medicamento em sala de aula? Como os docentes sentem a mudança do comportamento do estudante quando estes fazem uso do medicamento? De acordo com Varella (2013), nota-se que o uso do medicamento no tratamento de crianças com TDAH é como se fosse uma soma. O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade não é uma doença que apresentará melhora só com o medicamento, mas o uso deste fará com que a criança tenha produtividade ou cresça um adulto “aparentemente” com um comportamento e uma vida normal.

> TDAH não é uma doença nova. Já foi descrita em meados do século 19 e sua frequência é igual em todo o mundo. De acordo com o DSM.IV, o manual de classificação das doenças mentais, a síndrome pode ser classificada em três tipos: TDAH com predomínio de sintomas de desatenção; TDAH com predomínio de sintomas de hiperatividade/impulsividade; TDAH combinado (VARELLA, 2013, s/p.).

Cabral (2003) cita que a maioria dos últimos estudos evidenciam o TDAH como um distúrbio neurobiológico, podendo ser agrupados em dois grandes grupos: um que ressalta o déficit funcional de certos neurotransmissores e outro grupo de estudos que ressalta o déficit funcional do lobo frontal. Em relação aos neurotransmissores envolvidos, estes seriam a dopamina e a noradrenalina. Esta última hipótese está relacionada ao fato de que medicamentos utilizados para minimizar os sintomas do TDAH são compostos das mesmas

substâncias que aumentam as quantidades de dopamina e de noradrenalinas disponíveis no cérebro, denominados de estimulantes do sistema nervoso central ou sistema nervoso periférico.

Conforme já mencionado por Cabral (2003), é importante, neste contexto, deixar claro que uma criança com TDAH tem capacidade de aprender normalmente, como qualquer outra criança. Sendo assim, ela não precisa de suporte diferenciado em termos de estratégias de aprendizagem. Pelo contrário, o suporte diz mais respeito a auxílio para a manutenção do foco – como ter alguém ao lado para evitar distrações, atividades melhores estruturadas, rotinas e bons hábitos de estudo, eventualmente uso de medicação para minimizar distrações, ginástica cerebral e/ou estimulação cognitiva.

De acordo com Mattos (2020), pessoas que utilizam medicamentos para o TDAH não perdem a capacidade de fazer aquilo que determina sua vontade, muito menos de julgar as coisas. Na verdade, elas obtêm melhorias na sua determinação e no seu julgamento, em especial porque se tornam um pouco menos impulsivas, explosivas e desatentas, e mais tolerantes. Isso já foi inclusive demonstrado cientificamente em crianças, contrariando a ideia de que elas se tornam "robôs".

Na maioria das vezes, elas se tornam menos impulsivas e a desatenção é percebida na escola, podendo ser vista através do baixo rendimento, do indivíduo disperso ou esquecido. Algumas comorbidades do TDAH são bastante elevadas quando associadas ao transtorno de aprendizagem.

Há uma probabilidade bastante elevada que o TDAH ocorra simultaneamente a um transtorno de aprendizagem. Quando dois problemas acontecem ao mesmo tempo, chama-se comorbidade. As estimativas a seguir foram encontradas por pesquisadores muito respeitados da área, como: Jensen *et al.* (2001), Carroll *et al.* (2005); Reich *et al.* (2005); Kessler, *et al.* (2006).

TDAH e Transtornos de Linguagem Oral – 8% a 30%
TDAH e Transtornos de Leitura – 15% a 40%
TDAH e Transtornos Matemáticos – 10% a 25%
TDAH e Transtornos de Escrita – sem resultados consistentes
TDAH e Transtornos de Motricidade – 40% a 60%
(IPDA, 2021.).

Segundo Amorim (2021), os Transtornos de Aprendizagem representam dificuldades específicas relacionadas à determinada função cognitiva ou via de aprendizagem. Geralmente aparecem como uma dificuldade muito maior de aprender. Dentre os transtornos de aprendizagem estão a Dislexia e a Discalculia.

A Dislexia é um transtorno específico que afeta a leitura e a produção na escrita. Assim, crianças com dislexia terão maior dificuldade em aprender por meio da leitura, porém funcionarão bem caso recebam instruções orais. Ao mesmo tempo terão dificuldade

em colocar as ideias (os conteúdos aprendidos) sob a forma escrita, tendo sucesso em expressar e responder questões oralmente.

A Discalculia é um transtorno específico que prejudica o pensamento abstrato e o raciocínio lógico-matemático. Pode aparecer como uma dificuldade em entender conceitos abstratos, como maior e menor, antes e depois, ou até mesmo o próprio conceito de quantidade, base do entendimento do que são os números.

Diante disso, chega-se à conclusão de que a maioria dos portadores de TDAH não apresentam transtornos de aprendizagem; se existe, suspeita-se de dificuldades adicionais. Logo, deve-se fazer um exame especializado: o exame neuropsicológico, com avaliação de linguagem. No sistema DSM-5 (2014), fala-se em transtornos de aprendizagem, devendo-se indicar em qual área ocorre o comprometimento: leitura, matemática, etc.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei o trabalho escrito, tinha em vista outro tema que também me identifico muito. No entanto, ao longo do curso, percebi que já não era mais aquilo que gostaria de almejar com os meus objetivos. Foi preciso mudar tudo aquilo que já estava escrito e pensado. No momento me vi sem assunto, sem saber qual assunto abordaria. Nossa... e agora? Como vou dar continuidade? Foi quando comecei a ministrar aulas particulares, e aí me apaixonei pelo meu aluno, me apaixonei pelo TDAH. Cada dia que eu ministrava aulas para ele, ia aprendendo junto, pesquisando, assistindo vídeos sobre o TDAH, como eu poderia agregar para com ele naquelas duas horas de aula de segunda a sexta-feira. Como vou passar para as pessoas o que se passa no meu dia a dia?

A partir dessas vivências, percebi que poderia utilizar esse tema no meu TCC. Sendo assim, percebi que a realidade de um aluno diagnosticado com TDAH não é tão simples como parece, pois percebi o quanto estes alunos estão sendo rotulados como “alunos-problema”. Eles carregam consigo um rótulo, sendo que o discurso que escutamos pelos profissionais responsáveis não condiz com as ações que pude observar dentro da sala de aula, com minhas vivências ou com os relatos da família.

Por outro lado, o mais surpreendente foi perceber que, com tanta informação disponível na internet, revistas, artigos, entre outros, ainda há profissionais que não sabem lidar com um aluno diagnosticado e ainda há famílias que não levam seus filhos para os acompanhamentos com os profissionais, ou não dão os medicamentos nos horários corretos, e vão vivendo na medida do possível. Ver pais que se recusam a acreditar que seu filho tem o TDAH, ou perceber a angústia das mães ao pensarem em como o seu filho vai lidar com o TDAH na adolescência, se vai crescer um adulto capaz de concluir uma graduação, ter

um trabalho e concluir seus sonhos.

De certa forma, é sempre muito importante os pais buscarem um diagnóstico diferenciado e de melhor qualidade para com aquela criança. Apenas assim poderão, de fato, ajudar esta criança. É a busca de uma segurança, tanto por parte da família quanto da escola. E a escola, por sua vez, deveria repensar algumas posturas, focando no que é realmente importante para compreender este transtorno e auxiliar com mais eficiência os alunos portadores de TDAH. Afinal, em uma sociedade tão diversificada, ainda buscamos insistentemente a homogeneização. A escola é, por excelência, uma das instituições criadas na Modernidade que mais perpetua o controle e o disciplinamento dos corpos. Cabe a nós, educadores, questionarmos: o quanto toleramos o diferente?

O trabalho evidencia que, quanto aos discentes, precisamos aprender junto a eles. Tendo déficits ou não, cada docente é diferente, seja na sua cultura ou não. Precisamos nos adaptar aos nossos alunos, levando junto vivências e aprendizagem de cada um deles. Conforme Mattos (2010), o portador do TDAH tem déficits que dificultam que ele se comporte ou realize as tarefas do mesmo modo que as outras crianças. Portanto, é importante tentar amenizar o impacto do TDAH, tanto na vida acadêmica da criança quanto na sua vida social. Desse modo, os professores devem dar um tratamento diferenciado ao aluno, para que aumentem suas chances de ser bem-sucedido, apesar de seus déficits. O ideal não é dar a todo mundo exatamente a mesma coisa, mas dar a qualquer um o que precisa.

5 REFERÊNCIAS

AMORIM, Cacilda. **Comorbidades:** mais de um problema ao mesmo tempo. IPDA – INSTITUTO PAULISTA DE DÉFICIT DE ATENÇÃO, 2012. Disponível em: https://dda-deficitdeatencao.com.br/tdah/comorbidades.html/ Acesso em: 30 de maio de 2022.

AMORIM, Cacilda. **Transtornos de aprendizagem.** IPDA – Instituto Paulista de Déficit de Atenção, 2008. Disponível em: https://dda-deficitdeatencao.com.br/ Acesso em: 06 de junho de 2022.

BARNHILL, John W. **Clínico Casos do DSM-5**. Disponível em: Minha Biblioteca, Grupo A, 2015.

CABRAL, Sérgio Bourbon; SILVA, Katia Beatriz Corrêa e. **Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade.** Associação Brasileira Déficit de Atenção – ABDA, 2010. Disponível em: https://tdah.org.br/ Acesso em 06 de junho de 2022.

CNE/CBE. **Resolução CNE/CBE Nº 2, de 11 de setembro de 2001.** CEB0201.doc. Disponível em: https://mec.gov.br/Acesso em: 06 de junho de 2022.

DSM-5. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais** [recurso eletrônico] :[American Psychiatric Association ; tradução: Maria Inês Corrêa

Nascimento... et al.] ; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ...[et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014.

LIMA, Rossano Cabral. **Somos todos desatentos?** O TDAH e a construção de bioidentidades. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

MAIA, Maria Inete Rocha; CONFORTIN, Helena. **TDAH E A APRENDIZAGEM:** um desafio para a educação - Hyperactivity and learning an education challenge. PERSPECTIVA, Erechim. v. 39, n. 148, p. 73-84, dez. 2015.

MATTOS, Paulo. **No Mundo da Lua**. Disponível em: Minha Biblioteca, (17ª edição). Grupo Autêntica, 2020.

REPÚBLICA, Presidência da. **Constituição da república federativa de 1988.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm/ Acesso em: 27 de maio de 2022.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas /colaboração Dietmar Klaus Pfeiffer. – 4. ed. rev., atual. e ampl. – São Paulo : Atlas, 2017.

SABER, Instituto Neuro. **Estratégias pedagógicas para alunos com TDAH** - Instituto NeuroSaber. 2015. Disponível em: institutoneurosaber.com.br/ Acesso em: 06 de junho de 2022.

UNICEF. **Declaração universal dos direitos humanos.** 1948. Disponível em: unicef.org

UNIÃO, Diário Oficial da. **LEI Nº 14.254, de 30 de novembro de 2021.** Seção 1, Legislação, 2021. Disponível em: www2.camara.leg.br/ Acesso em: 06 de junho de 2022.

VARELLA, Drauzio. **TDAH** - transtorno do déficit de atenção com hiperatividade. Drauzio Varella. Disponível em: drauziovarella.uol.com.br/ Acesso em: 30 de maio de 2022.

EDUCAÇÃO E SAÚDE COMO MOLAS PROPULSORAS PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO SER HUMANO

Lourdes Maria Dias Nunes[1]
Alana Danielly Vasconcelos [2]

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo geral apresentar, o estudo sobre o tema Educação e saúde como molas propulsoras para o desenvolvimento integral do ser humano, ou seja, mostrar como este tema é desenvolvido e aplicado dentro das instituições escolares. Como o docente compreende seu papel no ensino de ES, o seu caráter comportamentalista e reflexivo. De acordo com Mohr (2002), a ES deve ser trabalhada de forma transformadora, no que tange a sua aplicação de forma abrangente dentro da sala de aula, sendo assim, usando um método qualitativo, recolhendo todas as informações acerca do tema e verificando-as, aprimorar o seu ensino dentro das instituições de ensino. A partir de toda informação obtida, foi levado a reflexão sobre o tema ES, onde mostra que a escola tem que se aprofundar no tema, segundo as palavras de Schall (1999) a escola é uma das instituições que molda o ser humano, portanto é de suma importância trabalhar temas importantes no seu desenvolvimento. Instantemente, trabalhar com a transversalidade se mostra indispensável para o desenvolvimento integral do ser humano, na sua construção social dentro do âmbito escolar.
Palavras-Chave: Desenvolvimento; Educação; Humano; Informação; Saúde.

Abstract: *The present work has as a general objective to present the study on the theme Education and health as springboards for the integral development of the human being, that is, to show how this theme is developed and applied within the school institutions. How the teacher understands his role in teaching ES, its behaviorist and reflexive character. According to Mohr (2002), ES should be worked in a transformative way, regarding its application in a comprehensive way within the classroom, being so, using a qualitative method, collecting all the information about the theme and verifying it, enhances its teaching within the educational institutions. From all the information obtained, it was taken to reflect on the ES theme, where it shows that the school has to go deeper into the theme, according to the words of Schall (1999) the school is one of the institutions that shapes the human being, so it is of utmost importance to work important themes in its development. Therefore, working with transversality is indispensable for the integral development of the human being, in its social construction within the school environment.*
Keywords: *Development; Education; Human; Information; Health.*

1 INTRODUÇÃO

Abordar educação e saúde (ES) segundo Schall & Struchiner (1999) é um processo político pedagógico, no qual interfere na construção integral do indivíduo aos saberes científicos, nos quais necessita construir conhecimentos acerca de Educação e saúde, visando aumentar seus cuidados e autonomia individual e coletiva. Sendo assim, para Venturi (2018) é possível pensar que a ES é um campo de estudos e práticas interdisciplinares.

[1]Lourdes Maria Dias Nunes, Discente do curso de pedagogia na Faculdade São Luís de França

[2] Profa. Dra. Orientadora e regente da disciplina de TCC.

A ES, sempre foi apresentada de modo complexo dentro da nossa sociedade escolar, sua estrutura muito limitada, pendurou-se a manifestar somente o autocuidado higiênico. Os programas estruturados pelo Ministério da Educação (MEC/BRASIL), segundo Venturi e Mohr (2015), levou a todas as instituições públicas este assunto totalmente limitado, sendo que ele é grandioso e precisa com urgência ser trabalhado amplamente, para a melhoria dos nossos discentes assim que ele entre dentro de uma instituição escolar. A ES como aborda Venturi (2018), deve ser trabalhada de forma integral, nas mais variadas performances construindo indivíduos fortemente, no sentido mental e físico.

Dessa maneira, o objetivo geral deste trabalho é compreender o papel do docente no ensino de educação e saúde na escola, trazendo um caráter comportamentalista e reflexivo no contexto educacional e para além dos seus muros.

Este trabalho justifica-se pela necessidade de discutir sobre o tema Educação e saúde, na construção do desenvolvimento humano dentro do âmbito escolar. A Organização Mundial da Saúde (OMS) apresenta a concepção de que a escola é uma das instituições mais importantes na vida do ser humano, nela nos tornamos cidadãos questionadores, dotados de conhecimento, que perpassa toda a nossa vida em sociedade. Nos tempos atuais vemos a necessidade de trabalhar o tema saúde dentro e fora necessidade de trabalhar o tema saúde dentro e fora das salas de aula, trazendo integralidade para os nossos alunos.

Sabendo de toda a necessidade de trabalhar esse tema transversal, voltamos para a nossa atualidade e realidade, além disso a depressão de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) (1986), é a doença do século, onde causa, transtornos psicológicos graves, que podem levar qualquer indivíduo ao suicídio sem se preocupar com a idade. Também como a obesidade, doença grave que pode levar a morte afetando muitas crianças, adolescentes, por falta de informações e cuidados.

Atualmente o documento que rege a educação básica, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) engloba pouca coisa sobre a ES, sendo limitada somente a disciplina de ciências em algumas unidades temáticas, só que precisamos abranger este assunto para além dela, trabalhar com as crianças e adolescentes, alimentação, exercícios, a terapia, tudo isso faz parte da educação e saúde e do desenvolvimento do ser humano.

A motivação, que me fez escrever sobre esse tema, está ligada ao crescimento de problemas psicológicos e físicos em crianças e adolescentes, a exemplo dos dados publicados por Martins (2017). Tais problemas podem ser causados por diversos ligamentos, então sendo assim, é de suma importância que esse assunto seja trabalhado de forma coerente dentro e fora da escola, desenvolvendo seres humanos fortes psicologicamente, fisicamente e emocionalmente, desenvolvendo sua integralidade, sua

capacidade de se alimentar, se exercitar e trabalhar a sua mente dentro da sociedade que ele vive.

De acordo com Martins (2017), o tema saúde proposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS) está um pouco ultrapassado, pois para esta Organização, bem-estar e felicidade são construções do indivíduo vinculadas ao contexto social, cultural, histórico, intelectual, laboral, dentre outros, em que cada sujeito está inserido.

A metodologia deste artigo pautou-se na abordagem qualitativa, com um trabalho exercido por meio de revisão bibliográfica segundo Richardson (2017), em que se utilizou das legislações, livros e artigos científicos para sua escrita.

2 A CONTRIBUIÇÃO DO EXERCÍCIO FÍSICO E A ALIMENTAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO SER HUMANO

Segundo Mohr (2002) diz que a escola exerce uma função, regada de elementos que constitui um conjunto de atividades pertencentes ao currículo escolar, desenvolvidas de formas planejadas e com uma intenção pedagógica, bem como, seus objetivos vinculados ao tema proposto, relacionado a ES individual e coletiva.

Quando falamos em ES logo vem em mente, alimentação e exercício físico, duas junções que nos ajudam a manter a nossa integralidade e o nosso desenvolvimento humano. Porém em pesquisas como as de Mohr (2002) e de Venturi (2018), a escola se legitima a ausência de contexto escolar sobre este assunto e nem sempre, o assunto se torna uma atividade planejada por seus docentes, de forma didática, geralmente se torna transmissiva. Quiçá a ES é geralmente desenvolvida de forma disciplinar por profissionais da área da saúde, e eventualmente por Pedagogos como cita Hansen (2016). Professores de educação física e professores de ciências e de biologia segundo Venturi (2018), também trabalham o tema ES dentro da sala de aula, trazendo mais conhecimento e interesse para os nossos alunos, que estão em construção do conhecimento.

A forma que se trata a ES dentro da sala de aula, faz com que a escola se torne uma transmissão apenas de regras, recomendações de hábitos e normas de condutas a serem seguidas, objetivando a mudança de comportamento Mohr (2002). Desta maneira é imprescindível que a escola tenha mudanças em seus objetivos, tratando a ES como um assunto importante para o desenvolvimento e manutenção da vida do indivíduo Venturi (2018). A saber de acordo com Accioly (2009) a promoção da saúde, o papel da alimentação promove a proteção contra doenças, e as repercussões da alimentação inadequada em etapas precoces na infância sobre a saúde na vida adulta, sabendo disso, nos preocupamos com a alimentação apresentada dentro e fora do ambiente escolar. Segundo o Conselho Federal de

Nutricionistas (CFN) a alimentação saudável, promove desde cedo na primeira infância, concentração, bem-estar, força e disposição, para o melhor desenvolvimento cognitivo do ser humano. Porém os hábitos alimentares muitas das vezes é construído culturalmente, seja ele um pequeno, café da manhã, um lanche no meio das primeiras horas do dia, o almoço, e assim ao longo de todo o dia.

Como começamos na escola desde pequenos, é inquestionavelmente sabido que a infância sofre forte influência do padrão familiar e repetitivo no ambiente escolar. De acordo com Accioly (2009) a família é tida como o primeiro núcleo de integração social do ser humano. Assim, a adequação da alimentação nos primeiros anos de vida depende do padrão e da disponibilidade alimentar da família. Mais adiante, a influência de outros grupos sociais (creche, clubes, escolas, etc) e da publicidade na área de alimentos, se apresentam de forma mais intensa.

Os hábitos alimentares refletem, além de suas características, o cultural de cada indivíduo, sendo que para alguns se alimentar de forma correta e saudável é extremamente difícil. Porém, por mais que seja difícil devemos de toda forma mostrar aos nossos alunos, que uma alimentação saudável só tem a agregar na sua vida.

Desde pequenos, as crianças são tomadas diretamente pela tecnologia, sejam elas eletrônicas, manuais, etc, apresentadas logo cedo como cita Accioly (2009). A Nutricionista Muzy (2020), afirma que o consumo de alimentos industrializados, deve-se ao contato com televisão, videogames e jogos eletrônicos, tudo que contribui para o atraso cognitivo da criança.

Para Accioly (2009) se trocarmos tudo isso pelos jogos sensoriais, apresentando cor, vida, alimentos saudáveis e principalmente saúde cognitiva, nossas crianças se desenvolvem melhor, com mais disposição, força, poder cognitivo e assim na vida adulta teríamos seres humanos com mais disposição e bem mais desenvolvido.

Assim como a alimentação saudável, rica em fibras é essencial desde criança, o exercício físico também é de suma importância desde a primeira infância, como aponta Accioly (2009). De acordo com Lazzoli (1998), em crianças e adolescentes, um maior nível de atividade física contribui para melhorar o perfil lipídico e metabólico e reduzir a prevalência de obesidade. Ainda é mais provável que uma criança fisicamente ativa se torne um adulto também ativo. Sendo assim, a atividade física, desde criança, é indiscutível na melhoria do desenvolvimento e vida dela. Ressaltamos ainda de acordo com Lazzoli (1998) que, a atividade física, é qualquer atividade que resulta, em contração esquelética que aumente o gasto energético acima do repouso e não necessariamente a prática desportiva.

Ainda de acordo com Lazzoli (1998) podemos citar atividades físicas, aquelas nas quais trazem melhoria para a criança como natação, qualquer luta, dança, atividades

escolares que traga a psicomotricidade, tudo isso eleva para que a criança e o adolescente seja um futuro adulto, ativo e bem desenvolvido.

No âmbito escolar, a atividade física tem uma forte ligação com a psicomotricidade. Para Luzia Teixeira (2009) a atividade física e a psicomotricidade, são metodologias contextualizadas, perceptivas, em que o desenvolvimento dos aspectos motor, social, emocional e lúdico da personalidade e a destreza dos movimentos corporais são vivenciados, através de atividades motoras organizadas e sequenciais, desenvolvidas individualmente e coletivamente. Portanto os dois trabalhando juntos trás para a criança a sua formação integral, desenvolvendo a sua personalidade e a educação integral do corpo, com responsabilidade e sabedoria.

Segundo o Instituto Neurosaber (2020) a psicomotricidade na atividade física, vem enfatizar a importância da educação do corpo e da mente, para o desenvolvimento integral do ser humano. Portanto é possível trabalhar os dois juntos sem dualismo, a educação física e a psicomotricidade podem ser integradas, pois se auxiliam e se complementam. Ainda de acordo com o Instituto Neurosaber (2020), a relação entre elas é muito rica, pois ambas trabalham com a expressão humana pelo corpo, pelo movimento. Ambas podem ser trabalhadas juntas nas aulas de educação física nas escolas, sem distinção entre uma e outra.

Segundo Lazzoli (1998) é de suma importância e, recomendado que, a atividade física na infância e adolescência seja considerada primordial em nossa sociedade, elevando seus níveis e sua capacidade de desenvolvimento humano. Para Kawazoe (1998) a educação física escolar bem aplicada deve ser considerada essencial e parte indissociável do processo global de educação das crianças e adolescentes, em combater o sedentarismo, estimulando a prática regular do exercício físico no cotidiano e/ou de forma estruturada através de modalidades desportivas, mesmo na presença de doenças, visto que são raras as contraindicações absolutas ao exercício físico.

3 REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO E SAÚDE NOS TEMPOS DE PANDEMIA

No segundo período de 2020, o mundo passou e ainda passa por uma grande pandemia mundial, que afetou e afeta, muitas pessoas no sentido saúde, seja ela por meio da saúde física ou pela saúde mental. Neste período, segundo Venturi (2018) defendemos uma ES em moldes mais contemporâneos, ou seja, aqueles que ultrapassem o caráter normativo e prescritivo, que contribua para a autonomia e aumento da capacidade de crítica do estudante. Pensando assim a ES pode ser mais do que tratar temas de saúde:

> [...] desta forma, a educação ambiental e a educação em saúde assumem um caráter muito mais amplo do que a mera (mas

> importante e indispensável) aquisição de conhecimentos, passando a ser um momento de reflexão e questionamento das condições de vida, suas causas e consequências, e se tornando um instrumento para a construção e consolidação da cidadania (MOHR; SCHALL, 1992, p. 202).

Certamente tal meta não é simples ou fácil de ser alcançada. Algumas considerações e sugestões para outros caminhos podem ser encontradas em trabalhos anteriores que tratam da natureza e objetivos da ES na escola Mohr (2002), da metodologia e da formação de professores Venturi (2018). Pois para ser trabalhada com excelência, os objetivos abordados dentro da sala de aula, tem que estar alinhado com o pressuposto adotado, sobre a Abordagem ES no âmbito escolar.

A forma pela qual a ES vem sendo trabalhada e compreendida dentro do contexto escolar, é de uma forma conteudista e acrítica, sendo que não contribui para a formação do saber científico, para a confiança e saber da compreensão, dos conhecimentos produzidos pela ciência, tanto no campo da saúde, quanto no sentido geral, pois para a Organização Mundial da saúde (OMS, 2020) nos tempos de pandemia, além de lidarmos com a pandemia do vírus Covid-19, temos que lidar com a " infodemia", que seria boatos feitos, repletos de desinformação, que prejudica e prejudicaram ações e prevenções, sobre o controle da doença.

Da mesma forma que a ES, é trabalhada de forma descontextualizada, no ambiente escolar , ela também deixa a desejar no que diz a respeito sobre a infodemia. Abordagens e concepções, desconectadas do conhecimento científico, trouxe normativas e ideias dogmáticas novamente para o contexto científico erroneamente. Nos tempos de pandemia, sobre a saúde, vimos que muitos preferiram acreditar no que diz Martins et al (2015):

> [...] designam por "abordagens religiosas": relacionadas a aspectos sobrenaturais como magia, curandeirismo e fé, onde as religiões são os pilares destas abordagens de saúde. Ou pensam e agem conforme suas próprias crenças individuais, emoções, preconceitos, necessidades econômicas, dentre outros fatores que optam por negar a ciência. Assim, evidências, conhecimentos e empreendimentos científicos para a saúde e a autonomia de cada um frente ao conhecimento para a tomada de decisão - vitais, não só em meio a uma pandemia, mas ao longo das nossas vidas - são preteridos nos debates sociais e políticos (MARTINS, 2015, p. 3 e 4).

No sentido, de desenvolver a autonomia dentro do contexto escolar, para incluir, informar e torná-los todos seres críticos, acerca do tema científico, para Venturi (2018) defender a ES torna mais que normas e atitudes, ou seja:

> [...] como seu nome propõe - uma educação que toma temas de saúde como objeto de estudo. E como em qualquer processo educacional que mereça este nome, é a construção crítica do conhecimento que tem papel central. Os objetivos de uma ES reflexiva precisam estar centrados em adquirir e desenvolver conhecimentos, incentivar debates e o pensamento crítico. Uma eventual mudança de comportamento do indivíduo pode ser consequência indireta da aprendizagem. Além das dimensões sociais e ambientais, nesta abordagem de ES leva-se em conta outros aspectos como os culturais, psicológicos, emocionais e cognitivos (VENTURI, 2018, p. 35).

De acordo com Schall (1996), para defender as estratégias educativas sobre ES, deve-se priorizar, os aspectos cognitivos, considerando fundamental, integrar os aspectos afetivos nos processos de ensino e aprendizagem.

Sendo assim é de suma importância e imprescindível, que a ES seja realizada dentro do ambiente escolar, pondo reflexões, que ponha em prática as responsabilidades com a saúde e com o ambiente em que vive. Segundo Schall (1996) a escola deve gerar um diálogo entre cotidiano e prática, proporcionando meditação sobre a saúde e sobre a vida do aluno, em um cenário, que proporcione a troca de experiências com colegas e professores, e avance na proposta, trazendo sentido nas evidências de situações de escolha, reflexão e decisão. Neste sentido, cabe à ES proporcionar estratégias didáticas que permitam aos alunos construir conceitos científicos e que busquem o desenvolvimento de uma atitude reflexiva e responsável pelas decisões tomadas ao longo de suas vidas.

Portanto, segundo Mohr (2002) a ES, deve ser trabalhada de forma reflexiva na escola, cujo seu papel, é possibilitar ao aluno construir conhecimentos científicos, de forma que permita, refletir, compreender e relacionar, a ciência no contexto cotidiano, com autonomia sobre as suas ações.

Segundo Venturi (2018), para a melhor alfabetização, a possibilidade é utilizar abordagens que trazem reflexão e busque fundamentos na didática das ciências, em estudos pedagógicos e construtivistas, afastando a ES de modelos normativos e aproximando de aspectos mais didáticos. Assim, a ES na escola precisa ser reconhecida como um importante processo dinâmico e dinamizador do meio escolar, fundamental para o desenvolvimento humano.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo científico, o assunto abordado foi saúde e educação, visando entender e ampliar a discussão sobre este tema dentro do âmbito escolar. Para isso procurei compreender em como a saúde é trabalhada dentro das escolas e como ela pode amplificar

os temas abordados dentro de cada instituição escolar. Sendo assim, discuti sobre o assunto e ampliei as suas compreensões.

Analisamos em como o assunto é abordado desde os primeiros anos de vida escolar, como ele pode ser mais ampliado e ensinado de forma natural e integral aos indivíduos em formação, não somente só se tratando da higiene que já conhecemos, mas sim da saúde de dentro para fora explorando seu íntimo, e desenvolvendo a sua integralidade humana.

Com a complexidade, e a estrutura limitada que é apresentada pelos programas ofertados pelo ministério da Educação, vemos uma restrição grandiosa sobre o tema Educação e saúde dentro das instituições escolares, a escola tem que levar o lema " A educação que produz saúde" a sério. Somos uma das instituições que mais influencia a construção cidadã do indivíduo, e vemos que enquanto instituição escolar falhamos na promoção de educação e saúde no desenvolvimento integral do ser humano.

Quando descrevemos a ES na escola, manifestamos a contribuição que ela deve ter na promoção da saúde escolar, desejando que a escola seja um ambiente onde, podemos proporcionar um crescimento físico e emocional adequado, ajudando a compreender que a prática de exercício físico eleva a sua cognição, que o cuidado com o corpo contribuir para a produção de hormônios do bem que ajuda na sua desenvoltura estudantil, que a alimentação saudável rica em nutrientes ajuda no seu desenvolvimento e não implica em riscos para a saúde, que exames são necessários e que a saúde individual e coletiva é muito importante.

A escola é responsável pela aprendizagem pedagógica de todos seres humanos, na sua formação cidadã, já sabemos disso, porém o que mais a torna diferente são as suas aprendizagens em diferentes assuntos, não somente se tornando presa aos conteúdos que já conhecemos, mas sim expandido tais conteúdos, visando a melhoria e contribuição da vida acadêmica do aluno. Imaginamos a escola como um divisor de conhecimentos para além de suas portas transformando a visão de mundo que o aluno conhece e produz.

Quando o aluno chega na escola encontra um mundo diferente, de conhecimentos novos, de aprendizagens significativas e de se conhecer e reconhecer. A escola é uma das responsáveis pela formação cidadã do indivíduo, na ocasião do ensino e aprendizagem, vemos sempre assuntos repetitivos, porém devemos com toda importância da visão a assuntos importantes que contribui para a formação do aluno.

O ensino de ES, deve ser aprofundado, para o aprofundamento da aprendizagem, o desenvolvimento da cognição e a responsabilidade de cuidar de si e do outro. Ensinar desde cedo sobre saúde mental, não teríamos futuros adolescentes e adultos, doentes, frustrados, com ansiedade, depressão entre outras doenças psicológicas. Instruir desde cedo também,

na alimentação saudável, teríamos indivíduos saudáveis, prevenindo doenças como a obesidade, que pode levar a morte, aclarar sobre a contribuição para o desenvolvimento cognitivo e explanar desde cedo tais hábitos, respeitando a cultura de cada um, porém instruindo em uma alimentação saudável dentro e fora da escola e argumentar sobre os benefícios do exercício físico, sendo que ele contribui para a saúde, criando força, concentração, qualidade de vida, prevenção de doenças e contribuição para o desenvolvimento motor.

Sendo assim, é indiscutivelmente que a Educação e Saúde, trabalhada de forma integral, só traz benefícios para o desenvolvimento humano do indivíduo, trazendo beneficência para a sua vida, contribui para o seu crescimento cognitivo e alarga o seu conhecimento sobre os cuidados com a sua saúde desde cedo. É de suma transcendência que a ES seja trabalhada integralmente, de forma transdisciplinar para a expansão do seu conhecimento e que ela seja levada de forma natural, para a melhoria da qualidade de vida de cada aluno.

5 REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Elizabeth. **A escola como promotora da alimentação saudável**. Ciência em tela, v. 2, n. 2, p. 1-9, 2009. Disponível em https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/53438517/A_escola_como_promotora_da_alimentacao_saudavel-with-cover-page-v2.pdf?. Acesso em 22 de mar de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em 07 de mar de 2022.

HANSEN, K. S. (2016)**. *A formação de professores para a Educação em Saúde na escola:*** investigando o currículo de um curso de pedagogia (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em :https://www.scielo.br/j/epec/a/ztGB4JLXy4Tpm5yzjTfdSBy/?format=html&stop=next&lang=pt. Acesso em 25 de mar de 2022.

INSTITUTO NEURO SABER. **Psicomotricidade na Visão do Profissional de Educação Física**. Instituto Neuro Saber, 2020. Disponível em: https://institutoneurosaber.com.br/psicomotricidade-na-visao-do-profissional-de-educacao-fisica/. Acesso em 25 de abril de 2022.

LAZZOLI, José Kawazoe et al. Atividade física e saúde na infância e adolescência. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte [online].** 1998, v. 4, n. 4 Ab, pp. 107-109. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1517-86921998000400002. Epub 19 Maio 2011.

ISSN 1806-9940. https://doi.org/10.1590/S1517-86921998000400002. Acesso em 27 de abril de 2022.

MARTINS, L. (2017). ***Abordagens da saúde em livros didáticos de biologia****:* análise crítica e proposta de mudança (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em https://repositorio.ufba.br/handle/ri/22536. Acesso em 19 de mar de 2022.

MUZY, Roberta Carbonari et al**. Psiquiatria nutricional:** estado da arte e prática clínica. In: Clínica psiquiátrica: a terapêutica psiquiátrica [2. ed., ampl. e atual]. Manole, 2021. Disponível em: https://observatorio.fm.usp.br/handle/OPI/43084. Acesso em 02 de abril de 2022.

MOHR, A. (2002). ***A natureza da educação em saúde no ensino fundamental e os professores de ciências*** (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Disponível em http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/83375. Acesso em 02 de mar de 2022.

PRATA, Nina Isabel Soalheiro dos Santos et al. **Saúde mental e atenção básica:** território, violência e o desafio das abordagens psicossociais. Trabalho, Educação e Saúde, v. 15, p. 33-53, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tes/a/VhzsGKLRFm3MLWx594MJy3c/abstract/?lang=pt. Acesso em 11 de abril de 2022.

SCHALL, Virgínia T.; STRUCHINER, Miriam. **Educação em saúde:** novas perspectivas. Cadernos de Saúde Pública, v. 15, p. S4-S6, 1999. Disponível em:https://www.scielosp.org/article/csp/1999.v15suppl2/S4-S6/. Acesso em 09 de abril de 2022.

SCHALL, V. T. (1996). ***Saúde e Afetividade na Infância:*** o que as crianças revelam e a sua importância na escola. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/42207. Acesso em 19 de abril de 2022.

VENTURI, Tiago; MOHR, Adriana. Panorama e análise de períodos e abordagens da educação e saúde no contexto escolar brasileiro. **Ensaio e pesquisa em Educação em ciências** (Belo Horizonte), v. 23, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/epec/a/ztGB4JLXy4Tpm5yzjTfdSBy/?format=html&stop=next&lang=pt. Acesso em 12 de abril de 2022.

VENTURI, T. (2018). ***Educação em Saúde sob uma Perspectiva Pedagógica e Formação de Professores:*** contribuições das Ilhotas Interdisciplinares de Racionalidade para o desenvolvimento profissional docente (Tese de Doutorado). Programa de Pós-

graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Disponível em https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/198593. Acesso em 08 de mar de 2022.

TEIXEIRA, Luzia. **Atividade Física e psicomotricidade.** Escavador, 2022. Disponível em: https://www.escavador.com/sobre/4903938/luzia-teixeira-de-azevedo-soares-semedo. Acesso em, 30 de abril.2022.

OMS, Organização Mundial da Saúde. (1986). **Carta de Ottawa, 1986.** Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/ovembroes/carta_ottawa.pdf. Acesso em: 15 de abril de 2022.

OMS, Organização Mundial da Saúde. (2020b). ***Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a Covid-19*** Recuperado em15 de novembro de 2020, de Recuperado em15 de novembro de 2020, Disponível em https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14. Acesso em 12 de mar de 2022.

RICHARDSON. Roberto Jarry. **Pesquisa Social:** métodos e técnicas/ colaboração Dietmar Klaus Pfeifer.-4. ed. rev., atual e ampl. - São Paulo: ATLAS,2017.

RELAÇAO PROFESSOR E ALUNO NO PROCESSO ENSINO - APRENDIZAGEM

Nayanne Marques Dos Santos Gomes[1]
Profa. Dra. Alana Danielly Vasconcelos [2]

RESUMO: Este estudo foi realizado para abordar a afetividade na relação professor e aluno; o professor como mediador, o planejamento e cognição. Teve como objetivo central salientar a influência da relação professor e aluno e seus encadeamentos no processo pedagógico, como também retratar a importância da afetividade entre professor e aluno; apresentar as possibilidades e os desafios da neutralidade ou a falta de apoio do docente aos alunos e discorrer de meios e métodos para uma relação saudável no processo de aprendizagem. A metodologia adotada foi a pesquisa de abordagem qualitativa e com um trabalho de revisão bibliográfica de acordo com Richardson (2017), com base em livros e artigos científicos. Justifica-se por contribuir para o crescimento de debates sobre a importância da afetividade entre o docente e discente. Enfim, constatou-se que é preciso existir afetividade na relação professor-aluno para um bom desenvolvimento educacional, uma boa convivência escolar e aquisição de vínculos entre os discentes e mediador.
Palavras-Chave: Afetividade; Aprendizagem; Relação professor e aluno.

Abstract: *This study was carried out to address the affectivity in the teacher-student relationship; the teacher as a mediator, planning and cognition. Its main objective was to emphasize the influence of the teacher and student relationship and its links in the pedagogical process, as well as to portray the importance of affection between teacher and student; present the possibilities and challenges of neutrality or the lack of support from the teacher to the students and discuss means and methods for a healthy relationship in the learning process. The methodology adopted was research with a qualitative approach and with a bibliographic review according to Richardson (2017), based on books and scientific articles. It is justified by contributing to the growth of debates on the importance of affectivity between the teacher and the student. Finally, it was found that there must be affection in the teacher-student relationship for a good educational development, a good school coexistence and the acquisition of bonds between the students and the mediator.*

Keywords*: Affectivity; Learning; Teacher and student relationship.*

1 INTRODUÇÃO

A relação humana é de grande importância para o crescimento do indivíduo no seu processo de aprendizagem. Os desafios são grandiosos, tornando a jornada complexa. São vivências, comportamentos diferentes, divergências e formas de pensar. O ser humano já nasce em meio a sociedade tornando-se um ser sociável. Este mesmo, precisa de acolhimento desde seus primeiros anos de vida, para que seu desenvolvimento afetivo e cognitivo seja saudável, sendo inibido de bloqueios psicológicos. Isto ira torná-lo receptivo aberto para qualquer tipo de relação. Todo este processo são pequenos degraus para a

[1] Discente do curso de Pedagogia na Faculdade São Luís de França
[2] Profa. Dra. Orientadora e regente da disciplina trabalho de conclusão de curso.

formação individual de cada ser. De acordo com Freire (1985, p.28) o qual afirma que não há educação sem amor.

A transcendência do professor e aluno no processo de aprendizagem é de grande valia e significância. Este tema vem sendo estudado por grandes autores a exemplo de Leite (2006) e Dantas (1992) que abordam formas e métodos de como melhorar as vivências do docente e discente no âmbito escolar.

Para analisar de forma coerente, foi desenvolvido este artigo cientifico que tem como objetivo geral compreender as influências da afetividade do professor com aluno no processo de aprendizagem, além de buscar retratar a importância da afetividade entre professor e aluno; apresentar as possibilidades e os desafios da neutralidade ou a falta de apoio do docente aos aluno; discorrer de meios e métodos para uma relação saudável no processo de aprendizagem, o que possibilita clareza para sua trajetória no aprender e um bom desenvolvimento cognitivo afetivo dentre outros, pois existem aluno que sofrem sem apoio familiar e consequentemente tem por resultando baixo rendimento escolar e pouca autoestima. Perante o exposto vem a atuação do professor, o qual fará o aluno compreendido, valorizado tornando-se participativo não só no âmbito escolar como também em todos os contextos de vivencias.

Este trabalho justifica-se por contribuir para o crescimento de debates sobre a importância da afetividade entre o docente e discente; e assim desconstruindo erros e costumes de um passado tradicionalista onde o professor era o centro do saber. A metodologia adotada foi a pesquisa de abordagem qualitativa e com um trabalho de revisão bibliográfica de acordo com Richardson (2017), com base em livros e artigos científicos, onde buscou-se autores como Freire (2005) Leite (2006) para embasar a escrita deste artigo.

A motivação se norteia no despertamento em buscar meios e estratégias para consolidar a relação professor e aluno em sua trajetória de aprendizagem, além disso foi observado a carência de alunos, não só no âmbito escolar como também no seio familiar, o qual surgiu a indagação a respeito de tal comportamento e como poderiam ser sanados.

Para isso, pode-se considerar que a afetividade é essencial entre aluno e professor já que muitos não têm esse apoio em seu lar, também foi visto que o desenvolvimento do aluno salta muito mais com a parceria entre os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, fazendo-se necessário a busca constante por uma educação liberta de paradigmas e assim fluirá o vínculo professor e aluno.

2 A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

> Um estado de afinidade profunda que se tem com os outros Seres Humanos, capaz de dar origem a sentimentos de amor, amizade, solidariedade. A afetividade está na origem no processo, nas estruturas e no significado do conhecimento e de tudo que se faz. Ela envolve a totalidade do ser humano, e a base estrutural e a fonte de motivação do conhecimento (FREIRE,1996, p. 159).

Como foi analisado acima, percebe-se que a afetividade abre portas para o crescimento pessoal de qualquer indivíduo no seu processo de aprendizagem, tornando-se receptivo continuamente. Corroborando com Freire, sabe-se que o ser humano precisa estar engajado, situado no meio em que vive. Porém, para todo tipo de entrosamento, é fundamental ter disposição para lidar com situações que ocorram no processo ensino aprendizagem, pois as diferenças interpessoais vão existir. Diante disso, precisa-se trabalhar a diversidade, as vivências e a realidade de vida de cada aluno. Pois muitos desses traz consigo traumas familiares, e isto consequentemente, irá interferir nos relacionamentos e aprendizagem do discente.

Considera-se que é percebível que o amor, a afetividade e parceria entre professor e aluno é de fundamental importância para o avanço e busca do saber.

A afetividade é de grande valia para o enriquecimento sócio afetivo, pois quando o professor age com cautela em suas ações pedagógicas, o retorno vem em forma de confiabilidade entusiasmo e vínculo. Freire (2005) considera que o professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca. Sendo tais marcas na maioria das vezes negativas, como a agressividade, rebeldia, silencio, medo de se expressar, pouco participativo. Todos esses comportamentos são de alguma forma reflexo da má atuação do docente. Sendo que, o processo ensino e aprendizagem sadio, depende também de outros fatores, como família, convívio social, meio no qual a criança está inserida, dentre outros pois “Procurar conhecer a realidade em que vivem nossos alunos é um dever que a prática educativa nos impõe: sem isso não temos acesso à maneira como pensam, dificilmente então podemos perceber o que sabem e como sabem” (FREIRE, 1997, p. 53).

Sabe-se que a afetividade faz parte de todo o contexto de vida de cada ser humano, por este motivo esta é imensuravelmente de grande valia como afirma Martins et. Al (2005, p 3) “as relações afetivas que o aluno estabelece com os colegas e professores são grande valor na educação, pois a afetividade constitui a base de todas as relações da pessoa diante da vida”.

O professor que sabe como agir, acolher, ouvir, seus alunos, terá satisfação no seu trabalho, tornando-o prazeroso e significante, não só para si, como também para seus alunos,

com isso, é possível que se perceba onde existam lacunas, que acabam dificultando o relacionamento professor e aluno mediante meios e formas de como melhorar seu dia-dia. Isso não só traz resultados para os docentes, como também aos discentes. Tassoni e Leite (2010, p. 10). Afirmam que há ”uma correspondência entre a maneira como os professores tratam os alunos nas situações pedagógicas e os sentimentos e emoções produzem em tais situações”.

“Os alunos interpretam as (re) ações dos professores e conferem um sentido afetivo à própria aprendizagem, ao conhecimento que circula à sua imagem enquanto pessoa e estudante” (TASSONI e LEITE, 2010, p. 10). Percebe-se que há uma relação direta entre o processo ensino-aprendizagem e a afetividade, quando se trata de melhor rendimento das aulas, acredita-se que alunos que tem dificuldades em responder atividades ou aqueles que até participam, só que de forma negativa, estes não levam a sério a boa relação professor/aluno.

O professor em sala de aula deve criar meios estratégicos para atrair seus alunos mediante a cordialidade, mostrando-se receptivo, ouvinte, amigo, para que dessa forma, possa adquirir a confiança de seus discentes, conforme Marcedo (2005) que considera que é preciso saber conviver com outros. E esse fator é de grande importância no processo de ensino e aprendizagem.

A convivência entre o docente e seus alunos requer uma construção contínua, e é a partir das primeiras impressões em que se inicia esse processo como descreve Sampaio (2014):

> [...] viver é um movimento de relação interior e exterior. É relacionar-se com aquilo que está ao nosso redor e dentro de nós. A vida está contida no movimento de relação e nós precisamos aprender como nos mover por meio dela, mantendo nossa própria liberdade, iniciativa e equilíbrio (SAMPAIO, 2004, p. 64).

Com isso, percebe-se que a relação interpessoal é a base para um desenvolvimento e desempenho, além da harmonia em sala de aula.

Para que exista parceria respeito e amor, muitas vezes o professor só precisa mudar seu olhar com um gesto, uma forma de expressasse, mostrando interesse nas expressões do aluno, sendo ouvinte, curioso para ouvi-los. Para que se sintam acolhidos em sala. Dessa forma o mesmo se sentira livre para se envolver com o docente. Como ressalta Freire (2005), às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar, a vida do aluno, um simples gesto do professor.

Cabe ressaltar a importância do respeito mútuo que é expresso quando o docente entende qual a sua função e papel como mediador em sala de aula. Em sala o respeito se manifesta através da prioridade demostrada para o aluno, sendo o centro de todo o saber.

Freire (2005) considera fundamental que a relação professora aluno seja pautada em uma dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não passiva, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que o docente e o aluno se assumam como curiosos. Desenvolver na relação professor e aluno a curiosidade, é dá abertura para novas hipóteses, criações, comparações, e atitudes que favorecem a aprendizagem.

Salienta-se então que, o professor reflete em sala quem ele é, se suas atitudes dentro de sala forem positivas, certamente fora dela também será, sendo assim, o professor deve buscar melhorias, planejando novos meios e método para melhor relação professor e aluno. Como menciona Mahoney (1993), é a sensibilidade do professor, sua experiência, sua vivência em cada encontro, o seu ouvir e sua atenção lúcida são guias para abrir caminhos para a aprendizagem significativa, possibilitando a descobertas de ideias.

3 ESTRATÉGIAS PARA UM RELACIONAMENTO SAUDÁVEL ENTRE PROFESSOR E ALUNO

> Quando entro em sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagação, a curiosidade, as perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria educação ou a sua construção (FREIRE,2004, p. 47).

Para existir relacionamento saudável, é necessário o professor ter uma boa prática pedagógica, buscando atrair seus alunos, a fim de apresenta-lhes o objeto de ensino, com ideias e conteúdos interessantes, fazendo perguntas estratégicas para que o aluno possa criar confiança, liberdade autonomia, isto possibilitará o envolvimento do discente, tornando o conhecimento prazeroso e atrativo.

Vasconcelos (1994) mostra algumas formas de como o professor pode melhorar e contribuir com enriquecimento emocional de seus alunos, são elas:

> Criar um clima de cumplicidade e entendimento próprio das pessoas que se amam, manter um relacionamento aberto, cooperativo, amigo, confiante e permeado pelo afeto, mostrar-se bem-humorado e realizado com o trabalho, saber elogiar, compreender e saber ser firme e seguro nos posicionamentos, criar tarefas possíveis de se realizar com prazer, aceitar as suas próprias limitações e das crianças com respeito, consideração e justiça (VASCONCELOS, 1994, p. 45).

É necessário que o professor saiba que a relação de afeto e aprendizado andam juntos, sendo assim, seu pensamento deve estar em transformação e construção diariamente, entendendo e compreendendo que um gesto, uma fala, um olhar, pode descontruir ideias e consequentemente ocasionar em pensamentos negativos, corroborando com Almeida (1999) que diz que “a inteligência não se desenvolve sem a afetividade e a

emoção está ligada a inteligência, pois são duas linhas do desenvolvimento que se cruzam continuamente (ALMEIDA, 1999, p.87)". Percebe-se que, diante disso, é necessário existir relação sadia no processo ensino aprendizagem, para que dessa forma, os sentimentos bons, possam refletir no crescimento cognitivo dos discentes de modo que o aprendizado aconteça progressivamente

O papel do professor é de mediar o processo de ensino-aprendizagem, criando possibilidades para sua própria construção do conhecimento Freire (2005). Como analisado por Freire, a ação do professor é mediar e, ante o exposto, é possível enxergar como estratégias para o relacionamento saudável, a utilização do respeito mútuo em sala, já que os alunos eventualmente, passam por um momento de timidez. É nesse momento que será visto a mediação do professor, trazendo consigo ideias que traga o envolvimento da turma e ressaltando sempre que o ambiente escolar é de aprendizado e participação e que o erro faz parte de todo crescimento da vida. Rossini (2004) destaca que no processo ensino-aprendizagem o estudante necessita de compreensão, carinho e atenção. Tudo isto pode ocorrer meio da boa vivência que ocorre com o professor e com os colegas. Assim o estudante gradativamente exercita hábitos, desenvolve atitudes e valores.

Sabe-se que qualquer trabalho ou projeto, precisa-se de planejamento e preparação para alcançar seus objetivos, e não é diferente em sala de aula. O professor precisa fazer o planejamento sistematizando suas ações para que possibilite ao aluno aprendizagem positiva. Sendo assim, Leite (2002) aponta que todas as decisões pedagógicas que o professor assume no planejamento e desenvolvimento de seu trabalho, tem implicação direta no aluno, no nível cognitivo quanto no afetivo.

Considerando estes aspectos, se faz necessário que o docente esteja sempre atento, revendo suas práticas pedagógicas. Para que dessa forma, ele consiga enxergar as divergências da turma, as frustrações, os medos e dificuldades e dessa forma, buscar formas estratégicas para trabalhar com a defasagem que surgem ao longo do processo ensino-aprendizagem.

> As relações do professor com o aluno envolto com o saber em sala de aula, precisam estar em condições para consolidação da aprendizagem, através de situações problemas, no momento que são desenvolvidas na sala de aula (NASCIMENTO; SCHIMIGUEL, 2017, p. 120).

Corroborando com os autores acima, O professor precisa estar totalmente envolvido em todo o processo de aprendizado, fortalecendo o vínculo afetivo de tal forma que os problemas e diversidades nas vivencias de sala seja apenas degraus na construção do relacionamento sadio no contexto escolar. Segundo Ponte (1994) em relação ao professor:

> [...] Toda a sua atuação com os alunos pressupõe uma perspectiva didática, explicita ou implícita. É a partir dela que cada professor seleciona

> objetivos, organiza atividades, fórmula critério de avaliação determina procedimentos de atuação para cada tipo de circunstâncias (PONTE, 1994, p. 18).

Com isso, percebe-se que é de extrema importância a relação do docente com seus discentes para uma aprendizagem efetiva, já que o campo de ensino do professor se direciona as ciências humanas o qual é preciso ter conhecimento do próprio ser humano para uma boa atuação profissional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste artigo buscou-se salientar que o ensino e aprendizagem está totalmente ligado a relação de afetividade entre professor e aluno. Diante disso, é fundamental que exista vínculo e cumplicidade, para que no processo de ensino, ambos se sintam receptíveis em todo desenvolvimento pedagógico. Neste estudo, foram utilizados recursos bibliográficos que auxiliaram na construção deste artigo.

Percebe-se que são várias vertentes para alcançar uma relação saudável no âmbito escolar, assim, pode-se afirmar que é de grande valia a mediação exercida pelo professor para bons resultados em todo o processo educacional pois as ações, dentro da sala de aula reflete na qualidade e no direcionamento para a obtenção de novos conhecimentos e habilidades de acordo com Carmignotto, 2007).

No processo ensino-aprendizagem o planejamento das atividades requer maior atenção, uma aula mal planejada interferi diretamente no desenvolvimento do aluno. O ato de planejar, buscando meios métodos e forma de como apresentar suas aulas trará resultados satisfatório e positivo.

A pesquisa bibliográfica pôde agregar bastante com este estudo, contudo a pesquisa de campo poderia ofertar anotações de crianças e adolescentes sobre suas vivencias com seus professores e as lembranças e marcas que ficaram. Sobretudo espera-se que outros pesquisadores continuem em busca da aquisição de novas experiências no que diz respeito a relação do professor e o aluno em todo o processo do saber.

5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A . R. S A. **Emoção na sala de aula**. Campinas. Papirus, 1999.

CARMIGNOTTO, Camila de Oliveira. **A relação professor e aluno e suas influências no processo ensino – aprendizagem**. 2007. Monografia- Curso de Pedagogia da Universidade São Francisco, 32 f, Bragança Paulista

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e terra, 1985. LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade e Práticas Pedagógicas. Casa do Psicólogo. 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz Terra. 2005

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

MACEDO, Lino de. **Ensaios pedagógicos**. São Paulo: Artimed, 2005.

MAHONEY, A. A. **Emoção e ação pedagógica na infância:** contribuições de psicologia humanista. Temas em psicologia. Sociedade Brasileira de Psicologia, v. 3, n 7 São Paulo, 1993.

MARTINS, Joseane. et al. **A presença do diálogo na relação professor-aluno**. In: V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22 - setembro 2005. Disponível em: http://www.paulofreire.org.br/pdf/comunicacoes_orais/A%20PRESEN%C3%87A%20DO%2 0DI%C3%81LOGO%20NA%20RELA%C3%87%C3%83O%20PROFESSOR-ALUNO.pdf Acesso em: 7 de abril de 2013.

NASCIMENTO, Edvaldo Lopes; SCHIMIGUEL, Juliano. **Referenciais Teórico-Metodológicos:Sequenciais Didáticas com Tecnologias no Ensino de Matemática na Educação Básica Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 8, n. 2, p. 115-126, 2017

PONTE, João Pedro da. **O desenvolvimento profissional do professor de matemática.Educação e matemática**, n. 31, p. 9-20, 1994.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Aprender tem que ser gostoso**. Campinas: Cortez, 2004

SAMPAIO, Moreira. **Pedagogia do ser**. São Paulo: Vozes, 2004.

TASSONI, E. C. M; LEITE, S. A. da S. **A relação afeto, cognição e práticas pedagógicas.** Anais eletrônicos. ANPEd, 33, GT20, Caxambu, MG. 2010. Disponível em: www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/.../GT20-6865--Int.pdf. Acesso em 10/12/2015.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 14. reimpr. São Paulo: Atlas, 2012.

VASCONCELOS, Rita Magna de Almeida R. L de. **O professor e o jogo das emoções**. Revista de educação AEC. Brasília, n. 91, abri/ jun, 2003.

O TRILHAR DOS PROFESSORES AO LONGO DA PANDEMIA

Rayane Gomes Valença [1]
Alana Danielly Vasconcelos [2]

Resumo: No ano de 2019 e 2021 a educação escolar passou por desafios, devido ao COVID-19, de acordo com o Ministério da Saúde, é um vírus altamente contagioso que se fez presente no Brasil e no mundo, fazendo com que as atividades diárias, em todos os setores da sociedade fossem modificadas. O presente artigo teve por objetivo geral relatar o processo que a educação escolar passou durante o momento pandêmico, tanto para alunos quanto para professores, as mudanças e adaptações. A busca e a utilização das tecnologias digitais e novas metodologias para a continuidade das atividades escolares foi essencial. Segundo Vasconcelos (2020), o ensino híbrido, por exemplo, é algo que veio para ficar na educação, se fez presente durante esse período pandêmico e nos mostrou o quão importante e urgente é pensar em um novo formato educacional. Considera-se que, o professor é o mediador e os alunos são os protagonistas na construção da sua aprendizagem e as tecnologias digitais são um meio de potencializar essa construção.
Palavras-Chave: Ensino híbrido; Pandemia; Tecnologias Digitais.

Abstract: *In the year 2019 and 2021, school education went through challenges, due to COVID-19, according to the Ministry of Health, it is a highly contagious virus that has been present in Brazil and in the world, making daily activities, in all sectors of society were changed. The present article had the general objective to report the process that school education went through during the pandemic moment, both for students and teachers, the changes and adaptations. The search and use of digital technologies and new methodologies for the continuity of school activities was essential. According to Vasconcelos (2020), blended learning, for example, is something that is here to stay in education, it was present during this pandemic period and showed us how important and urgent it is to think about a new educational format. It is considered that the teacher is the mediator and the students are the protagonists in the construction of their learning and digital technologies are a means of enhancing this construction.*
Keywords: *Blended Learning; Pandemic; Digital Technologies.*

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2019 a 2021 à educação escolar teve sua rotina modificada devido ao COVID-19, de acordo com o Ministério da Saúde do Brasil, COVID-19 é um vírus que é transmitido pela boca ou nariz por partículas dispersa no ar, podendo ter sintomas leves, moderado e grave. Sendo que não tem tratamento específico para este vírus, até então alguns cuidados foram e ainda são tomados, como por exemplo: afastamento de no mínimo 2 metros de distância, lavar as mãos com água e sabão, utilizar álcool gel 70, lavar todos os objetos comprados em feiras livres ou supermercados e o uso obrigatório de máscara por parte de todas as pessoas.

[1] Discente do 8º período do curso de Pedagogia na Faculdade São Luís de França
[2] Profa. Dra. orientadora e regente da disciplina trabalho de conclusão de curso.

Assim, as mudanças perpassaram por toda estrutura organizacional do ensino, a exemplo: calendário escolar, prática docente, dentre outros aspectos. Entre os anos de 2019 à 2021, as aulas presenciais foram suspensas por conta da pandemia do COVID-19 e substituídas pelas aulas remotas de acordo com a Lei Federal 14.040, no ano de 2020, resguardando a vida e saúde de toda a comunidade escolar que estão envolvidos diretamente e indiretamente.

Com o avanço das tecnologias digitais e a capacidade do ser humano de buscar novos conhecimentos, esse momento foi desafiador, em que profissionais da educação tiveram que se adaptar com novas metodologias que tinham que ser aplicadas nas aulas, a exemplo de sala de aula virtuais, grupos no *WhatsApp*, *e-mail*, atividades, vídeos e jogos educativos.

Diante disso, o presente artigo relata os desafios dos professores no processo da educação ao longo da pandemia entre os anos de 2019 à 2021, isto é, a adaptação e a trajetória enfrentadas por professores na educação escolar da rede pública brasileira, no ensino fundamental anos iniciais e anos finais, dessa maneira, tem como objetivo geral deste artigo, é compreender como ocorreu o trabalho docente ao longo das aulas remotas na educação básica entre os anos de 2019 à 2021, período decorrente da pandemia.

A metodologia deste artigo, considerando Richardson (2017), encontra-se pautada num trabalho de abordagem qualitativa por meio de revisão bibliográfica realizada a partir de leituras de artigos científicos, livros e capítulos de livros que abordam sobre o objeto de estudo em questão.

A motivação da escrita deste arquivo decorreu do trabalho realizado ao longo da pandemia, ocasionada pela COVID-19, entre os anos de 2019 à 2021, em que tal período foi impactante para todos, eu enquanto aluna sentir os desafios e adaptações durante esse período da pandemia. Outro momento no qual chamou minha atenção para este objeto de estudo. Foi no ato do meu estágio obrigatório, da graduação de Pedagogia, em que as aulas foram remotas, pois, no preparo das aulas e dos planejamentos das mesmas, inquietações me assoavam, a exemplos: será que vai dar certo? Como será que os alunos vão reagir? Será que vão gostar da aula? E assim tais questionamentos instigou a discorrer sobre o trilhar dos professores ao longo da pandemia de modo científico.

2. ESPAÇO ESCOLAR E TECNOLOGIA DIGITAIS: ENSINO HÍBRIDO

Podemos destacar que o espaço escolar é todo o ambiente no qual alunos, professores e toda a comunidade escolar está inserida. Neste espaço, acontece o ensino e aprendizagem que pode ocorrer de diferentes formas e que vai ser transmitida pelo

professor. Mas, o ensino e aprendizagem não acontecem somente na escola e sim, em qualquer espaço que produz conhecimento, a começar pela vivência daquela comunidade escolar.

Desde o final do século passado, se nota o quanto as tecnologias digitais estão envolvidas no espaço escolar, desde a pesquisa até a metodologia adotada pelo docente em sala de aula, onde ocorre o ensino e aprendizagem por meio de uma sequência de conteúdo como afirmam os autores Vasconcelos, Ferrete e Lima (2020).

> Trabalhar com ensino híbrido, requer pensar e refletir sobre o papel do professor dentro do processo de mistura, blended; é tornar o processo educacional flexível. Pensar educação híbrida é pensar educação como parte intrínseca da vida que é toda misturada e vivida em vários espaços, com várias pessoas. Oportunizar a existência de uma Educação híbrida é admitir que o processo educativo não se restringe à sala de aula, mas que este processo, acontece em diversos ambientes como os ambientes virtuais, diluindo a sala de aula para ambientes diferentes, utilizando até os espaços como praças, museus, dentre outros espaços contidos nas cidades (VASCONCELOS, 2020, p.124-125).

Desse modo, o ensino híbrido faz com que o estudante seja um sujeito crítico e mais participativo, desenvolvendo suas atividades e projetos, sendo assim, o aluno, responsável pelo seu conhecimento. O professor é o mediador e consultor do aprendiz, estando presente para auxiliar na produção das atividades por partes dos estudantes que, juntamente com os colegas de classe, são envolvidos e inseridos nas atividades com a finalidade de aprender e serem autônomos neste processo. Compreende-se que, o ensino híbrido é essa mistura de aulas virtuais, momentos presenciais, trabalhos em equipe e individuais, projetos e atividades que permeiam um só objetivo: a aprendizagem.

> No ensino híbrido, o estudante tem contato com as informações antes de entrar em sala de aula, a concentração nas formas mais elevadas do trabalho cognitivo, ou seja, aplicação, análise, síntese, significação e avaliação desse conhecimento que o aluno construiu ocorrem em sala de aula, onde ele tem o apoio de seus pares e do professor. O fato de o estudante ter contato com o material institucional antes de adentrar a sala de aula apresentam pontos positivos (BACICH, 2006, pág. 3).

Entre os anos de 2019 e 2021 passamos por um momento pandêmico mundial e no Brasil, não foi diferente, o vírus da COVID-19 nos fez mudar a rotina de alunos e professores que, tiveram que se adaptar a este momento, as salas de aulas foram substituídas pelas aulas remotas, o ensino híbrido e as tecnologias digitais estavam presente neste momento. O professor que atuava no modelo tradicional, teve que se adaptar e se qualificar perante esse momento desafiador. Dentro deste contexto, ressalta-se que,

> [...] existem diversos pontos relevantes para dimensionar um trabalho que reúna o processo de ensino-aprendizagem nas escolas por meio da tecnologia. Estudos mais recentes desconstroem os estereótipos da educação tradicional e reconstroem no mesmo meio uma mistura personalizada do ensino híbrido e do aprendizado utilizando as tecnologias. Essa mistura denomina o ensino híbrido é dinamiza os cenários diferentes para que os alunos tenham melhor aproveitamento dos conteúdos e as suas capacidades (BACICH, TANZI NETO, TREVISANI, 2015, pág. 2).

O momento pandêmico no qual todos passamos, fez com que a utilização das tecnologias digitais fosse a solução para dar continuidade as aulas e assim, reunindo alunos e professores, para a troca de conhecimento, as plataformas digitais, foram sendo apresentadas e inseridas neste processo. Uma das mais utilizadas foi o *Google Classroom*, ou sala de aula da *Google*, como também é conhecida. A *Google*,

> [...] oferece um conjunto de ferramentas de comunicação e produtividade destinadas a novas Tecnologias na Educação a promover a colaboração e criatividade. [...] o "desenvolvimento das habilidades de: comunicação, colaboração, pensamento crítico e criatividade", são potencializadas ao utilizar as tecnologias do século 21. Assim, todos os envolvidos no processo educacional desenvolvem a confiança com a tecnologia e, possibilitam uma aprendizagem mais significativa e híbrida no contexto de sala de aula (WITT, 2015, pág. 4).

Por tanto, nota-se que, o ensino híbrido pode acontecer em momentos diferente, sendo que tenha o ensino e aprendizagem como pilares, a troca de conhecimento entre alunos e professores, independente do formato que seja apresentado, se de maneira presencial ou virtual.

3. METODOLOGIA ATIVA: POR QUE MUDAR?

"As metodologias ativas são pontos de partida para avançar nos processos de reflexão, de integração cognitiva, de generalização, de reelaboração de novas práticas" (OFÉLIA, 2015, pág. 15), sendo assim, com as metodologias ativas se pode associar a sala de aula com as tecnologias digitais, no processo de ensino e aprendizagem, quebrando o paradigma do modelo tradicional da educação, pois,

> [...] o que a tecnologia digital traz hoje é integração de todos os espaços e tempos. O ensinar e aprender acontece numa interligação simbiótica, profunda, constante entre o que chamamos mundo físico e mundo digital. Não são dois mundos ou espaços, mas um espaço estendido, uma sala de aula ampliada, que se mescla, hibridiza constantemente. Essa mescla, entre sala de aula e ambientes virtuais é fundamental para abrir a escola para o mundo e para trazer o mundo para dentro da escola. O professor precisa seguir comunicando-se face a face com os alunos, mas também digitalmente, com as tecnologias móveis, equilibrando a interação com todos e com cada um (ALMEIDA; VALENTE, 2012, pág. 16).

A tecnologia digital é uma aliada da sala de aula, a junção do professor na sala de aula com a tecnologia digital, contribui para uma aprendizagem personalizada, trazendo para o aluno, um leque de informações e conhecimento de diferentes formas.

"A maior parte do tempo, na educação presencial e a distância ensinamos com materiais e comunicações escritos, orais e audiovisuais, previamente selecionados ou elaborados" (ALBERTO, 2015, pág. 17). São extremamente importantes, mas a melhor forma de aprender é combinando equilibradamente atividades, desafios e informação contextualizada.

Para Alberto (2015), desafios e atividades podem ser dosados, planejados e acompanhados e avaliados com apoio de tecnologias. Os desafios bem planejados contribuem para mobilizar as competências desejadas, intelectuais, emocionais, pessoais e comunicacionais. Exigem pesquisar, avaliar situações, pontos de vista diferentes, fazer escolhas, assumir alguns riscos, aprender pela descoberta, caminhar do simples para o complexo.

A parti daí, alguns componentes são fundamentais para o sucesso da aprendizagem, a exemplo da: criação de desafios, atividades, jogos que realmente trazem as competências necessárias para cada etapa da vida do estudante; que solicitam informações pertinentes, oferecem recompensas estimulantes, combinam percursos pessoais com participação significativa em grupos, que se inserem em plataformas adaptativas, reconhecem cada aluno e ao mesmo tempo aprendem com a interação, tudo isso, utilizando as tecnologias digitais adequadas.

> Já em 1969, a maior parte das nações, nas aprendizagens a distância, sobretudo a baseada na Internet, parece ser a grande novidade educacional neste início de novo milênio. A educação opera com a linguagem escrita e a nossa cultura atual dominante vive impregnada por uma nova linguagem, a da televisão e a da informática, particularmente a linguagem da Internet (MCLUHAN, 2000, pág. 5).

As metodologias ativas utilizadas no âmbito escolar, auxiliam o professor para que ocorra o ensino e aprendizagem de modo personalizado, sendo que as experiências adquiridas no cotidiano, fazem toda a diferença, é como Moran (2000) afirma, se faz necessário trazer o mundo para dentro da escola e levar a escola para o mundo.

Essa troca de conhecimento faz toda a diferença, e as tecnologias podem e devem ser utilizadas no processo educacional desde que, ao propor sua utilização, haja uma orientação adequada ao seu uso. O professor pode reinventar as aulas do modelo tradicional, trazendo as tecnologias digitais para a sala de aula, reforçando o que já foi transmitido e aplicando atividades que podem ser desenvolvidas individuais e em equipe.

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (FREIRE, 2008, pág. 84), ou seja, o professor é o mediador, mas cabe ao aluno ir em busca das informações e conhecimento para que ocorra a sua aprendizagem.

Para que a aprendizagem ativa aconteça “caberá ao professor trazer o aluno para o centro da ação pedagógica, visto como sujeito ativo de seu próprio processo de aprendizagem” (MORAN, 2000, pág. 8). Dentro desse processo de envolvimento, as metodologias ativas propõem que os alunos sejam aqueles que desenvolvam os papéis centrais nos processos de ensino e de aprendizagem e o professor seja o mediador-desafiador dessa relação.

"O conhecimento daquilo que se ensina e de como se ensina, pois, são centrais para uma boa docência" (HARGREAVES, 1995, p. 12), assim, ter clareza dos procedimentos e desafios, de como ajudar, incentivar e conduzir o trabalho, inserindo o aluno no papel de agente ativo em sua aprendizagem, construindo suas práticas sociais é de extrema importância para que de fato exista aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que o respectivo trabalho, teve por objetivo apresentar o trilhar dos professores ao longo da pandemia, em que, citou-se alguns desafios encontrados por estes, ao passar pelo momento de pandemia, a exemplo da educação no modelo tradicional, em que muitos dos profissionais de educação tiveram que se adaptar, em tempo recorde para aprender a manusear recursos digitais diversos com o objetivo de dar continuidade ao processo educacional.

Nota-se neste período, o quanto o nosso sistema educacional evoluiu para a construção do conhecimento, em que o aluno passou a ser protagonista da sua aprendizagem, buscando torná-lo um sujeito crítico, formando suas próprias opiniões e construindo conhecimento. E essa construção de conhecimento pode ocorrer dentro e fora da sala de aula, as experiências da comunidade podem e é, conteúdo a ser utilizado para sua construção e formação enquanto cidadão. Mas, também, como mostram pesquisadores como Vasconcelos (2020), necessário a existência de toda uma infraestrutura para a utilização de tecnologia digital nas Instituições de Ensino, pois, outro fator que fica evidente é a ausência de recursos e estruturas que possibilitem este uso, principalmente, no âmbito de instituições públicas.

Com isso, é nítido que o uso das tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem é possível e, quanto a construção de conhecimento, esta acontece em uma via de mão dupla, o professor não sabe de tudo, sempre tem algo a aprender, assim como o estudante, é um processo dialógico entre partes e pares.

Com o passar do tempo, o ensino híbrido e as tecnologias digitais vão adentrando cada vez mais na educação, nota-se que, não é apenas "uma modinha" e sim, uma possibilidade de construir um processo de aprendizagem mais equânime e personalizado.

5 REFERÊNCIAS

ALBERTO, Carlos. **Convergências Midiáticas.** Coleção Mídias Contemporâneas. Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4941832/mod_resource/content/1/Artigo-Moran.pdf. Acesso em 14 de março de 2022.

ALMEIDA, M. E. B.; VALENTE, J. A. **Integração currículo e tecnologias e a produção de narrativas digitais**. Currículo sem Fronteiras, 2012. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4941832/mod_resource/content/1/Artigo-Moran.pdf. Acesso em 24 de abril de 2022.

BRASIL. **Lei 14.040, 18 de agosto de 2020**. Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.040-de-18-de-agosto-de-2020-272981525. Acesso em 24 de abril de 2022.

BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. **Ensino híbrido:** personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

FREIRE**,** Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa.3. ed. São Paulo: Paz e Terra; 2008.

HARGREAVES, A. introdução. Em: CLARK, C.M. (Eds.) **Ensino pensativo**. Wellington: Cassel, 1995. Disponível em: https://repositorio.ifsc.edu.br/bitstream/handle/123456789/1719/Sara%20Jane%20U%20de%20Oliveira%20-%20Entrega%20P%c3%b3s-Defesa.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 24 de abril de 2022.

BRASIL. **Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020,** Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.040-de-18-de-agosto-de-2020-272981525. Acesso em 24 de abril de 2022.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1965. Disponível em: https://repositorio.ifsc.edu.br/bitstream/handle/123456789/1719/Sara%20Jane%20U%20de%20Oliveira%20-%20Entrega%20P%c3%b3s-Defesa.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 24 de abril de 2022.

MORAN, José. **Educação Híbrida:** um conceito-chave para a educação. Porto Alegre,2000. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf. Acesso em 24 de abril de 2022.

OFÉLIA. E. **Convergências Midiáticas.** Coleção Mídias Contemporâneas. Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4941832/mod_resource/content/1/Artigo-Moran.pdf. Acesso em 14 de março de 2022.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas/colaboração Dietmar Klaus Pfeiffer. – 4. ed. rev., atual. e ampl. – São Paulo: Atlas, 2017.

VASCONCELOS, A. D.; FERRETE, A. A. S. S.; LIMA, I. P. de. Formação docente para o uso dos aplicativos do Google for Education em sala de aula. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. 4, p. 1877–1887, 2020. DOI: 10.21723/riaee.v15i4.12741. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12741. Acesso em: 1 jun. 2022.

VASCONCELOS, Alana Danielly. **Trilhando caminhos da formação profissional sobre as tecnologias digitais de informação e comunicação no curso de pedagogia da Universidade Federal de Sergipe**. 2020. 204 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2020. Disponível em: https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/14767. Acesso em 22 de abril de 2022.

WITT, D. **Accelerate Learning with. Google Apps for Education**. 2015. Disponível em: https://danwittwcdsbca.wordpress.com/2015/08/16/accelerate-learning-with-google-apps-for-education/. Acesso em 14 de abril de 2022.

SAÚDE SOCIOEMOCIONAL DO EDUCADOR

Rafaella Lima Correia[1]
Alana Danielly Vasconcelos[2]

RESUMO: O presente artigo foi desenvolvido a fim de abordar os conflitos enfrentados pelos educadores durante o processo pandêmico, buscando refletir sobre os seus impactos na saúde mental do profissional de educação. Frente a este cenário de pandemia do corona vírus e, com base nas pesquisas realizadas, considerando autores como LUDOVICO, FM (2020), SILVIA, R.C.R (2020), dentre outros, muitos são os problemas enfrentados por estes profissionais em decorrência do isolamento social provocado pela COVID-19, a exemplo da Síndrome de Burnout, que afeta diretamente no seu desempenho profissional. Por meio de uma metodologia baseada na abordagem qualitativa de pesquisa, como aponta Richardson (2017), chega-se à consideração que se faz necessário uma pauta sobre o desenvolvimento das competências socioemocionais ainda na infância, que hoje atuam como ferramentas de redução de prejuízos emocionais, auxiliando o indivíduo no processo de tomadas de decisão e autoconhecimento, conseguindo lidar com suas emoções.
Palavras-Chave: Competências Socioemocionais; Desenvolvimento; Educador; Educação Infantil; Saúde Mental.

Abstract: *The article developed to address the impacts of mental health by educators was developed to reflect on its impacts on professional education. SILVI, among many are the problems of attendance, with other social problems, such as R. called by COVID-19, such as Burnout Syndrome, which directly affects their professional performance. Through a methodology based on the qualitative approach of a research by Richardson (2017), an agenda on the consideration that is necessary in the education of socio-emotional skills in childhood becomes necessary, today as tools to reduce the still sustainable development, helping the individual in the decision-making process and self-knowledge, dealing with their emotions.*
Keywords: *Child education; Development; Educator; Mental health; Socioemotional Skills.*

1 INTRODUÇÃO

O final do ano de 2019 pode ser considerado um ano atípico devido às diversas situações que ocorreram, sendo que a primeira delas foi o fato de todos os países serem acometidos pela COVID-19[3]. Como destaca Vasconcelos (2020), durante este processo pandêmico, a vida em sociedade sofreu grandes transformações.

No âmbito educacional, essas transformações passaram a ser acometidas pelas instituições de ensino de forma brusca e repentina, com algumas escolas sendo fechadas temporariamente e outras permanentemente, equipe diretiva e professores buscando formas

1 Rafaella Lima Correia discente do curso de Pedagogia na Faculdade São Luís de França.
2 Profa. Dra. Alana Danielly Vasconcelos orientadora e regente da disciplina trabalho de conclusão de curso.
3 De acordo com o Ministério da Saúde do Brasil, a Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus.

de continuarem ensinando e entregando um ensino de qualidade aos seus alunos, muitos alunos sem acesso à internet, sendo a internet o ponto chave para dar essa continuidade. Por esses motivos, os docentes entraram em processo de aprendizagem tecnológica para inserir o uso das plataformas digitais neste tempo de pandemia, e é a partir desse momento que os profissionais da educação se veem num ambiente totalmente diferente daquele em que já estavam acostumados. O estresse e a sobrecarga já existiam, e com essas mudanças esses sentimentos foram aumentados.

De acordo com a professora Dra. Claudia Mayorga, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (2020), saúde mental, considerando o Plano de Ação para a Saúde Mental da Organização Mundial da Saúde (2013-2020), é definida como um estado de bem-estar em que o sujeito enxerga suas próprias habilidades, onde pode lidar com o estresse normal de vida, como também trabalhar de forma produtiva e, desta maneira, é capaz de dar uma contribuição para a comunidade em que vive.

Diante disso, a saúde mental deve ser trabalhada desde a infância, pois é nela que a criança começa a se descobrir e a se expressar. É a partir do desenvolvimento humano que ela passa a ser trabalhada, pois é o elo entre o aprender, o poder viver e o conviver.

Tem-se como objetivo geral compreender a importância da saúde socioemocional do professor, além de analisar o papel da escola na vida do docente, sendo possível desenvolver habilidades para obter o controle emocional e intervir de forma positiva para a aprendizagem do educador através das competências socioemocionais. Diante disso, o artigo justifica-se a fim de compreender como a saúde mental, quando não cuidada da forma correta, pode ser prejudicial ao ser humano, inclusive fisicamente.

A metodologia do trabalho em questão está baseada na abordagem qualitativa, de acordo com Richardson (2017), em que se utilizou da revisão bibliográfica, por meio de livros e artigos científicos, para sua construção e fundamentação.

A motivação para a elaboração deste artigo surgiu devido à percepção do número significante de professores. De acordo com uma pesquisa feita pelo Instituto Nova Escola (2021), cerca de 72% destes docentes sofreram e estão sofrendo com problemas socioemocionais, a exemplo da ansiedade e do estresse, onde buscaram por apoio. Estes profissionais estão sendo cobrados pelos fracassos na educação e raramente são reconhecidos quando atingem o sucesso.

Desta forma, o trabalho foi pensado com a proposta de promover um olhar mais humano com aquele que precisou e precisa reinventar-se todos os dias para propor à comunidade um ensino de qualidade.

2 SAÚDE MENTAL DO EDUCADOR NA PANDEMIA

Muitos professores que possuem trabalho em duas ou mais instituições de ensino, de acordo com uma matéria feita pela repórter Michele Bravos (2021)[1], viviam ao longo da pandemia que durou, e ainda dura, numa rotina de planejamentos, passando horas em salas de aula ensinando, resolvendo os conflitos e as demandas das instituições, além das "horas extras" que faziam em casa, após o expediente de trabalho.

Toda essa rotina permanece gerando estresse e preocupação por parte dos docentes, pois estes se preocupam com a aprendizagem de seus estudantes, o que os leva a se questionarem "se o aluno compreendeu determinado assunto", "qual metodologia utilizará na próxima aula", numa constante busca por melhorias para os seus alunos e para o seu processo de aprendizagem. Diante disso, por muitas vezes o professor acaba se esquecendo do principal: ele mesmo, ou seja, o autocuidado, faltando-lhe tempo para cuidar da própria saúde mental e física, também.

A educação foi uma das áreas mais afetadas pela pandemia devido à Covid-19. Durante a pandemia, os professores precisaram se reinventar mais ainda, ou melhor dizendo, foram obrigados a reformularem, de um dia para o outro, os seus métodos de ensino para atender às necessidades educacionais dos alunos. Logo, é necessário que cada contexto seja analisado para que profissionais e/ou alunos não sejam excluídos do processo de adaptação à tecnologia na educação. Nesse período foi preciso mediar e manter suas relações educativas através de uma tela de computador ou celular, onde os docentes tiveram que ser criativos e assim manterem seus alunos motivados durante as aulas, garantindo a utilização das ferramentas tecnológicas, de acordo com Ludovico *et al*. (2020). Muitos destes profissionais realizaram uma capacitação para entrarem no mundo da tecnologia digital e estarem presentes a todo momento – inclusive fora do seu horário de trabalho ao responderem mensagens de pais e alunos.

Para FANTIN (2017), a tecnologia digital agrega um papel fundamental na construção do conhecimento, sendo utilizada como uma das principais ferramentas. Porém, não se deve permitir que a tecnologia digital predomine a aprendizagem de tal forma que o sujeito que estuda e faz uso dela utilize-a como uma muleta para o seu aprendizado. As equipes escolares devem pensar em como incluir as inovações tecnológicas como um fator de favorecimento do aprendizado, do desenvolvimento dos alunos e da liberdade para o docente elaborar o diálogo dentro da sala de aula.

A inclusão tecnológica na educação durante a pandemia foi um verdadeiro processo de aceitação e negação pelos professores, pois muitos deles não sabiam fazer o uso dela. O

1 Matéria realizada por Michele Bravos intitulada "Os professores precisam se cuidar, mas também serem cuidados". Disponível em: https://lunetas.com.br/saude-mental-dos-professores-na-pandemia/

papel da escola em tempos pandêmicos é reforçar os valores de uma comunidade unida, com o princípio de entregar o melhor serviço de educação para os seus filhos. Para Silva e Nascimento (2020), a missão do docente foi ampliada para uma dimensão que está além das salas de aula a fim de que seja garantida uma articulação entre a escola e a comunidade, pois o professor que antes "apenas ensinava" passou a participar da gestão e do planejamento dentro do ambiente escolar, sendo um fato que evidencia uma dedicação extrema de suas funções escolares estendidas às famílias e à comunidade.

O contexto escolar tem se tornado um ambiente de tensão e estresse, e os professores sentem-se cada vez mais desestimulados no trabalho, resultando em doença e até afastamento de suas atividades escolares. A pandemia vem sendo muito prejudicial a toda a sociedade. O emocional de cada um tem sido abalado pelo isolamento social e pela pressão para alcançar seus resultados positivos, além de um maior número de horas trabalhadas por dia que só contribui para o desgaste físico e emocional. Situações estressantes e interações negativas que podem ocorrer no ambiente escolar, como a crítica dos pais ou a ofensa verbal dos próprios alunos, continuarão a fazer parte do cotidiano do professor no seu trabalho.

O excesso de trabalho e o esgotamento devido à sobrecarga podem desencadear a Síndrome de Burnout, que, quando não tratada, pode evoluir para uma doença física, a exemplo da hipertensão. Burnout é um transtorno crônico de caráter depressivo e, segundo a psicóloga Paula Ortolan (2021), é caracterizado pelo esgotamento ou exaustão emocional e física, onde o profissional sente insegurança no seu trabalho, possui ansiedade excessiva, incapacidade de relaxar a mente e o corpo, além da insatisfação com as próprias conquistas. O mal-estar docente está ligado às novas formas de relações da prática pedagógica e às novas demandas do mundo que não estão sob controle e supervisão dos professores.

Uma das medidas para prevenir a Síndrome de Burnout e tantos outros transtornos é a adequação do 'novo normal', para que funcione tanto hoje quanto após a pandemia, como exemplo temos a adaptação à tecnologia digital, a qual foi um passo dado pelos professores em suas aulas. Fazer atividades que não estejam dentro da rotina diária, conversar com alguém de confiança, evitar o contato com pessoas negativas e evitar falar sobre o trabalho nos momentos de lazer são formas saudáveis que ajudam a evitar o desenvolvimento da doença, diminuindo o estresse e a pressão no trabalho.

3 A INFÂNCIA E SEUS ASPECTOS DO DESENVOLVIMENTO GLOBAL

A saúde mental engloba o bem-estar cognitivo, comportamental e emocional, e quando comprometida, além de afetar diretamente nos relacionamentos, na qualidade de vida e nas atividades do dia a dia, é capaz de induzir dores físicas reais. De acordo com

Goleman e Senge (2015), existem habilidades essenciais que devemos desenvolver para enfrentar as diversas mudanças e desafios que ocorrerão em nossas vidas, incluindo aprendizagem social e emocional, autogestão, empatia, autoconsciência, entre outras. Habilidades essas que são, inicialmente, desenvolvidas durante a infância e estendem-se ao longo da vida.

Ainda na creche ou na pré-escola, a criança passa por mudanças significativas, como a separação – mesmo que seja por algumas horas – dos seus pais, e se veem num ambiente de socialização sistematizada. A escola é fundamental para o desenvolvimento das crianças e dos jovens, pois é nela que passam mais tempo e encontram as oportunidades de aprendizagem. É nesse ambiente que elas aprendem, gradativamente, a desenvolver as suas competências socioemocionais, onde conseguem participar de interações sociais mais complexas.

Para o modelo bioecológico, o desenvolvimento humano é um processo de continuidades e mudanças das características das pessoas e dos grupos, que ocorre ao longo do ciclo de vida e ao longo das gerações. Um exemplo desse modelo é o processo proximal, que se refere às atividades realizadas no cotidiano das pessoas com outros indivíduos. Alguns exemplos de processos proximais são as brincadeiras entre as crianças, as atividades de aprendizagem escolar e a relação da criança com os pais e com os professores. Os processos proximais são considerados como motores do desenvolvimento humano (BRONFENBRENNER, 1995).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

> [...] A promoção da saúde ocorre [...] por meio da educação, da adoção de estilos de vida saudáveis, do desenvolvimento de aptidões e capacidades individuais, da produção de um ambiente saudável, da eficácia da sociedade na garantia de implantação de políticas públicas voltadas para a qualidade de vida e dos serviços de saúde (Brasil, 1997).

Neste sentido, a escola não tem a função de substituir a família em suas obrigações, pois a escola é o complemento e deve estar integrada com a família em prol do pleno desenvolvimento da criança. Ao entrar na escola, a criança necessita de tempo para se acostumar com o ritmo letivo. Ao identificar os espaços e as pessoas diferentes do seu cotidiano, é preciso obter alternativas que possam atender às peculiaridades da instituição de ensino – mesmo após esse período de adaptação –, respeitando a integridade física e emocional de cada criança.

O desenvolvimento durante a infância acontece através da interação com o meio em que a criança está inserida. Dessa forma, é possível desenvolver sua autoestima, poder de pensamento, bem como o desenvolvimento afetivo. É por meio da interação social que se constitui a identidade, sendo estes processos essenciais na primeira infância.

> Piaget, Vigotsky e Wallon tentaram mostrar que a capacidade de conhecer e aprender se constrói a partir de trocas estabelecidas entre o sujeito e o meio. As teorias sociointeracionistas concebem, portanto, o desenvolvimento infantil como um processo dinâmico, pois as crianças, não são passivas, meras receptoras das informações que estão à sua volta. Através do contato com seu próprio corpo, com as coisas do ambiente, bem como através da interação com outras crianças e adultos, as crianças vão desenvolvendo a capacidade afetiva, a sensibilidade, a autoestima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem (CRAIDY & KAERCHER, 2001, p. 27).

Devem ser levados em consideração, além da educação, também o cuidado, e paralelo a esse cuidado, o direito de ter contato com o mundo, sendo este último de fundamental importância para o seu desenvolvimento. Educar e cuidar se contemplam ainda na fase da infância, portanto cuidar no contexto educativo visa uma integração de diversas áreas do conhecimento.

Diante disso, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil traz consigo uma visão pertinente sobre o cuidar e educar:

> […] Polêmicas sobre cuidar e educar, sobre o papel do afeto na relação pedagógica e sobre educar para o desenvolvimento ou para o conhecimento têm constituído, portanto, o panorama de fundo sobre o qual se constroem as propostas em educação infantil. A elaboração de propostas educacionais, veicula necessariamente concepções sobre criança, educar, cuidar e aprendizagem, cujos fundamentos devem ser considerados de maneira explícita (PCNs, 1998, vol. 1, p. 18).

Cuidar significa auxiliar no desenvolvimento da criança, de suas capacidades, comprometendo-se a ajudá-la na identificação das suas necessidades, tornando-as mais independentes, autônomas. Ao receber o cuidado do adulto, no caso do professor, a criança também está aprendendo. Considera-se então que essa etapa do desenvolvimento exige que a educação infantil pratique as funções de educar e cuidar como complemento a estes processos realizados dentro da família, a fim de ampliar as condições para o exercício da cidadania e do convívio social, pois a educação infantil tem papel preponderante na ideia de desenvolvimento e de construção do seu conhecimento.

4 COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS E SEUS IMPACTOS NA VIDA SOCIAL

As competências socioemocionais são a capacidade de reconhecer, comunicar e administrar suas emoções, além de perceber e compreender as emoções de outras pessoas e, com o cuidado abundante dos pais e professores, as crianças começam a regular suas emoções e desenvolvem segurança em ambientes sociais. Elas são de extrema importância para a fase inicial de uma criança, pois é onde ela cria vínculos significativos com seus familiares, professores, amigos e com a comunidade em geral. Elas estão diretamente direcionadas a capacidade de pensar, sentir, decidir, ser e agir.

A lista das competências socioemocionais é imensa, mas há algumas que são consideradas fundamentais para o desenvolvimento, como a empatia, que busca desenvolver a capacidade de se colocar no lugar do outro, de agir e pensar como o outro faria; A paciência, grande virtude que estimula o autocontrole diante de situações complexas, levando à soluções de forma tranquila; A comunicação, garantindo a capacidade do ser humano expressar-se, havendo uma comunicação direta e segura; A sociabilidade, que é fundamental em qualquer área da vida, pois com ela é possível desenvolver uma relação harmoniosa, com respeito e diálogo no convívio social saudável.

Além da autonomia que está interligada à competência socioemocional do autoconhecimento, com elas o ser humano explora a habilidade de conter opiniões próprias, obtém o controle e o domínio de si mesmo, das suas emoções, sentimentos e decisões; A responsabilidade e a ética também andam juntas e estão relacionadas à conduta do indivíduo, diferenciando o que é bom do que não é, mostrando que para toda atitude há uma consequência, tanto para si quanto para os outros.

A partir dessa lista, a BNCC - Base Nacional Comum Curricular - destaca algumas competências socioemocionais consideradas essenciais, que devem ser desenvolvidas durante o processo de ensino-aprendizagem de uma criança. Vale ressaltar que a Base Nacional Comum Curricular é quem direciona os currículos escolares, garantindo os direitos de aprendizagem que os alunos precisam obter.

De acordo com a BNCC (2019), as 10 competências gerais estão profundamente permeadas pela educação socioemocional, pois dentre as principais competências que fomentam a proposta pedagógica das escolas estão o processo de entendimento e o manejo das emoções, com empatia e tomada de decisão responsável.

Desta forma, essas habilidades são importantes por zelarem o respeito à formação de cidadãos com a capacidade de desenvolver o trabalho em equipe e a resolução de problemas, respeitando o outro e sendo cada vez mais crítico e observador de si mesmo e do mundo ao redor. A relevância das denominadas competências socioemocionais é cobrada – dentro das competências gerais – nas seguintes áreas: autoconhecimento, autocontrole, empatia, automotivação e habilidades de relacionamentos. Nelas se relacionam a comunicação, a criatividade, a curiosidade e a criticidade.

Conforme as áreas, o professor trabalhará com os seus alunos a autoconsciência, a consciência social, a autogestão, as habilidades de relacionamentos e a tomada de decisão. Assim a criança identifica as suas emoções, desenvolvendo autoconfiança, sabendo observar a diversidade e respeitar os outros, buscando objetivos e obtendo disciplina, construindo relações e engajamento social, refletindo e analisando situações, bem como solucionando problemas.

As competências socioemocionais possibilitam promover impactos positivos nas mais diversas áreas da vida. O relatório *Global Education Leader's Program Brasil*[1], dispõe algumas informações sobre esses impactos: na aprendizagem são gerados melhores resultados dos alunos nas disciplinas curriculares tradicionais; no desenvolvimento integral é procurado preparar os alunos para estar no mundo de forma que construam seu projeto de vida; e a capacitação para o mundo profissional, para que sejam críticos e atuantes para tomadas de decisões responsáveis.

As competências socioemocionais também dialogam com as necessidades da sociedade civil, estando os indivíduos aptos ao diálogo, onde suprem carências, mobilizam famílias e geram impactos nos indicadores sociais. Na mudança cultural estimula-se e transforma-se a atitude cidadã, contribuindo para o desenvolvimento de uma cultura de paz. Compreende-se assim que a ideia que a BNCC traz não é de transformação das competências em componentes do currículo, mas sim de articulá-las junto ao aprendizado de cada área de conhecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, este Trabalho de Conclusão de Curso: Saúde Socioemocional do Educador, evidencia a necessidade de ser trabalhada, ainda na infância, a afetividade, a autoestima, o autoconhecimento e o socioemocional do indivíduo, visando a longo prazo os possíveis desafios que possam surgir, como o caso da pandemia devido à COVID-19, onde educadores se viram em situações desesperadoras, nas quais obtiveram problemas de saúde mentais, síndromes, depressões, entre outros fatores que prejudicaram de alguma forma o seu desempenho. Toda a bagagem que o indivíduo carrega consigo é consequência do seu desenvolvimento humano a partir da infância, das suas experiências, da sua cultura.

É pertinente ressaltar a importância da interação da família neste processo, pois, durante essa fase pandêmica, a falta de iniciativa das famílias em colaborar com as atividades das crianças, as dificuldades de acesso à internet – dos alunos da rede pública – e o próprio desamparo profissional das escolas quanto ao uso das tecnologias digitais, afetaram diretamente o educador no seu desempenho profissional.

O isolamento social foi um dos fatores primordiais durante a pandemia, e, de forma geral, os educadores foram submetidos à adequação de suas práticas pedagógicas, onde surgiram sentimentos de sobrecargas e frustrações mediante algumas dificuldades

1 Relatório elaborado pela Global Education Leader's Program Brasil, intitulada "Habilidades Socioemocionais – Questões Conceituais e Práticas". Disponível em: http://fundacaotelefonicavivo.org.br/wp-content/uploads/pdfs/GELP/HABILIDADES-SOCIOEMOCIONAIS-QUESTÕES-CONCEITUAIS-E-PRÁTICAS.pdf

enfrentadas. O papel da escola em proporcionar troca de experiência, acolhimento, diálogo, busca ativa fornecendo suporte com todo o arsenal de ferramentas necessárias é essencial, pois auxilia-os no seu processo de desenvolvimento integral e educacional.

As dificuldades acometidas neste cenário pandêmico estarão presentes ainda por um tempo significante em nossa sociedade, e é a partir delas que devemos relacionar o nosso desejo de vencer e a vontade de alcançar o sucesso. As condições de saúde física e mental estão interligadas e possuem um caráter de experiência de relações de empatia e solidariedade – envolvendo os profissionais de educação. Investir nas competências socioemocionais é fundamental para o nosso desenvolvimento como sujeito. Elas estão de forma sistemática em nossas práticas diárias e integram todo o processo de formação do ser humano como indivíduo, profissional e cidadão.

5 REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Excesso de trabalho e pandemia podem desencadear Síndrome de Burnout.** 2021. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-01/excesso-de-trabalho-e-pandemia-podem-desencadear-sindrome-de-burnout. Acesso em: 29 abril de 2022.

BHERING, Eliana; SARKIS, Alessandra. **Modelo bioecológico do desenvolvimento de Bronfenbrenner:** implicações para as pesquisas na área da Educação Infantil. Horizontes, v. 27, n. 2, p. 7-20, jul./dez. 2009.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** 2019. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/195-competencias-socioemocionais-como-fator-de-protecao-a-saude-mental-e-ao-bullying. Acesso em 27 de maio de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília, vol. 1, 1998. Competências socioemocionais como fator de proteção a saúde mental e ao bullying.

CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. **Educação infantil:** pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

FANTIN, M. **Educação, aprendizagem e tecnologia na pesquisa-formação.** Revista Educação e Formação, Fortaleza, v. 2, n. 6, p 87-100, set./dez. 2017.

FUTURO, Faculdade do. **Você sabe o que são competências socioemocionais?,** 2021. Disponível em: https://faculdadedofuturo.com.br/2021/02/16/voce-sabe-o-que-sao-competencias-socioemocionais/. Acesso em: 17 de março de 2022.

GOLEMAN, D; SENGE, P. **O foco triplo:** uma abordagem para a educação. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

LUDOVICO, FM, et al. **COVID-19:** desafios dos docentes na linha de frente da educação. Interfaces Científicas, Aracaju, v. 10, n. 1, p 58-74, Número Temático – 2020.

LUNETAS. **Saúde mental dos professores na pandemia.** 2021. Disponível em: https://lunetas.com.br/saude-mental-dos-professores-na-pandemia. Acesso em: 17 de março de 2022.

NEWS, Alberto Lopes. **Saúde mental de 72% dos educadores foi afetada durante pandemia.** 2021. Disponível em: https://albertolopesnews.com.br/saude-mental-de-72-dos-educadores-foi-afetada-durante-pandemia-afirma-estudo/. Acesso em: 18 de março de 2022.

PETRUCCI, Giovana Wanderley; BORSA, Juliane Callegaro; KOLLER, Sílvia Helena. **A família e a escola no desenvolvimento socioemocional na infância.** Trunds in Psychology/Temas em Psicologia, vol.24, núm.2, Abril-Junho, 2016. pp:391-402. **Sociedade Brasileira de Psicologia**. Disponível em: https://redalyc.org/articulo.oa?id=539656645001. Acesso em: 27 de abril de 2022.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas /colaboração Dietmar Klaus Pfeiffer. - 4. ed. rev., atual. e ampl – São Paulo : Atlas, 2017.

SILVIA, Regina Célia Ribeiro da; NASCIMENTO, Dandara Lorrayne do. **Trabalho docente na rede municipal de São Paulo no contexto da pandemia de COVID-19.** Educação Pública, v.20, n.32, ago.2020.

SAÚDE, SBC. **Síndrome de Burnout:** causas, sintomas, tratamentos, diagnósticos e prevenção. 2021. Disponível em: https://sbcsaude.org.br/sindrome-de-burnout-causas-sintomas-tratamentos-diagnosticos-e-prevencao-2/ Acesso em: 22 de março de 2022.

UFMG. **Saúde Mental:** O que é saúde mental?, 2021. Disponível em: https://ufmg.br/saudemental/saude-mental/o-que-e-saude-mental. Acesso em: 15 de maio de 2022.

VASCONCELOS, Alana Danielly. **Trilhando caminhos da formação profissional sobre as tecnologias digitais de informação no curso de pedagogia da Universidade Federal de Sergipe.** 2020. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/14767/2/ALANA_DANIELLY_VASCONCELOS.pdf. Acesso em 15 de março de 2022.

VIVO. **Habilidades Socioemocionais –** Questões conceituais e práticas. Fundação Tefefônica Vivo, 2021. Disponível em: https://fundacaotelefonicavivo.org.br/wp-content/uploads/pdfs/GELP/HABILIDADES-SOCIOEMOCIONAIS-QUESTÕES-CONCEITUAIS-E-PRÁTICAS.pdf. Acesso em 23 de abril de 2022.

YOUTUBE. **Saúde Mental e Emocional dos Educadores.** Disponível em: youtube.com/watch?v=p58uMOc5CRs. Acesso em: 15 de março de 2022.

YOUTUBE. **Saúde Mental do Educador em Tempos de Pandemia.** Disponível em: youtube.com/watch?v=oLJKEJaJhl8&t=1687s. Acesso em: 15 de março de 2022.

BULLYING E ANSIEDADE NO CONTEXTO ESCOLAR: COMO A ESCOLA PODE INTERVIR?

Silvânia Lopes Rodrigues[1]
Alana Danielly Vasconcelos[2]

RESUMO: *Bullying* e ansiedade são alvos de estudo que existe há muito tempo na nossa sociedade, mais precisamente no contexto escolar. De acordo com Manegotto et al. (2013) o *bullying* é a prática de atos violentos de um ou mais indivíduos contra uma determinado indivíduo, ou um determinado grupo, e pode gerar consequências físicas e psicológicas, como por exemplo a ansiedade. Para Cury (2014) a ansiedade é uma doença psíquica que se caracteriza por sentimentos negativos em excesso que pode atrapalhar o dia a dia das pessoas, principalmente de crianças e adolescentes em fase escolar. Quando não atrapalha a vida e o dia a dia ela pode ser considerada saudável. O objetivo central deste trabalho é fazer uma análise sobre o objeto de estudo *bullying* e ansiedade no contexto escolar, bem como investigar os impactos na vida de crianças e adolescentes e como a escola com a família podem intervir. Deste modo chegou- se a conclusão que, *bullying* e ansiedade são assuntos sérios e precisam ser discutidos, principalmente no âmbito escolar.

Palavras-Chave: Adolescente; Ansiedade; *Bullying*; Criança; Escola.

Abstract: Bullying and anxiety are study targets that have existed for a long time in our society, more precisely in the school context. According to Manegotto et al. (2013) Bullying is the practice of violent acts by one or more individuals against a particular individual, or group, and can generate physical and psychological consequences, such as anxiety. For Cury (2014) anxiety is a mental illness that is characterized by excessive negative feelings that can disrupt people's daily lives, especially children and adolescents in school. When it doesn't interfere with life and everyday life, it can be considered healthy. The main objective of this work is to analyze the object of study bullying and anxiety in the school context, as well as to investigate the impacts on the lives of children and adolescents and how the school with the family can intervene. In this way, it was concluded that bullying and anxiety are serious issues and need to be discussed, especially in the school environmen.

Keywords: *Adolescent; Anxiety; Bullying; Kid; School.*

INTRODUÇÃO

Bullying e ansiedade no contexto escolar não são situações novas e continuam muito presentes no cotidiano das pessoas, principalmente entre crianças e adolescentes em fase escolar. De acordo com Manegotto et al. (2013) *bullying* é a prática de atos violentos e repetitivos que pode ser praticado por uma única pessoa ou por um determinado grupo

[1]Graduanda em Pedagogia, Faculdade São Luís de França, Aracaju, Sergipe.
[2] Profa. Dra. Orientadora e regente da disciplina de TCC.

contra uma determinada pessoa, ou contra um determinado grupo com a intenção de machucar, amedrontar, intimidar.

De acordo com Cury (2014) a ansiedade é considerada o mal do século, mas, quando não atrapalha a vida e o cotidiano, pode ser considerada saudável, mas quando ela passa a interferir nas atividades simples do dia a dia, como, por exemplo o rendimento escolar, pode ser considerada patológica, esta pode vir acompanhada por sentimentos negativos, medo excessivo, preocupação exagerada e de forma antecipada, e também através das práticas do *bullying*, em crianças e adolescentes pode ter impactos maiores, pois para eles, expressar suas emoções não são uma tarefa fácil, essas são as fases onde há uma maior dificuldade para o diálogo, e como consequência disso o sofrimento passa a ser maior, pois se não falado, o problema não pode ser diagnosticado, tão pouco tratado.

Diante disso, o objetivo geral deste trabalho é compreender os aspectos que envolvem o *bullying* e a ansiedade no ambiente educacional, ressaltando o papel da escola, neste contexto. A metodologia do trabalho está baseada na abordagem qualitative com trabalho de revisão bibliográfica de acordo com Richardson (2017), em que utilizou-se de artigos e livros científicos para a escrita e inferências dos dados aqui apresentados.

Este trabalho justifica-se pela necessidade de falar frequentemente sobre *bullying* e ansiedade dentro das escolas, estimulando o respeito e a solidariedade, visto que a escola tem a árdua missão de ajudar a formar cidadãos de bem.

2 COMO PREVENIR O *BULLYING* E A ANSIEDADE NA ESCOLA?

De acordo com Muniz (2014) fazer pesquisas e estudar a criança e o adolescente não é tarefa fácil e desafia tanto profissionais da área da saúde, como também profissionais da educação, pois inúmeros aspectos, como, por exemplo comportamentais, físicos e cognitivos estão sendo desenvolvidos durante essas fases e várias transformações vão acontecendo rapidamente.

A saúde mental nessas fases da vida têm sido motivo de preocupação para os profissionais da educação e da saúde, principalmente no contexto escolar, em que as crianças e os adolescentes passam a maior parte do tempo, torna-se, portanto um espaço que precisa ser observado constantemente, espaço este que deve ser acolhedor e prazeroso, é na escola que as crianças e os adolescentes conseguem criar relações.

O educador físico tem um papel importante no que diz respeito ao bem-estar das vítimas do *bullying*, mas ao fazer uma pesquisa Muniz (2014) percebeu que o interesse pela prática de exercícios físicos era pouca, visto que a *internet* era considerada mais atrativa, diante disso o educador deve criar estratégias para atrair não só os adolescentes, como

também as crianças para que eles possam se sentir motivados a praticar os exercícios com maior frequência.

A figura do orientador físico é relevante nas escolas, pois além de promover programas de orientação para a educação, promove também saúde física e mental aos alunos de modo a diminuir os impactos causados pelo *bullying*, como, por exemplo: a dor e a ansiedade.

A prática de exercícios físicos é sim um recurso que deve está sempre presente nas escolas, pois além de promover saúde física, promove saúde mental, melhora a autoestima, proporciona sensação de leveza e bem-estar, ajuda o aluno a se expressar melhor, reduz as pressões do dia a dia. O educador tem o papel de promover uma vida mais saudável e mais ativa para os seus alunos.

Almeida (2001, p.5) afirma que "estamos perante um fenômeno mundial crescente e alarmante entre os estudantes." A complexidade do fenômeno *bullying* exige um esforço coletivo de prevenção e intervenção […]. Assim, a escola deve em primeiro lugar, entender o que é o *bullying* e o que é ansiedade e, porque acontece com muita frequência neste espaço, como também capacitar toda a comunidade escolar para saber lidar com essa questão. Para os autores abaixo,

> A abordagem do bullying e sua interface com as famílias, a partir de referênciais que proporcionem modelos explicativos para o fenômeno, pode enriquecer a compreensão científica acerca dessa interface e qualificar o desenvolvimento de intervenções e práticas de cuidado dos escolares (OLIVEIRA et al., 2015, p. 9).

As medidas de prevenção devem trabalhar com a sensibilização dos alunos e da família sobre o assunto, para que todos entendam que o *bullying* é algo negativo e que os agressores podem ser penalizados. É importante que todos fiquem cientes da gravidade do *bullying* e que já existe uma lei que criminaliza esse ato. Alunos, professores e toda a comunidade escolar precisa estudar sobre o assunto e as suas consequências tanto para quem pratica, como para as vítimas. Para o autor em questão,

> Uma relação familiar positiva é o elemento chave para um desenvolvimento socioemocional positivo, se a relação entre pais e filhos for mais próxima e se basear nos princípios da aceitação e apoio diminui o risco de desencadear muitos problemas, especialmente o bullying (CUNHA, 2014, p. 8).

As consequências para as vítimas podem ser graves atingindo principalmente a concentração nas aulas e a aprendizagem, pode prejudicar também o rendimento escolar e em casos mais graves, a desistência da escola, a chamada evasão escolar.

A prevenção e o combate ao *bullying* no contexto escolar deve expressar todos os objetivos que se encontram na lei de n.º13.185, lei Anti*bullying* que trata sobre medidas de prevenção ao combate ao *bullying*, é preciso agir de forma assertiva dentro do que manda a

lei, portanto as escolas devem aceitar que o *bullying* é real e que ninguém está imune a este fenômeno. Para o seguinte autor,

> O estudo sobre o bullying escolar é relativamente recente, mas tem vindo a despertar cada vez mais o interesse dos vários profissionais da área da educação. Todos os dias alunos sofrem com algum tipo de violência que vem mascarada, frequentemente, de brincadeira aos olhos dos adultos (FANTE, 2005 apud ALMEIDA 2001, p. 7).

As vítimas do *bulying* não costumam verbalizar, mas podem apresentar mudanças no comportamento que precisam ser consideradas. Além das observações feitas pelos educadores, outras medidas devem ser consideradas para que a escola seja um ambiente saudável, pois quando a escola mostra-se acolhedora os alunos sentem- se mais seguros para falar sobre as suas dores e dificuldades. O autor citado abaixo afirma que,

> […] as formas de violência é de difícil identificação por parte dos familiares e da escola, uma vez que a "vítima" teme denunciar os seus agressores, por medo de sofrer represálias e por vergonha de admitir que está apanhando ou passando por situações humilhantes na escola ou, ainda, por acreditar que não lhe darão o devido crédito. Sua denuncia ecoaria como uma confissão de fraqueza ou impotência de defesa. Os "agressores" se valem da "lei do silêncio" e do terror que impõem às suas "vítimas", bem como o receio dos "espectadores", que temem se transformarem na "próxima vítima" (FANTE, 2002, p. 3).

Diante disso, chega-se a consideração de que, a abertura para o diálogo é essencial, mesmo que para eles falar sobre o *bullying* não seja uma tarefa fácil, é importante que ao dialogar, os responsáveis passem segurança e estejam sempre prontos e disponíveis para ouvir as vítimas, o diálogo pode acontecer de forma coletiva ou individual, quando de maneira coletiva pode ser feito através de palestra, rodas de conversa. A comunidade escolar deve criar debates para ensinar aos alunos que se deve respeitar as diferenças.

3 INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA PARA AJUDAR VÍTIMAS DE *BULLYING* NA ESCOLA

De acordo com Godinho e Perin (2020) na escola não encontram-se apenas alunos com disposição para aprender, encontram-se também alunos que se divertem com as práticas do *bullying*. Ainda há dificuldades para alguns jovens entender a diferença entre uma brincadeira saudavel e o *bullying*, neste caso uma brincadeira torna-se *bullying* quando causa desconforto, angústia, sofrimento para a vítima e divertimento para quem pratica.

Crianças e adolescentes têm muita dificuldade em lidar com as emoções, por isso, Crujo e Marques (2009) apontam ser preciso que os responsáveis e a escola aprendam a lidar com essa questão nessas fases do desenvolvimento, podendo dessa forma prevenir

várias situações que possam colocá-los em risco, como o *bullying*, a ansiedade e até suicídio, devendo levar sempre em consideração que as crianças e os adolescentes também sentem dores emocionais que devem ser tratadas como qualquer outra doença física. Para os autores citados,

> […] a intervenção terapêutica deve corresponder à gravidade do quadro clínico, sendo imprescindível a exclusão do risco de suicídio. Para além de mostrar disponibilidade para ouvir as preocupações da criança ou do adolescente, o clínico deve intervir na família – sensibilização dos pais para o sofrimento da criança / adolescente e discussões de estratégias para lidar com o problema (CRUJO; MARQUES, 2009, p 581).

O processo terapêutico é essencial para ajudar as vítimas do *bullying* no ambiente escolar e ensiná-los a controlar as suas emoções e atitudes. Os pais ou responsáveis são peças importantes neste processo, e devem sobretudo apoiar os filhos, pois a união entre o profissional e os pais ou responsáveis é fundamental para que se possa obter resultados positivos durante o tratamento.

> Os pais devem ser aconselhados a tranquilizar a criança, mantendo uma atitude firme e segura; a criança/adolescente deve ser incentivada a enfrentar o problema e a procurar uma solução para o mesmo; não se deve favorecer o evitamento excessivo das situações que causam ansiedade, sem que, no entanto, a criança/adolescente seja forçada para além da sua capacidade de adaptação (CRUJO; MARQUES, 2009, p. 581).

A ajuda da família é um ponto de partida para um excelente tratamento. É preciso cuidar não só da saúde, mas também das relações. Pacientes que se sentem amparados podem se sentir motivados a prosseguir com o tratamento.

Não é humano virar as costas para as vítimas de *bullying* nem menosprezar o seu sofrimento. A terapia é uma forma muito eficiente para ajudar crianças e adolescentes que passam por dificuldades na escola, para que aproveitem as suas fases da forma correta e se tornem adultos saudáveis, pois por não saberem lidar com sua emoções podem desenvolver atitudes que não são adequadas para acabar com o sofrimento e isso pode ser muito prejudicial. O seguinte autor relata que,

> […] os danos causados tanto na vítima do *bullying*, como nos agressores, muitas vezes se torna irreparáveis do ponto de vista psicológico, motivo este que se tem buscado encontrar soluções através de estudos pedagógicos e ate mesmo jurídicos, para que se encontre uma solução e minimize as consequências dessa violência, que em casos externos pode levar até a morte dos envolvidos (PEREIRA, 2012, p. 15).

Diante disso, pode- se perceber a necessidade de criar estratégias e medidas de prevenção, para que sejam identificados os fatores de risco e que os casos de suicídios sejam reduzidos. O suicídio decorrente do *bullying* e da ansiedade ou de qualquer outra natureza deve ser levado a sério, é um problema de saúde pública e pode ser prevenido por estratégias

que possam promover o bem-estar da saúde mental das crianças e adolescentes, principalmente no contexto escolar e na família. O autor citado abaixo considera que,

> [...] quando existe a presença de agressões, humilhações repetitivas pelos colegas, ou seja, quando existem situações de *bullying* na vida do adolescente, tal período pode se tornar extremamente traumático, pois a busca pela aceitação e por uma identidade fracassa, podendo levar o adolescente a questionar se vale a pena ou não continuar vivendo. Começa aí, então, a idealização do suicídio. Pode- se dizer que, de um modo geral, a idealização do suicídio vem em decorrência de uma série de acontecimentos, tais como: rejeições, frustrações, fracassos na socialização, humilhações, agressões e passividade diante de alguns acontecimentos. O adolescente se sente vulnerável às agressões, sem ter a quem recorrer ou confiar e quanto mais tempo o indivíduo sofre essas agressões, maior se torna a sua motivação para não somente idealizar o suicídio, mas para pô-lo em prática, visto que todo ato de auto mutilação, cada vez mais comum nos dias atuais, é considerado um comportamento suicida (SILVA, 2019, p. 2).

É preciso ter muita cautela com alguém que demonstra ter pensamentos suicidas, é preciso ter empatia, dar ouvidos e espaço de fala, para que o indivíduo possa se sentir acolhido. Considerar o sofrimento da pessoa em questão, dá suporte emocional e oferecer ajuda são pontos crucias para evitar um suicídio. Considerando Silva (2021), não há como saber com precisão quando uma pessoa, crianças e adolescentes estão a pensar em tirar as suas vidas, mas em alguns casos pode aparecer alguns sinais, como, por exemplo o isolamento, é a partir dos sinais que se deve entrar com as ações de prevenção e evitar que esses indivíduos ceifem as suas próprias vidas.

> Sabe- se que o comportamento suicida não tem início a partir do momento que é realizado o ato da agressão voltada a si mesmo, mas sim a partir de uma ideia que surgiu na mente de uma pessoa, e com o tempo vai sendo reforçada. O indivíduo não acorda um dia e decide tirar a própria vida, esse comportamento manifesta-se a partir da chamada ideação suicida que tem por significados pensamentos de autodestruição, neles pode haver ideia de que "a vida não faz sentido" ou pensamentos que estejam relacionados com formas de causar a própria morte (SILVA, 2021, p. 374).

O *bullying* não é brincadeira, e a sua prática não é legal. É preciso estar atento as consequências físicas e psicológicas que podem ser desenvolvidas a partir desse ato. As práticas do *bullying* geram gatilhos de ansiedade e de suicídio. É preciso saber que o *bullying* não é algo que acontece uma vez ou outra, ele acontece diariamente sem que percebamos e pode ser prejudicial à vida dos envolvidos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo sobre *bullying* e ansiedade no contexto escolar que, de acordo com algumas pesquisas e por experiências vividas no dia a dia de muitos estudantes, pode ser prejudicial à saúde física e mental que pode se perdurar até a vida adulta.

O primeiro passo foi identificar, por meio de pesquisas e estudos de artigos científicos, as consequências do *bullying* e da ansiedade na vida dos estudantes, principalmente no contexto escolar, e o que leva o aparecimento, o desenvolvimento e a permanência dos mesmos. Este trabalho também buscou entender o motivo da prática do *bullying* e o que pode acontecer com as vítimas e com os agressores.

A comunidade escolar não deve ficar de fora dos debates referentes a este objeto de estudo, este foi escolhido com o intuito de mostrar a importância de falar sobre saúde mental nas escolas, pois as conversas e debates são importantes aliados no combate ao bullying, ansiedade e ao suicídio.

Os objetivos aqui propostos foram atingidos, pois, ficou compreendido o porquê o *bullying* e ansiedade estão muito presentes no contexto escolar e o que pode ser feito para que esta realidade possa ser mudada e para que a escola seja um lugar onde crianças e adolescentes possam ir para aprender de maneira leve, sem medo e sem pressões, estimulando a prática do respeito e da solidariedade.

As pesquisas realizadas para o desenvolvimento deste trabalho mostraram que, os índices de *bullying* e ansiedade no ambiente escolar estão a crescer cada vez mais e vêm a trazer realidades assustadoras e afetando o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes.

Para que as práticas do *bullying* e a ansiedade sejam combatidos ou amenizados, faz-se necessário a intervenção da escola. Esta pode intervir de diversas maneiras, capacitando, por exemplo toda a equipe pedagógica para identificar e lidar com os conflitos que surgirem, prestar atenção aos comportamentos dos alunos, abrir espaço de fala e de acolhimento, etc.

As instituições de ensino devem levar os casos a sério, porque estudantes, principalmente crianças e adolescentes sofrem abusos psicológicos diariamente, e isso não pode ser desconsiderado. A cultura da paz e a harmonia precisa se fazer presentes nas escolas, mas só se tornará realidade se houver a atuação da escola e também da família, peças essências para que essa realidade seja conduzida de maneira que a escola possa sair da situação de violência para um lugar de disciplina, de boas relações e primeiro de respeito.

A escola não deve ser apenas um local de transferência de conhecimento, mas também um local onde possa se formar bons cidadãos de direitos e deveres e possam praticar a empatia. Apesar dos estudos, das pesquisas sobre o bullying e ansiedade no contexto escolar, há muito o que se debater para que possam ser diminuídos. O *bulliyng* e a ansiedade ainda faz parte da rotina de muitos estudantes, onde os mais expostos são crianças e adolescestes que enfrentam inúmeras situações perigosas.

Aqui podemos encontrar informações séria e precisas, o assunto foi abordado com a intenção de esclarecer dúvidas e mostrar a importância de debater sobre o *bulliyng* e sobre

a ansiedade, para melhorar o convívio no ambiente escolar e no ambiente familiar, visto que este objeto de estudo nos traz uma ampla discussão.

Vale lembrar que o *bulliyng* e a ansiedade pode ser desenvolvido em qualquer lugar em que haja convívio coletivo, pois como já foi relatado neste trabalho, é na escola que acontece os casos mais assombrosos. Desenvolver pesquisas para trabalhar este objeto de estudo abriu um leque de possibilidades para que futuramente possa ser desenvolvidos projetos e atividades no ambiente escolar para que outras pessoas conheçam e entendam a importância de falar sobre o bullying e sobre a ansiedade.

É importante e necessário que as pessoas saibam dos males que o *bullying* pode causar e se sensibilizem sobre o seu poder de destruir vidas, saúde e o futuro das vítimas. Que este trabalho contribua para se fazer uma educação com respeito, humanidade e que traga reflexão para todos que venham ter acesso.

5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. R. M.G. **O bullying no contexto escolar (2º e 3 º ciclos)** – Um plano de intervenção e prevenção, 2001. Disponível em https://recil.ensinolusofona.pt/handle/10437/3275 acesso em: 26 mar. 2022.

CRUJO, M; MARQUES, C. **As perturbações emocionais - Ansiedade e depressão na criança e no adolescente**, 2009. Disponível em: https://www.rpmgf.pt/ojs/index.php/rpmgf/article/view/10675 | **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**. Acesso em: 02 abr. 2022.

CUNHA, A. C. R. **Bullying:** um estudo exploratório das práticas parentais e das atitudes relativas à diversidade de género e etnia na compreensão do fenómeno, 2014 Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/35858/1/Ana%20Catarina%20Rodrigues%20da%20Cunha.pdf. Acesso em 28 abr. 2022.

CURY, A. **Ansiedade:** Como enfrentar o mal do século. A síndrome do pensamento acelerado: Como e por que a humanidade adoeceu coletivamente, das crianças aos adultos. São Paulo, Saraiva, 2014. Ebook. Disponível em: https://elivros.love/livro/baixar-livro-ansiedade-como-enfrentar-o-mal-do-seculo-augusto-cury-em-epub-pdf-mobi-ou-ler-online. Acesso em: 19 mar. 2022.

FANTE, C. A. Z. **O fenômeno bullying e suas consequências psicológicas**, 2002. Disponível em: https://www.colegio-santaclara.com.br/disciplinas/ER/Ficha6_Sobre_BULLYING_6o_ano.pdf. Acesso em: 26 mar. 2022.

GODINHO, L. B. R; PERIN, C. C. **O impacto do bullying no ambiente escolar.** Danos psicológicos, 2020. Disponível em: O Impacto do bullying no ambiente escolar | Educação Por Escrito (pucrs.br). Acesso em 27 mar. 2022.

MANEGOTTO, L. M. O; PASSINI, A. I; LEVANDOWSKI, G. **O bullying escolar no Brasil:** uma revisão de artigos científicos, 2013. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=bullying+escolar+no+brasil&oq=bullying+esc. Acesso em: 19 mar. 2022.

MUNIZ, R. J. **Dor, Ansiedade e bullying:** A educação física como promoção e prevenção de saúde à adolescentes, 2014. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/saude_desenvolvimento/article/view/1819. Acesso em 25 mar. 2022.

OLIVEIRA, W. A; SILVA, J. L; YOSHINAGA, A. C. M; SILVA, M. A. I. **Interfaces entre família e bullying escolar:** Uma revisão sistemática, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pusf/a/8jT74c9pttsPK7D6h8jXgQd/?lang=pt&format=html. Acesso em 27 abr. 2022.

PEREIRA, K. K. **Consequências e implicações do bullying nos envolvidos e no ambiente escolar**, 2012. Disponível em: CONSEQUÊNCIAS E IMPLICAÇÕES DO BULLYING NOS ENVOLVIDOS E NO AMBIENTE ESCOLAR | Pereira | **Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas** (educacao.ws). Acesso em: 02 abr. 2022.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas /colaboração Dietmar Klaus Pfeiffer. – 4. ed. rev., atual. e ampl. – São Paulo: Atlas, 2017.

SILVA, B. **Suicídio entre adolescentes:** Qual a relação com o bullying, 2019. Disponível em: Veja o SUICÍDIO ENTRE ADOLESCENTES: QUAL A RELAÇÃO COM O BULLYING? (uninga.br) Acesso em: 03 abr. 2022

SILVA, K. R. C**. Comportamento suicida em crianças vitímas do bullying no contexto escolar**, 2021. Disponível em: https://www.periodicorease.pro.br/rease/article/view/784/375. Acesso em 27 abr. 2022.

APRENDIZAGEM POR MEIO DE JOGOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Valdilene dos Santos[1]
Alana Danielly Vasconcelos[2]

RESUMO: A proposta desse artigo é falar da importância do ensino-aprendizagem por meio dos jogos na educação infantil. Durante o estudo sobre o tema, por meio de um trabalho de revisão bibliográfica, como aponta Richardson (2017), foi notado que as habilidades das crianças, ao praticarem essa forma de aprendizagem, são muitos satisfatórias, haja vista que os jogos têm acompanhado a evolução da humanidade e têm sido um manifesto cultural, segundo Kishimoto (2011). E, diante disso, fica constatado também que estes recursos contribuem para uma potencialização das habilidades na área infantil e têm levado a criança a florescer e pensar enquanto brinca, elevando o seu grau de concentração, além de exercer a motricidade. Chega-se à consideração de que, por meio dos jogos, o trabalho educacional, quando pautado em metodologia ativa, pode potencializar o desenvolvimento das habilidades humanas de forma significativa, principalmente na infância. Assim, a criança passa a enxergar o espaço escolar com mais desejo de retornar no dia seguinte para uma nova aprendizagem.

Palavras-Chave: Aprendizagem; Criança; Educação Infantil; Jogos; Professor.

Abstract: *The purpose of this article is to talk about the importance of teaching-learning through games in early childhood education. During the study on the subject, through a bibliographic review work, as pointed out by Richardson (2017), it was noticed that the children's skills, when practicing this form of learning, are very satisfactory, given that the games have accompanied the evolution of humanity and have been a cultural manifesto, according to Kishimoto (2011). And, in view of this, it is also verified that these resources contribute to a potentiation of skills in the children's area and have led the child to flourish and think while playing, increasing their degree of concentration, in addition to exercising motor skills. It comes to the consideration that, through games, educational work, when based on active methodology, can significantly enhance the development of human skills, especially in childhood. Thus, the child starts to see the school space with more desire to return the next day for a new learning experience.*

Keywords: *Learning; Child; Child education; Games; Teacher.*

1 INTRODUÇÃO

Diante dos jogos na educação infantil, observa-se que a criança evolui com mais facilidade e desenvolve suas habilidades físicas e mentais quando se utiliza dessas possibilidades metodológicas. Observando esses aspectos, faz-se necessário que se possa entender melhor de que maneira se pode potencializar a aprendizagem por meio dos jogos (Kishimoto, 2003).

---

1 Valdilene dos Santos graduanda do 8º período de Pedagogia da Faculdade São Luís de França.

2 Profa. Dra. Alana Danielly Vasconcelos orientadora e regente da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade São Luís de França.

Segundo Luiz *et al.* (2014), ao longo do período infantil são observados três sucessíveis sistemas de jogos: exercício, simbólico e de regras. O jogo de exercício aparece durante os primeiros 18 meses de idade e, nesse período, a criança envolve a repetição em ações e manipulações, com mais de um ano. Essas ações já não se tornam tão numerosas e passam a se tornar práticas, dando espaço a outro tipo de atividade e transformando-se em jogos com regras. Os jogos simbólicos surgem a partir dos dois anos de idade e é quando a criança já imagina e brinca de "faz de conta". No modelo piagetiano, aparecem elementos cujas combinações vão variando de acordo com o tempo. No terceiro jogo, o de regras, é onde examina-se essa transição de atividade. Esse jogo não ocorre antes da faixa etária de 4 a 7 anos e tem uma predominância de 7 a 11 anos de idade.

Luiz *et al.* (2014) classifica os jogos em 4 tipos: funcionais, de ficção, de aquisição e de construção, onde os lúdicos funcionais são representados pelo movimento simples de levantar braços, pernas e dedos; já os de ficção são aquelas brincadeiras de "faz de conta" com bonecas, por exemplo; nas atividades de aquisição, as crianças aprendem vendo, ouvindo, fazendo esforços para conseguir compreender cenas, imagens, seres, reúne e combina objetos entre si. Nessa fase conseguem criar e modificar objetos. Luiz *et al.* (2014) ainda deixa evidente que, nos primeiros anos de vida, durante o desenvolvimento por meio da atividade livre, a criança desenvolve iniciativa, expressa seus desejos e internaliza as regras sociais a serem respeitadas.

De Conti e Sperb (2001) demonstram que as brincadeiras com a mãe desenvolvem o cognitivo da criança por meio de objetos ou fenômenos e afirmam ainda que boas condutas podem vir a partir de exemplos vistos em casa. Para Viana e Sousa (2013), cada ato de inteligência é definido pelo equilíbrio entre duas tendências: assimilação e acomodação. Na assimilação, a criança incorpora situações dentro do que ela imagina ser e passa a imaginar e fantasiar para que possa organizar seus pensamentos, enquanto na acomodação as estruturas mentais se reorganizam para que se possa entender novos aspectos do exterior.

Nessa perspectiva, ressalta-se que os jogos, como proposta de aprendizagem, encontram um papel importante na escolaridade das crianças que estão em desenvolvimento. Como afirma Garrido (2015), a experiência docente precisa ser um ambiente gerador e produtor de conhecimentos, transformando a prática docente num processo de configuração dentro de um espaço em que o professor, pelos desafios impostos pelo cotidiano de sala de aula, torne-se um especialista do seu fazer, articulando teoria e prática. Para Wayskop (2017), os jogos, e também as brincadeiras, podem apresentar um lugar privilegiado para a interação e o conforto entre diferentes crianças e opiniões.

Diante disso, o objetivo deste artigo é compreender como a utilização dos jogos na educação infantil podem contribuir com o processo de aprendizagem das crianças. A

justificativa deste trabalho perpassa pelo fato da criança, por meio dos jogos, possa se tornar um indivíduo com mais interação, relações e práticas coletivas, construindo sua identidade pessoal e coletiva. É no espaço de jogos que, de acordo com Kishimoto (2011), a criança imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre o espaço de convivência.

A motivação da escrita deste artigo dar-se por acreditar que a aprendizagem por meio dos jogos e o trabalho educacional quando pautado em metodologia ativa podem potencializar o desenvolvimento das habilidades humanas de forma significativa. O trabalho educacional torna-se divertido e instigante, onde a criança coletivamente e individualmente consegue, de forma hábil, caminhar sobre uma corda de forma linear disposta ao chão, trabalhando habilidades motoras, sociais e emocionais de modo atraente para sua idade. Sendo assim, considerando Wayskop (2017), o estímulo, a coordenação motora e o aprendizado das letrinhas se tornam mais agradáveis e com uma melhor fixação.

2 CARACTERIZANDO OS JOGOS

Para entender a diferença entre jogo e jogar, se faz necessário um breve relato de ambos. Pois bem, de acordo com Wittgenstein (1889 – 1951), *"semelhanças de família"*, encontram-se Caillois (1958), Huizinga (1951), Henriot (1989) e, mais recente, Fromberg (1987) e Christie (1991a e 1991b), onde relatam que o jogo na educação infantil é de extrema importância, pois é um dos meios de aprendizado em que as crianças conseguem, de modo mais eficaz, uma maior habilidade e uma concentração enquanto está brincando, de maneira que a criança leva para a vida o que desenvolveu na infância, sendo a base para esse desenvolvimento.

Quando se estimula uma criança por meio de um jogo com intuito educativo, observa-se que ela interage com as demais crianças, desenvolvendo uma socialização, na mesma idade e de diferentes culturas. Assim, nota-se que aquela diversão está sendo aproveitada de maneira irrepreensível. No jogo de xadrez, por exemplo, a criança que o joga passa a desenvolver uma maior concentração. O mesmo ocorre com o tabuleiro de damas, que também ajuda no desenvolvimento lógico; o jogo de palavras, em que a criança formará palavras com sílabas; o jogo da memória, que é um excelente estímulo da memorização em qualquer idade; e, assim como esses, muitos outros jogos são de um conceito valioso para a educação infantil.

Portanto, quando o jogo é visto pelo lado da disputa, a criança que já possui uma base de absorção sobre o que está fazendo vai conseguir, com mais facilidade, triunfar no

esporte e na vida. Por meio dos jogos, as crianças vão aprendendo regras para serem desenvolvidas no ato do jogar, mas que, muitas das vezes, são regras utilizadas no convívio com outras pessoas em diferentes contextos, como o ato de esperar a vez do outro falar, respeitar as diversas opiniões, dentre outros fatores.

Oliveira (2010) aponta que,

> [...] Wittgenstein, em investigação filosófica (1975), mostra que o nome jogo tem denominação de coisas bem diferentes. O vai falarem parentesco entre os mesmos. Refiro-me a jogos de tabuleiro, de cartas, de bola, torneios esportivos etc. [...] O que é comum a todos eles? Não diga: Algo deve ser comum a eles, senão se chamariam 'jogos' – mas veja se algo é comum a todos. – Pois, se você os contemplar, não verá na verdade algo que seja comum a todos, mas verá semelhanças, parentesco, e até toda uma série deles. Como disse: não pense, mas veja! Considere, por exemplo, os jogos de tabuleiro, com seus múltiplos parentescos agora passe para os jogos de cartas: aqui você encontra muitas correspondências com aquelas da primeira classe, mas muitos traços comuns desparecem e outros surgem. Se passarmos aos jogos de bola, muita coisa comum se conversa, mas muitas se perdem. – São todos 'recreativos'? Compare o jogo de xadrez com o de amarelinha. Há em todos um ganha e um perde ou uma concorrência entre os jogadores? Pense na paciência. Nos jogos de bola há um ganha e outro perde, mas se a criança atira a bola na parede e a apanha outra vez, este traço desaparece. Veja que papéis desempenham a habilidade e a sorte. E como é diferente a habilidade no xadrez e no tênis. Pense agora nos brinquedos de roda: o elemento de divertimento está presente, mas quanto dos outros traços característicos desaparecem! E assim podemos percorrer muitos, muitos outros grupos de jogos e ver semelhanças surgirem e desaparecerem. Então este é o resultado desta consideração: vemos uma rede complicada de semelhanças, que se envolvem e se cruzam mutuamente. Semelhança de conjunto e de pôr menor. (§66) Não posso caracterizar melhor as suas semelhanças do que com a expressão 'semelhanças de família', pois assim se envolvem e se cruzam as diferentes semelhanças que existem entre os membros de uma família: estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc., etc. – E digo: os jogos formam uma família (OLIVEIRA, 2010, p. 42-43).

Para Kishimoto (2011), por exemplo, é importante, ao utilizar jogos na educação, avaliar os efeitos do jogo, se está sendo realizado de forma positiva, se quando a criança participa do momento está com entusiasmo ou alegria e se demonstra aprender algo. Kishimoto (2011), ainda afirma que são pontos positivos da utilização de jogos na educação a sua contribuição para despertar o raciocínio lógico, a dominação corporal, a moral e o social da criança.

É dando prioridade ao processo do jogar e brincar que a criança passa a reforçar seus estímulos e adquire habilidades de concentração, coordenação motora grossa, fina, pareamento, dentre outras habilidades tão necessárias para a sua alfabetização. As características do jogo infantil, trazendo alguns apontamentos de pesquisas atuais, em que a não-literalidade é vista como brincadeiras em que a realidade interna predomina sobre a externa, têm como ponto positivo o prazer que a criança está sentindo ao brincar, demonstrando através do sorriso (CHRISTIE, 1991).

Nesse processo positivo, Christie (1991) corrobora que a criança deve brincar estudando e estudar brincando, concedendo uma prioridade ao processo do estudar enquanto brinca, ofertando à criança a escolha do brincar enquanto estuda, sem que ocorra uma pressão no ensino, do contrário o jogo torna-se um trabalho ou ensino. Nesse momento, o controle interno dos jogadores é que vai conduzir o desenvolvimento dos acontecimentos no jogo, dando assim significado usuais à brincadeira, a partir do momento que a criança entende o jogo.

3 O JOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A presença do jogo na história da humanidade, segundo descobertas arqueológicas, remonta centenas de anos antes de Cristo, como afirma Carneiro (2003, p. 12) “os povos antigos, ao praticarem os jogos, desenvolveram suas culturas, seus costumes”.

No âmbito desta discussão, Froebel (1837), considerado criador do jardim de infância, observa que os jogos e as brincadeiras passam a fazer parte do currículo da educação infantil e a criança então tem a oportunidade de divertir-se na escola, fazendo uso dos jogos, e desenvolve-se com mais assertividade as suas habilidades cognitivas, motoras e sociais. A criança que brinca, interage com mais excelência, tem maior aptidão de convívio com outras crianças. Segundo Cecílio (2019), está descrito na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que brincar é um direito e dever da criança, de modo que ela cresça autoconfiante em suas capacidades de agir, produzir, criar, socializar-se. Com todas essas interações, a criança que vai à escola e sente-se feliz terá mais aptidão no aprendizado, sendo instigada a desenvolver suas habilidades motoras e cognitivas, sem perceber que está sendo levada a um aprendizado.

O professor que está em sala de aula deve estar aberto à percepção da natureza infantil, sendo ela complexa e exige do docente uma postura de observação apurada, a fim de aprender a ser criança e como lidar com elas, chegando à conclusão - dentro do mundo lúdico - que a criança aprende brincando e brinca aprendendo, pois os jogos, ao chamar a atenção do aluno, impulsionam-no a aprender, a socializar com outra criança e a executar suas experiências com os demais ao seu redor.

Sendo assim, o docente deve utilizar jogos educativos, como jogo de palavras, jogo de damas e jogo de xadrez para aumentar a concentração do discente; jogos da memória e jogos que trabalhem a coordenação motora e cognitiva devem ser muito utilizados para levar a alfabetização de modo eficaz. Dessa maneira, serão trabalhadas suas habilidades,

criatividades, coordenação motor fina e grossa, que serão levadas para seu cotidiano. Logo, a aula deve ser um espetáculo, onde o protagonista seja sempre a criança (FROEBEL, 1837).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que, para o docente, é de extrema importância utilizar os jogos para a alfabetização infantil. Visto isso, a criança que brinca e interage com outras tem um melhor desenvolvimento, e, diante desse aditamento, se faz necessário que o docente, ao realizar seu plano de aula, consiga explanar e colocar em prática todas as ações do jogo, estimulando a criança a externar sua aptidão de socializar-se com as demais crianças. A partir do momento observado pelo professor, em que a criança interage ao jogo, notando a satisfação da criança na ação, afirma-se que o mesmo está surtindo efeito para o desenvolvimento infantil e a aprendizagem será levada para o cotidiano da criança.

Pensando nesses aspectos, o docente precisa ter propriedades e domínio em algumas atividades de jogos, para que a criança possa desenvolver sua coordenação motora e cognitiva de forma criativa. Deve-se ressaltar que é nesse momento de descontração que a criança passa a imaginar, a indagar, a interagir com o outro e fazer o uso do jogo de forma educativa e proveitosa. É no momento de interação com o outro que a criança passa a entender o “jogo” de modo que seja levado para seu cotidiano tudo o que foi desenvolvido durante a aprendizagem.

Como afirma Koch (1982), a utilização de brincadeiras e jogos na educação faz com que a criança eleve as atividades do corpo e dos membros e que elas sejam desenvolvidas a tal grau que a criança comece a representar o interno. Dessa forma, esse desenvolvimento servirá para marcar a passagem infantil do ser humano e, com o despertar do movimento de exteriorização e interiorização da criança, ela vai passar a agir pensando e a pensar agindo.

Em suma, algumas experiências em sala de aula, ao se utilizarem de jogos com as crianças, contribuem muito para o seu desenvolvimento integral enquanto ser humano, tornando o jogo, para a aprendizagem educacional, uma ferramenta valorosa, principalmente quando se refere a conseguir levar a criança a identificar elementos preditores para a sua alfabetização. Como exemplo disso temos a percepção visual, a discriminação visual, a discriminação auditiva, dentre outros aspectos essenciais para o seu processo de letramento. Logo, os jogos potencializam o processo de alfabetização na aprendizagem do aluno.

5 REFERÊNCIAS

CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens.** Paris: Gallimard, 1958
CARNEIRO, M. A. B. **Brinquedos e Brincadeiras**: formando ludoeducadores. São Paulo: Articulação Universitária, 2003
CECÍLIO, Camila. **BNCC na prática:** como garantir o direito de brincar na educação infantil. Nova Escola, 2019. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/18076/bncc-na-pratica-como-garantir-o-direito-de-brincar-na-educacao-infantil/ Acesso em: 01 de junho de 2022.
CHRISTIE, James F. **A função dos jovens ao nível da educação pré-escolar e primária.** (1º parte). In: L'éducation par le jeu et l' environnement. 3ème trimestre, nº43, pp. 3-8, 1991a.
CHRISTIE, James F. **A função dos jovens ao nível da educação pré-escolar e primária.** (2º ed.). In: L'éducation par le jeu et l' environnement, nº 44, pp. 3-6, 1991b
DE CONTI, Luciane; SPERB, Tania Mara**. O brinquedo de pré-escolares: um espaço de ressignificação cultural.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, jan.-abr., vol. 17. N.1, pp 059-067, 2001.
FROEBEL, Friedrich. **A educação do homem.** Tradução de Maria Helena Câmara Bastos. Passo Fundo: UPF, 2001.
GARRIDO, Selma Pimenta; GHEDIN, Evandro. **Professor reflexivo no Brasil: Gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Ed. Cortez. 2015.
HENRIOT, Jacues. **Sob a cor da bochecha** - a metáfora lúdica. Paris: Ed. José Cori, 1989.
HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens:** um ensaio sobre a função social dos jogos. Paris: Gallimard, 1951.
KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogo, brinquedos, brincadeiras e a educação.** ed. 14. São Paulo: Cortez, 2011
KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos infantis**: O jogo, a criança e a educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning 2003.
KOCH, D. (1982). **Friedrich Froebel, o criador do jardim de infância, no seu bicentenário.** In: Convivium. São Paulo, ano xxi, vol. 25, p. 45-63.
LUIZ, Jessica Martins Marques; SANTOS, Ana Carolina Belther; ROCHA, Francielli Ferreira da; ANDRADE, Soraia Camila de; REIS, Yara Galinari**. As concepções de jogos para Piaget, Wallon e Vygotsky.** EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Ano 19, Nº 195, 2014.
OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos. **Educação infantil**: muitos olhares. ed. 9. São Paulo: Cortez, 2010
PIAGET, J**. O nascimento da inteligência na criança.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas /colaboração Dietmar Klaus Pfeiffer. – 4. ed. rev., atual. e ampl. – São Paulo: Atlas, 2017.
VIANA, Flávia Roldan; SOUSA, Francisco Edisom Eugenio de. **Vamos brincar?** As contribuições teóricas de Piaget, Vigotsky e Wallon para o uso de jogos no ensino de matemática. Curitiba: Sociedade Brasileira de Educação Matemática, 2013.
WAYSKOP, Gisela. **O papel da brincadeira na educação das crianças pequenas.** Avisa Lá, São Paulo, v. 17, p. 9-15, 2004.
WITTGENSTEIN, Ludwig**. Investigações filosóficas.** Trad. de Bruni, José Carlos, São Paulo: Aril S.A. Cultura Industrial, 1975.

EDUCAÇÃO HUMANIZADA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Valéria Alves Batista[1]
Alana Danielly Vasconcelos[2]

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo geral refletir sobre a educação humanizada na educação básica, tendo como finalidade compreender a importância dessa metodologia a fim de integrar e demonstrar que esse é um agente essencial para a vida do estudante tanto dentro ou fora do âmbito escolar, perpassando por toda sua vida. O presente texto é uma pesquisa bibliográfica que aborda os desafios e estratégias do pedagogo diante do tema abordado, perfazendo uma abordagem qualitativa baseando-se como referência teórica, Goleman (1996), Rocha; Reis (2020), Arantes (2002), Freire (1987), entre outros. A partir do estudo realizado abordou-se as relações humanas através da afetividade do pedagogo no âmbito escolar, refletido no processo ensino aprendizagem além da importância em ter uma escola humanizada. Finalizando, esse artigo salienta questões pertinentes, que nos revelam o quanto é necessário a humanização durante todo o processo da educação básica, em prol da formação para a vida.
Palavras-Chave: Afetividade; Aprendizagem; Educação; Humanizada; Pedagogia.

***ABSTRACT**: This work has the general objective of reflecting on humanized education in basic education, with the purpose of understanding the importance of this methodology in order to integrate and demonstrate that this is an essential agent for the student's life both inside and outside the school environment, running through your entire life. The present text is a bibliographical research that approaches the challenges and strategies of the pedagogue in front of the approached theme, making a qualitative approach based on theoretical reference, Goleman (1996), Rocha; Reis (2020), Arantes (2002), Freire (1987), among others. From the study carried out, human relations were approached through the affectivity of the pedagogue in the school environment, reflected in the teaching-learning process, in addition to the importance of having a humanized school. Finally, this article highlights relevant issues, which reveal how much humanization is necessary throughout the process of basic education, in favor of training for life.*

***Key words:** Affectivity; Learning; Education; Humanized; Pedagogy*

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos a educação passou e tem passado por várias modificações, a forma de ensinar e aprender virou uma descoberta diária de professores e estudantes, todos os dias nos deparamos com novos desafios que nos direciona para uma nova prática, uma nova maneira de enxergar o mundo e de acompanhar as transformações.

Receber o aluno na sala de aula é muito mais que seguir apenas um planejamento, representa elaborar intervenções e pensar metodologias que estejam elencadas dentro da realidade do aluno naquele determinado dia. A criatividade, a inovação e a escuta que o

[1] Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade São Luís de França E-mail: valeria.alves@sousaoluis.com.br
[2] Professora Dra., orientadora e regente da disciplina de TCC na Faculdade São Luís de França.

Pedagogo precisa ter e posteriormente aplicar em sala de aula, fará toda uma diferença no transcorrer do seu método de ensino, propiciando assim que este, tenha uma visão mais aprimorada do seu público-alvo.

A educação humanizada, entra como divisor de águas, dando espaço para o estreitamento das relações, quebrando o gelo entre educador e educando, favorecendo um contexto de acolhimento, confiança, respeito e solidariedade, trazendo consigo um leque de possibilidades para o aluno, onde ele aprende a resolver conflitos, a ser mais tolerante e resiliente consigo mesmo e com os que estão a sua volta, além de ajudar nas interações, nas dinâmicas em grupos e nas relações interpessoais, garantindo assim um comportamento proveitoso.

A educação básica é a base que fomenta todo caminho estudantil, é ela que vai fazer toda diferença na trajetória dos alunos, pois, compreende o início do processo educativo. É na educação básica que, o aluno perpassa por níveis e modalidades diferentes de ensino, sendo que cada um deles, irá exigir posturas e conhecimentos diferenciados que mudará a sua vida perante as suas escolhas.

Trazendo esses pontos, a educação básica e a educação humanizada se somadas, tem um impacto bastante significativo na vida do aluno e, para que isso tenha um resultado positivo, trazemos a família, a primeira instituição social de maior importância na vida do ser humano, para esta discussão. É a partir dela que, inicia-se o processo de formação de um ser.

Em concordância com Goleman (1996), sabemos que a vida familiar é a nossa primeira escola de aprendizado emocional, porém, a segunda instituição social, de total relevância na vida do ser humano é a escola e, por isso, precisa estar apta a receber o aluno e preparada para lidar com suas especificidades e pluralidades. A escola, segundo Goleman (1996), tem a responsabilidade de proteger e instruir a sua escolarização, promovendo um ambiente sociável, humanizado, civilizado e propício a uma educação contínua e formadora, e isso precisa contemplar todas as pessoas que estão inseridas naquela organização.

Desta forma, o objetivo geral deste artigo é refletir sobre a educação humanizada na educação básica, por acreditar que a educação pautada na humanização pode contribuir como com a vida do estudante tanto dentro ou fora do âmbito escolar, perpassando por toda sua vida. Destaca-se que a metodologia do trabalho em questão, adotou a abordagem qualitativa, com base na revisão bibliográfica de acordo com Richardson (2017) e pauta-se na leitura de trabalhos científicos, livros e artigos já publicados que abordam a temática aqui escolhida.

2 O QUE É EDUCAÇÃO HUMANIZADA

Na pesquisa feita sobre Educação humanizada, tendo Freire (1969) como referência, compreende-se por educação humanizadora como um avanço no que compete a melhoria em sala de aula, nas relações interligadas com o professor, nos trabalhos escolares recorrentes do dia a dia e nas relações entre os próprios alunos dentro de um processo contínuo.

Considerando Freire (1969), se fizermos uma análise da educação em épocas anteriores, iremos notar que não se tinha tanta relevância assim, abordar sobre isso. Por muitos anos, de acordo com Freire (1969), o aluno era considerado como um depósito de conteúdo e era pouco reconhecido como protagonista do seu processo educativo. Sabe-se ainda que, enfrentamos problemas na nossa educação, onde ela tende a ser deficitária, principalmente aos mais pobres que tem um acesso mais restrito a mesma, existindo ainda, muita desigualdade na qualidade da educação (FREIRE, 1969).

Passar por essas barreiras e tentar amenizar esse cenário, fazendo o melhor que pode com o que tem, é uma tarefa árdua e que dispõe de profissionais qualificados e que possuam uma prática diferenciada, humana e atuante. Assim, humanizar está associado com a tolerância, onde esta precisa entender o outro e as suas necessidades, necessidades de ser ouvido e compreendido, de uma forma resiliente e empática, evitando o desamor, a falta de compaixão e a ignorância perante o outro.

Educar é um ato de amor e, segundo Ivanio Dickmann (2020), doutor em Educação e que, enfrenta adversidades de todos os tipos, a cada novo dia em uma sala de aula, chegam alunos com perspectivas, medos e anseios diferenciados e, para lidar com essa situação é necessário ter uma visão estendida onde o educador visualize quais são as particularidades do aluno, o que precisa ser estudado, que tipo de planejamento pode ser aplicado para extrair o melhor do aluno, assim, este saberá quais os caminhos que serão pertinentes e facilitará o desenvolvimento educacional daquele sujeito, possibilitando identificar que métodos, enquanto ação educativa, serão interessantes executar com o educando e qual resultado se deseja alcançar, pensando sempre numa perspectiva de aprendizagem saudável para o aluno.

Nessa perspectiva destaca-se que,

> [...] a escola é um espaço no qual é preciso desenvolver atividades que fortaleçam o desenvolvimento das crianças e adolescentes que convivem diariamente neste local, contribuindo com a criação de ambientes saudáveis e o fortalecimento de estilos de vida saudáveis (VIEIRA; AERTS; CÂMARA; SCHUBERT; GEDRAT; ALVES. 2017, p. 917).

É importante levar em consideração, ao decorrer do processo de ensino as experiencias vividas que o aluno traz para sala de aula, tudo aquilo que ele aprendeu e vivenciou antes de entrar na escola, fará uma grande diferença na sua aprendizagem de forma que dará um norte para o educador reconhecer quem é seu aluno, de onde ele veio, o que viveu, o que ele busca, e quais as suas expectativas. Segundo Arantes (2002), o aluno as suas vivencias e bagagem de vida implicam também diretamente na sua instrução e na sua força de vontade em aprender.

O que os educandos trazem para sala de aula também é conhecimento e contribui substancialmente para a sua experiência educacional, isso contempla a educação humanizada, pois só com esta prática que se dispõe a transformar a escuta do aluno em algo benéfico para o mesmo, seja tirando uma dúvida, dando-lhe respostas aos seus questionamentos, lhe oferecendo um ambiente acolhedor, respaldado na atenção e disponibilização de atende-lo e lhe mostrando caminhos e ferramentas que o possibilitem sempre ir além da sua curiosidade e das suas indagações. Isso permite que o educando busque sempre novos conhecimentos e torne isso um hábito na sua vida estudantil que, com certeza se projetará com sucesso e persuasão para um futuro profissional e pessoal.

> Todos nós possuímos uma história e contá-la significa lembrar ou relembrar acontecimentos. Contá-la e ouvi-la é ter e oferecer a oportunidade de construir conhecimento. A vida precisa ser contada e ouvida. É dela, ou, são delas – das inúmeras vidas que conhecemos – que se retira o conteúdo da aprendizagem (ROCHA; REIS, 2020, p. 885).

Em concordância com Reis e Rocha (2020), podemos compreender que a ausência de uma educação humanizadora, implica diretamente no desenvolvimento do sujeito, fazendo com que as suas habilidades e competências não sejam desenvolvidas corretamente.

Nas instituições de ensino, quando falamos em educação humanizada, falamos também em abrir espaço, deixar que o outro entre, sente-se e coloque suas ideias, seus pensamentos a mesa. Se a prática educacional de hoje, não se voltar para estas ações humanizadoras, contribuirá para a existência de comportamentos como: a inibição daquele sujeito, a retirada e negação da sua trajetória de vida, seu a direito de locução, chegando até mesmo a ocultar a sua aprendizagem e isso deve ser analisado minuciosamente, discutido e repensando nas práticas educacionais e nas instituições de ensino, principalmente na educação básica.

Para uma abordagem humanizada na educação básica e uma nova perspectiva de ensino, é necessário sempre ter a colaboração de pessoas que possam fazer a diferença nessa construção e que estejam integradas das possibilidades que a humanização traz como transformação, incluindo neste grupo os pais, professores, os próprios alunos, equipe diretiva.

Em acordo com Libâneo(2007), todos os funcionários e colaboradores que constituem uma instituição de ensino ou organização, fazem parte do processo educativo da criança e do adolescente, desde a sua chegada até a sua saída, é um sistema que precisa ser integrador em todos os âmbitos, desde do porteiro que recebe o aluno para mais um dia de aula, quanto ao gestor que está ali para assegurar o controle daquele organização, seja na resolução de problemas gestacionais e burocráticos, entre outros.

As contribuições de Wallon(2007) e Arantes (2002) tem como proposta um ambiente humanizado que traz uma liberdade para o aluno aprender, melhora o seu desempenho gradativamente, ajuda numa melhor adaptação, desperta a consciência no educando perante a sua responsabilidade junto a sociedade e ensina-o a olhar de forma justa e coerente para as diversas situações experenciadas por ele. Motivando-o para novas possibilidades de conhecimento relacionados ao mundo, o outro e a si mesmo.

Considera-se então que, proporcionar uma educação pautada na humanização dos processos e das pessoas, é proporcionar uma estrutura de como ser cidadão crítico, conhecendo seus direitos e seus deveres, além de valorizar sua história de vida, suas necessidades individuais, apresentando uma educação personalizada.

3 AFETIVIDADE E O PEDAGOGO

De acordo com o Luft (2010, p. 37) afetividade é a "qualidade de afetiv[o], sentiment[o]; afeição profunda, o objeto dessa afeição, zelo, cuidado"; ainda de acordo com Luft (2010), a palavra "afeto" vem do latim, *affectur* (afetar, tocar) e é o elemento básico da afetividade, ou seja, o objetivo principal desse sentimento é estabelecer um vínculo pautado na confiança, na troca e isso é imprescindível para que seja firmada uma segurança mútua entre os seres.

O livro afetividade e aprendizagem de Henri Wallon (2007), traz grandes contribuições para o entendimento das relações e afetividade no cotidiano escolar, deixando claro que, essa afetividade, tem um papel importante no estímulo cognitivo do sujeito que está ligado ao seu processo mental, contribuindo para efetividade da interpretação e para a existência do pensamento crítico.

No âmbito da Educação básica, é imprescindível que o Pedagogo esteja na frente desse processo, estimulando o aluno, como Freire (1996) deixa claro em sua prática pedagógica. Nosso modernismo secular tem produzido pessoas que não conseguem se expressar, não conseguem ser pessoas empáticas e não percebi o outro na sua individualidade, ter uma conversação que dure mais que 5 minutos com outra pessoa, chega a ser um ato a ser comemorado, até mesmo a resolução dos seus próprios conflitos sejam

eles externos e principalmente internos é desafiador e sempre leva para o resultado do insucesso pois, lá na sua base, foi muito pouco falado e trabalhado as suas emoções, o aluno não foi instigado a ser ouvido e se descobrir como pessoa e protagonista do seu processo educativo, foi apenas instigado para absorver conteúdos e pouco se posicionar, refletir e questionar.

Em conformidade com Freire (1987), o aluno não é somente um deposito bancário de conteúdo pois, além do conhecimento formal que precisa ser lhe ensinado, o educando possui emoções que também precisam ser trabalhadas e visualizadas na intenção do seu próprio autoconhecimento.

Em consonância com Wallon (2007) falar de emoções, é buscar sempre uma alternativa para seu próprio autoconhecimento, é analisar-se e descobrir quais pontos se tem de domínio e quais precisam ser aprimorados. Abordar sobre as emoções, é falar sobre algo muito subjetivo e pessoal, cada pessoa se sente de uma forma e, é a partir delas que, reagimos diante de qualquer acontecimento, seja na sala de aula ou fora dela. Ao apresentar as emoções em sala de aula, trabalhando a afetividade, entramos em um momento, em que, o aluno, se conecta com o seu eu, ele consegue expressar-se melhor e aprende a dominar suas emoções, conhecendo-as.

O Pedagogo tem um papel importante na vida do seu aluno, que vai muito além da sala de aula, ele exerce de práticas pedagógicas para transmutação do aprendizado escolar. É o Pedagogo que ensina os primeiros passos, que lida com as diversidades em sala de aula de uma forma plural, sempre pensando no bem estar e desenvolvimento integral do seu aluno, ele que planeja suas aulas e replaneja conforme as necessidades do seu público, vê sempre, em qualquer situação, uma oportunidade pedagógica com uma intencionalidade educativa, na perspectiva de ensinar, de instruir seu aluno, usa das mais variadas ferramentas para que o processo de aprendizagem seja sempre significativo.

Condizendo Libâneo (2007), o educador possui nas suas mãos um processo educativo a ser executado de maneira bem desafiador, desafio esse que, é constante e diário. O educador tem como objetivo fazer com que o seu aluno perpasse por outras modalidades além do conteúdo didático, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2019), é preciso que o professor também trabalhe o desenvolvimento de competências e habilidades, que implica na construção do educando enquanto ser-humano e cidadão posto a integrar a sociedade com ética e compromisso.

É necessário que, ao receber o aluno, no ambiente educacional, haja um reconhecimento das suas emoções, do modo de agir e de se relacionar com os outros, viabilizando atividades que tragam esses comportamentos à tona, como: rodas de conversa, fazendo com que aconteça o nivelamento de seus alunos, onde estes sintam-se à vontade e

entendam que todos estão no mesmo nível de descobertas, ou seja, que estão ali para se autoconhecer sem uma hierarquização de conhecimento sob suas emoções; propor tarefas e dinâmicas onde haja inteirações e trocas, associadas com uma escuta ativa, acatando a ideia de Freire (2008) em que todos possam ser ouvidos, sendo atividades valorosas e marcantes para o educando e, isto é possível através da extensão da afetividade levando em consideração a metodologia freiriana sempre se reestruturando a partir da interação coletiva.

Existem uma diversidade de possibilidades onde pode-se trabalhar o afeto com o aluno em sala de aula e o Pedagogo como mediador da aprendizagem, na educação básica, poderá buscar possibilidades que permitam que todos os estudantes sejam alcançados de forma equânime sem exclusão, reforçando sempre a dialeticidade e o acolhimento.

O estreitamento dos laços entre professor e aluno aproxima ambos para uma relação afetuosa e confiável, deixando os medos e anseios dos estudantes de lado, dando espaço para uma linguagem harmoniosa, demonstrando apoio e comunhão no que for preciso. Adotar a afetividade desde a educação infantil, no processo escolar é uma tomada de decisão que consiste na melhoria da aprendizagem do aluno e que fará diferença em todas as esferas da sua vida. O Pedagogo e os demais profissionais da educação que tomam essa posição, talvez, muitas vezes, sem se quer imaginar, estão contribuindo com um processo educacional em que, o estudante, será mais ativo, integral, inovador e dinâmico. Freire (1996, p. 91) afirma que, "[...] o educando que exercita sua liberdade ficará tão mais livre quanto mais eticamente vá assumindo a responsabilidade de suas ações''.

Levando a afirmativa de Freire (1996) em consideração, é possível concluir que mesmo o mais simples gesto de afetividade, possua relevância positiva na vida do aluno. Na perspectiva de futuro, o ajudará na tomada de decisões para a sua vida, por qual caminho seguir e em quem se espelhar, isso é muito real e confortante, entendermos que muitas pessoas transformam sua vida fazendo boas escolhas porque na base teve um agente que lhe direcionou, lhe inspirou, lhe acolheu e acreditou no seu desenvolvimento, afim de que aquele aluno torne-se o que quiser ser e que principalmente sinta-se orgulho em olhar para traz e identificar que nunca esteve só pois, teve uma rede de apoio que esteve presente no seu processo educacional, desde o bom dia e bem vindo a sala de aula, tão quanto nos momentos de dificuldades e incertezas, isso certamente influenciara qualitativamente na vida do aluno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este presente artigo traz uma problemática seguida de uma reflexão acerca de uma educação mais acolhedora e afetiva, com o intuito de aproximação entre o educador e o

educando. Portanto, entendemos que há ainda uma grande cultura enraizada de distanciamento entre professor e aluno, onde o professor é visto como apenas um emissor de conteúdo e o aluno como um deposito e armazenamento de informações.

A educação humanizada na educação básica abre a possibilidade de identificação de algumas dificuldades existentes ao longo do processo de ensino que está associado com a falta de afetividade e relações saudáveis que precisam ser construídas na sala de aula e nas instituições escolares como um todo. Por isso, entendemos que para estreitar laços é necessário que essa organização estudantil e até mesmo o Estado, ofereça mecanismos e suporte para viabilizar esse ensino voltado para as questões emocionais e sensíveis dos alunos, afim de acolher, e demonstrar que aquele ambiente é um local de confiabilidade e o marcará por toda sua vida de forma positiva, consequentemente o ajudará no seu processo de ensino na sua inserção na sociedade e no mercado de trabalho.

Vimos que, a humanização é um ato de dar-se ao outro seu lado mais compreensível e se dispor a ajudar em qualquer situação ou circunstância e aqui fica explicito o quanto isso precisa ser trabalhado de maneira integral, como um agente motivador para se alcançar resultados positivos que consideravelmente fará uma grande diferença na vida dos alunos.

O presente artigo traz um foco para o protagonismo onde entendemos que o aluno deve ser autônomo no seu processo de aprendizagem, se destacar, se posicionar, e fazer-se ouvir, mediante suas dúvidas e questionamentos, que o ajudam no seu amadurecimento e no seu acervo de conhecimento. Para que isso aconteça, é necessário ter uma base sólida, tal qual uma casa precisa de um alicerce para ter uma estrutura perfeita e sem danos, a casa precisa ser planejada e construída num terreno resistente que promova, um ambiente confiável e de bem estar que, permita ao educando, o desenvolvimento da sua autoconfiança, colaboração, motivação, persistência e empatia consigo e para com o outro, gerando sujeitos empenhados a buscarem práticas diferenciadas.

Aqui destacamos que o Pedagogo/professor é o agente de transformação mais importante nesse processo, aqui vimos, que o mesmo traz consigo responsabilidades de formar o aluno para não somente a sua vida escolar mas também para a vida em sociedade, é através da análise do educador que reconhece seu aluno e suas particularidades, em um segundo momento é feito um planejamento e este planejamento necessita está respaldado nas necessidades do aluno, para que isso leve ao sucesso é preciso sem dúvidas promover a confiança, o respeito a integração total do aluno com o professor e os demais colegas em sala de aula.

Portanto, a defesa aqui da humanização, o Pedagogo/professor, a educação básica necessita ser sempre vista como de caráter urgente, no que tange a melhoria das relações e reconhecimento de outro em sua totalidade, suas emoções, seu modo de pensar, de agir, seu

espaço na sociedade e na família, todos precisam estar juntos nessa caminhada que de fato não é fácil e que possui diversos desafios, mas não existe outro caminho para uma educação de qualidade se não existir a humanização, o afeto o diálogo e o respeito mútuo entre os seres. Desta forma, é importante sempre pensar no futuro estudantil dos alunos, o que pode ser feito hoje, no presente, para que possamos colher bons frutos no futuro, que estratégias podemos traçar naquele dado momento para a melhoria da aprendizagem daquele aluno, quais metodologias serão usadas de modo que respeite a individualidade daquele sujeito, isto é necessário para que o aluno possa olhar para traz e sentir-se acolhido e respeitado em todo seu processo de ensino, que este possa lembrar que em algum momento ou em todos os momentos as suas dificuldades foram respeitadas e transformadas em motivação para o seu desenvolvimento.

Finalizo este artigo com a ideia que a afetividade é o fator chave para o estreitamento de laços e para o diálogo respeitoso e confiável na educação, é através do olhar para outro com empatia que consigamos extrair e descobrir coisas que jamais imaginaríamos, nesse momento conseguimos visualizar que o sujeito é movido por tudo aquilo que o marca sendo para o bem ou para mal, que entendamos que a missão como pedagogo/professor humanizados é mostrar para o aluno que o ambiente escolar é de fato a sua segunda instituição mais importante de toda sua vida e que este possa contar sempre com os agentes de transformação que estão ali.

6 REFERÊNCIAS

ARANTES, V. A. (Org.) **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas.** 2 ed. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

ARANTES, V. A. (Org.) **Afetividade na escola:** SNYDER, G. A alegria na escola. São Paulo: Manoele, 1988.

ARANTES, V. A. **Afetividade no cenário da educação.** Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna, 2002.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular, 2019**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em 02 de Junho de 2022.

DICKMANN. Ivanio. **Educar é um ato de amor, 1.** (organizador) 1.ed. – Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2020. (Coleção Educar é um ato de amor, 1). ISBN 978-65-87199-14-61.
Educação. I. Dickmann, Ivanio. II. Série.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa.** 37ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **O Papel da Educação na Humanização.** Revista Paz e Terra, Ano IV, nº 9, Outubro, 1969, p. 123-132

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo, Paz e Terra, 1987.

GALVÃO, I. **Henri Wallon:** uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional.** 2 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **A organização e a gestão da escola:** teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2007.

LUFT, Celso. **Minidicionário Luft.** São Paulo: Editora Ática, 2010.

MAHONEY, Abigail Alvarenga e ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem:** contribuições de Henri Wallon. Outubro 2007. Editora Loyola.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social:** métodos e técnicas /colaboração Dietmar Klaus Pfeiffer. – 4. ed. rev., atual. e ampl. – São Paulo : Atlas, 2017.

ROCHA, L. P.; REIS, M. B. F. A pesquisa narrativa em educação especial. **Revista Ibero Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. esp. 1, p. 884-899, maio 2020. eISSN: 1982-5587. DOI: https://doi.org/10.21723/riaee.v15iesp.1.13500

VIEIRA, A. G.; AERTS, D. R. G. C.; CÂMARA, S.; SCHUBERT, C.; GEDRAT, D. C.; ALVES, G. G. A escola enquanto espaço produtor da saúde de seus alunos. **Revista Ibero Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. 2, p. 916-932, 2017. Disponível em: http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v12.n2.8492. E-ISSN: 1982-5587

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70, 1968.

A MÚSICA NO AMBIENTE ESCOLAR:
O Papel da escola e do educador

Vitória Tamara Morais Lima [1]
Alana Danielly Vasconcelos [2]

RESUMO: Para Penna (1990) a música é um instrumento facilitador no processo de aprendizagem, pois o aluno aprende a ouvir de maneira ativa e refletida, já que quando for o exercício de sensibilidade para os sons, maior será a capacidade para o aluno desenvolver sua atenção e memória. Por isso, o assunto retratado neste artigo traz uma visão diferenciada sobre a música na escola. A música sempre esteve envolvida na vida do ser humano de uma ou outra forma, pois a música muitas das vezes fala sobre as vivências e pensamentos. Por meio do estudo de autores como Jeandot (2001) antes ainda de começar a falar, podemos ver o bebê cantar, gorjear, experimentando os sons que podem ser produzidos com a boca. Observando uma criança pequena, podemos vê-la cantarolando um versinho, uma melodia, ou emitindo algum som repetitivo e monótono, balançando-se de uma perna, ou ainda para frente e para trás, como que reproduzindo o movimento de acalanto. Essa movimentação bilateral desempenha papel importante em todos os meios de expressão que se utilizam do ritmo, seja a música, a linguagem verbal, a dança etc, conforme Snyders (1992), a música pode contribuir para tornar esse ambiente mais alegre e favorável à aprendizagem, afinal propiciar uma alegria que seja vivida no presente é a dimensão essencial da pedagogia, e é preciso que os esforços dos alunos sejam estimulados, compensados e recompensados por uma alegria que possa ser vivida no momento presente. Dentre outros, chega-se a consideração de que, por meio da música na escola os alunos podem se tornar cidadãos capazes de expressar seus pensamentos de uma forma melhor, auxiliando na motricidade e nas suas capacidades cognitivas. A metodologia do trabalho foi pautada na abordagem qualitativa por meio de um trabalho de revisão bibliográfica de acordo com Richardson (2017).
Palavras-Chave: Aprendizagem; Educação; Educador; Família; Música.

Abstract: *For Penna (1990) music is a facilitating instrument in the learning process, as the student learns to listen in an active and reflective way, since when it is the exercise of sensitivity to sounds, the greater the capacity for the student to develop his attention and memory. Therefore, the subject portrayed in this article brings a different view of music at school. Music has always been involved in human life in one way or another, as music often talks about experiences and thoughts. Through the study of authors such as Jeandot (2001) even before starting to speak, we can see the baby singing, chirping, experiencing the sounds that can be produced with the mouth. Watching a small child, we can see him humming a little verse, a melody, or emitting some repetitive and monotonous sound, swinging on one leg, or even back and forth, as if reproducing the lullaby movement. This bilateral movement plays an important role in all means of expression that use rhythm, be it music, verbal language, dance, etc. , after all, providing a joy that is lived in the present is the essential dimension of pedagogy, and it is necessary that students' efforts be stimulated, compensated and rewarded by a joy that can be lived in the present moment. Among others, it comes to the consideration that, through music at school, students can become citizens capable of expressing their thoughts in a better way, helping in their motor skills and their cognitive abilities. The methodology of the work was based on the qualitative approach through a bibliographic review according to Richardson (2017).*

---

[1] Discente do curso de Pedagogia na Faculdade São Luís de França

[2] Profa. Dra. orientadora e regente da disciplina trabalho de conclusão de curso.

Keywords: *Learning; Education; Educator; Family; Music.*

1 INTRODUÇÃO

No ambiente escolar a música em questão vem composto de esferas que pretendem extrair o máximo dos alunos em sala de aula utilizando métodos e a capacitação dos profissionais envolvidos para o novo modelo de ensino, com o escopo de melhorar de forma integral a educação no país.

A música não é somente um meio de entretenimento, podendo trazer benefícios ao nosso corpo e mente, quando atrelada ao ensino trará resultados satisfatórios ao corpo docente e aos principais interessados, ou seja, os alunos.

Segundo Penna (1990) a música é um instrumento facilitador no processo de aprendizagem, pois o aluno aprende a ouvir de maneira ativa e refletida, já que quando for o exercício de sensibilidade para os sons, maior será a capacidade para o aluno desenvolver sua atenção e memória.

Com base nas experiências presenciadas nos estágios realizados ao longo da graduação em Pedagogia, foi notório que as maiores dificuldades dos alunos são nas áreas de escrita, leitura, interpretação e raciocínio, com isso, em virtude do contato da criança com a música e o ritmo no início da vida, amplia-se o campo de visão e facilidade no aprendizado quando colocado em prática.

Segundo Jeandot (2001) antes ainda de começar a falar, podemos ver o bebê cantar, gorjear, experimentando os sons que podem ser produzidos com a boca. Observando uma criança pequena, podemos vê-la cantarolando um versinho, uma melodia, ou emitindo algum som repetitivo e monótono, balançando-se de uma perna, ou ainda para frente e para trás, como que reproduzindo o movimento de acalanto. Essa movimentação bilateral desempenha papel importante em todos os meios de expressão que se utilizam do ritmo, seja a música, a linguagem verbal, a dança etc.

Considerando Jeandot (2001) as crianças iniciam as falas cantarolando e aos poucos elas passam a ter atenção fixa no educador, para assim compreender melhor o conteúdo através dos sons. Essa sensibilidade com a integração musical faz com que o aluno desenvolva qualidades preciosas, como por exemplo: atenção, coordenação motora, disciplina, foco, ritmo, entre outros.

Naturalmente a criança é inovadora e criativa quando o assunto é música, não há um padrão pré-estabelecido, é construída intuitivamente a emissão de sons por meio do seu corpo, mesmo pequeno, com inúmeras descobertas, motivando-a na busca incessável pelo aprendizado como aborda Penna (1990).

Diante disso, este trabalho tem por objetivo geral compreender como a música pode contribuir no processo de aprendizagem de crianças. A partir de um trabalho cuja abordagem é qualitativa, tomando por base a revisão bibliográfica segundo Richardson (2017), é que se pretende demonstrar o papel na música no ambiente educacional.

A justificativa deste artigo perpassa pela crença de que a implementação da música em sala, trará de uma forma leve o assunto que é proposto no plano de aula realizado pelo professor, além de contribuir com diversas habilidades essenciais ao desenvolvimento humano.

2 TRABALHANDO A MÚSICA NO AMBIENTE ESCOLAR

Assim como o pedagogo Fernando Azevedo trabalhava com a música e com atividades artistas dentro da escola. Sendo assim a música pode ser trabalhada de várias formas, sendo que, uma delas é por meio de interação, pois contribuirá para auxiliar os alunos que têm dificuldade de concentração e foco nas aulas, sendo assim algo inovador no ensino fundamental, pois, como o próprio nome já menciona, é fundamental para desenvolvimento dos adolescentes que estão em fase de construção da base escolar. Os professores podem trabalhar a música na sala de aula ou através de projetos envolvendo a família. Na sala de aula eles podem aplicar o assunto em forma de música fazendo com que a aula seja mais dinâmica. Assim, os alunos podem aprender o assunto mais rápido de forma harmônica. E como no ensino fundamental vários docentes já utilizam a prática de que “A é de abacaxi”, o “B de Bola”, “C de casa”, associando as letras com algum elemento do cotidiano dos alunos, esperasse que eles possam aprender mais rápido. Esta atividade por exemplo, já trabalha, quando cantada, o ritmo com os alunos.

O ritmo também pode ajudar as crianças a estabelecerem um ótimo desenvolvimento tanto no corpo como na fala.

> O ritmo é um princípio vital e não pode ser esquecido, pois todas as atividades humanas são ritmadas como o batimento cardíaco, a respiração, a marcha, a fala, entre outros. Toda criança é, portanto, dotada de ritmo. A atividade rítmica desenvolve a coordenação do corpo e o que é muito importante, a apreciação ativa da música (COSTA, 1970, p. 18).

Utilizando o ritmo as crianças irão ter equilíbrio e alegria, por isso é essencial para o indivíduo compreender seus limites em todos os ambientes, tanto escolar como em qualquer lugar onde ele esteja. Existem diversas formas para implementar a metodologia em sala de aula, sendo elas: o professor pode fazer acolhimento através de cantigas, podem aplicar o conteúdo com paródias, ou até mesmo com as cantigas que já encontramos prontas no youtube, ou até mesmo criar sua paródia.

Conforme Snyders (1992), a música pode contribuir para tornar esse ambiente mais alegre e favorável à aprendizagem, afinal propiciar uma alegria que seja vivida no presente é a dimensão essencial da pedagogia, e é preciso que os esforços dos alunos sejam estimulados, compensados e recompensados por uma alegria que possa ser vivida no momento presente.

Esse é um projeto não só da escola, como também dos familiares, pois ambos precisam andar juntas para que os alunos passem a ter um bom aprendizado e uma boa capacitação. Além disso, terá a família para ajudá-lo nas atividades escolares, fortalecendo uma base consolidada do estudante.

> O fazer musical é um modo de resistência, de reinvenção (questões caras ao humano, mas ainda pouco valorizadas no espaço escolar) que, ao mesmo tempo, fortalece o estar juntos, o pertencimento a um grupo, a uma cultura. O viver (e conviver) na escola - espaço de trocas, de vivências e construção de saberes, de ampliação da consciência - deve, obviamente, abarcar todas as dimensões que nos constituem, incluindo a dimensão estética (TECA, 2014, p. 5)

Quando se retrata sobre a música no ambiente escolar, não é necessária uma disciplina exclusiva, mas que o corpo docente venha trabalhar com a música na instituição, fazendo com que o ambiente se torne mais alegre, que a escola venha ter projetos onde envolve tanto o aluno como a família dele. Por exemplo, se na família contiver alguém que cante ou toque algum instrumento musical poderia ajudá-lo na apresentação.

> Estes professores obtiveram um contrato especial para um segundo turno de trabalho, que lhes possibilita atender cada um mais 14 turmas de alunos, distribuídas em escolas estaduais de Belo Horizonte. Isto viabiliza o oferecimento de uma aula semanal de atividades musicais (de 50 minutos de duração) para 1.008 turmas, atendendo aproximadamente 30.000 alunos (KATER et al., 1998, p. 117).

Além de todos esses benefícios que a música pode ajudar na escola, ela também pode afastar nossos alunos do mundo das drogas pois a grande maioria que vai para esse mundo é por conta da depressão muitos não tem o apoio da família em casa, e acabar se envolvendo por conta de uma amizade, ou até mesmo por alguém da família porém todos nós sabemos que a droga acabar com a vida de qualquer ser humano por tanto quando mais longe desse mundo nossos alunos estiverem melhor, para que eles venham ser cidadãos de bem, possam ter opinião própria. Segundo Scagnolato (2006):

> [...] a música não substitui o restante da educação, ela tem como função atingir o ser humano em sua totalidade. A educação tem como meta desenvolver em cada indivíduo toda a perfeição de que é capaz. Porém, sem a utilização da música não é possível atingir a esta meta, pois nenhuma outra atividade consegue levar o indivíduo a agir. A música atinge a motricidade e a sensorialidade por meio do ritmo e do som, e por meio da melodia, atinge a afetividade (SCAGNOLATO, 2006, p. 10).

Com isso, os professores podem ficar tranquilos pois a música irá ser como um instrumento de apoio, para que as aulas se tornem mais lúdicas. fazendo com que os alunos

interajam melhor durante as aulas, e dessa forma a música também poderá ajudar a aos alunos que se sente incapaz de aprender, com a música ele terá a facilidade de aprender os assuntos aplicados na sala de aula.

3 ENVOLVENDO A FAMÍLIA NA ESCOLA POR MEIO DA MÚSICA

Durante o período de estágio supervisionado foi perceptível um grande déficit da família dos alunos durante o processo de aprendizagem. O reforço para o chamamento dos pais e responsáveis para a contribuição em projetos de envolvimento com a música é muito importante, fazendo com que seja incutido no subconsciente dos estudantes, que terá a ajuda de um ente querido em projetos musicais.

> A contribuição da música no crescimento geral do educando se dá através de vivências e reflexões orientadas, onde todos têm o direito de desfrutar, mesmo não tendo aptidão musical, pois o fazer, o praticar se encarregam pelo desenvolvimento das competências do indivíduo (TECA, 2003,p. 53).

Com o envolvimento da família na escola, os alunos podem se sentir mais confiantes sabendo que membros familiares estarão presentes para prestigiá-los nessa fase crucial de desenvolvimento. A escola pode utilizar deste meio de interação para elaborar projetos facilitadores e criar um sistema expansivo para atingir todos os envolvidos, assim motivando a criação de novas ideias.

Segundo Jony (2003), a família é um elemento facilitador da educação musical, oportunizando às crianças situações em que elas possam ouvir música, como algo belo e gostoso. Entretanto, é na escola que geralmente a criança tem oportunidade de iniciar-se nessa atividade, de forma sistemática baseada num trabalho de criatividade.

Sendo assim, a finalidade do projeto, é unir familiar e professor com a música, criando roteiros de desenvolvimento pedagógico, onde alunos terão ajuda para comentar a experiência dentro e fora da sala de aula, sendo uma delas, por meio da paródia, que junto com o ritmo, som, desencadeia ideias, facilita a construção do trabalho em grupo, dentre outros, habilidades.

> A música é uma forma de arte que se constitui na combinação de vários sons e ritmos, seguindo uma pré-organização ao longo do tempo, ou seja, podemos definir música como uma sucessão de sons combinados a fim de se produzir melodia ou “arte” de combinar sons, e formar com eles melodia e harmonia. A linguagem musical pode ser um meio de ampliação da percepção e da consciência, porque permite vivenciar e conscientizar fenômenos e conceitos diversos (BRITO, 2003, p. 26).

A criação desse enredo (envolver a música nas atividades escolares), poderá melhorar a qualidade na comunicação da escola com a família, que atualmente vem gerando

inúmeros ruídos, pois, muitos pais acreditam que a escola é a única responsável pela educação dos seus filhos, entregando total responsabilidade aos educadores.

> A experiência mais familiar aos jovens é a música que torna conta deles: sabem bem que a música não os prende apenas de um determinado lado,não os atinge só em um determinado aspecto,mas toca o centro de sua existência, atinge o conjunto de sua pessoa, coração, espírito e corpo (SNYDERS, 1997, p. 79).

Sabe-se que, a ideia de criar projetos no âmbito escolar, seja para qual finalidade for, não são fáceis de implementar, já que estamos à frente de várias nuances, sendo uma delas, a disponibilidade dos pais em ajustar o horário para dedicar esse tempo de participação junto aos projetos escolares. Mas, ainda assim, é importante insistir na contribuição da música no processo de desenvolvimento global do ser humano, principalmente na primeira infância.

> O ritmo, a melodia, o timbre e a harmonia, elementos constituintes da música, são capazes de afetar todo o organismo humano, de forma física e psicológica. Através de tais elementos o receptor da música responde tanto afetiva quanto corporalmente (FERREIRA, 2005 p. 25).

Sem a implementação de projetos escolares e atividades diferenciadas, muitos alunos acabam sendo apenas um "corpo presente" na sala de aula, vez que não absorvem ¼ (um quarto) do conteúdo apresentado pelo professor, pois o cérebro necessita de estímulos diferentes para aprender. Muitas das vezes, estes estudantes, chegando em casa, não tem a devida atenção dos pais para a contribuição na efetivação de suas atividades escolares, gerando uma falha na base escolar, que ao longo do tempo, cria-se acúmulos de "insuficiência no aprendizado", ou seja, ponto em que o aluno não consegue absorver determinada matéria ou assunto em virtude da sua base deficitária. Provocando, dessa forma, a desistência dos estudos a partir da infância. Por isso, é importante que a família e a escola estejam alinhadas para trabalharem juntos em prol do aluno, formando cidadãos de bem e formadores de opiniões críticas que contribuirão para o futuro da sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como a música se encontra presente no nosso cotidiano, esse tema chamou a atenção para a escrita deste trabalho, podendo, inclusive, envolver a família neste diálogo.

É notória que com a música na escola, os alunos teriam um melhor desenvolvimento, pois os professores iriam trabalhar com novas metodologias, sendo algo inovador nas escolas e, trazendo a possibilidade de aproximar a família ao ambiente escolar do seu filho. a família também iria poder participar do projeto da escola. Com a música seria ótimo alfabetizar as crianças pois elas teriam mais facilidade de aprender. A música não seria

somente um novo instrumento de trabalho nas escolas, mas também algo que os alunos iriam se divertir através da aprendizagem.

Com a música nas escolas, poderíamos salvar a vida de vários adolescentes, pois com aulas e projetos na escola, eles ficariam na escola durante o dia e só iria pra casa no fim da tarde. Assim, eles estariam com a mente mais abertas para as aprendizagens e poderiam não querer se envolver com drogas. Pois, muitas das vezes, os adolescentes procuram esses caminhos por falta de apoio em casa. Por isso, afirmamos que a família e a escola precisam andar de mãos dadas para que as crianças fiquem distante das drogas e de outros vícios que possam surgir.

A música deve ser utilizada de modo responsável e com objetivo quando se trata de ambiente educacional, por meio dela, se pode fazer com que os alunos interajam melhor na sala de aula, exercitando o cognitivo, estimulando a aprendizagem, o ritmo e outras habilidades através da melodia. Enfim, espera-se que esse trabalho venha contribuir para o futuro dos estudantes, ou de alguém que goste dessa área da musicalização, fazendo com que eles possam ter uma visão ampla da música e a contribuição desta no desenvolvimento global do ser humano.

5 REFERÊNCIAS

BRITO, Teca Alencar de. **Koellreutter educador** – o humano como objetivo da educação musical. São Paulo: Peirópolis, 2001. Disponível em: https://www.galileo.edu/esa/files/2011/12/3.-O-HUMANO-COMO-OBJETIVO-DA-EDUCA%C3%87%C3%83O-MUSICAL-Teca-Brito.pdf. Acesso: 18 de março de 2022

BRITO, T. A. de. (2003). **Música na educação infantil**: propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Peirópolis. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=ptPT&lr=&id=dQUI4OQfk8YC&oi=fnd&pg=PA9&ots=LnBJD4mcIq&sig=J59psEMb4tG2xdWgnKO106nQ8LI&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso: 20 de março de 2022.

BRITO, Teca Alencar de. A Música como uma das formas de conhecimento de mundo; a proposta do referencial nacional para a educação infantil. In: **ENCONTRO ANUAL DA ABEM**, 7, 1998, Recife. Anais... Recife: ABEM, 1998. p. 83-87. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=ptPT&lr=&id=dQUI4OQfk8YC&oi=fnd&pg=PA9&ots=LnBJD4mcIq&sig=J59psEMb4tG2xdWgnKO106nQ8LI&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso: 26 de março de 2022.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil**: propostas para a formação integral da criança. 2003. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=ptPT&lr=&id=dQUI4OQfk8YC&oi=fnd&pg=PA9&ots=LnBJD4mcIq&sig=J59psEMb4tG2xdWgnKO106nQ8LI&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false.Acesso: 31 de maio de 2022

CALGARO, Cleide. **A justiça como equidade em John Rawls e o programa bolsa família**: a possibilidade da fundamentação dos direitos fundamentais individuais de liberdade e igualdade no Brasil de 2003 a 2015. 2015. Disponível em:https://repositorio.ucs.br/handle/11338/992. Acesso: 31 de maio de 2022

DE BRITO, Teca Alencar. **Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança**. Editora Peirópolis, 2003.Disponível em:https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=dQUI4OQfk8YC&oi=fnd&pg=PA9&dq=BRITO,+T.+A.+de.+M%C3%BAsica+na+educa%C3%A7%C3%A3o+infantil:+propostas+para+a+forma%C3%A7%C3%A3o+integral+da+crian%C3%A7a.+3.+ed.+S%C3%A3o+Paulo:+Petr%C3%B3polis,+2003.&ots=LnBKAZmcLq&sig=nTHhzdR-ds5jfeXz2BWXdU8g5Bs#v=onepage&q&f=false. Acesso: 31 de maio 2022

DE CARVALHO, Roberto Muniz Barretto. **Georges Snyders**: em busca da alegria na escola. **Perspectiva**, v. 17, n. 32, p. 151-170, 1999.Disponível em: file:///C:/Users/PEDRO%20RIOS%202022/Downloads/10528-Texto%20do%20Artigo-31839-1-10-20090522.pdf. Acesso:04 de abril de 2022.

FERREIRA, T. T. **Música para se ver. 2005. Monografia apresentada na disciplina de Projetos experimentais** - Universidade Federal de Juiz de Fora: FACOM - Faculdade de Comunicação, 2005. Disponível em: https://monografias.brasilescola.uol.com.br/pedagogia/a-importancia-musica-na-educacao-infantil.htm.Acesso: 04 de abril de 2022.

FERREIRA, T. T. *Música para se ver.* 2005. Monografia apresentada na disciplina de Projetos experimentais - Universidade Federal de Juiz de Fora: FACOM - Faculdade de Comunicação, 2005. Disponível em: https://efdeportes.com/efd169/a-musica-na-educacao-infantil.htm. Acesso:31 de maio de 2022

JEANDOT, Nicole. A Musicoterapia e a expressão corporal na educação infantil. **Brazilian Journal of Music Therapy**, 1996.Disponível em: https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/131. Acesso: 31 de maio de 2022

MONTEIRO, S. da S.; MARQUES, L. P. Formação em contexto de profissionais da educação infantil: impasses e perspectivas. In: **ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO**. 12., 2004, Curitiba. Anais. Curitiba: Champagnat. 2004, p. 2078- 2088. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/331191488_FORMACAO_PERMANENTE_E_EM_CONTEXTO_DE_PROFISSIONAIS_DA_EDUCACAO_INFANTIL_CONTRIBUICOES_DE_UM_PROJETO_DE_EXTENSAO_UNIVERSITARIA.Acesso:28 de abril 2022

PENNA, Maura. Musicalização: tema e reavaliações. **PENNA, Maura. Reavaliações e buscas em musicalização. São Paulo: Loyola**, p. 19-37, 1990.Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_ernd/v3/papers/2954/public/2954-10873-1-PB.pdf. Acesso: 31 de maio de 2022.

REIS, Andreia Rezende Garcia; REZENDE, Ulisses Belleigoli ; RIBEIRO. Marianna Panisset Pedreira Ferreira. A música e o desenvolvimento infantil: o papel da escola e do educador. 2012. Disponível em: http: \\www.re.granbery.edu.br/artigos/NDY3.pdf. Acesso: 24 de abril de 2022

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 14. reimpr. São Paulo: Atlas,2012.

SCHMITZ, E. F.; MACIEL, C. **Formação do educador para a educação infantil**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO. 3., 2003, São Leopoldo. Anais. São Leopoldo: Unisinos. 2003, s/p. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3412_1722.pdf. Acesso: 28 de março de 2022

SILVA, Regina C.; KATER, Claudio E. Doença de Addison de etiologia auto-imune. **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia**, v. 42, n. 6, p. 431-443, 1998. Disponível

em:https://www.scielo.br/j/abem/a/crLxcQvtsprt3GS4gy3nhvk/?format=pdf&lang=pt. Acesso: 31 de maio de 2022.

OLIVEIRA, Rosimary Lima Guilherme. A inserção da música na educação infantil e o papel do professor. 2009. PUCPR. Disponível em: http:\\www.educere.bruc.com.br.n Acesso: 23 de abril de 2022.

WROBEL, Vera Bloch. Acerca do Ritornello e Musicalização Infantil. **Brazilian Journal of Music Therapy**, 2002.Disponível em: file:///C:/Users/PEDRO%20RIOS%202022/Downloads/2-Acerca-do-Ritornelo-e-Musicaliza%C3%A7%C3%A3o-Infantil.pdf. Acesso: 01 de maio de 2022.